

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - PORTUGAL**

Faculdade de Ciências e Tecnologias da Educação

**UNIVERSIDADE FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS - FRANÇA**

Departamento de Ciências da Educação e Formação

**Mestrado Internacional em Ciências da Educação**

**“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”**

**SUCESSO PROFISSIONAL, FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL:  
ESTUDO DE FATORES-CHAVE NO ITINERÁRIO DE UM AGRICULTOR**

**Agostinho Barrionuevo**

Pato Branco

Dezembro de 2004

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - PORTUGAL**

Faculdade de Ciências e Tecnologias da Educação

**UNIVERSIDADE FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS - FRANÇA**

Departamento de Ciências da Educação e Formação

**Mestrado Internacional em Ciências da Educação**

**“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”**

**SUCESSO PROFISSIONAL, FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL:  
ESTUDO DE FATORES-CHAVE NO ITINERÁRIO DE UM AGRICULTOR**

**Agostinho Barrionuevo**

Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Maria do Loreto P. Couceiro

Pato Branco

Dezembro de 2004

## **DEDICATÓRIA**

### **À esposa Beatrici**

o contraponto:

do apoio e da compreensão  
da ausência e da sobrecarga de trabalho;

o fio condutor:

da cumplicidade;

a interface:

da companheira e da profissional.

### **Aos filhos:**

#### **Luis Otávio e Adriana**

perdidamente enamorados,  
o compromisso assumido.

#### **Fabiano**

o senso crítico reflexivo.

#### **Rodolfo**

a firmeza de decisão com brandura.

#### **André Augusto**

minha referência e minha força espiritual,  
numa outra dimensão.

## AGRADECIMENTOS

À Família Sérgio Galiotto, pela acolhida e total disponibilidade em emprestar seu nome e entrevistas a este trabalho

Ao Prefeito de Mariópolis, Neuri Gehlen, Secretário de Agricultura, Volnei Lavarda, Padre Luis Basso, Vigário de Vitorino, pelas entrevistas como fiéis testemunhas privilegiadas

À FADEP - Faculdade de Pato Branco – Direção, mestres e mestras, pela biblioteca e múltiplas falas

À Associação da Casa Familiar Rural de Pato Branco, pela presença e liberação de tempo

À UNEFAB, pelo convite e oportunidade deste curso de mestrado

À SIMFR, pelo substancial apoio ao grupo de mestrandos e pela crença em nosso potencial

À Universidade François Rabelais de Tours – França, pelo arrojo na busca

À Universidade Nova de Lisboa – Portugal, pela coragem nas mudanças

À minha mestra e orientadora de tese, doutora Maria do Loreto Paiva Couceiro, pela sabedoria e amizade

Aos meus mestres e mestras, parceiros e parceiras do saber e da pesquisa:

Gaston Pineau, pela sua transcendência

Jean Claude Gimonet, pelo seu saber organizado, da sacada e da rua.

Pedro Puig, pelo seu saber formal e experiencial, fruto de estudo e andanças

Dominique Bachelart, pelas doses homeopáticas de refinado saber e conhecimento

Aos interventores externos, pela partilha dos conhecimentos

À amiga de Rodas em Rede Cecília Warschauer

À Maria Inês Bareel, nossa intérprete, secretária, tradutora e, sobretudo, amiga

Ao Idalgizo Monequi, pela insistência e prova de amizade

À minha musa, fonte de inspiração, força e sabedoria no fluir das idéias

À minha família, pelo envolvimento do dia-a-dia e por assumir, de forma tão sustentável, a minha indisponibilidade.

Aos meus colegas de curso, irmãos e irmãs de mestrado, pela família que somos:

Américo Sommermann

Ana Maria Pereira Pinto

Antonio Carlos Frossard

Antonio Locateli

David Rodrigues de Moura

Erialdo Augusto Pereira

Francisco Trevisan

Gileide Cardoso Pereira

Hildete Margarida Rodrigues de Souza

Isabel Xavier de Oliveira

João Batista Begnami

Márcio Andrade

Mário Sebastião Cordeiro Alves

Rachel Reis Menezes

Sérgio Zamberlan

Thierry de Burghgrave

**“Os professores não são anjos nem demônios. São apenas pessoas.  
O que já não é pouco!  
Mas pessoas que trabalham para o crescimento e a formação de outras pessoas.  
O que é muito!**

**São profissionais que não devem renunciar à palavra,  
porque só ela pode libertá-los de cumplicidades e aprisionamentos.**

**É duro e difícil, mas só assim cada um pode  
reconciliar-se com sua profissão  
e dormir em paz consigo mesmo”.**

**ANTÓNIO NÓVOA**

## SUMÁRIO

<b>LISTAS DE SIGLAS.....</b>	<b>10</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>11</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>12</b>
<b>RESUMÉ .....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO GERAL .....</b>	<b>14</b>
<b>PARTE I -</b>	
<b>PROBLEMA E SEU ENQUADRAMENTO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1. CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA DO INTERIOR .....</b>	<b>21</b>
<b>3. CARACTERIZAÇÃO E O PROCESSO FORMATIVO DOS CEFFAS .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1. Origens do Movimento .....</b>	<b>23</b>
<b>3.2. E Por Que CEFFA?.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3. Alternância: Pedagogia da Postura, da Ética e do Social .....</b>	<b>25</b>
<b>3.4. Alternância: Fundamentos Didático e Pedagógicos .....</b>	<b>27</b>
<b>3.5. Urbano e Rural sem Antagonismos .....</b>	<b>28</b>
<b>3.6. Agricultura Familiar: Diversificação, Projeto e Qualidade de Vida .....</b>	<b>30</b>
<b>3.7. Desenvolvimento Sustentável: a Família e o Meio.....</b>	<b>34</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO II - FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL.....</b>	<b>40</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>40</b>
<b>1. UMA ABORDAGEM SOBRE OS AGENTES DA FORMAÇÃO ESCOLAR E SEU MEIO.....</b>	<b>43</b>
<b>2. UMA ABORDAGEM SOBRE TEORIA E PRÁTICA .....</b>	<b>47</b>
<b>3. UMA ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL....</b>	<b>50</b>
<b>4. UMA ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO EXPERIENCIAL E A PRÁTICA REFLEXIVA.....</b>	<b>55</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>60</b>

## **CAPÍTULO III - SUCESSO PROFISSIONAL UMA CONSTRUÇÃO**

<b>PESSOAL DIÁRIA.....</b>	<b>62</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>62</b>
<b>1. CONCEITUAÇÃO.....</b>	<b>62</b>
<b>2. ALGUMAS PISTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUCESSO.....</b>	<b>64</b>
<b>3. POSTURAS PARA CONCRETIZAR SONHOS .....</b>	<b>65</b>
<b>4. CARACTERÍSTICAS QUE MARCAM PESSOAS BEM- SUCEDIDAS .....</b>	<b>67</b>
<b>5. VARIÁVEIS IMPORTANTES NO SUCESSO DE UM AGRICULTOR.....</b>	<b>69</b>
<b>6. EMPREENDEDORISMO: UM FATOR-CHAVE NO SUCESSO .....</b>	<b>71</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>76</b>

### **PARTE II -**

<b>ITINERÁRIO DE UM AGRICULTOR: METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>77</b>
---	-----------

## **CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS E OPÇÕES METODOLÓGICAS.....**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>78</b>
<b>1. UMA ABORDAGEM QUALITATIVA .....</b>	<b>78</b>
<b>2. ABORDAGEM BIOGRÁFICA .....</b>	<b>79</b>
<b>3. A ESCOLHA DO AGRICULTOR ENTREVISTADO .....</b>	<b>80</b>
<b>4. TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS: OPÇÃO POR ENTREVISTAS.....</b>	<b>81</b>
<b>4.1. Entrevista: Conceito e Objetivo .....</b>	<b>82</b>
<b>4.2. Realização das Entrevistas.....</b>	<b>82</b>
<b>4.3. As Entrevistas Frente ao Tema da Pesquisa e o Próprio Agricultor .....</b>	<b>85</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>85</b>

## **CAPÍTULO II - COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>86</b>
<b>1. PRIMEIROS CONTATOS.....</b>	<b>86</b>
<b>2. REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>87</b>
<b>3. TEMPO, RECURSOS, CONTRATOS .....</b>	<b>89</b>
<b>4. CONCEPÇÃO E BUSCA NA ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>90</b>
<b>4.1. Concepção da Análise.....</b>	<b>90</b>
<b>4.2. Busca Objetiva .....</b>	<b>91</b>
<b>4.3. Dificuldades e Grade de Análise .....</b>	<b>92</b>



<b>5. O ITINERÁRIO FORMATIVO E DE SUCESSO DO AGRICULTOR .....</b>	<b>92</b>
<b>5.1. A Formação Formal .....</b>	<b>93</b>
<b>5.2. A Formação Experiencial .....</b>	<b>95</b>
<b>5.3. O Projeto de Vida, a Preocupação com o Futuro dos Filhos, a Formação pelo Trabalho.....</b>	<b>101</b>
<b>5.4. Formação através de Intervenientes Externos.....</b>	<b>106</b>
5.4.1. Formação Através de Cursos, Palestras Encontros e Similares.....	108
5.4.2. Interação com a Casa Familiar Rural .....	111
5.4.3. Uma palavra sobre parceiros, diversificação, meio ambiente e desenvolvimento.....	114
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>123</b>
<b>CAPÍTULO III - SUCESSO E FORMAÇÃO: SÍNTESE DE FATORES-CHAVE NO ITINERÁRIO DO AGRICULTOR .....</b>	<b>124</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>124</b>
<b>1. INDICAÇÃO AO PRÊMIO DE AGRICULTOR DESTAQUE .....</b>	<b>124</b>
1.1. Idéia Inicial, Organizadores e Condução do Processo .....	125
1.2. Finalidades e Objetivos .....	126
1.3. Processo e Critérios da Escolha.....	127
1.4. A Premiação Sob o Olhar de Testemunhas Privilegiadas .....	131
<b>2. A PREMIAÇÃO NA ÓTICA DO CONTEMPLADO .....</b>	<b>133</b>
<b>3. ANÁLISE DE FATORES-CHAVE À LUZ DE CATEGORIAS E DE AUTORES</b>	<b>134</b>
3.1. Busca e Construção do Conhecimento.....	134
3.2. Planejamento e Soluções de Problemas .....	135
3.3. Trabalho e Produção .....	136
3.4. Inovações, Iniciativas, Mudanças, Resultados, Criatividade .....	137
3.5. Fatores Psíquico-Sociais.....	138
3.5.1 Fatores-chave Intra-psíquicos.....	138
3.5.2 Fatores-chave inter-psíquicos.....	139
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>140</b>
<b>CONCLUSÃO GERAL .....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>157</b>

**LISTA DE SIGLAS**

CAMISC	- COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA SÃO CRISTÓVÃO LTDA.
CEFFAS	- CENTROS FAMILIARES DE FORMAÇÃO PELA ALTERNÂNCIA
SIP	- SERVIÇO DE INSPEÇÃO DO PARANÁ
CITLA	- CLEVELÂNDIA INDUSTRIAL TERRITORIAL LTDA.
CFR	- CASA FAMILIAR RURAL
CTG	- CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS
EFAS	- ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS
EMATER	- EMPRESA PARANAENSE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
FRUTIMAR	- ASSOCIAÇÃO DE FRUTICULTORES DE MARIÓPOLIS
LTDA	- LIMITADA
IDH	- ÍNDICE DESENVOLVIMENTO HUMANO
MOBRAL	- MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
PIB	- PRODUTO INTERNO BRUTO
PHD	- PHILOSOPHIAE DOCTOR
PRONAF	- PROGRAMA NACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR
PRODER	- PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
SEBRAE	- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS
USP	- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

## RESUMO

Esta dissertação estuda a trajetória de vida de um agricultor. Seu objetivo é descobrir e entender os fatores-chave, que, no seu processo de formação formal e experiencial, o levaram ao sucesso profissional. Foram abordados temas teóricos: o papel da educação na formação do profissional reflexivo; professor e trabalhador do campo; e o papel da escola tradicional e da Casa Familiar em suas vidas; bem como uma abordagem do desenvolvimento sustentável. Foram contextualizados a região numa ótica histórica territorial e o processo de diversificação das propriedades, na geração de renda e de qualidade de vida. A metodologia caminhou na linha de uma abordagem qualitativa do tipo biográfico. O trabalho no terreno pautou-se por entrevistas exploratórias do tipo semidirectiva ou semi-estruturada. Procurou-se, através delas, a produção de dados que possibilitassem uma linha lógica de raciocínio na sua análise. A análise dos dados, do *corpus*, descobriu uma riqueza ímpar de vivências experienciais, de apologia ao trabalho, como forma de superação de dificuldades, de testemunho de vida familiar, de incansável busca dos agricultores em ter sucesso profissional como forma de viver melhor. A dissertação termina destacando fatores-chave responsáveis pelo processo formativo e pelo sucesso profissional do agricultor em questão.

**Palavras chaves:** sucesso profissional, fatores-chave, formação formal e experiencial, desenvolvimento sustentável.

## ABSTRACT

This thesis studies the course life of one farmer. The aim is to find out and to understand the key factors, that in their process of formal and experiencing formation has led him to professional success. Theoretical themes have been used: the educational role in the formation of the reflexive professional, teacher and farm worker, and the role of the traditional school and that of “Casa Familiar” in their lives, as well as an approach of sustainable development. The region has been contextualized, in a historical and territorial view, and the process of properties diversification in the generation of income and life quality. The methodology followed a qualitative approach of biographical kind. The research was led by exploratory interviews of the semi-directive and semi-structured kinds. It has been tried, through this kind of interviews, the production of data that make it possible, when in its analyses, a logical sequence of reasoning. The analyses of the data, of the corpus, has found out and unmatched array of experiential ways of living, of work apology as a way to overcome difficulties, of family life testimony, of the farmers’ untiring search for professional success as a way of living. The thesis ends by highlighting key factors that respond for the formative process and the professional success of the studied farmer.

**Key words:** Professional success, key factors, formal and experiencing formation, sustainable development.

## RÉSUMÉ

Cette thèse étudie la trajectoire de vie d'un agriculteur. Son but est de découvrir et comprendre les facteurs clés qui, dans leur parcours de formation formelle et expérientielle, l'a amené à la réussite professionnelle. Des thèmes théoriques ont été approfondis : le rôle de l'éducation dans la formation du professionnel réflexif, professeur et travailleur rural, le rôle de l'école traditionnelle e de la Maison Familiale dans leurs vies, ainsi qu'une approche du développement durable. La région a été mise en contexte dans une optique historique territoriale. De même pour le processus de diversification des propriétés, garant d'un revenu et d'une qualité de vie. La méthodologie utilisée est basée dans une approche qualitative de type biographique. Le travail sur le terrain est ponctué par des entretiens exploratoires de type semi directif ou semi structuré. Ceux-ci devraient produire des données qui feraient émerger, au moment de l'analyse, un guillon logique de raisonnement. L'analyse des données, autrement dit, du *corpus*, a fait émerger une grande richesse d'expériences de vie, l'apologie au travail comme moyen de dépasser les difficultés, témoignages sur la vie familiale, l'infatigable quête des agriculteurs vers la réussite professionnelle et une vie meilleure. La thèse s'achève en énonçant les facteurs clés responsables par le processus formatif et le succès professionnel du agriculteur étudié.

**Mots clés:** succès professionnel, facteurs clés, formation professionnelle et expérientielle, développement durable.

## INTRODUÇÃO GERAL

O objetivo do presente estudo situa-se na reflexão sobre o itinerário de um agricultor, que conquistou sucesso profissional. Descobrir e entender fatores-chave, que, no seu processo formativo formal e experiencial, marcaram sua vida e o levaram, inclusive, a ser premiado. Não é a premiação nosso foco de interesse, mas o seu destaque como profissional de sucesso.

Este trabalho tem seu interesse centrado na relevância de se realizar um estudo que avalie o percurso do homem do campo, sua caminhada como profissional e como cidadão, as interfaces do seu relacionamento com a família, com o trabalho, com sua formação e com o meio onde vive.

A estruturação geral desta dissertação contempla duas grandes partes:

Na primeira, o pano de fundo está por conta do problema, seu enquadramento e uma fundamentação teórica. Como o sucesso profissional do agricultor e seu itinerário de vida têm características *sui generis*, achei importante uma contextualização histórica territorial da região e a caracterização das modalidades educativas e formativas, que exerceram influência na formação. A análise de um contraponto entre o urbano e o rural, que não são ambientes antagônicos, mas integrativos, bem como um enfoque sobre a agricultura familiar, a diversificação, o projeto de vida e o desenvolvimento sustentável marcam reflexões necessárias para a compreensão do problema.

Ainda no campo da teorização, como cerne da questão, se tornou relevante a conceituação da formação formal e experiencial. No ponto de partida, fiz uma análise do ambiente escolar e de seus agentes e o relacionamento entre a teoria e a prática. No aspecto complementar, lavrei considerações sobre outras fontes de formação, a formação do profissional reflexivo e a visão tripolar da formação.

Ainda na primeira parte esbocei uma reflexão teórica sobre o sucesso profissional, sua conceituação e seus meandros de construção diária permanente. Ele só acontece se houver uma vigília incansável de busca que caracteriza as pessoas que ao palmilhar sua vida se apossam dela, como forma de usufruí-la de maneira plena e realizadora.

Na segunda parte, um fio condutor interligou uma retomada do problema com os aspectos teóricos de fundamento e opções metodológicas de pesquisa. A coleta dos dados e o trabalho no terreno ocuparam espaços teorizantes e descritivos da investigação.

A partir deste ponto do trabalho, me debrucei sobre as entrevistas, fazendo análise de seus dados à luz da argumentação teórica proposta. Busquei entender, de forma mais densa, o itinerário do agricultor, seu processo formativo, bem como os fatores que o levaram ao sucesso profissional e à realização pessoal e familiar.

Na realização deste trabalho, estiveram envolvidos, concomitantemente, motivos pessoais e profissionais. Estando ligado ao magistério e ao movimento da pedagogia da alternância, a par da minha militância no Rádio, como apresentador animador de programas, sempre me preocupei em entender melhor a caminhada das pessoas, seus projetos e planos de vida, seus afazeres diários, sua luta pela sobrevivência e o motivo de vida que se encontra por detrás de todas as suas ações.

E me confesso realizado, não por este trabalho apenas, mas pela perspectiva de vida que se abre à minha frente no mundo da produção científica e literária, e que dará suporte a um renascer do meu espírito para o mundo e para as pessoas.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, o percurso heurístico trilhado foi de busca de uma maior compreensão, do que levam profissionais a se superarem e vencerem na vida, com enormes limitações. Essa caminhada foi de muita luta, percalços, persistência, garra e denodo. É bem verdade que houve uma incansável procura pela formação, seja ela formal ou experiencial, mas de um permanente aprimoramento.

As entrevistas permitiram entrar no dia-a-dia das pessoas, comungar de suas angústias e tensões, mas também privar com ela momentos de alta satisfação de vida. Foi um aprendizado muito além da obrigação de possuir um material para análise. Foi uma lição transcendente que me acompanhará, de forma sutil e velada, tanto nos meus próximos trabalhos, como na minha vida.

**PARTE I**  
**PROBLEMA E SEU ENQUADRAMENTO - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**



## **CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO**

### **INTRODUÇÃO**

A necessidade de uma reflexão mais profunda sobre algumas realidades, a busca de melhor compreensão de conceitos e teorias, a localização dos CEFFAs - Centros Familiares de Formação pela Alternância, no processo de inclusão no meio e sua inter-relação com o jovem, o agricultor e as famílias de agricultores, bem como a construção de seu projeto de vida, uma análise comparativa entre realidades encontradas e desenvolvimento sustentável, a visão e papel da agricultura familiar, nortearam a escrita deste capítulo.

O ambiente de pesquisa ação, escrevendo sempre com olhos abertos à terra e à prática, não perdendo nunca de vista o ser humano no seu relacionamento com as demais pessoas e com o meio, tudo isso garante o meu exercício de pesquisador.

Nas linhas e entrelinhas muitas verdades, mas nunca a verdade absoluta. Não se trata de uma abordagem acabada. Pelo contrário, estamos ainda muito “virgens” no assunto. Segundo BRODHAG (1997, p. 286) “a ciência não é em si mesma a fonte de uma verdade absoluta. Controvérsias científicas e debates de especialistas são a base do conhecimento”.

Para entendermos melhor o itinerário de um agricultor, seu processo formativo, e quais fatores o levaram ao sucesso profissional, tecerei esta contextualização da região. A velocidade em que o mundo gira nos obriga a rever conceitos e posições na busca de algo mais plausível.

### **1. CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO**

Após anos de estudo, eu deixava o Estado do Rio Grande do Sul e vinha em busca de novos espaços para construir minha vida no Sudoeste do Paraná, mais precisamente como professor e radialista. As cidades de Pato Branco e Francisco Beltrão surgiam no cenário de futuros pólos regionais, mas não passavam de seus treze mil habitantes cada uma, em sua maioria moradores da zona rural.

Hoje os municípios contam com mais de 70.000 habitantes, sendo que sua maioria reside no perímetro urbano. Ao redor de Pato Branco uma dezena de pequeninos municípios sobreviviam do extrativismo e de atividades agrícolas, feitas por migrantes gaúchos vindos do sul. Mais de 90% da população da região era gaúcha, ficando os menos de 10% por conta de seus filhos e pessoas vindas de outras partes, de Santa Catarina e do próprio Paraná.

Multiplicando-lhe por considerável número a população, substituiu o que convencionou chamar de tipo caboclo, primitivo ocupante das terras, pelo descendente italiano do interior do Rio Grande do Sul e pelo descendente ucraino-polonês do centro sul do Paraná em, aproximadamente, noventa por cento... surgindo as comunidades rurais, em torno da capela e da escola fundamentalmente (VOLTOLINI, 2000, p. 63).

Mariópolis era uma pequena vila contígua, local onde mora até hoje o agricultor, cujos dados biográficos e trajetória de vida farão parte do presente trabalho de investigação. Mas voltando à caracterização regional, para melhor entendermos o clima em que os fatos se sucederam, esmiuçamos um pouco mais.

A comunicação na região era precária, pois se gastava mais de dezoito horas para se conseguir uma ligação interurbana, ainda solicitada à telefonista. Não havia asfalto e as estradas eram lamacentas em dias de chuva (as correntes para pneus eram acessórios indispensáveis para qualquer veículo) e poeirentas em dias de sol.

As casas, em sua maioria de madeira, vinham das serrarias e madeireiras existentes em grande quantidade. “Os posseiros, alertados de que não eram donos das terras que ocupavam e que poderiam perdê-las para a CITLA - Clevelândia Industrial Territorial Ltda. de um momento para o outro trataram de tirar delas o maior proveito possível, enquanto ali estivessem. E quem pagou caro por isso foi o pinheiro. Centenas de serrarias, a maioria clandestinas, devastaram o pinhal. O posseiro, pressionado pela situação forçou a venda, entregando a preços vis às madeireiras” (VOLTOLINI, 1997, p. 10).

O ciclo local do extrativismo da madeira e sua comercialização enriquecia muita gente e movimentava a economia. Vivia-se um tempo forte de grilagem do pinheiro, e de terras. “Era grileiro, invasor mal intencionado, usurpador de terras das quais se dizia dono e as vendia aos posseiros em pequenas quantidades. Foi o causador de muita discórdia na área” (VOLTOLINI, 1997, p. 14).

Não existia praticamente a agricultura mecanizada, e as florestas ainda cobriam a maior parte das terras, pois o desmatamento desordenado, em nome de uma agricultura moderna ainda não se havia instalado. A suinocultura era forte e pesava no contexto econômico. “O sudoeste, entretanto, continuou a ser uma das regiões mais características na produção de suínos, tanto do Paraná como do Brasil” (WACHOWICZ, 1987, p. 81).

A comunicação do centro urbano com o interior, e vice-versa, ou mesmo entre pessoas do interior se dava através dos serviços da onda média de uma emissora regional, Rádio Celinauta, situada na cidade de Pato Branco, cujo papel no desenvolvimento regional foi de transcendental importância, mormente na revolta dos colonos, movimento armado contra os grileiros e as companhias de colonização, na luta pela posse da terra. O papel da rádio no processo de dar sustentabilidade ao desenvolvimento local e regional, para mim é muito claro, pois fui locutor e apresentador da emissora por mais de trinta anos, e poderia relatar cem números de ações que se originaram dentro das salas de redações e estúdios. Não apenas os microfones eram engajados, nós, radialistas, fazíamos parte viva e participante da comunidade. “Ser radialista naquela época, era ser altamente considerado, respeitado e acatado em toda área aonde chegassem às ondas sonoras da emissora” (VOLTOLINI, 1997, p. 62).

Segundo o autor “no ápice do movimento dos posseiros em outubro de 57 e nos meses que precederam, a rádio foi elemento de incalculável preponderância, podendo-se mesmo lhe ser creditada a forma de desfecho que os acontecimentos tiveram... O rádio era o único veículo, na época, que levava informações aos lares da região” (VOLTOLINI, 1997, p. 64).

Não posso passar batido, sem me referir ao perfil dos moradores da região. Embora com fortes posturas religiosas católicas (o clero exercia a eminência parda em tudo), a população se caracterizava por um grande poder de trabalho, marcado pela necessidade de sobrevivência, gerando aguerrido espírito de luta. Não se falava em desenvolvimento, e muito menos sustentável, mas ele estava implícito nas ações de cada cidadão. No livro *As Quatro Verdades do Planeta: por uma outra civilização* (1997, p. 287), BRODHAG afirma que “o desenvolvimento não é exportável; tem de ser construído nos e pelos países em função da sua história, repousando assim, e antes de tudo, sobre o desenvolvimento humano dos indivíduos”.

Falar em desenvolvimento sustentável é falar em cidadania, em qualidade de vida. Os tempos eram difíceis, mas cem por cento da população tinha moradia, tinha o que comer e vestir. “O pessoal tinha pouca coisa, muito menos do que agora, mas ninguém passava necessidade, fome” (WACHOWICZ, 1987, p. 90).

O acesso ao lazer como forma de se divertir e passar o tempo acontecia nas bodegas, nos pavilhões, nas carreiras em cancha reta, nos campos de futebol, nas canchas de bocha, nos filós<sup>1</sup> à noite, nos encontros das mulheres em rodas de mate, nos fandangos de CTG - Centro de Tradições Gaúchas e a participação maciça da comunidade nas festas religiosas de igreja.

WACHOWICZ, no seu livro *Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*, relata fatos interessantes que vem confirmar o que contei acima, pois segundo ele “os bailes em casas particulares eram os chamados *bailes de rancho* [grifo do autor] eram muito utilizados pelos caboclos e pelos colonos sulistas”. Segundo o autor “depois dos bailes, o divertimento mais usual era a carreira... faziam carreirada [sic] até de burros. O objetivo era divertir-se e apostar” (1987, p. 91).

Segundo WACHOWICZ, “os colonos gringos, quando começaram a chegar do Rio Grande do Sul, trouxeram para a região outro tipo de diversão: a bocha. Em toda a bodega do interior, onde havia descendentes de italianos, foi construída uma cancha desse esporte. Passou a ser uma importante diversão dos fins de semana. As festas de igrejas e capelas também ocupavam o tempo vago das populações. Nestas festas, o principal serviço era pedir prendas para a festa. A partir da década de 1950, o futebol tornou-se uma atividade que passou a atrair a atenção, principalmente da juventude” (1987, p. 94).

No campo educacional persistia o modelo clássico de uma educação convencional de linha dura e conservadora, mesmo nas escolas estaduais ou municipais. No atendimento à saúde, hospitais davam o atendimento à população, não apenas básico, mas até para a época, podia-se dizer de relativo padrão, que incluía as cirurgias tradicionais. Óbvio que incomparável aos serviços oferecidos nos médios e grandes centros da época.

---

<sup>1</sup> Filós - Encontro de famílias vizinhas ou parentes à noite para conversarem, degustarem alguma iguaria, contar causos e conviver.

As assertivas dos dois parágrafos acima encontram ressonância no que fala BRODHAG (1997, p. 287) “a educação e uma política de saúde que contribuam para a emancipação dos indivíduos trazem consigo as condições do desenvolvimento...”

Fecho esta caracterização de um período de desenvolvimento regional com uma observação que é forte, pelo menos ao meu entender. Exatamente por minha permanente inserção ao meio, escrevendo a história pessoal e familiar e ajudando a construir a comunidade, sempre interagindo com as pessoas, afirmo que as via em permanente auto-estima, e que as sentia felizes. Afinal de contas que mais quer o ser humano, senão na pluralidade de seus relacionamentos de vida, ser um pouco mais feliz. No exercício de ator e simultaneamente autor deste processo de desenvolvimento, pude analisar ângulos interessantes que me ajudaram na construção de minha investigação.

Importante se faz aqui, abrir um espaço nesta altura do trabalho, para contextualizar a escola existente, o surgimento do CEFFA - Centro Familiar de Formação pela Alternância, bem como o papel de ambos no processo educacional.

## **2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA DO INTERIOR**

A escola estava inserida no meio social, mas não necessariamente interagia em sua mudança. Seu processo de influência, sua dinâmica estavam mais vinculados aos conteúdos curriculares oficiais. O próprio professor agia mais como uma espécie de mola de influência, mas nem sempre como um agente transformador.

O acesso aos estudos da escola primária de então era basicamente garantido, quer na sede, quer no interior através das escolas multisseriadas. É bem verdade que o acesso à escola era assegurado, mas perdurava uma grande dicotomia entre a existência e sua utilização por todos. O acesso ao curso ginásial e colegial da época, oferecidos tão somente na zona urbana, excluía praticamente a população do interior, tendo como principal motivo à dificuldade de deslocamento.

Uma certa pseudocultura, de que o estudo não era tão necessário assim, principalmente em se tratando do público feminino, mantinha muita gente afastada dos bancos escolares, ou levava a frequentar apenas as primeiras séries. Saber ler, escrever e fazer conta era marca de destaque na comunidade.

Outro fator privativo da frequência às aulas era que, já na idade de seus dez anos, ou antes, os filhos se tornavam mão de obra indispensável na família, na luta pela economia e sobrevivência. A entrada no mercado de trabalho familiar era precoce e os estudos escolares acabavam se resumindo, quando muito, ao antigo primário. Sendo que, este estudo era oferecido por escolas que ficavam nas comunidades do interior, era dirigido por professores e professoras leigas<sup>2</sup>, de um modo geral.

O ensino era multisseriado, ou seja, um mesmo professor ou professora, lecionava simultaneamente para alunos de séries diferentes, dentro da mesma sala de aula e no mesmo momento. Isso quando não exercia no mesmo turno o papel de zeladora e cozinheira, ficando o fogão dentro da sala de aula. Tempos difíceis não apenas para quem lecionava, mas também para as crianças que frequentavam a escola, e cujo processo ensino aprendizagem era tumultuado.

Por outro lado, as escolas que ficavam na sede dos municípios adotavam currículos e metodologias oficiais, com sabor urbano, vindo da capital, impostos sistematicamente, e que não atraíam o jovem interiorano, pois eram descoladas da sua realidade, não dando respostas às suas necessidades. E quando atraíam, traziam no seu bojo o gosto pela vida citadina, o encantamento das luzes, o que se transformava em causas de êxodo do campo.

O próprio transporte escolar, mais recente, trazendo alunos do interior para ter suas aulas na cidade, embora garantisse o acesso, não deixou de ser fator de aculturação e de evasão da população campesina rumo à cidade.

### **3. CARACTERIZAÇÃO E O PROCESSO FORMATIVO DOS CEFFAS**

Com o surgimento da Casa Familiar Rural de Pato Branco, com características regionais, atendendo cinco municípios, muitos jovens, moças e rapazes, egressos do sistema escolar, que haviam parado seus estudos, os retomaram. O retorno ao processo de formação formal ocorreu também graças a alguns elementos facilitadores:

---

<sup>2</sup> Professor leigo - terminologia usada para caracterizar os profissionais de educação que não possuíam habilitação, mas que exerciam a função, por inexistência de outras pessoas com habilitação para tanto.

- a) a metodologia da alternância prevê períodos mensais mais longos de atividades na propriedade, o que significa mão de obra presente na execução das tarefas das lides do campo junto à família;
- b) a visita mensal do técnico aos jovens, lá na sua casa, numa interação teoria e prática, escola e família;
- c) currículos mínimos adequados à realidade na certificação oficial de sua formação básica.

Ao projetar uma reflexão sobre a Pedagogia da Alternância, vislumbra-se uma linha de coerência como fio condutor. Contudo seria temerário e extremamente pretensioso apresentar as redes em Alternância como uma tábua de salvação e única forma de se conduzir a educação, frente aos anseios dos jovens, ávidos por uma educação revolucionária e libertadora. Outras redes também o fazem, com igual competência. O importante é a rede estar convicta do seu papel e da comunidade escolar que atende, dentro de sua especificidade.

Na seqüência farei uma abordagem, deste novo foco em educação, para estabelecer uma fundamentação dos seus princípios norteadores, bem como de etapas e instrumentos pedagógicos, o que nos levará talvez a entender melhor os dados recolhidos na pesquisa de campo.

### **3.1. Origens do Movimento**

As Casas Familiares Rurais surgiram no sul da França nos idos de 1935, através da preocupação dos pais, cujos filhos se negavam a seguir seus estudos dentro dos padrões oferecidos. As famílias procuraram o cura da Igreja, que sensibilizado ofereceu uma sala para os encontros. Pais e filhos contrataram um orientador, escolheram os temas a serem abordados, dentro do interesse do grupo, e iniciaram o processo ensino aprendizagem alternando momentos presenciais de trabalho na família e momentos presenciais de reflexão no grupo, pois aquele, experiencial, antecede a este, formal.

Daniel CHARTIER, um dos papas do movimento, caracteriza bem esta formação integrativa em alternância, dizendo “on admet depuis peu qu’une formation en alternance peut constituer un temps plein de formation à condition de mettre en place des moyens qui intègrent au

niveau de l'école les deux temps de formation - séjour dans le milieu de vie socio-professionnel et séjour dans le centre de formation”<sup>3</sup>. (CHARTIER, 1986, p. 80).

Anos se passaram. A experiência inovadora dava certo e se espalhava. Uma vez institucionalizadas, as Casas Familiares Rurais extrapolaram os limites da França e ganharam o mundo.

No Brasil as primeiras experiências surgiram na década de setenta no estado do Espírito Santo, trazidas através da Itália, e passaram a se denominar Escolas Famílias Agrícolas.

No sul do Brasil, o movimento em Alternância surgiu, em 1987, no estado do Paraná, oriundo da França, e as unidades educativas se chamaram Casas Familiares Rurais.

### **3.2. E por que CEFFA?**

A denominação CEFFA - Centro Familiar de Formação pela Alternância, surgiu pela primeira vez em Belo Horizonte numa reunião da equipe pedagógica nacional das EFAs - Escolas Famílias Agrícolas, e da qual eu participava, pois sempre me interessou uma aproximação entre as redes. Posteriormente no *1.º Encuentro Latinoamericano de Movimientos de Educación Rural por Alternância*<sup>4</sup>, realizado na Argentina, organizamos uma reunião, em separado dos participantes brasileiros, e em grupo decidimos pela oficialização da sigla, até porque se tornaria mais fácil o acesso aos Ministérios, buscando as reivindicações em bloco e demonstrando coesão. Sendo assim, o termo CEFFA passou então a referenciar toda a unidade didática que adote a metodologia da Pedagogia da Alternância na sua Proposta Pedagógica, independente da Rede a que pertença.

Este foi então o mais importante passo na aproximação dos movimentos no Brasil, buscando uma comunhão efetiva na consecução de objetivos comuns e trocas de experiências e parcerias.

---

<sup>3</sup> Há pouco tempo admitiu-se que uma formação por alternância pode constituir um tempo pleno de formação, tendo para isto a condição de implementar os meios que integrem, no âmbito escolar, os dois tempos formativos – aqueles vivenciados no meio sócio-profissional e aqueles vivenciados no centro de formação”.



O CEFFA não é a biblioteca do saber, mas um de seus laboratórios. FREIRE (1978, p. 66), preconiza também a eterna busca do saber quando afirma que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”.

CEFFA, mais que uma sigla é uma filosofia de vida, de testemunho de unidade, de serviço, de promoção das classes marginalizadas, de integração dos excluídos. É um marco de coerência entre a teoria e a prática, entre o deixar acontecer e o saber fazer, entre o agir reprodutivo e o ato criativo. E a Pedagogia da Alternância se fundamenta na criatividade, na busca. É uma simbiose de construção de saberes, na consciência de sua importância histórica, mas também na humildade pedagógica dos que reconhecem suas limitações.

### **3.3. Alternância: Pedagogia da Postura, da Ética e do Social**

O movimento dos CEEFAs sustenta-se em quatro pilares. Dois deles têm aspectos de finalidade: A Formação Integral e o Desenvolvimento do Meio. Os outros dois pilares assumem características de meio: a Alternância e a Associação Local de Pais ou Responsáveis. Por outro lado fundamentam a ação pedagógica, em três eixos: Formação Profissional, Educação Básica e Formação para a Cidadania.

Isto não acontece aleatoriamente, mas de forma integrada. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade permeiam estas ações, para que a educação vá além dos conhecimentos básicos, gerando um processo formativo que promova o homem holístico, com visão de desenvolvimento pessoal e social.

É muito visível a preocupação responsável pela formação do homem e da mulher, e não do homem e da mulher máquina. O homem e a mulher têm a marca do afetivo, do social, do profissional, e, através dos valores familiares recebidos ou gerados, busca sua realização pessoal inseridos na sua comunidade.

É a esse fenômeno que foi feita referência ao dizer que os jovens são contextualizados ao meio. A escola não pode dissociar a preparação técnica, social e de formação básica, dos

---

<sup>4</sup> 1.º Encontro Latinoamericano de Movimentos da Educação Rural por Alternância

valores de construção democrática, de liberdade, de igualdade, de solidariedade, de autonomia e auto-realização na formação do ser humano integral.

Afirma DUFFAURE “dans le fond, il ne saurait y avoir de Maisons Familiales viables dans une région ou ne s’inscrirait pas um développement économique, social et humain. Les Maisons Familiales jouent, dans tout développement, um role considérable, au present et au future, sur le plan humain d’abord, pour que se manifestent des gens heureux<sup>5</sup>” (1985, p. 140).

O ponto de partida das ações pedagógicas dos jovens está no respeito e socialização do seu saber, dos seus usos e costumes, suas sensibilidades e potencialidades. Ao ajudar na construção de um cidadão, que tenha sensibilidade, a Pedagogia da Alternância o vê como um ser capaz de se solidarizar com seus companheiros e companheiras de caminhada, no respeito aos deveres e direitos de cada qual e do grupo. A escala dos valores éticos normatiza um agir solidário.

Tudo isso, por sua vez, são passos diários e permanentes na formação da personalidade. Nos CEFFAs são muito fortes, neste processo, dois aspectos, que cumpre destacar. Por um lado o caráter, formado por todos aqueles valores já aludidos, sintetizados em morais e sociais, e que são desenvolvidos e aprendidos na trilogia da convivência: família, escola e comunidade. Por outro lado cabe à escola e à família criar um ambiente favorável, atividades e meios para reforçar estes valores. Agindo assim se está garantindo uma personalidade estruturada. Não podemos esquecer os desafios que o mundo globalizado está oferecendo diariamente aos nossos jovens e suas famílias, e que exige deles capacidade de enfrentamento. Sua formação integral é exigência por princípio.

Os latinos tinham um provérbio sapiencial: “non scholae, sed vitae discimus<sup>6</sup>”. É importante lembrar que os seres humanos são únicos, ímpares, e ao prepará-los para a vida devem ser tratados como indivíduos e não como massa. O respeito ao seu ritmo e suas potencialidades individuais é crucial.

---

<sup>5</sup> “No fundo, não existiriam Maisons Familiales viáveis numa região onde não se inscrevesse um certo desenvolvimento econômico, social e humano. As Maisons Familiales desempenham, em qualquer desenvolvimento, uma função considerável, tanto no presente quanto no futuro, e primeiramente no aspecto humano, para que assim se manifestem pessoas felizes ”.

<sup>6</sup> Não aprendemos para a escola, mas para a vida.

### 3.4. Alternância: Fundamentos Didáticos e Pedagógicos

Toda ação se fundamenta na Pedagogia da Alternância. Esta, por sua vez, tem características próprias, cuja metodologia é específica. Fundamenta todo ensino-aprendizagem em temas geradores de interesse dos alunos. Estes temas estão relacionados aos cursos profissionalizantes, ordenados pelos alunos e suas famílias, de acordo com as realidades. Passam a ser também temas transversais.

Outro ponto muito importante, e que não podemos descuidar é a articulação dos tempos e espaços da formação e todos os decorrentes intermediários, que devem estar em perfeita interação. Para GIMONET (1998) a formação em alternância requer uma organização, atividades e instrumentos pedagógicos específicos, para articular os tempos e espaços, a fim de associar e colocar em sinergia as dimensões profissionais e gerais, e para otimizar as aprendizagens.

Uma série de ferramentas pedagógicas passa a ser utilizada com o intuito de assegurar o sucesso do ensino aprendizagem. Logo em seguida citarei algumas delas, mas antes gostaria, reforçando o que disse GIMONET, de me referir a um esquema de LEGROUX, que eu chamaria de processo do circuito formativo. Segundo ele:

“L’alternance provoque une organisation spécifique de formation dans le temps et l’espace. La structure et les activités de formation tiennent compte en effet du rythme des passages successifs que le jeune fait en milieu de vie et à la Maison Familiale. Chaque jeune vit et travaille d’abord dans un milieu professionnel ou familial chez ses parents ou chez un maître de stage. Ce temps est premier et généralement doublé de celui passé à la Maison Familiale<sup>7</sup>” (LEGROUX, 1979, p. 28).

Na semana em que o jovem permanece na escola, o trabalho pedagógico tem como ponto de apoio um diagnóstico da realidade, motivado por um questionamento com a família sobre o

---

<sup>7</sup> A alternância provoca uma organização específica da formação no tempo e no espaço. A estrutura e as atividades formativas consideram efetivamente as passagens sucessivas do jovem no meio em que ele vive e na Maison Familiale. Cada jovem vive e trabalha, em primeiro lugar, no meio profissional ou familiar, junto com seus pais ou com o mestre de estágio. Este primeiro momento geralmente se acompanha de um segundo que ocorre na Maison Familiale.

assunto - tema. Este questionamento é preparado em sala de aula e debatido com sua família, ou comunidade. Este trabalho é denominado de Plano de Estudo.

Ao retornar na semana seguinte da Alternância, em grupo, é feito um debate e o aluno tem oportunidade de expor sua realidade, e, em conjunto com os colegas, chegar a conclusões lógicas e pertinentes. Este trabalho é acompanhado pelos monitores e professores. Esta atividade denomina-se Colocação em Comum.

As aulas, os experimentos, as visitas de estudo (novas realidades), as atividades interdisciplinares e transdisciplinares, os temas geradores, os novos conhecimentos (cursos), as avaliações giram em torno desse foco de interesse. Os conteúdos curriculares de todos os focos formativos da escola encaixam-se no Plano de Formação.

Isto não necessariamente significa que, por si só, esta escola é superior àquela. Ela o será na medida em que seus resultados o forem, pois ambas têm seu perfil, sua especificidade e sua missão. Ambas são necessárias e cumprem seu papel junto às comunidades onde estão inseridas.

Os CEFFAs, pela sua inserção no meio rural, têm características que os integram como facilitadores do desenvolvimento sustentável familiar e da comunidade. Um projeto de vida pessoal, que passe necessariamente pela diversificação da propriedade, e que garanta um leque de rendas, mensais ou sazonais, deve fazer parte do dia a dia de todos que investem na agricultura familiar. Alguns conceitos aqui emitidos serão melhor explicitados.

### **3.5. Urbano e Rural sem Antagonismos**

As considerações acima, embora pálidas, esboçam idéias de desenvolvimento, agregadas a um período histórico de crescimento e afirmação local e regional. Elas, no entanto, são projetadas, também, à luz da presença do processo formativo através da diversidade de estabelecimentos escolares. Nada acontece ao acaso. José Eli da VEIGA, em palestra proferida durante o mestrado, e mesmo posteriormente lendo seus escritos, auxiliou-me a formar idéias mais densas sobre desenvolvimento, sobre espaços urbanos e rurais, sobre a saída de pessoas do campo rumo à cidade, e vice versa, bem como a diversificação de atividades rurais.

Transparente se torna a realidade dos fatos evolutivos em toda e qualquer sociedade, seja ela urbana, seja ela rural. Querer que o tempo não avance e as transformações não aconteçam, é no mínimo ingênuo. O que relatei acima faz parte de um passado, não tão distante assim, e que serve para dar uma idéia de que se podia viver com qualidade, tanto no campo como na cidade, mesmo quando não tínhamos ainda sido mordidos pela *tsé-tsé* do comodismo, e do conforto, gerados pelas ofertas e luzes de uma sociedade consumista.

O fazer agrícola se transformou e nem todos acharam caminhos seguros para trilhar novos rumos. As famílias cresceram e as propriedades se tornaram pequenas para muitas delas. Os recursos públicos, quando abundantes foram por vezes mal aplicados, e outras vezes ele se tornou escasso. Situações climáticas adversas, desmatamento ilimitado na ânsia de aumentar a produtividade, aumentando a área de plantio, em vez de melhorar o solo, e tantas outras causas e razões poderiam ser listadas aqui para justificar situações. A verdade é que o êxodo rural se tornou uma realidade inconteste.

O empobrecimento da pequena propriedade e seu sucateamento, ou em termos de máquinas ou de benfeitorias, trouxe a reboque o desestímulo e a ânsia de buscar outros paradigmas de vida longe de lá. A idéia errônea de que a agricultura familiar não tem vez nas pequenas propriedades, bem como sua inviabilidade, somadas a outras causas, afastaram milhares de famílias do campo. Esta realidade posta desta forma, gera um falso problema que VEIGA denuncia:

“Há uma forte crença no Brasil de que sua intensa urbanização transformará a população rural em mera relíquia de um ultrapassado subdesenvolvimento. Segundo dados oficiais, 75,6% da população já residia em áreas urbanas em 1991, proporção que atingiu a 81,2% em 2000. Já há quem profetize algo em torno de 90% em 2015. Uma trajetória histórica evolutiva que extinguiria a população rural por volta de 2030” (2001, p. 8).

Segundo continua o autor:

“Nessa ótica, a importância relativa da sociedade rural já é tão pequena, que torna pouco relevante qualquer política voltada à sua dinamização, além de dispensar a definição de alguma estratégia específica. No fundo, supõe-se que dar mais atenção ao Brasil Rural seria

como gastar vela com mal defunto, já que mais dia menos dia todos estarão nas cidades. Por isso, nenhuma discussão séria sobre o assunto pode começar se não for desfeita a dupla confusão – estatística e histórica – que sustenta esse traiçoeiro fatalismo” (2001, p. 8).

Em que pese serem talvez irônicas estas palavras do autor, no entanto, a reflexão se impõe. Não há peneira que tape a realidade da evasão dos moradores rurais do seu meio em direção às cidades, por muitos motivos, entre eles econômicos, de busca de educação para os filhos, busca de lazer, conforto, consumo, de promessas de vida melhor oferecidas pelos artifícios da mídia.

Frente a essa preocupação com os resultados funestos do êxodo, os pesquisadores foram levados a sugerirem saídas. SILVA (1999, p. 29), afirma que “a única estratégia capaz de reter a população rural pobre nos seus atuais locais de moradia e, ao mesmo tempo, elevar sua renda é a criação de empregos não agrícolas nas zonas rurais”.

Tentando ajudar, opinativamente, o assunto, Romeiro apud BITTENCOURT, BUAINAIN e GRANZIOLI (2001) é enfático ao dizer que mais do que nunca, é necessário ampliar o apoio fundiário e agrícola, aos produtores familiares de modo que suas famílias não sejam obrigadas a buscar formas alternativas precárias de sobrevivência.

Não vejo contradição nas manifestações dos pesquisadores supra, mas pelo contrário, penso serem elas completadoras. O apoio, com injeção financeira nas propriedades rurais aparece, inclusive, mais forte no atual governo popular, que por outro lado não descarta da idéia de empregos paralelos. Aliás, geração de renda, e geração de emprego são duas máximas das políticas sociais da atual administração federal, que esperamos sejam concretizadas, sem olvido do campo.

### **3.6. Agricultura Familiar: Diversificação, Projeto e Qualidade de Vida**

O ponto de partida das ações pedagógicas dos jovens está no respeito e socialização do seu saber, dos seus usos e costumes, suas sensibilidades e potencialidades. Ao ajudar na construção de um cidadão que tenha sensibilidade, a Pedagogia da Alternância o vê como um ser capaz de se solidarizar com seus companheiros e companheiras de caminhada, no respeito

aos deveres e direitos de cada qual e do grupo. A escala dos valores éticos normatiza um agir solidário.

Tudo isso, por sua vez, são passos diários e permanentes na formação da personalidade. São muito fortes, neste processo, dois aspectos, que cumpre destacar. Por um lado o caráter, formado por todos aqueles valores já aludidos, sintetizados em morais e sociais, e que são desenvolvidos e aprendidos na trilogia da convivência: família, escola e comunidade. Por outro lado, cabe à escola e à família criar um ambiente favorável, atividades e meios para reforçar estes valores. Agindo assim se está garantindo uma personalidade estruturada. Não podemos esquecer os desafios que o mundo globalizado está oferecendo diariamente aos nossos jovens e suas famílias, e que exige deles capacidade de enfrentamento. Sua formação integral é exigência por princípio.

Ao contrapor cenários urbanos e rurais, vislumbramos hoje, de maneira mais intensa a desmitificação de um antagonismo, assumindo variáveis de interligação e iteração muito benéficas. Afinal de contas, em ambos busca-se implementar a idéia de desenvolvimento sustentável, como garantia de geração de uma qualidade de vida cada vez melhor.

A violência urbana, a degradação ética e moral, as drogas, a miséria crescente de áreas localizadas (pouco importa se de centro ou periferias), também são balizadas como de baixo índice de desenvolvimento, com reflexos profundos na vida dos seus habitantes. Antes de me referir aos CEFFAs como contraponto no apoio de concretização de um projeto de vida particular ou em conjunto na propriedade familiar, quero destacar ainda:

“O novo enfoque do desenvolvimento local sustentável tem o inegável mérito de permitir superação das já arcaicas dicotomias urbano/rural e agrícola/não agrícola. Como sabemos hoje, o rural, longe de ser apenas um espaço diferenciado pela relação com a terra – e mais amplamente com a natureza e o meio ambiente – está profundamente relacionado ao urbano que lhe é contíguo” (SILVA, 2002, p. 23).

O autor afirma ainda que “as atividades agrícolas são profundamente transformadas pelas atividades não-agrícolas, de modo que não se pode falar na agricultura moderna deste início de século sem mencionar as máquinas, fertilizantes, defensivos e todas as demais atividades

não-agrícolas que lhe dão suporte” (SILVA, 2002, p. 23). Dentro desta ótica pluralista se torna impossível passar ileso aos reflexos da Globalização. O ambiente urbano no dizer do autor (2002, p. 24) “revaloriza os espaços locais como arenas de participação política, econômica e social para os grupos organizados”.

Não vou entrar aqui na questão territorial, CARRIERE (2003), pois seria necessário exaurir estes conceitos, bem como o de desenvolvimento endógeno ou exógeno, e isto não é proposta deste trabalho. No entanto, completa, falando ainda de globalização ela impõe novas questões em termos dos desequilíbrios existentes<sup>8</sup> (informação verbal).

A globalização, fenômeno decantado, e ao mesmo tempo anacrônico, precisa ser inserida neste contexto. Segundo Jean Paul CARRIERE, na mesma palestra em Florianópolis a globalização parte da mobilidade internacional dos capitais e estratégias de ordenamento e de desenvolvimento territorial (informação verbal).

Mundialização e globalização são palavras sinônimas, em que pese nuances semânticas apenas, e a última teria mais uma conotação econômica, enquanto a primeira enfocaria o humano, a qualidade de vida. Afirmei acima o não antagonismo entre o urbano e o rural, falei até de rurano, e o que se percebe hoje, através da observação, é uma permanência consciente de mais pessoas no campo e o desejo de retorno, por parte de muitos que de lá saíram.

Ignacy SACHS afirma algo parecido em seu livro *Desenvolvimento Humano, Trabalho Decente e o Futuro dos Empreendedores de Pequeno Porte no Brasil*. Segundo SACHS (2002, p. 92) “há quem acredite que o Brasil rural está fadado a se encolher em termos populacionais, a exemplo do que aconteceu em países industrializados”. E continua: “a inevitabilidade do êxodo rural está sendo crescentemente contestada por estudos que indicam o potencial ainda inexplorado de desenvolvimento rural do país”.

O autor, porém, não pára por aí. Vai além ao destacar o desenvolvimento rural, não apenas na sua importância social, mas lhe conferindo função econômica significativa. “No

---

<sup>8</sup> Palestra proferida em abril de 2003, por ocasião da 6.<sup>a</sup> Sessão do Mestrado Internacional, realizada em Florianópolis - SC.



desenvolvimento rural sustentável, a agricultura familiar representará um papel central” (2002, p. 99).

Leio nas entrelinhas a assertiva, que é luta nossa, na formação dos jovens rurais, da implementação das políticas públicas, no combate à pobreza extrema de pequenos produtores, a luta de posse de terra para quem estudou e aprendeu a trabalhar nela, bem como o acesso ao crédito sem burocracia, já conquistado no seu aspecto legal, mas não praticado igualitariamente. Tudo isso deve ser acrescido aos conhecimentos e tecnologias, formação básica escolar e cidadã, apropriadas pelo jovem, como forma de consolidação de um desenvolvimento, que se tornará real e sustentável, na medida em que o elenco acima se fizer presente de fato e de direito lá no campo.

Nos CEFFAs, construímos, a partir da realidade da propriedade do jovem e de sua família, no convívio com os demais companheiros agricultores, no período de permanência, em regime de internato, na escola, noções e ações concretas de desenvolvimento sustentável.

É tão intensa esta preocupação, que há um pano de fundo nas ações realizadas. Este pano de fundo é o Projeto de Vida do Jovem e de sua Família. Esta prática diária é tão forte, que não nos causa estranheza, quando SACHS (2002, p. 100) lembra que “vários autores consideram os pequenos estabelecimentos rurais, mais eficientes na geração de renda e empregos, que estabelecimentos patronais”.

A Formação Integral, do jovem e de sua família, estabelece uma cumplicidade entre o jovem, a família, o centro de formação, seus agentes e parceiros, em relação aos saberes e ao meio.

É importante facilitar ao jovem captar problemas e saberes, que aprendem sem se dar conta. É necessário, no entanto, que estes saberes não fiquem localizados no seio da família, mas saiam para o social e voltem à família através do meio.

Desta forma, as noções e a prática do desenvolvimento sustentável vão sendo assimilados, pelo jovem e pela família, de forma vivencial, experiencial, a partir de um processo, que podemos situar, na linha de: ação-reflexão-ação. Neste contexto de formação percebemos claramente o envolvimento de todos os agentes, currículos, programas e conteúdos, acontecendo de uma forma integrada, interdisciplinar, quando não transdisciplinar.

A partir de uma permanente ação avaliativa lançando mão da auto e etero avaliação, no processo, nos questionamos sobre temas como o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano e os Pilares do Desenvolvimento Sustentável. Afinal de contas, se lá nas bases nada acontece, é certeza que estamos falhando em pontos fundamentais do nosso trabalho. Um desses pontos é a valorização da agricultura familiar, tratada às mínguas no passado.

VEIGA denuncia que: “As vantagens de uma estratégia de desenvolvimento rural que priorize a promoção da agricultura familiar ainda não foram percebidas pela sociedade brasileira. E isso ocorre em contexto no qual a forma de agricultura mais favorecida – a patronal – está empregando cada vez menos trabalhadores, o que acarreta cada vez mais concentração de renda e exclusão social” (2002, p. 133). Ao fazer este contraponto, frente ao Desenvolvimento Sustentável, percebe-se claramente a importância organizativa da pequena propriedade e da agricultura familiar.

### **3.7. Desenvolvimento Sustentável: a Família e o Meio**

Existe uma interligação entre a escola, o desenvolvimento e o projeto de vida da pessoa, e isso não aparece aqui por acaso. É de senso comum afirmar que a educação é fundamental para o desenvolvimento. A família do agricultor e do jovem, ou a comunidade em que ela está inserida, só progride ou se desenvolve se os seus membros receberem uma preparação adequada.

Logo, uma educação de qualidade favorece a inserção do jovem no meio e leva-o a gerar mudanças. NASCIMENTO (2001, p. 98) afirma que: “a educação cria condições indispensáveis ao desenvolvimento. Por sua vez, este obriga a que o processo de aprendizagem se modifique. Enfim, educação e desenvolvimento podem desempenhar papéis vitais na sua relação”.

Talvez, nunca como hoje, falar sobre desenvolvimento, e, sobretudo, acrescentando-se o qualificativo sustentável, virou uma coqueluche. As nuances que surgem, por exemplo, nas formas de explicitar ou mensurar o desenvolvimento, dá pano para muita manga. O PIB - Produto Interno Bruto, foi um marco forte neste esforço avaliativo. Aos poucos se percebe que este indicador, o PIB, caracteriza mais aspectos da economia. Hoje os valores ecológicos e os valores sociais emergem com muita força.

Óbvio que as características educativas marcam presença. Longe de eu negar que toda mudança passa não só, mas também, pela questão da formação. AMBRÓSIO (2001, p. 27) corrobora com o escrito acima quando afirma que “na realidade a educação e a formação ao longo da vida, como processo envolvente da pessoa e matriz básica do desenvolvimento social sustentado, não é uma formação exclusiva do sistema educativo e gerido pelo Ministério da Educação. A educação/formação é uma atividade matriz do progresso, do desenvolvimento da pessoa”.

Percebe-se aqui que o PIB, embora útil, como referencial, ele acaba falho na análise de uma série de fatores que surgiram ou ganharam espaço, a partir de noções sobre eco-desenvolvimento introduzidas por Ignacy SACHS (2002).

O autor fala de sua preocupação quanto à maneira que estão sendo usados os recursos não renováveis. Ele prega uma orquestração nacional e internacional, quanto a se ter medidas de planejamento responsável. Hoje é voz corrente a situação da finitude da água doce potável. Segundo o autor “o conceito de sustentabilidade apresenta cinco dimensões principais: sustentabilidade social, econômica, ecológica, geográfica e cultural” (2002, p. 475). A celeuma maior ficou por conta do mote: sustentabilidade ecológica.

Durante 6.<sup>a</sup> Sessão do Mestrado Internacional em Florianópolis realizada em abril de 2003, no Estado de Santa Catarina, tivemos oportunidade de visitar famílias da Casa Familiar do Mar, na ilha de São Francisco do Sul. Na oportunidade conhecemos um viveiro de mariscos. O proprietário, que é pai de aluno, estava na plataforma e falou uma frase que anotei, pois, segundo ele “o trabalho vale a pena, é compensador, mas é necessário investir e estudar para produzir mais, pois, um vizinho meu que fica no feijão com arroz o coitado não ganha nada” (informação verbal).

Ainda no mesmo dia visitamos outra família de aluno. São pescadores. A esposa estava fabricando, de forma artesanal, farinha de mandioca. Seu João nos mostrou a propriedade onde existem os produtos básicos para a sobrevivência, além da pesca. Logo na entrada, no baixio, garrafas e sacos plásticos jogados: “Isso aqui é o “presente” que Joinville, (cidade contígua, mas no continente), manda pra gente. Jogam no mar e vem parar aqui na ilha e a gente todo dia tem que recolher” (informação verbal).

Mais à frente, passamos por um barracão, que servia de estaleiro para sua embarcação. Seu João coçou a cabeça atrás da orelha (era um cacoete seu), e arrematou com voz calma, mas ufana: “deixa eu mostrar uma coisa pra vocês. É motor. Eu conserto. Conserto os barcos também” (informação verbal).

Durante a prosa, ali, sentados em baixo do pé de goiaba, falou: “eu gosto disso aqui. Minha família também. A gente diversifica bastante. Tem de tudo aqui. A gente se dá bem. Só saio daqui depois de morto. A única coisa que faz falta é ter segundo grau na Casa Familiar, prá meu filho continuar o estudo. Ele sabendo mais, e com o dinheirinho do camarão, a gente faz o viveiro<sup>9</sup>” (informação verbal).

Percebem-se, nestes relatos, noções fundamentais de desenvolvimento sustentável. Se usarmos, para balizar, critérios do PIB, perceberemos que ele não terá amplitude. Já se esta análise for feita à luz do IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, notaremos claros três aspectos. Ou como diz BIANCHINI (2002, p. 73): “são três as opções básicas que estão presentes em todos os níveis de desenvolvimento, e aparecem como condições para os demais:

- a) desfrutar uma vida longa e saudável;
- b) adquirir conhecimento;
- c) ter acesso aos recursos necessários a um padrão de vida decente”.

José Eli da VEIGA, em palestra da qual participei, em Brasília, afirmou que nem o PIB, nem o IDH medem sentimentos, sensações pessoais. Estes, por sua vez, podem se tornar referências de desenvolvimento (informação verbal).

Nos três itens citados acima por Valter BIANCHINI, percebe-se que eles estão presentes na fala dos pais: a vida saudável, os conhecimentos e os recursos. Através do IDH podemos medi-los em parte.

A fala dos pescadores acima, no entanto, reflete uma série de realidades que são muito fortes, mas pessoais, subjetivas, ditas com emoção. E daí os índices não retratam a realidade delas, podemos citar dentre elas:

---

<sup>9</sup> São Francisco do Sul – SC, abril/2003.

- a) a satisfação pessoal de viver ali, pessoas sorridentes e de bem com a vida;
- b) simplicidade de vida, mas com padrão de qualidade;
- c) a permanência na propriedade por opção “só saio daqui depois de morto” (informação verbal);
- d) preocupação com o estudo do filho, e seu próprio aperfeiçoamento, como forma de progredir e ter mais sustentação;
- e) comparação da sua realidade de vida com a de outra pessoa, exercendo a avaliação como referencial;
- f) preocupação e consciência de eco-desenvolvimento ao se referir ao lixo urbano lançado ao mar;
- g) o cuidado com a preservação das espécies nativas e do ambiente em que vivem;
- h) aplicação de práticas da diversificação como agregação de valores;
- i) perspectivas de futuro, visível na pretensão de investimentos;
- j) o bem estar da família, pois embora de forma simples e artesanal, não vive mal;
- k) a vida ao ar livre, em contato permanente com a natureza, sem poluição e sem o estresse do dia a dia, alimentação natural, farta e saudável;
- l) a consciência profissional. A visão de geração de emprego familiar e renda.

Registro também, supondo que acontece de forma criativa, a presença do conceito de multifuncionalidade. A pesca parece ser o carro-chefe, mas o fato de consertar motores e as próprias embarcações, fazer as redes, revela alternativas deste conceito. O multifuncional envolve as pessoas no aproveitamento do potencial familiar e da gestão do tempo vago, entre uma atividade e outra. Enquanto há quem, em dia chuva, deixa chover, os que têm criatividade e força de vontade, asseguram mais tranquilidade, com atividades alternativas.

Segundo BIANCHINI, (2002, p. 74) são variáveis sócio-econômicas: “a própria função do meio rural se alterou com o tempo. Atualmente discute-se muito a perspectiva da multifuncionalidade da agricultura. No espaço rural se desenvolvem funções produtivas, de preservação do meio ambiente, da cultura, de espaço de moradia, de lazer, da localização de unidades fabris ou de serviços”.

Finalmente resume a multifuncionalidade do espaço rural “a função de produzir bens e serviços (econômica), a função de gestão do meio ambiente (ecológica) e a função de ator do mundo rural (social)” (BIANCHINI, 2002, p. 107).

Foi sem dúvida, após uma densa teorização através de leituras, textos complementares e exposições de pesquisadores, a mais perfeita aula prática, a maior dissertação de vida em desenvolvimento e sustentabilidade familiar, experienciada na história de vida de seus simultaneamente autores e atores.

## CONCLUSÃO

Este capítulo não teve a pretensão de esgotar temas, ou fechar questão sobre conceitos ou termos aqui lançados. Pelo contrário, ao tomar notas durante palestras, visitas, dias de estudo, ou ao fazer grelhas de inúmeros livros lidos ou consultados, busquei sempre estar atento a tudo, ou seja, transcendi a situação de ator e tornei-me autor.

Usando uma comparação de Jean Claude GIMONET (informação verbal) feita por ele, pelo menos duas vezes durante meu mestrado, ao me imbuir da função de pesquisador, parei de olhar a rua do alto da sacada, desci para a rua e senti as pessoas, suas angústias, seus anseios e emoções. Voltei à sacada, e ao olhar o mundo lá embaixo, eu o vi de modo diferente. Não foram as pessoas que mudaram, fui eu que modifiquei meu olhar. DEMO fala com muita propriedade:

“No extremo, é impossível ser professor ou monitor “de qualquer coisa” [grifo do autor], até porque sequer seria viável ser monitor, entendendo-se por monitor alguém que não tendo necessariamente domínio da matéria, se apresenta como instrutor útil eventual. Esta postura permite afirmar que somente tem algo a ensinar quem pesquisa. Os alunos não podem bastar-se com a formalidade vazia de alguém que é professor ou monitor porque foi contratado e investido na autoridade formal, mas necessitam de um autêntico mestre, compreendido como professor ou monitor que tem o que dizer a partir da elaboração própria” (1999, p. 49).

Tudo que escrevi neste primeiro capítulo não está pronto. Não são receitas. As palavras se desgastam rápido, os conceitos evoluem, surgem novos ângulos, surgem novos conceitos, que precisam ser estudados e pesquisados.

O que fiz foi teorizar, contextualizar com intuito elucidativo, de embasamento para o estudo e compreensão dos dados da investigação. O pesquisador é um eterno insatisfeito que faz de

sua própria insatisfação uma alavanca para remover as pedras grandes do caminho, pois as pequenas ele as ajunta com as mãos.

## **CAPÍTULO II - FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL**

### **INTRODUÇÃO**

À guisa de introdução a este capítulo, como pensamento reflexivo para uma análise da práxis docente, cito frase de um pedagogo português, cujas idéias aprendi a admirar, a partir de leituras feitas durante o mestrado. NÓVOA caracteriza assim os profissionais da Educação:

“Os professores são funcionários, mas de um tipo particular, pois a sua ação está impregnada de uma forte intencionalidade política, devido aos projetos e às finalidades sociais de que são portadores. No momento em que a escola se impõe como instrumento privilegiado da estratificação social, os professores passam a ocupar um lugar – charneira nos percursos de ascensão social, personificando as esperanças de mobilidade de diversas camadas da população: agentes culturais, os professores são também, inevitavelmente, agentes políticos” (1995, p. 17).

Ao ler a frase de Antônio NÓVOA, passam pela minha cabeça, como num filme, facetas dos meus mais de 30 anos como professor da rede pública brasileira, a serviço da Educação, no Estado do Paraná.

Embora fruto de uma formação clássica, de moldes prussianos, que valoriza o cumprimento do dever, o assumir de responsabilidades, a busca dos conhecimentos de forma intensa e exaustiva, o curvar da cabeça frente às ordens superiores, em suma, a nata de uma escola, além de clássica, científica e humanista, na essência de uma visão de mundo amplo e complementar, a vida não tirou de mim a insubmissão a paradigmas rígidos ou engessantes.

Ocupar um lugar charneira significa estar para a educação, como a dobradiça está para a porta, ou algo similar que a utilize. É estabelecer liames, é interligar, é abrir passagem, é criar oportunidades, é abrir-se à realidade do outro para, a partir de sua experiência, construir novas realidades, é prova de flexibilidade, sem perder a robustez e a coerência.

O educador, e todas as pessoas o são por essência, lembrando PINEAU (2002), nasce para ter asas, que buscam o infinito, para interagir consigo mesmo (auto), com os outros (hetero) e



com o mundo (eco), ciente, no entanto, de suas limitações. Audaz, porém, o suficiente, para romper barreiras, pois os espíritos dos formandos não se aprisionam em gaiolas, mas transcendem as paredes das salas de aula, os muros da escola e as porteiras da propriedade. Eles, como nós, nascem para o mundo e para a vida.

Leonardo BOFF, teólogo e filósofo, autor de mais de 40 livros, protagonista da Teoria da Libertação, numa palestra do Fórum Mundial Social em Porto Alegre, colocava os seres humanos como águias ou galinhas. O filhote de águia, mesmo que criado no terreiro, não perde sua aguiíce e, em dado momento, fita o sol e ergue vôo para as alturas, pois este é seu perfil. As galinhas, por sua vez, continuam no terreiro, recebendo sua ração diária de alimento, no ostracismo de sua galinhice.

Já no seu livro *Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*, BOFF (1999, p. 33) preconiza um novo universo, uma nova forma de interagir e que garante a proposta formativa do ser humano, seja ela formal ou experiencial, pois ambas coexistem no cuidado. “O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato, é uma atitude... e atitude é uma fonte, gera muitos atos”.

Aliás, essa fonte está no interior do ser humano, lhe é peculiar e inerente, perpassa todas as suas ações formativas. É próprio do ser humano colocar cuidado em tudo que faz. Se não coloca cuidado, as coisas se desmantelam e desaparecem (BOFF, 1999).

Os paradigmas são balizas importantíssimas na condução do nosso agir. Eles, no entanto, não podem se transformar em cercas de terreiro. O professor – educador, sobretudo, necessita de audácia para romper com formas estereotipadas, com receitas didáticas do poder, com modelos muitas vezes traçados com intuítos dominantes.

Quanto ao nosso exercício de agentes culturais, em que pesem nossas limitações... neles eu ponho fé, que nos saímos muito bem. Basta, talvez, termos consciência profissional e domínio do saber. Temos que dar crédito, independente de possível desilusão, aos mestres, que todos sejam detentores do que eu englobaria no mote competência técnica (NÓVOA, 2002).

Nossa preocupação, se bem entendi NÓVOA (2002) no excerto acima, reside no que eu grifo como compromisso político. Aqui reside o diferencial. Ao receber meus diplomas

universitários, que me formaram professor, eu não os recebi dentro de contexto social em mudança. Muito menos havia neles um aditamento da minha prática reflexiva e participação crítica, na expressão de PERRENOUD. Afirmo ele:

“Quando visa à transformação das pessoas, de suas atitudes, de suas representações e de seus atos, a análise das práticas exige que todos realizem um trabalho concreto sobre si mesmos; ela exige tempo e esforços, expõe ao olhar alheio, estimula o questionamento e pode ser acompanhada de uma crise ou de uma mudança de identidade” (PERRENOUD, 2002, p. 121).

Por uma questão de foro íntimo, sabia, no entanto, que jurava uma competência e um compromisso, vivenciados na minha vida profissional, que não deveriam estar a serviço de estruturas ou oligarquias espúrias do poder e do saber, mas sim engajados na promoção do jovem e do adulto, do homem e da mulher, não apenas como sábios, como cidadãos, como profissionais, mas, sobretudo, como seres humanos ímpares, merecedores de uma vida com qualidade e feliz.

JOSSO (2002, p. 65) dedica o quarto capítulo do seu livro *Experiências de Vida e Formação*, como procura de uma arte de viver em ligação e partilha, tradução dada por ela para caracterizar a expressão idiomática francesa *reliance*. No mesmo texto, faz alusão ao que Gaston PINEAU dizia em *Produire sa vie*, para lá do seu valor de uso, pelo seu valor de sabedoria. Mas não pára aí, pois o véu envolvente do texto é a busca da felicidade. Afinal, como eu afirmei no parágrafo anterior, o que cada um quer, lá no fundo, é ser um pouco mais feliz. “Se a felicidade pode resultar de uma feliz e excepcional disposição interior, que leva a satisfazermos-nos com a sorte que temos e as oportunidades que a vida nos oferece, o seu alcance é considerado, a maior parte das vezes, como o fruto de uma longa peregrinação e resulta do mérito dos nossos esforços para a conquistar” (JOSSO, 2002, p. 68).

Mas num outro momento de sua obra JOSSO (2002, p. 67) nos adverte que “ser feliz é um permanente estado de alerta, pois com o aspecto experiencial vemos entre outros enfoques, que a vida é fugaz. Com a acumulação das experiências de vida, a constatação da fragilidade da felicidade e da nossa inconstância impõem-se cada vez mais. Esta impermanência exige deslocamentos para preservarmos os nossos territórios felizes já adquiridos, deixarmos aqueles que se tornaram uma ameaça para o nosso sentimento de integridade, até

conquistarmos outros. Ora, se é uma conquista pessoal, ela tanto está para as pessoas em processo escolar formal, como às que já se encontram inseridas no dia-a-dia das atividades profissionais”.

Farei então, aqui, uma abordagem a vários ângulos da formação formal e experiencial, através da prática e da teorização dela, no processo escolar ou fora dele e que servirá tanto para mim, quanto para o leitor, como uma reflexão sobre o processo de formação de uma pessoa e sua prática, num mundo, de carência de valores e referenciais de vida, marcado pela violência, pela falta de ações solidárias e pelo medo.

O tema da solidariedade não se restringe a pessoas, mas é uma questão de todos. PERRENOUD (2003) reforça a questão da solidariedade no processo formativo, não como um dom gratuito entre humanos, pois a solidariedade não é espontânea, é uma conquista contra o egocentrismo e o egoísmo. Os relatos biográficos da construção de vidas de pessoas, que tiveram que batalhar muito para serem vencedoras, estão cheios de testemunhos de luta contra o etnocentrismo e os interesses particulares de grupos ou das pessoas que fazem o poder. “A solidariedade é uma construção social e cultural, uma conquista frágil da civilização” (PERRENOUD, 2003, p. 19).

Viver e agir nesta panorâmica exige cada vez mais uma inserção das pessoas no seu meio, para se tornarem assim agentes transformadores eficazes, e bússolas seguras a dar rumos criativos à força incontida do jovem ou do adulto, que buscam participar da história, enquanto escrevem a sua, numa visão reflexiva sobre ela. Farei a seguir, quatro abordagens que presumo importantes e esclarecedoras no que concerne ao tema em pauta.

## **1. UMA ABORDAGEM SOBRE OS AGENTES DA FORMAÇÃO ESCOLAR E SEU MEIO**

Pode-se afirmar, sem medo, que a riqueza da formação brasileira tem a cara dos que nela trabalham, dos que o fazem primando, especialmente, pela busca permanente de uma competência técnica embasada no estudo diuturno. É claro que a competência, por si só, pode transformar os docentes em robôs frios, se a ela não se juntar um compromisso político. Este se traduz pelo engajamento, pela militância, pela absorção dos problemas sociais que envolvem as pessoas, que as colocam em processo de formação.

Reforçando o que comentei na introdução do capítulo, este processo formativo acontece no eu da pessoa frente a si mesma, na sua individualidade, quer no seu coletivo, no seu relacionamento com o grupo, ou no grupo, quer na sua integração com o universo, numa clara alusão à educação tripolar de PINEAU (2002) ou na postura reflexiva de LIBÂNEO (2002), partindo para uma auto-análise do pensar e do agir, feita consigo mesmo ou frente aos outros; bem como da teoria da mediação de Paulo FREIRE, onde os homens e mulheres se educam em comunhão, mediatizados pelo meio.

A formação escolar, por seu turno, se caracteriza por ser aquela que acontece dentro da casa do saber, ou seja, a escola. O cognome de casa do saber não é gratuito, pois ela vem acompanhada de responsabilidades, consigo mesma, com o público que a frequenta e com o saber. A propósito PEÑA (2001, p. 73) lembra que “há necessidade de o professor apropriar-se do conhecimento científico, saber organizá-lo e articulá-lo, de ter competência. Mas essa competência, para o verdadeiro educador, deve estar impregnada de humildade, de simplicidade de atitude”.

No seio da escola verificam-se ainda reflexos e conseqüências das décadas do autoritarismo, embora seus mecanismos considerem-se abolidos. Há, no entanto, quem esconda sua prática autoritária nos meandros da tecnoburocracia, e esta forma de agir é conservadora. GADOTTI (1986), que é referencial em discussões como competência técnica e compromisso político, afirma que não se superou ainda a dicotomia entre saber e poder e que a dificuldade em integrar a competência técnica no compromisso político poderia conduzir a um novo autoritarismo. “Dentro dessa concepção da educação, o educador assume um caráter de agente de controle, defensor dos interesses do estado dentro da escola e não defensor dos interesses da população diante do estado”. E arremata: “A concepção tecnoburocrática leva educadores a pensarem que o problema da educação é saber como é preciso **fazer** [grifo do autor] para ensinar e não como é preciso **ser** [grifo do autor] para poder ensinar” (GADOTTI, 1986, p. 6). Esta reflexão se impõe como prática de responsabilidade profissional.

Aliás, numa divagação rápida, lembrei do que Paulo FREIRE estabeleceu e rotulou como concepção bancária da educação, que, ao ser reprodutora, transforma-se em instrumento refinado de opressão, pois segundo ele “na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (1978, p. 67).

Verifica-se, ainda hoje, uma presença deste protótipo na educação, tanto no ensino tradicional, como nos CEFFAs. A negação, no educando, da capacidade de pensar seu próprio pensamento, de possuir saber construído, de criar senso crítico, de ter liberdade de escolha, enfim, de ser sujeito da sua história e artífice dela, leva muitas organizações ao ostracismo pedagógico, infelizmente ainda existente. Gera tristeza constatar, ainda presente hoje, com novo milênio e tudo, essa prática que FREIRE chama de necrófila<sup>10</sup>.

Assumir postura desaloja, exige esforço, e isso gera trabalho, obriga ao abandono da inoperância. O empane do espírito impede a visão de um mundo em ebulição, em evolução cada vez mais acelerada. Desvanece a auto-estima e a autocrítica, escapa à visão a ânsia dos jovens e adultos por mudanças, por quebra de paradigmas.

É importante dar-se conta de que a linha tradicional já abriu passagem para uma consciência crítica. Na ótica avaliativa de LIBÂNEO (2002, p. 33), “a educação libertadora, ao contrário, questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação – daí ser uma educação crítica”.

Aquele que age à luz da idéia dominante reproduz o sistema e isto é horrível, nada criativo. É bem verdade que todo sistema educacional tem, nas raízes, o reflexo do sistema social e político dominante. Aliás, entenda-se, é impossível dissociar totalmente o ideal do real. O profissional crítico e criativo, porém, saberá distinguir, com argúcia, a linha de transição.

O que caracteriza esse profissional é a sua libertação de estereótipos, que reduzem a lucidez da mente e embotam o raciocínio. Há nele, além da fuga de reproduções fiéis, que o tornariam fixo e imutável, a busca da modéstia pedagógica, que o torna um eterno aprendiz, um artista do saber, insaciável pela perfeição da sua arte.

Esta tela ele a quer cada vez mais expressiva, alegre, perceptível em seu significado e crítica em sua mensagem, tradutora do mundo sem perder a noção de sua interioridade e retrato da

---

<sup>10</sup> A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida (FREIRE, 1978, p.74).

realidade sem perder as nuances de intervir nela, provocando emoções, acreditando que ela pode gerar mudanças. Ela tem a sensibilidade de Apeles, pintor grego que viveu antes de Cristo, e que ao expor suas pinturas escondia-se atrás delas, sabia escutar as críticas dos visitantes e queria bem às suas obras. Apeles nos dá dupla lição: a mensagem da aglutinação semântica verbal saber ouvir e a necessidade de superar uma das grandes carências das nossas escolas: a benquerença, o gesto de um ensino solidário e, porque solidário, esperançoso.

A escola esperançosa se coloca diante do novo e o desafia, sabendo dos riscos que corre. Age com segurança e suavidade, pois reconhece suas limitações e fraquezas, mas acredita que é possível mudar. Vive com sede e fome permanentes. Bebe a água das ansiedades e inseguranças dos educandos e se alimenta de seus questionamentos, de suas idéias loucas, de suas inexperiências. Ajuda a transformar seus desatinos em ações alegres e esperançosas, fruto de uma postura progressista. FREIRE (1978, p. 66), na sua *Pedagogia do Oprimido*, destaca que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”.

Percebi, durante o mestrado, nas minhas incansáveis e intensas pesquisas e leituras bibliográficas, uma preocupação muito grande entre todos os pedagogos, pesquisadores da educação, no que tange à situação das escolas, o papel dos educadores e sua formação contínua, bem como o real conduzir de suas práticas. Aprofundarei mais adiante esta temática. Não posso, no entanto, encerrar minha fala de teorização sobre os agentes da formação escolar e seu meio, sem comungar com NÓVOA a idéia de fundar novamente a escola:

“A “refundação” [grifo do autor] tem muitos caminhos, mas todos eles passam pelos professores. Esta profissão representou, no passado, um dos lugares onde a idéia de escola foi inventada. No presente, o seu papel é essencial para que a escola seja recriada como espaço de formação individual e de cidadania democrática. Mas, para que tal aconteça, é preciso que os professores sejam capazes de reflectirem sobre a sua própria profissão, encontrando modelos de formação e de trabalho que lhes permitam, não só afirmar a importância dos aspectos pessoais e organizacionais na vida docente, mas também consolidar as dimensões colectivas da profissão” (2002, p. 48).

Vejo lançado um desafio, que não é fácil. É hercúleo e exige engajamento de todos. Necessário se faz escolas e mestres saírem da retranca pedagógica e assumirem, de fato e em definitivo, a recriação da escola e da profissão.

## **2. UMA ABORDAGEM SOBRE TEORIA E PRÁTICA**

Abro este enfoque retomando o pensamento de BOFF (2002) sobre o saber cuidar, ou sobre, diria eu, a Pedagogia do Cuidado. Pedagogia, aqui, num sentido amplo, na dimensão que GADOTTI (1986) dá a sua Pedagogia da Terra. Faço isso porque vejo uma idéia maiúscula por detrás do bucolismo e singeleza com que o autor trata o tema, sem perder uma vírgula da importância e gravidade do mesmo. Não atentei, porém, em momento algum, a uma faceta que DEMO analisa com propriedade:

“Desde que Boff lançou esta idéia, tornou-se claro que saber cuidar é parte intrínseca do saber pensar. A muitos poderá ocorrer que saber cuidar se restrinja a “cuidar”, sobretudo em sentido assistencial e já assistencialista. A outros, saber cuidar revela quase que apenas o sentido ecológico do desenvolvimento. Entretanto, creio que na “arqueologia” do saber cuidar está a visão de que o conhecimento não implica somente a capacidade de compreender, devassar e interferir na realidade, mas igualmente a de conviver com ela, tomá-la como parâmetro da sobrevivência, reconhecê-la como maior que nós” (2000, p. 55).

Vejo neste comentário uma alusão a conhecimentos adquiridos teoricamente e levados à dimensão de vivenciais pela prática. Esta integração do compreender e do conviver nos sugere a necessidade de transcender o intelecto e concretizar na ação o gesto da vida em sua plenitude. Além do mais, nota-se a transição do individual, compreender é uma atividade pessoal, para uma característica coletiva, expressa pelo viver com, pelo conviver.

Em boa hora abandonou-se a tese que classificava e colocava em tempos diferentes a teoria e a prática, aparecendo esta como desdobramento daquela. Havia assim o momento da teoria, e *a posteriori* acontecia, como resultado, a prática, muitas vezes descolada do próprio contexto, quando não da realidade da própria vida. Esta dicotomia foi cedendo espaço a enfoques mais lógicos ou, pelo menos, pertinentes.

Este enfoque faz valia ao equilíbrio necessário entre conceitos. Sem ele corre-se o risco, de repente, de dar supremacia à prática, num movimento contraditório. Neste sentido, DEMO defende a necessidade de não olvidar a teorização das práticas, como forma de lhe dar maior respaldo científico, dizendo:

“A competência sempre renovada alimenta-se também da capacidade de colocar sob questionamento a prática, a rotina de trabalho, o ambiente diário do exercício profissional etc.; a idéia é trazer a prática de volta para a teoria, aplicando-lhe um choque de crítica, dentro do reconhecimento de que a prática somente se mantém inovadora, se voltar à teoria, e desta retornar à prática” (2000, p. 71).

Está engastada aqui a própria preocupação decorrente disso, onde não se vai chegar a bom termo na formação de um profissional competente, através dos treinamentos, na doce ilusão de que basta escutar aula e fazer prova, ou participar de cursos e ir embora para casa, sem fazer a análise reflexiva de tudo. Este modo de agir cheira mais a adestramento que a uma ação deveras pedagógica.

A construção e execução de currículos contemplam, com destaque, os espaços dedicados à teoria, ficando as práticas como desdobramentos não necessariamente presentes. No campo da pesquisa, a teoria continua sendo elemento privilegiado, ímpar e indispensável, para que ela seja reconhecida como tal. O que eu faço agora neste capítulo é a prova incontestada da assertiva acima.

Esta realidade nos leva à reflexão de que a pesquisa é indispensável ao docente. Diz DEMO, sociólogo brasileiro que mais debateu o tema em seus livros “o professor só pode ensinar aquilo que pesquisa. Caso contrário, apenas ensina a copiar. Ensinar a copiar não é ciência, e muito menos educação” (1993, p. 225). É necessário que os profissionais docentes, aqueles que põem a mão na massa lá na sala de aula e não apenas os teóricos se dediquem à pesquisa e que esta seja uma atitude cotidiana.

Aprofundando assim esta linha de reflexão, passamos a entender melhor a questão da teoria e da prática e qual é o seu intrínseco relacionamento. FREIRE (2003, pp. 42-43) nos alerta, na



Pedagogia da autonomia, que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. “O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como um dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. A análise de toda e qualquer profissão nos leva a emitir questionamentos e, infalivelmente, um deles acaba tendo sua vertente na discussão da teoria e da prática.

Esta discussão interessa sobremaneira, já que falamos deles no capítulo anterior, aos CEFFAs, cuja alternância entre a propriedade e a escola não deixa de ser uma alternância entre a prática e a teoria, entre o saber experiencial, com raízes no aprendizado da formação não escolar e o saber formal, teorizado nos compêndios. Mister se faz abordar o tema com mais profundidade.

No entanto, questiono um pouco mais, sem sátiras, pois é real o que escrevo agora. É inadmissível, ficando com categorias profissionais de dentro dos CEFFAs, que o meio universitário forme um professor, que nunca adentrou numa escola, que nunca deu aula, que não sujou suas mãos com o giz, que não vivenciou questões disciplinares, ou intercambiou a construção do conhecimento a partir dos alunos, ou em conjunto com eles.

Da mesma forma é inconcebível que a faculdade forme um agrônomo, cuja vivência não passe de alguns estágios, mais para cumprir tabela, mas que nunca privou da convivência diuturna com o homem do campo, lá na sua propriedade, vivendo *pari passu* com ele, examinando *in loco* seus problemas e participando da solução deles, não como atividade momentânea, mas como postura de profissional. Ou que, comparativamente ao giz, não afundou suas botinas nas terras molhadas ou barrentas da lavoura e não as sujou com o esterco dos animais em locais não tão ecológicos como gostaríamos que fossem.

DEMO questiona e descreve de forma plástica esta realidade do distanciamento dos estudos e da prática pedagógica, afirmando que “em ciências sociais, parece-nos claro que a prática deve ser estritamente curricular, não somente a teoria. Não serve o estágio como sucedâneo. Nem a teoria é maior, nem a prática... uma das coisas mais ridículas em ciências sociais é a teoria sem prática, ou a teoria como prática” (1999, pp. 56-57). Por outro lado, DEMO argumenta sua tese e lhe dá fundamento, através de um raciocínio lógico, ao afirmar:

“A prática deve tornar-se curricular, por exigência teórica também, assim como toda prática precisa ser teorizada. A prática não se restringe à mera aplicação, porque é parte intrínseca da teoria – desde que esta seja deste mundo - e por isso compõe também o processo de gestação, atualização e superação do conhecimento. Deve ser tratada na condição de matéria curricular, como qualquer outra, e gerar o mesmo contexto de pesquisa e produção própria” (1993, pp. 224-225).

Haverá um caminho longo e pedregoso antes da concretização das proposições acima. Arrojadadas, elas não deixarão de receber os aplausos dos espíritos criativos, mas, por outro lado, também as restrições do meio acadêmico. Usando um trocadilho, a temática é complexa, dá margem a muitas elucubrações teóricas, antes de acontecer de fato sua instauração na prática.

Fecho estas considerações lembrando um comentário de Philippe MEIRIEU, no seu livro *A pedagogia entre o dizer e o fazer* “toda vez ocorre essa coisa estranha: entre a teoria e a prática, esta coisa trabalha e, paradoxalmente, ficamos felizes de ver que se uma boa teoria é bem prática, a prática sempre põe em xeque nossas mais belas teorias, sem com isso comprometer automaticamente o êxito do que está em jogo no ato educativo” (MEIRIEU, 2002, pp. 32-33). Do que defiro, numa visagem poética, que muita água ainda vai passar por baixo dos vãos teóricos de pontes abstratas ainda não construídas.

### **3. UMA ABORDAGEM SOBRE FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL**

Esta abordagem, de início, pensei fazê-la num contraponto entre formação formal *versus* educação não-formal. Pensando melhor, porém, vou seguir a máxima latina, *qui bene distinguit bene docet*<sup>11</sup>, e ficar no ponto de vista objeto deste trabalho que é o contraponto da primeira, frente à formação experiencial, que abordarei, de forma concomitante. É óbvio que em todo o processo educativo existem práticas tanto formais como não-formais, pois não há nesta visão dois tipos de educação.

Gostaria também de não jogar na mesma vala comum a formação não formal e a formação experiencial. Embora ambas não estejam dentro de um processo tradicional, seus objetivos

---

<sup>11</sup> Máxima latina que significa clareza de idéias na exposição: “aquele que bem distingue, bem ensina”

também estão ligados na socialização do indivíduo dentro da sociedade. Elas se diferenciam no meio e na forma que aplicam seus objetivos. Atuam de forma difusa, menos hierárquica e burocrática (FUCS-BAR, 2003). A formação experiencial, porém, vai além. Ela tem bem definido o seu ponto de origem: a experiência vivida.

Independente da sistemática das ações pedagógicas, todas elas devem respeitar valores universais consagrados. A igualdade de oportunidades, a tolerância, a democracia, que são liberdades fundamentais, devem estar, mais do que nunca hoje, a serviço da construção de consciências voltadas ao equilíbrio entre o saber, o fazer e a construção da paz, através de uma vida digna e de qualidade.

Para melhor embasar esta reflexão, procurava eu ler textos sobre a temática na *internet* e me chamou a atenção uma leitura de Elvira de Souza LIMA (2003), pois segundo ela é necessário saber que o conhecimento formal não nasce caoticamente, mas de forma sistematizada. Esta sistematização acontece pela razão simples de a educação formal ter como objetivos claros e específicos a socialização do indivíduo dentro de normas da vida em sociedade.

A escola é a lúdima representante desta educação, pois é fiel a seus parâmetros de preparação para fase sucedânea de estudos, sobretudo o ingresso na universidade. Para tanto seus métodos são rígidos no que diz respeito a provas, a avaliações quantitativas, ao espírito de competição, a punições (a reprovação, por exemplo). Fique claro que isto não desmerece seu papel, embora seja ela muitas vezes excludente de percentuais de educandos que ficam no meio do caminho deste processo educativo. E isto, pelo menos penso eu, não é democrático.

Jayme FUCS-BAR (2003) define a educação, no sentido amplo, como sinônimo de socialização do indivíduo e compreende todos aqueles processos, institucionalizados ou não, que visam transmitir determinados conhecimentos e padrões de comportamento, a fim de garantir a continuidade da cultura e normas da sociedade.

Percebe-se aqui um alargamento de conceitos. A não-caoticidade, pregada por Elvira de Souza LIMA (2003), fica clara ao se juntar aos processos institucionalizados de Jayme FUCS-BAR (2003), salvaguardado o papel da escola. Ela é depositária da educação obrigatória por lei, preconizando, portanto, que ela não é só de responsabilidade da família, mas também

competência da escola. Não apenas a educação passa a ser competência da escola, mas a escola precisa desenvolver competências no seu âmago e nos alunos.

Não temos uma definição unânime e coletiva do que sejam estas últimas competências a que me refiro no parágrafo anterior. PERRENOUD diz que “as competências, no sentido que será aqui utilizado, são aquisições, aprendizados construídos, e não virtualidades da espécie” (1999, p. 21). Isto equivale a dizer que não nascemos com elas, mas as construímos no desenrolar da vida, seja por iniciativa pessoal, seja pela força da escola.

Quando falo escola entendo, por um lado, o esforço na mudança de postura do professor frente a seus alunos, cedendo-lhes parte de seu tempo de aula para ações de interação transversal nas diversas disciplinas.

Diz YUS: “Essa estratégia se baseia em teorias psicossociais que passam dos sentimentos à ação, animando os professores a tirarem seus alunos da escola para que aprendam experiências da vida real. A transversalidade dá muito mais ênfase ao trabalho ao nível da escola, embora coincida em sua proposição globalizadora” (1998, pp. 219-220). Mas por outro lado, a escola formal, como estrutura, não deve sobrecarregar seus currículos transformando-os em verdadeiros conteudistas, muitas vezes alienantes, ou alienados aos desejos da população que também a integra, como pais e alunos.

Em entrevista à Revista Nova Escola, PERRENOUD (2003) ao se reportar à idéia de competência em educação afirma:

“A abordagem por competências é uma maneira de levar a sério um problema antigo, o de transferir conhecimento. Em geral, a escola se preocupa mais com ingredientes de certas competências e menos em colocá-las em sinergia nas situações complexas... Os alunos acumulam saberes, passam nos exames, mas não conseguem mobilizar o que aprenderam em situações reais, no trabalho e fora dele (em família, na cidade, no lazer etc.). Isso é grave para aqueles que freqüentam aulas somente por alguns anos”.

Não é objetivo do presente trabalho aprofundar o tema das competências. Julguei, entretanto, pertinente fazer esta digressão, tendo em vista que na análise do itinerário de um agricultor, que apenas freqüentou a escola durante um ano e meio, lá na sua infância, há momentos experienciais que só entenderemos à luz destas considerações feitas.

Caso contrário teríamos que admitir a existência de uma categoria de pessoas, que poderíamos chamar de deserdados intelectuais da sorte, a quem restaria realizar tarefas braçais ou de segunda categoria, trabalhar a terra, por exemplo. A estes bastaria soletrar as primeiras letras e assinar o nome, porque tendo essa aptidão se tornam eleitores e seus votos interessam ao poder.

A manutenção do cabresto mental, embora se negue, ainda continua a existir. “A idéia de que todo mundo deve ser instruído para ser livre, qualquer que seja sua origem e seu destino profissional, é uma idéia muito moderna, que levará dois séculos para trilhar seu caminho e que não é, ainda hoje, admitida por todos! Uma parcela de nossos contemporâneos ainda pensa, mesmo que não o diga, que à maioria dos indivíduos basta saber só o necessário para integrar-se ao mundo do trabalho” (PERRENOUD, 2000, p. 28).

Ora, atualmente o mundo do trabalho constitui um ponto de busca para as pessoas. Nos mais diferentes locais e conversas ele está presente, até porque é infindo o número de pessoas que não tem acesso a ele. Logo, a educação deve reservar um lugar ao sol para a discussão entre escolaridade e emprego. A articulação da dualidade educação e trabalho aparece aqui como uma questão não resolvida nos sistemas educacionais. A solução passa, necessariamente, pela quebra paradigmática e isto gera um desconforto pedagógico.

Segundo VASCONCELLOS “além de influir sobre nossas percepções, nossos paradigmas também influenciam nossas ações: fazem-nos acreditar que o jeito como fazemos as coisas é o certo ou a única forma de fazer. Assim costumam impedir-nos de aceitar idéias novas, tornando-nos pouco flexíveis, e resistentes a mudanças” (2002, p. 31).

Precisa-se de garra de educador, clareza de visão e firmeza de atitudes para se enfrentar esta realidade. Segundo GADOTTI “o papel do pedagogo é educar, e educar supõe transformar, mas não há transformação pacífica. Ela é sempre conflituosa. É sempre ruptura com alguma coisa: preconceitos, hábitos, comportamentos, etc. Por isso, uma pedagogia transformadora é sempre uma pedagogia do conflito” (2000, p. 144).

Em todas as revoluções culturais educativas a dicotomia do contraditório se faz presente. Nenhuma rotulação é globalizante o suficiente para encarnar de forma plena

estes contrastes. GADOTTI (2000) lembra que complexidade<sup>12</sup> e holismo<sup>13</sup> são palavras cada vez mais ouvidas nos debates educacionais. MORIN fala destas complexidades ao dizer:

“É preciso notar que toda cultura, que poderia ser considerada por nós arcaica e primitiva, contém nela própria, uma mistura de sabedoria, de verdades profundas, de conhecimentos, e de erros e superstições. Mas nossa sociedade também tem os mesmos elementos de conhecimento, de verdade, de erros e superstições. Frequentemente o que chamamos de razão é algo profundamente irracional” (MORIN, 2002, p. 17).

Surge aqui uma pergunta. Neste emaranhado de idéias lançadas, nas entrelinhas da leitura de GADOTTI e MORIN, como se portará o docente desacreditado nas suas práticas? Uma revisão honesta delas se impõe. Não há como fugir às exigências de novos tempos. Os meios de comunicação receberam na informática um aliado a mais na difusão de conhecimentos, na socialização de saberes e na formação opinativa das pessoas. A mídia é uma presença irrefutável na escola. O docente precisa ser ágil na absorção das mudanças e sua participação em eventos, suas leituras de novas teorias, o contato com outros educadores e autores lhe fará bem. Segundo DEMO:

“A transmissão do conhecimento é indispensável, até porque conhecimento novo provém, pelo menos como ponto de partida, de conhecimento anterior. Todavia, isto é ponto de

---

<sup>12</sup> Segundo MORIN (2002, p. 11) “Utilizamos freqüentemente a palavra complexidade, mas somos incapazes de separar e rejeitar os elementos dos quais estamos falando. Não conseguimos encontrar uma explicação e uma definição. É por isso que a palavra complexidade se torna uma palavra vazia, que tapa buracos. E, se ela é cada vez mais utilizada, isso só prova nossa importância, cada vez maior, de poder falar desses fenômenos que chamamos de complexos. Então por que estamos desarmados perante a complexidade? Porque nossa educação nos ensinou a separar e isolar as coisas. Separamos os objetos de seus contextos, separamos a realidade em disciplinas compartimentadas umas das outras. Mas, como a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é incapaz de perceber o *complexus* – o tecido que junta o todo.”

<sup>13</sup> Holismo segundo o Novo Aurélio: dicionário da língua portuguesa: Holos em grego significa todo. Teoria segundo a qual o homem é um todo indivisível, e que não pode ser explicado pelos seus distintos componentes (físico, psicológico ou psíquico), considerados separadamente.

partida, é insumo. O objetivo maior é a “reconstrução do conhecimento”, tomando-se isto como o fator crucial da competência moderna, no contexto da qualidade formal e política. Este processo, que inclui a socialização do conhecimento, exige tirocínio”<sup>14</sup> (2001, p. 41).

Como analisar então o conhecimento e a prática de quem não passou pelos bancos escolares, ou apenas aprendeu a soletrar? Como entender o sucesso profissional de uma pessoa que, usando sua própria expressão, saiu do zero? Ou seja, nasceu numa família pobre, sem maiores oportunidades de estudo, viveu e se criou nesse ambiente e, sem capital, conseguiu ser vencedor, sendo a vida e a convivência com as pessoas a sua verdadeira escola.

#### **4. UMA ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO EXPERIENCIAL E A PRÁTICA REFLEXIVA**

Buscarei, a seguir, outros fundamentos epistemológicos que elejam como pano de fundo a formação experiencial, caminhando já para a visão reflexiva. Já fiz alguns enfoques dela frente à educação formal, mas penso ser imprescindível um aprofundamento. Até porque, no processo educativo de uma pessoa, não há situações estanques, mas uma interligação entre todos os fatores formativos. É na interação de todos eles que ocorre a formação integral das pessoas.

A formação experiencial acontece na linha não-formal da educação. Embora reflexiva, tem seu ponto de partida na prática. “Uma concepção coerente da formação de profissionais reflexivos não pode ignorar a análise de práticas como modelo e possível contexto da reflexão profissional” (PERRENOUD, 2002, p. 119). É um processo de construção de conhecimento a partir do empírico, derivado de experimento ou de observação da realidade. As experiências diretas estão no cerne da questão e não geram apenas conhecimentos. Elas aprofundam técnicas, desenvolvem valores e criam habilidades.

Observe-se bem que as técnicas estão colocadas aqui em clima de desenvolvimento de valores e criação de habilidades e não num modelo tecnicista, aliás, profundamente criticado por

---

<sup>14</sup> Tirocínio: prática em determinada profissão; experiência, vemos aqui uma alusão ao processo de formação experiencial.

Donald Shön apud ALMEIDA. O conhecimento profissional leva em conta muitos aspectos e daí sua riqueza, mas talvez o mais saliente seja exatamente o experiencial. A diversidade de contextos de trabalho, não apenas de professor, mas de médico, de jornalista, de promotor de vendas, de agricultor, pois SHÖN universaliza a temática a todas as profissões, em virtude das variáveis de vida que enfrenta, necessita ser elaborada e reelaborada permanentemente.

A professora de Mestrado de Minas Gerais Célia ALMEIDA, estudiosa de SHÖN, lembra que ele analisando a formação desses profissionais “aponta os limites de uma formação voltada para a reprodução, e defende a substituição deste modelo tecnicista por outro, que capacite o profissional a refletir criticamente sobre suas ações” (2001, p. 3). Ao se referir a um caminho a ser seguido condena o especialista que apenas aplica seus conhecimentos, para distinguir o que assume uma postura prática reflexiva. Na formação experiencial a ação e a tomada de decisões acontecem a partir, então, dos problemas que surgem durante o trabalho. Esta reflexão não deve acontecer apenas antes, mas durante e após as ações. Isto significa dizer que, “o processo formativo não se dá em momentos distintos – primeiro a formação teórica e depois a experiência prática, mas do diálogo da prática com a teoria... ou seja, ao refletir sobre a prática desenvolve uma atividade investigativa, que irá caracterizá-lo como produtor de conhecimentos práticos” (ALMEIDA, 2001, p. 4).

Logo, apenas reflexões teóricas, ou tão-somente teorias sobre as práticas, bem como a prática pela prática, tudo tende a se esvaziar. A experiência se caracteriza como atividade formativa, a partir do momento em que o saber, adquirido por este fazer, encontrar respaldo científico num processo reflexivo, de cientificação da ação. Daí a necessidade de teorizá-la:

“Forma interessante de pesquisar é partir da prática, submetendo-a a nova teorização. Dizemos que toda teoria precisa confrontar-se com a prática, porque, isto fazendo, tem que mudar, pois é impossível coincidência completa entre ambas. Vale o reverso: toda prática precisa voltar para a teoria, para poder ser revista e por vezes superada. A prática tem suas virtudes a começar por ser concreta, fazer parte da realidade, acontecer de verdade. Mas tem suas limitações: tende a converter-se em rotina, girando em torno de si mesma. Para evitar isso, é necessário propor, permanentemente, um banho de teoria crítica” (DEMO, 2000, p. 131).



A ação experiencial passa, então, a ser constituída não apenas pelas informações transmitidas, pela tradição familiar, por exemplo, de pai para filho, em gerações sucessivas, mas passa por um processo articulado de embasamento, através dos avanços ocorridos na respectiva área de atividade e de uma reflexão sobre tudo isso de forma holística.

COUCEIRO (1998) ressalta que toda a profissão leva a determinadas práticas, mas que elas não dependem apenas e tão-somente do simples embasamento obtido pelos saberes disciplinares. Isso poderia nos transformar em robôs que vão repetindo automaticamente ações programadas, de uma precisão extrema, mas que são frias e rotineiras. Vieram de uma ação consciente do programador. A máquina, porém, apenas as executa, na rotina do dia-a-dia, numa certeza construída pelo automatismo. As ações experienciais, “são resultado de um quadro interpretativo pessoal, construído através de múltiplos fatores, que tem a ver com a globalidade da história de vida, e que constitui um modo próprio de ver, sentir, pensar e agir” (1998, p. 53). A autora lembra ainda que, na temática da formação experiencial, o nome do professor David A. KOLB, PhD - *Philosophiae Doctor* por Harvard, é uma figura central nas discussões que enfocam o processo da aprendizagem experiencial.

Tendo como ponto de partida um debruçar-se sobre a experiência, a sua ação na prática e a reflexão sobre ela conduzem à criação de novos conhecimentos muito mais sólidos, porque sedimentados pela prática. O ir e vir da ação para a reflexão e seu retorno à ação lhe dão consistência de vida.

O modelo de aprendizagem experiencial de KOLB, RUBIN e MCLNTYRE (1990) encontra-se, amiúde, em discussões da teoria e prática da educação de adultos, da educação informal e do aprendizado ao longo da vida. KOLB criou o seu modelo a partir de quatro elementos: a experiência concreta, a observação e a reflexão, a formação de conceitos abstratos, a experimentação em situações novas. Colocou esses elementos, na ordem acima, em quatro determinados pontos de um círculo que foi denominado círculo da aprendizagem experiencial. Como a representação é em círculo, o início do processo, o início do ciclo, pode dar-se a partir de qualquer ponto, fazendo o percurso na forma de um espiral contínuo.

Na sua tese de doutoramento, ainda não publicada, COUCEIRO, lembrando PINEAU, destaca que “aprender pela experiência, do ponto de vista deste modelo, põe em

evidência duas operações mentais: a apreensão da experiência, que implica as ações de apreensão e de compreensão de modo a que seja possível ao sujeito apoderar-se diretamente dela, e a transformação da experiência que implica as ações de interiorização psíquica e de exteriorização social de modo a tornar possível a sua transformação. É essa transformação que permite a criação de conhecimento(s), que se situa(m), no entanto, numa perspectiva cognitiva, centrada na racionalização da experiência” (2000, pp. 71-72).

Mas, por outro lado, ressalva, abrindo um questionamento, pois, se houver a pretensão de se buscar uma formação que alcance a pessoa na sua totalidade, não é suficiente ter o modelo de KOLB, como única referência. Neste caso urge, como foi citado em parágrafo anterior, ter na ótica da formação o liame existente entre o sujeito com a globalidade da sua vida.

A propósito do enunciado do parágrafo anterior, WARSCHAUER, lembrando KOLB, RUBIN e MCLNTYRE, destaca que, no momento em que as experiências forem partilhadas, eclodem do interior do ser humano e se exteriorizam. Este momento é muito rico e especial e, sem dúvida nenhuma, deixa marcas formativas nas pessoas. “Numa situação de partilha é importante que os diferentes atores exteriorizem, na troca, suas intenções, objetivos e visões de mundo, confrontando seus diferentes significados, o que permite até mesmo reelaborá-los. Dessa maneira, tira-se partido das experiências de uns e outros, construindo um sentido próprio” (WARSCHAUER, 2001, p. 136). A partir destas considerações, abre um questionamento sobre o real papel da escola, que só se tornará espaço formativo, na proporção em que ali se dêem partilhas e em cujo espaço a função do educador não seja a de reprodutor do saber, mas a de “mediador e articulador dos pontos de vista, das negociações pessoais e diálogos com a cultura” (WARSCHAUER, 2001, p. 136). Ora, cabe uma questão: como a escola pode ser reflexiva se não abrir espaço para uma formação de igual ordem de seus agentes?

Estamos entrando aqui em mais uma faceta que deve moldar o perfil dos profissionais, independente de seus ofícios, sejam eles educadores, operários ou agricultores. É a sua formação reflexiva.

WARSCHAUER polariza com muita argúcia o experiencial e o reflexivo, em linhas complementares de pensamento, afirmando que “o lugar da experiência nos processos

de aprendizagem, de conhecimento e de formação, preconizados por autores tais como Piaget, Rogers, Jung, Freire, ganham outra dimensão com as contribuições de Josso, Dominicé e Nóvoa, pois estes insistem na importância de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas, o que se dá juntamente com a reelaboração da própria identidade e não por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas” (2001, p. 134).

Claro que a reelaboração da própria identidade, na visão da autora, pede um trânsito pela partilha, uma vez que esta se caracteriza pela idéia de “dar e receber, de maneira que para receber é preciso saber dar e, dando, cria-se a oportunidade de receber. Entretanto, isto não significa dar para receber, pois não se trata de troca” (WARSCHAUER, 2001, p. 178). Trata-se, sim, de uma guinada da práxis docente e formativa, pois, enquanto profissionais adultos se apropriam de novos saberes experienciais, modificam sua prática pela reflexão e tornam esses saberes produtivos.

Ao abordar a formação de adultos, em *Experiências de Aprendizagem e Histórias de Vida* (2001, p. 330) PINEAU chega a falar em movimentos de transição paradigmática, lembrando que o adulto não é uma tabula rasa, pois lhe são inerentes “diversas aprendizagens cognitivas ligadas à escola e outras ligadas à ação e à produção”. Por outro lado, esse emaranhado de aprendizagens não está posto em consonância. Há choques e rupturas por conta de diversidades sociais e pessoais, e isto é fonte geradora de conflitos cognitivos, profissionais, existenciais. É justamente porque esta bagagem se apresenta em peças separadas que a vida adulta não é uma vida acabada, que está em formação permanente. A vida é para ser apreendida, aprendida.

Ao analisar tempos e contratempos das aprendizagens formal e experiencial, PINEAU observa, também, que a experiência heurística, colocada na dimensão de um aprendizado tripolar, frente a si mesmo, aos outros e às coisas, difere substancialmente do apresentado na escola, sob o pálio de disciplinas, de conteúdos e formas, para só depois desvendar o mundo. “A escola da experiência é uma contra-escola que faz passar o exame antes e dá as lições a seguir” (2001, p. 337). Se este modo avesso de encarar o processo formativo, aqui explicitado de maneira crua, sem meandros, choca à primeira vista, satisfaz e seduz após um processo

reflexivo sobre ele, merecendo, sem dúvida, ser considerado, no mínimo, como um ponto inicial de reflexão sobre as práticas educativas.

JOSSO toca na mesma tecla ao colocar as aprendizagens experienciais no âmago dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. Uma reflexão mais profunda sobre a temática descortinará, sem dúvida nenhuma, um novo foco no processo da educação, mormente dos adultos. “Aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que têm formulação e soluções teóricas” (2002, p. 28). E continua JOSSO “para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; por outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjectividade e identidades” (2002, p. 34).

Na seqüência, a autora faz uma distinção, nomeando como vivências particulares o que de modo geral é tido aqui como experiências. Esta ressalva adquire consistência quando ela diz que “vivemos uma infinidade de transações e vivências; estas vivências atingem o estatuto de experiência a partir do momento em que fazemos um certo trabalho sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido” (2002, p. 35) Aparentemente parece apenas uma diferenciação didática, mas JOSSO explana as razões que a levaram a esta distinção, que não vem ao caso aprofundar aqui.

## CONCLUSÃO

À guisa de conclusão deste capítulo, vou retomar um assunto, por duas vezes citado nele, que se refere a uma forma de encarar o processo formativo a partir de três pólos: eu, os outros, e as coisas e que, por isso mesmo, foi denominada por Gaston PINEAU de tripolar, ou mais precisamente, a teoria tripolar da formação.

Dentro desta lógica, aceita pelo nosso grupo de mestrado, entendemos por formação algo inacabado, um processo permanente de construção da pessoa em todas as suas dimensões humanas, na transação consigo mesma, com os outros e com as coisas (o meio ambiente, o mundo). Durante o meu mestrado, senti forte a vivência dessa tríplice alternância. Vivi a

sabedoria da gestão dos três pólos. Transitei na articulação dos três vértices, e ao mesmo tempo vertentes do triângulo:

- a) a criatividade necessária e sempre presente para que eu fosse sujeito da formação (auto);
- b) a sensibilidade para interagir com os demais colegas do grupo (hetero).
- c) a abertura para as realidades das coisas, do mundo aberto à minha frente (eco).

Ressalvo ainda as relações que se estabeleceram juntas, criando espaços comuns de unidade de pensamento entre o auto e o hetero, nascendo uma co-formação. A alternância, entre os três vértices deste triângulo, se tornou vital para o meu processo formativo como professor (ator), e meu processo produtivo como pesquisador (autor). O mesmo amadurecimento se atribua ao grupo.

E como rebites nas discussões, aquilo que foi uma permanente durante o mestrado inteiro, no intercâmbio dos fazeres e dos saberes, numa permanente postura de apreender e aprender, repartindo nossas conquistas, dividindo nossas angústias e perdas, cantando juntos nossas vitórias, numa permanente transformação de interação em transação, construindo um conhecimento novo, porque vivo, reflexivo, crítico, transformador, mas diuturnamente com os pés no chão.

Redescobri com PINEAU uma nova ótica para o mito platônico da caverna. Construímos o caminho da ação-reflexão-ação, saindo da caverna e voltando a ela, num circuito de educação permanente. Estudei as sombras projetadas nas paredes, o sol lá fora representando as idéias claras, a situação humana nos limites dela, as questões de gênero nos ícones sol e caverna, e, finalmente, a difícil ruptura de vínculos de sair da sombra, se expor com prudência ao sol, retornar à escuridão e libertar as outras pessoas.

Esta é a função dos educadores. Esta é a missão.

## **CAPÍTULO III - SUCESSO PROFISSIONAL: UMA CONSTRUÇÃO PESSOAL DIÁRIA**

### **INTRODUÇÃO**

Esta abordagem passou a fazer parte da tese no momento em que, ao ler o meu texto, senti a necessidade de explicitar um pouco o tema, para suprir uma lacuna conceitual. Como falar, na análise dos dados, sobre sucesso profissional sem tê-lo discorrido teoricamente?

Realizarei uma conceituação sobre ele. Tentarei descobrir pistas indicativas de um percurso de sucesso. Por outro lado, averiguarei quais posturas as pessoas poderiam ter para concretizar seus sonhos, pois, a realização deles, pode ser indicativo balizador de sucesso. Por fim, levantarei algumas variáveis e características indicadoras de pessoas bem-sucedidas.

### **1. CONCEITUAÇÃO**

Falar sobre sucesso profissional é falar sobre algo real, que acontece, de forma subjetiva na vida das pessoas. Costuma-se comentar nas rodas de professores, que apenas vinte por cento na concretização das aptidões para determinada profissão, vem de berço, nasce com a pessoa. O restante é fruto de características outras, entre as quais o esforço pessoal. Uma distinção clara entre vida profissional e sucesso profissional nos colocam frente à realidade de que nem todos que exercem sua profissão, chegam ao sucesso, e nem todos, que sentem o sabor do sucesso, chegam necessariamente à premiação. Fica, por estudos e senso comum, também evidenciado que, para se chegar ao sucesso, o melhor caminho é o de se relacionar bem com as pessoas, atalho seguro nesta caminhada árdua, mas promotora de felicidade. É neste sentido que entendemos não existir sucesso profissional sem realização pessoal.

Quando realizamos trabalho árduo, intensivo e dedicado, gastando-se horas a fio no envolvimento com a carreira, tudo se justifica plenamente, mas sem sacrificar sua qualidade de vida. Devemos lembrar sempre, que para sermos completos, se faz mister conciliar, harmoniosamente, aspectos profissionais, pessoais e sociais.

Como lingüista, que também sou, ousou definir sucesso pelo seu ângulo etimológico. Busco, para tanto, a origem e evolução histórica do vocábulo, vejo sua procedência latina, do verbo *Succedere*. Recorro ao caso lexiogênico do particípio passado, *Successus*, e apporto direto ao termo sucesso, cuja carga de significância denotativa é aquilo que sucede, acontecimento, sucedimento, ou, simplesmente, o sucedido. Amplio a visão semântica para o aspecto conotativo e chego a sua definição: bom êxito, resultado feliz. Em que pese ser extremamente metódica, não deixa de ser uma definição. Aliás, contendo um dos ingredientes que o caracteriza: estado de felicidade. Isso pode ser traduzido por qualidade de vida ou por outra idéia similar. Tudo é algo muito subjetivo.

SALES<sup>15</sup> lembra que “o ser humano integralmente saudável sempre buscará o prazer e desprezará a dor... Sendo assim, usarei como definição de sucesso a usada pelo Dr. DEEPAK CHOPRA [grifo do autor], médico indiano, que diz: “Sucesso na vida poderia ser definido como a expansão contínua da felicidade e a realização progressiva de objetivos compensadores” (2003, p. 3).

Já o Professor JUSTINO<sup>16</sup>, em artigo sobre sucesso profissional exprime seu ponto de vista definindo que “sucesso é viver com intensidade, com alegria, aprendendo constantemente, é chegar a cada final do dia e poder dizer, estou no caminho certo e hoje fiz o melhor que pude fazer” (2003, p. 1).

Para o médico psiquiatra SHINYASHIKI<sup>17</sup>, a definição é: *Sucesso é Ser Feliz*. Aliás, este é o título da sua obra de maior sucesso e vendagem. E para tal “o que conta não é tanto o que você faz, mas como você procura realizar suas metas. É isso que vai determinar sua qualidade de vida” (1997, p. 19).

---

<sup>15</sup> Marco Antonio do Nascimento Sales é psicólogo, psicoterapeuta existencial formado pela SAEP, pós-graduado em filosofia contemporânea pela UERJ. Publicou inúmeros artigos no Jornal Existencial On Line.

<sup>16</sup> André Luiz Silva Justino, é professor de antropologia e consultor estratégico, formado na Espanha, com curso de extensão pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. Participou de diversos eventos em psicoantropologia no Brasil, França, México, Grécia, Japão e Egito.

<sup>17</sup> Roberto Shinyashiki: é médico psiquiatra, com especialização, conferencista de conhecimentos sempre renovados nos Estados Unidos, Europa e Ásia. Autor de mais de uma dezena de obras.

Ao buscarmos, nas quatro definições acima, o ponto de igualdade sobre sucesso, salta aos olhos a idéia da satisfação de viver com qualidade e ao mesmo tempo feliz. Receita simples, mas que não é tão fácil assim de pôr em prática no dia a dia da vida, pois requer uma criação, uma construção diuturna. Sintetizando felicidade, SHINYASHIKI, encerra a última página do seu livro com a afirmação de que “a felicidade não é algo que você vai conquistar fora de você. A felicidade é algo que vive dentro de você, de seu coração. A felicidade é a oportunidade que você cria para ser o artista de sua auto-criação” (1997, p. 198).

Fica, portanto, transparente que o sucesso profissional ou mesmo pessoal é fruto de um esforço contínuo na consecução de objetivos de vida. Estes exigem persistência e pertinácia, uma vez que o sucesso é a soma de pequenos passos.

## **2. ALGUMAS PISTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUCESSO**

Ao falar em desenvolvimento do sucesso, percebemos de pronto seu caráter evolutivo e diacrônico. Inserido no agir das pessoas, acontece de forma não universal, mas personalizada, cada qual concebendo e agindo de maneira diferente. As pessoas criam seus próprios caminhos. Eles são únicos e ímpares, porque pessoais. Logo, traçar referenciais significa estudá-los de maneira ampla, mas não personalizada e sim universal, de modo a que sirvam de parâmetros reflexivos globais e não determinantes.

SALES, nas páginas do seu artigo, fala de cinco pistas para o desenvolvimento do sucesso, que ele faz questão de dizer que são sugestões para otimizar uma caminhada. Vamos demonstrá-las com breve comentário:

- a) auto-conhecimento: tão antigo como a filosofia, e esta não existia para ele enquanto não se voltasse reflexivamente sobre si mesmo, é o lema de Sócrates, apontado pelo oráculo de Delfos como o mais sábio de todos os homens: *Gnóthi se autón* (entre os gregos), *Nosce te ipsum* (entre os romanos) ou simplesmente, *Conhece-te a ti mesmo* (entre nós), não é apenas uma máxima socrática, mas é a busca permanente que as pessoas devem fazer sobre si mesmas no sentido de, em se conhecendo melhor, terem aspirações mais altas, de caminhada para o sucesso;
- b) dar e receber: é a explicitação da teoria da dialogicidade de FREIRE, ou a relação de vida entre o eu e os outros, eu e as coisas no enfoque da teoria da formação tripolar de PINEAU;



c) a constante escolha aparece em terceiro lugar. Permanentemente estamos exercendo nossa capacidade de escolha, pois a vida nos oferece tantas alternativas que é impossível abraçar a todas. O psicólogo SALES afirma que “só uma pessoa que se conhece e está aberta às situações da vida, pode se determinar nas suas escolhas e prosseguir no desenvolvimento do caminho do sucesso” (2003, p. 6);

d) o despojamento: é importante tomar consciência da circunstancialidade de tudo que se tem. Pois a consciência do despojamento, segundo SALES (2003, p. 7), “permite-me aceitar as coisas como elas se apresentam a mim e, isto inclui pessoas, situações, circunstâncias, fatos e acontecimentos”;

e) a visão de futuro: caracteriza o trabalho com os dados reais, o concreto das atividades diárias, com os olhos na utopia que é possível mudar as coisas. SALES acredita que “ser sonhador é poder olhar para a frente e conservar-se firme no propósito de realizar o seu projeto, de ver o seu sonho concretizado” (2003, p. 8).

Tentarei nos próximos capítulos verificar como isto acontece na vida real do meu investigado, e como ele agindo nesta ótica existencial, buscou acima de tudo viver, conseguindo, deste modo, galgar os degraus do sucesso profissional.

### **3. POSTURAS PARA CONCRETIZAR SONHOS**

É importante avançar estas considerações, pois elas nos conscientizam da importância de não desperdiçar os acontecimentos que a vida nos traz, aproveitá-los de forma mais intensa possível, usufruindo cada minuto em sua plenitude máxima. Nesse percurso de formação experiencial há uma riqueza sem fim de evolução e crescimento. SHINYASHIKI ratifica a idéia ao afirmar que “o trabalho é uma das formas mais sublimes de realização do ser humano e, sem dúvida, o maior materializador de sonhos” (1997, p. 93).

Ao contrário de muitos que colocam o trabalho como forma de castigo, como o lado desagradável da vida, ou como um mal necessário, o autor lembra que “muita gente encontra verdadeira satisfação no ato de trabalhar, enxergando nele uma oportunidade gratificante de aplicar seus conhecimentos e habilidades, conseguindo, assim, tornar sua vida mais útil e produtiva” (SHINYASHIKI, 1997, p. 68).

O ato de transformar sonhos em realidades, repito, é um ato criativo. O autor ao se perguntar o que as pessoas devem fazer para realizar sonhos, criou a teoria dos quatro d, ou seja: determinação, dedicação, disciplina e desprendimento. Farei a seguir uma rápida abordagem sobre cada uma destas marcas dos caminhos da transformação:

a) determinação: força interior capaz de levar alguém a afirmar com convicção. “Este é o meu sonho. Não morro sem realizá-lo, mesmo que demore vinte ou trinta anos” (SHINYASHIKI, 1997, p. 100). Pessoas determinadas são aquelas que elegem seus objetivos com clareza e se lançam com denodo na consecução deles. As dificuldades advenientes nada mais serão que desafios normais a serem vencidos para se chegar à conquista;

b) dedicação: “esta marca exigirá das pessoas alguns sacrifícios. capacidade de se entregar à realização de um objetivo” (SHINYASHIKI, 1997, p. 101). Só é possível chegar a um autêntico sucesso, através de muito empenho pessoal, de muito esforço, que são qualidades da dedicação. Nada acontece ao acaso. Para atingir metas especiais não se pode ficar no lugar comum. É necessário agir forte. Enquanto pessoas fazem as coisas banais da vida, naquela vidinha mediana, a pessoa vencedora planeja, alarga seu horário de trabalho, quando não, sacrifica sábados ou domingos, ou até horas de sono em troca de um terceiro turno de trabalho. Usa da criatividade para manter sua qualidade de vida ou da família;

c) disciplina: “a capacidade de seguir um método é fundamental para chegar ao topo da montanha” (SHINYASHIKI, 1997, p. 102). A disciplina passa pela organização e humildade. De nada adianta reinventar a roda ou a luz elétrica. Utilizar-se de caminhos já percorridos é um processo metodologicamente disciplinar. Tornam-se mais rápidos os avanços. Ter disciplina é exercer controle sobre o modo da pessoa ser e agir;

d) desprendimento: as pessoas se habituem a fazer as coisas de um determinado jeito. Muitos agricultores passam a vida, arraigados aos primeiros ensinamentos do como fazer as coisas. Ora, para introduzir esta mudança exige-se desprendimento. Talvez um caminho para operar o abandono de práticas sobre as quais se tem domínio, é pensar nas vantagens que determinada mudança trará. O autor define o desprendimento, afirmando que ele é “a capacidade de abandonar o que não está funcionando, para aprender o novo. É desapegar-se, de certa maneira, de fazer algo, para conseguir um resultado melhor” (SHINYASHIKI, 1997, p. 103). Não é fácil desprender-se de práticas que acompanharam a vida toda e sempre deram certo. Não só os tempos mudaram, mudaram também as formas de as pessoas se relacionarem com os outros e com as coisas.

#### 4. CARACTERÍSTICAS QUE MARCAM PESSOAS BEM-SUCEDIDAS

Avançando mais no nosso trabalho sobre sucesso, gostaria de relatar pontos de vista e de pesquisa vislumbrados numa análise do tema feita por CARNEIRO<sup>18</sup> numa revista eletrônica Anúncios Brasil. A abordagem tem focos diferenciados das anteriores, mas pano de fundo comum. Que características dão aval pleno à afirmação de que esta ou aquela pessoa é bem-sucedida?

A autora CARNEIRO (2003) escreveu uma série de textos e artigos sobre as características básicas dos vencedores, e ao final ela tece uma retrospectiva do que ela chama de características das pessoas bem-sucedidas. A abordagem salienta sete fatores que estão presentes nas pessoas bem sucedidas. Citarei as características e as detalharei na sequência, por reputar as considerações importantes focos de compreensão do itinerário de vida do agricultor.

Segundo CARNEIRO (2003) são as seguintes:

- a) “pessoas bem-sucedidas, elas trabalham duro para chegar lá”. O trabalho no contexto de vida globalizada, como se nos apresenta hoje, está a exigir cada vez maior grau de preparação, participação social e disciplina. O dinheiro não se acha fácil em baixo das pedras e nem dá em penca nos galhos das árvores, sabiamente diziam os antigos. Seus resultados aparecem como frutos de um engajamento comprometido com a proposta de vida que cada um tem tanto para si, como para sua família. E, para isso, passa-se por muitos sacrifícios.
- b) “pessoas bem-sucedidas são honestas. O sucesso, por meios desonestos, dura pouco”. Há uma filosofia cada vez mais arraigada no seio do povo, que procura tirar proveito, levar vantagem em tudo. A honestidade é uma questão ética. As pessoas que ludibriam outras, mais cedo ou mais tarde, perdem sua credibilidade, o que dificultará a vida em comunidade.
- c) “pessoas bem-sucedidas são perseverantes. Tentam até conseguir”. Seja na consecução de objetivos, ou na concretização de metas, desejos ou pretensões, é de vital importância a pessoa ser persistente. A persistência e a perseverança, são irmãs gêmeas, que marcam o

---

<sup>18</sup> Lígia de Azambuja Gomes Carneiro é jornalista e historiadora, com inúmeros trabalhos publicados na área de história econômica e social.

caráter daqueles que tem objetivos claros na vida. O ser humano é limitado e muitas vezes só consegue atingir o que quer, se não se entregar, aos primeiros indícios de dificuldades. Ele luta, persiste e tenta de novo até realizar seu intento.

- d) “pessoas bem-sucedidas são, na maioria das vezes, amigáveis e gostam de pessoas”. Esta atitude acaba se tornando um passaporte para estabelecer contactos e conseguir de forma simpática o respeito e apoio dos outros. Ser amigável e gostar das pessoas são atitudes cultivadas no dia-a-dia. Fazem parte de um estofo interior, de respeito aos outros, de reconhecimento de suas limitações, e da interdependência de vida que o ser humano tem em relação aos seus semelhantes. A pessoa, apesar de construir de si uma imagem forte e positiva, se reconhece, não auto-suficiente, mas partícipe da vida do seu semelhante, e que no seu altruísmo busca se promover, promovendo também as pessoas que convivem ao seu redor.
- e) “pessoas bem-sucedidas gostam de aprender novas coisas. Aprender é crescer”. Vivemos um mundo de competição constante e diária. A informação e o aprendizado permanente e continuado, são características, são fatores-chave na construção de um percurso de vida vencedor.
- f) “pessoas bem-sucedidas sempre entregam mais do que prometem”. Percebe-se aqui a ótica de análise do mundo sob o foco do trabalho e da produção. Prefiro, porém balizar sob o aspecto do cumprimento dos deveres, dos compromissos assumidos, sejam eles financeiros ou de serviço à comunidade. Esta fidelidade, embora aparentemente normal, não é tão comum assim encontrá-la. Vai na linha do respeito aos outros e à palavra dada, ao cumprimento do assumido, à palavra dada com responsabilidade.
- g) “pessoas bem-sucedidas procuram soluções, quando encontram um problema”. É próprio da natureza humana se auto apiedar-se, em vez de munir-se de coragem e ir à luta. São duas atitudes antagônicas e que por isso mesmo marcarão a diferença entre os perdedores e os vencedores. Todo problema é um desafio à inteligência e um convite a redobrar os esforços na busca da superação.

Cabe aqui uma questão a ser considerada. No itinerário de vida do agricultor, vamos encontrar essas características, mas vamos nos deparar também com momentos de extrema pobreza e dificuldades, que, em maior ou menor proporção, se prolongarão pela vida toda afora. Nunca é demais afirmar que riqueza, tranquilidade financeira e sucesso devam sempre coexistir, ou que uma não subsiste sem as outras. Se, como vimos neste capítulo, o sucesso está ligado

também a uma vida regrada, auto confiante e prazerosa, esta pode acontecer mesmo onde não exista a opulência, Nenhuma pessoa de sucesso é frustrada consigo mesma, pois uma vida bem sucedida, não necessariamente está ligada a uma gorda conta bancária, mas sim ao bem viver com sabedoria.

## **5. VARIÁVEIS IMPORTANTES NO SUCESSO DE UM AGRICULTOR**

Pesquisando na Internet, no site da USP - Universidade de São Paulo, sobre o tema sucesso profissional, me deparei com o resumo original da dissertação de mestrado de Cella<sup>19</sup>. Ele aponta catorze variáveis, que foram consideradas importantes, para explicar por que um produtor é considerado bem ou mal-sucedido, além da habilidade em produzir lucro. Aproveitando a dissertação de CELLA (2002), levantarei estas variáveis por dois motivos: Primeiro porque elas não estão soltas na imaginação de alguém. São resultados de uma dissertação, e conseqüentemente de aprofundado estudo, ampla pesquisa de campo e levantamento de dados na vida de agricultores. Dentro desta visão ganha em credibilidade, riqueza e consistência científica. Segundo para valorizar o trabalho de CELLA, destacando aqui todo seu esforço e pertinácia investigativa.

Ao relatar agora estas variáveis, eu o faço já com um olho na análise dos dados coletados junto ao meu agricultor, com uma interrogação: Até que ponto ele se enquadrará no perfil dos referenciais agrícolas de sucesso de CELLA. Pelo menos tenho aqui referenciais bibliográficos, aos quais poderei me reportar como ponto de ilustração da análise que farei. São elas:

- a) “competência dada pelo domínio do conhecimento sobre a tecnologia, pela habilidade de conduzir as atividades de produção e comercialização e por ter atitudes em conformidade com os valores do grupo social de cooperados;
- b) constante procura por informações técnicas e econômicas;
- c) participação em eventos ou cursos que ampliem sua qualificação profissional;

---

<sup>19</sup>Daltro CELLA, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, defendeu sua dissertação de mestrado no dia 17/04/ 2002, sob o tema “Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso de um empreendedor rural”.

- d) disposição e habilidade em promover parcerias, associações ou condomínios de produção;
- e) habilidade em diversificar sua produção, como estratégia para diminuição de riscos;
- f) disposição em adotar novas idéias, tecnologias ou sistemas de produção;
- g) habilidade em organizar a produção e a propriedade rural;
- h) existência de controle financeiro dos gastos e receitas;
- i) planejamento da produção e das atividades da empresa;
- j) liberdade em fixar seus próprios horários e autonomia decisória, que permite ao produtor tirar férias;
- k) envolvimento direto da família com a empresa rural;
- l) promoção de um bom padrão de vida para a família, inclusive oferecendo oportunidades de educação formal aos filhos;
- m) envolvimento com os assuntos comunitários;
- n) preservação do meio ambiente e ser exemplo para outros empresários rurais”.

A tarefa é grande e grandiosa, mas realizável. As pessoas que têm visão de futuro e uma auto-estima centrada, elas conseguirão realizar estes objetivos de tal forma, que a concretização deles será seu galardão.

Riquíssimas idéias estão aqui detalhadas, todas elas realistas, factíveis, pois foram extraídas de depoimentos reais de agricultores. Podemos, no entanto, concretizar nossos intentos de formas diversas. Conforme o modo de encarar, o trabalho pode causar fastio ou prazer.

Augusto CURY<sup>20</sup> coloca o embrião realizador destas idéias na linha criativa de um saber personalizado, pois o conhecimento sem rosto não educa a emoção e nem estimula a arte de pensar. Já que o trabalho é o caminho desta construção, CURY aconselha “transforme o trabalho tenso e aborrecido em um recanto de prazer. Não espere que a situação mude, mude a situação. Aprenda a extrair muito do pouco, aprenda a contemplar o belo lentamente” (2001, pp. 175-176).

---

<sup>20</sup> Augusto Jorge CURY é psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor. Desenvolveu durante dezessete anos uma nova teoria sobre o funcionamento da mente e a construção do pensamento chamado de Inteligência Multifocal.

Este relato nos coloca parâmetros de análise, seja para os dados da pesquisa de campo, seja para uma concepção mais humanista da vida. Na roda viva dos trabalhos esquece-se muitas vezes a forma prazerosa de vivê-los. Compreender isso é viver a vida de forma mais idealista, e sobranceira aos fardos que ela nos oferece.

## **6. EMPREENDEDORISMO: UM FATOR-CHAVE NO SUCESSO**

Fala-se muito hoje do agricultor como empreendedor rural, como profissional inovador, o que até há bem pouco tempo eram motes aplicados tão somente a outras profissões, urbanas em geral, ou com restrições aos grandes proprietários, aos fazendeiros e aos latifundiários do campo. Os pequenos proprietário rurais sempre foram chamados de colonos, termo portador de uma certa semântica pejorativa. Tanto é verdade que no dia 25 de julho se comemora o dia do colono, e foi criado no Brasil o dia do agricultor comemorado no dia 28 do mesmo mês. Este último comemorado pelos grandes. Coincidência, questão léxica, ou discriminação?

BASTIANI<sup>21</sup> (1996, p. 5) reforça e amplia esta assertiva: “A imagem social corresponde à maneira como o grupo social de referência reconhece o agricultor. No meio rural não há distinção social significativa entre as pessoas pelo fato de serem ou estarem na condição de agricultores. Entretanto é no meio urbano que esta distinção se revela de forma mais acentuada, onde o homem do campo geralmente é visto pela sociedade urbana como: caipira, sem estudos, etc. Este tem sido justamente um dos aspectos importantes que pode explicar o fato de filhos de agricultores serem fortemente atraídos a abandonar a atividade agrícola”.

Talvez nunca como agora os agentes da agricultura familiar foram tão fortemente desafiados a assumir uma nova realidade, por hipótese até decorrente de todo um processo de globalização conforme falei em capítulo anterior, e que reforço agora nas palavras de SANTOS (1995. p. 13) “A globalização da economia e a abertura dos mercados aumentam a concorrência,

---

<sup>21</sup> Professora visitante junto ao departamento de Administração da Universidade Estadual de Maringá, doutora em administração pela EAEST/FGV, área de concentração: finanças e economia, tendo como objeto de estudo/pesquisa o Agronegócio, Agricultura.

ampliando os desafios e perspectivas para novos empreendimentos”. Está aqui a palavra que dá uma nova ótica à profissão e um mundo novo de responsabilidades na busca do sucesso, que joga o agricultor, como seu mentor, ante desafios de mudanças, inovações e criatividade: empreendedorismo. “Sem a menor sombra de dúvida o agente de transformação da realidade sócio-econômica no campo é o produtor rural. É ele que fará o uso das tecnologias disponíveis no processo de gerenciamento das atividades exploradas na propriedade rural. Entretanto, pouco tem sido estudada a questão do agricultor enquanto empreendedor levando em conta as suas características (BASTIANI, 1996, p. 2).

Isto posto, penso ser importante fazer esta abordagem sobre o empreendedorismo, pois ele caracteriza o dinamismo intrínseco de uma propriedade, preocupada com seu desenvolvimento pleno, incluindo as pessoas que aí residem e o seu relacionamento com o mundo exterior.

E as pessoas que fazem parte da mais numerosa categoria profissional no Brasil, não escolheram ser agricultores. Via de regra o processo se deu ao natural, pela inserção familiar ao meio rural. Nascidos e crescendo no ambiente campestre, os jovens e as jovens vão herdando o gosto pela terra, e aí acabam se fixando, de geração em geração, como é o caso da família do agricultor, cujo itinerário de vida estudaremos adiante neste trabalho dissertativo.

Antes de, propriamente, entrar para uma definição de empreendedorismo, gostaria de destacar o enfoque feito, a propósito deste tema, por VEIGA, que diz: “A dificuldade de se estimar o grau de empreendedorismo de um território começa pela fluidez da própria noção. E quando existe certo consenso sobre alguma definição de empreendedorismo, isto não significa que também haverá acordo sobre os indicadores que seriam considerados os mais significativos e confiáveis” (2001, p. 2) Na gama de fatores-chave que destacamos, e destacaremos mais ainda neste capítulo, servirão de pontos de referência para análise da trajetória de vida do agricultor selecionado.

Aproximadamente há duas décadas a discussão sobre empreendedorismo vem tomando conta de todos os setores. Hoje está presente em todas as agendas e discussões, em todas as camadas e diversidade de profissões, inclusive agrícola. Mormente neste caso, não pode o agricultor



ficar de braços cruzados esperando pelo governo, pelos programas, pelos subsídios ou quejandos. Deve ir à luta com disposição, arregaçar as mangas e ocupar seu lugar ao sol, através de um trabalho planejado e diuturno. Esta visão harmônica e integradora faz com que ele, trabalhador rural, assuma uma nova condição, a de empreendedor rural. BASTIANI (1996, p. 4) é incisiva e acrescenta a isso, que “o agricultor, enquanto cidadão e empreendedor rural, é um agente econômico que assume ao mesmo tempo compromissos de ordem econômica, social, política e ambiental”.

Tudo que falei, neste capítulo do sucesso profissional, sobre os seus fatores-chave, indicadores, pistas, posturas para concretizar sonhos, características e variáveis, encontram um complemento nas características do empreendedor rural. Para NAMURA<sup>22</sup> (2004, p. 1) “empreendedor é antes de tudo aquele que se dedica à geração de riquezas em diferentes níveis de conhecimento, inovando e transformando conhecimento em produtos ou serviços em diferentes áreas”.

Ela nos leva ainda a refletir que empreendedores de sucesso sempre existiram, pois todos aqueles que imaginaram coisas e as fizeram acontecer foram empreendedores do e no seu tempo. Mas ela tenta modernizar o conceito e “desta forma dizemos que empreendedorismo é a arte de empreender (de em + do latim *prehendere*: tomar, agarrar, apreender). O que nos dicionários encontraremos como: tentar, iniciar, fazer uma coisa, um trabalho de certo vulto. Para empreendedor encontramos sinônimos como arrojado, realizador, ativo... mas é claro que já temos uma imagem mental pronta para esta expressão”.

Por seu turno, AQUINO (2004, p. 1) lembra que empreendedorismo é um tema cativante, que está tomando conta da sociedade brasileira nos últimos anos. Diz ele: “Ser empreendedor é antes de tudo ser diferente em um sentido positivo e apaixonante”. E na mesma passagem, apelando para a máxima latina *qui bene distinguit bene docet*<sup>23</sup>, chama a atenção, pois “existe uma confusão reinante em nossa sociedade entre o que é ser empreendedor e o que é ser empresário. Empreendedor, para muitos (muitas vezes pessoas importantes e formadores de opinião), é simplesmente aquela pessoa que abre um negócio. Para mim [diz ele], este é o

---

<sup>22</sup> Carmen NAMURA é psicanalista, palestrante e personal coacher.

<sup>23</sup> “Quem distingue bem, ensina bem”.

empresário. O empreendedor é muito mais do que isso, mas, muitas vezes, nem precisa ser isso. O empreendedorismo está intimamente ligado a uma realização pessoal e profissional”. Todos os seres humanos fazem uso dos cinco sentidos. Aliado a esses cinco sentidos, existe muitas vezes adormecido dentro de nós um sexto sentido, que, no dizer de AQUINO, “quando despertado faz com que nos tornemos cientes dos nossos sonhos e das oportunidades à nossa volta, e que nos compele à realização pessoal e profissional. Esse sexto sentido tem um nome: Empreendedorismo”.

SZTAMFATER<sup>24</sup> (2003, p. 1) acrescenta um novo ingrediente ao empreendedorismo como forma de melhor diagnosticar em que grau de intensidade ele se manifesta nas pessoas. Trata-se do seu caráter inovador. “O que normalmente não percebemos, porém, é que a inovação não se dá necessariamente com a criação de algo novo e impensado, e sim com a atribuição de uma nova perspectiva a algo já existente”. E continua: “Se passamos a encarar a inovação como uma possibilidade ao alcance de qualquer um de nós, podemos entender então que, nos negócios, a inovação não é um diferencial, e sim uma questão de sobrevivência”.

Vimos acima que o sucesso profissional está no acalanto dos sonhos, para transformá-los em realidades. Já o empreendedor dá um passo a mais e transforma sonhos em resultados. Dentro desta ótica coloco o empreendedorismo como fator de transformação. Falamos acima do sexto sentido, e com razão, pois o caráter inovador não subsiste no abstrato e sim com práticas e valores pessoais, que redundam em resultados. E resultados são mensuráveis. Logo, fazendo uma comparação, o objeto de estudo do empreendedorismo não é a propriedade do meu agricultor pesquisado, mas a pessoa dele como indivíduo empreendedor, responsável pela sua pequena empresa rural no âmbito de sua gestão total.

Fernando DOLABELA<sup>25</sup>, pioneiro no estudo da área, em sua obra *O Segredo de Luísa*, descreve em linguagem de romance, embora seja um livro técnico, o processo essencialmente

---

<sup>24</sup> Tânia SZTAMFATER é Chief Operating Officer do Instituto Empreender Endeavor, Instituição sem fins lucrativos que ajuda empreendedores.

<sup>25</sup> Professor pioneiro na área denominada empreendedorismo.

humano do empreendedorismo. Melanie B. COTICHINI<sup>26</sup> desenvolveu uma resenha universitária de estudo e crítica da obra e destaca que nela o autor lembra que “o começo de qualquer empresa é muito difícil, e são necessários a renúncia ao conforto e prazeres, persistência, confiança e otimismo”. Salienta, por outro lado, que Dolabela “desafia o mito de que o empreendedor já nasce feito, e demonstra que paixão, ambição e persistência compõem o perfil do empreendedor, e que tais características podem ser desenvolvidas por qualquer pessoa disposta a aplicar suas energias na realização de seus sonhos. Aliás, sonho, prazer de trabalho e realização pessoal são os valores que marcam o caminho do empreendedor – um personagem que tanto pode ser um empregado (o intra-empendedor) como estar num negócio próprio”. Ficam salientes, nesta análise, algumas características do empreendedor, que merecem ser levadas em conta neste trabalho que visa, também, descobrir e traçar o perfil empreendedor do agricultor em epígrafe.

Professor Robert Kelley MENEZES<sup>27</sup> (2003, p. 1), da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, define o empreendedor como o “indivíduo de iniciativa que promove o empreendimento a partir de um comportamento criativo e inovador, que sabe transformar contextos, estimular a colaboração, criar relacionamentos pessoais, gerar resultados, fazendo o que gosta de fazer, com entusiasmo, dedicação, autoconfiança, otimismo e necessidade de realização”. Esta definição sintetiza as diversas abordagens feitas acima sobre o tema, destacando as suas nuances em fatores-chave traduzidos por verbos semanticamente fortes como: promover, transformar, estimular, criar, gerar, fazer. Utiliza-se igualmente de substantivos plenos de significados: iniciativa, empreendimento, comportamento, contexto, colaboração, relacionamentos, resultados, entusiasmo, dedicação, autoconfiança, otimismo e necessidade de realização. Voltarei a esta definição no último capítulo deste trabalho.

Tecerei agora um último comentário - lembro minha abordagem anterior sobre a teoria das competências de PERRENOUD - visando adensar um pouco mais as características dos empreendedores. Para não perder o fio condutor deste capítulo, mantenho os aspectos analíticos com abordagem dentro da visão de uma testemunha dissertativa, no caso a “Luzes

---

<sup>26</sup> Universitária de São Paulo que desenvolveu como trabalho de curso uma pesquisa de análise e crítica sobre o livro O Segredo de Luísa e seu autor Fernando Dolabella. Trabalho não publicado e cuja cópia recebi da autora por e-mail.

<sup>27</sup> Professor de Empreendedorismo do Departamento de Sistemas e Computação do CCT/UFCG.

Consultoria Empresarial<sup>28</sup>”. CARLI (2002, p. 2) após abordar conceitos de empreendedorismo e empreendedores, bem como várias características que os marcam, sintetiza suas competências e habilidades empreendedoras. Utiliza-se de um recurso mnemotécnico, pelas iniciais dos fatores-chave escolhidos, “formando em anagrama a palavra PÉROLA, metáfora do perfil da pessoa capaz de fazer da sua própria vida o seu maior empreendimento: PÉROLA – Planejamento, Ética, Relacionamento, Otimismo, Livre Iniciativa, Autoconfiança”.

## CONCLUSÃO

Este capítulo não esgota o assunto, pois retornaremos a ele, quando da análise dos dados das entrevistas, ao final desta dissertação. A diversidade de conceitos e enfoques, fornecidos pelos mais diversos autores e linhas de pensamento, não são excludentes, mas também não fecham questão sobre o assunto.

Os temas empreendedorismo e seus agentes ainda estão bastante crus. Muitos estudos e pesquisas sobre o assunto acontecem, e na medida da intensidade e profundidade deles, mais luzes clarificarão conceitos e dimensionarão aplicabilidades.

No avançar do meu trabalho dissertativo analítico, surgirão, ao natural, referências ao que escrevi agora. Aliás, todas as idéias constantes deste capítulo, me ajudarão a entender e interpretar melhor, com mais fidelidade e competência, os fatos ocorridos no itinerário de vida do agricultor. Com certeza eles me ajudarão a descobrir com mais eficácia, quais foram os fatores-chave que nortearam sua formação formal, não-formal e experiencial, e que o conduziram junto com sua família ao sucesso e, neste caso, à premiação como agricultor destaque do município.

---

<sup>28</sup> Ela tem a sua frente a figura de Heloí Aparecida de CARLI, uma pedagoga mestra, detentora de um currículo de engajamento nas várias camadas da comunidade educacional e social.

## **PARTE II**

### **ITINERÁRIO DE UM AGRICULTOR - METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS**

## **CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS E OPÇÕES METODOLÓGICAS**

### **INTRODUÇÃO**

Ao analisar aspectos metodológicos no corpo desta pesquisa, verifiquei a amplitude do trabalho de campo, uma vez que a pessoa, que enquadrei como meu entrevistado, mora distante, é extremamente ocupado e, pela sua simplicidade, ficou meio precavido ao ser alvo do meu estudo. Tornou-se necessária minha presença, lá na propriedade dele, por várias vezes, antes de qualquer trabalho de entrevistas, instrumento escolhido, para a recolha de dados.

Não basta aqui a observação da realidade nua e crua, senão a necessidade de transcender a esta mera expectativa de observação empírica, facilmente constatável, para mergulhar na análise das entrevistas, ampliá-las e lendo as entrelinhas descobrir os fatores chave que busco.

Até porque reduziria a um conceito muito estreito de realidade se utilizasse apenas a percepção visual, como único móvel da pesquisa. “A tendência de reduzir à sua manifestação empírica é facilmente compreensível, porque é a mais manipulável diante da expectativa metodológica dominante. É tanto mais tratável cientificamente, aquilo que é mensurável, experimentável, observável” DEMO (1999, p. 19). Sendo assim, é necessária a escolha de uma metodologia que me conduza aos melhores resultados.

A abordagem feita caminhou na linha biográfica, buscando, no entanto, nas entrevistas o processo de recolha de dados. As etapas foram cumpridas, não apenas no vislumbre de informações, mas também no conduzir a ação investigativa ao cerne do entendimento e análise das questões propostas.

### **1. UMA ABORDAGEM QUALITATIVA**

A análise do sucesso profissional de um agricultor, no seu caminho de formação, e a busca dos fatores-chave que levaram a esse mesmo sucesso, passam, sem dúvida nenhuma, pela análise da trajetória de vida desta mesma pessoa. O foco, portanto, está na busca da compreensão do que levou o agricultor, não a ser premiado, mas ao sucesso profissional.

Logo, aqui salta a primeira abordagem que é na linha qualitativa, pois não quero apenas sentir os fatos que aconteceram na vida do pesquisado, mas também o que eles significaram na vida do mesmo. Fatos são da ordem física, e muitas vezes apenas externos, já os desdobramentos podem atingir as pessoas no seu ser e no seu agir. Segundo QUIVY e CAMPENHOUDT (1998, p. 69) “as entrevistas exploratórias têm, portanto, como função principal revelar determinados aspectos do fenômeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras”.

Quando falo das pessoas no seu ser, entendo não apenas o seu ser profissional, mas também suas emoções, sua preocupação pela formação, sua religiosidade, seu espírito de família, e, sobretudo o que o alemão sintetiza numa palavra *Weltanshaung* (visão de mundo). *Weltanshaung* possui uma semântica que transcende sua simples tradução. É a penetração no mundo, é o estudo das pessoas interagindo na sociedade, é a sede de comprometimento com os problemas que afetam a base da pirâmide: os marginalizados, os excluídos, que têm direito ao acesso a uma boa formação, como arma de luta, de melhoria de vida. Todos companheiros encontrados no percurso de vida. Segundo PEÑA (2001, p. 63) “é necessário enxergar o outro, construir com ele o alicerce do conhecimento, não só para servir à sociedade, mas para enaltecer a vida” PEÑA (2001, p. 63). A pesquisa faz aqui a abordagem do ser humano em todas as suas dimensões, que aparecerão claro por ocasião da análise dos dados constantes nas entrevistas.

## **2. ABORDAGEM BIOGRÁFICA**

Para melhor consecução dos objetivos propostos no sentido de descobrir, de forma mais coerente, os fatores-chave da Formação Formal e Experiencial, que levaram o entrevistado ao sucesso profissional, a abordagem feita pelas entrevistas, tentou levá-lo a contar fatos e passagens de sua vida. Ele teceu comentários sobre ela, analisou e refletiu sobre o seu processo formativo, entrou detalhes, que no fundo, uma vez exaurido o processo investigativo, teremos uma biografia dele.

Não foi propósito escrever a biografia cronológica dele, mas em abordagens biográficas, ter elementos que possibilitem levantar hipóteses, e tirar conclusões lógicas do processo formativo como um todo, formal e experiencial, bem como entender cronologicamente sua evolução.

No curso do processo investigativo, percebi que havia necessidade de ampliar o leque das pessoas a serem entrevistadas, e ao ouvi-las, senti que seus depoimentos deram novas cores ao mosaico narrativo de vida da pessoa em pauta. Foram tantas informações, comentários, reflexões, referenciais, que sem dúvida enriquecerão a análise dos dados.

É por isso que segundo QUIVY e CAMPENHOUDT (1998, p. 71) “uma categoria de interlocutores recomendados para as entrevistas exploratórias é a das testemunhas privilegiadas. Trata-se de pessoas que, pela sua posição, ação ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema. Essas testemunhas podem pertencer ao público sobre que incide o estudo ou ser-lhe exteriores, mas muito relacionadas com esse público”.

O descarte da idéia de utilizar as histórias de vida, no processo investigativo, prende-se ao fato de serem estas mais exaustivas tanto para o entrevistado, bem como para o entrevistador. Por outro lado, como realizei meu mestrado em curso, ou seja, sem suspender minhas atividades profissionais educativas, me debati com o fator tempo. E por último, conforme veremos ainda neste capítulo, as entrevistas biográficas, somadas aos depoimentos de terceiros se constituíram em material sólido e rico o suficiente, para o que pretendia.

Isto não significa dizer que fui movido por uma atitude simplista ou de comodismo, pois dediquei parte substancial do tempo disponível na tarefa da recolha de dados, com prévia decisão e posterior ampliação da população alvo.

MONTEIRO (1998, p. 41) entende que “na maioria das vezes, o primeiro questionamento de qualquer pessoa que lê um projeto científico é saber qual a população da pesquisa. O pesquisador deve defini-la claramente. Não pode haver nenhuma demonstração de que a população da pesquisa não foi corretamente segmentada”.

### **3. A ESCOLHA DO AGRICULTOR ENTREVISTADO**

Ao delimitar o terreno para pesquisa, mister se faz selecionar as pessoas a serem entrevistadas. As amostragens, que ouvem infínitos números de pessoas, não necessariamente



chegam a resultados mais certos, justos ou confiáveis. Escolhida uma pessoa, e em se tratando do estudo do percurso de vida, buscamos “algo que não seja corriqueiro. Então, se optar por esse tipo de tese, tenha o cuidado de verificar se o caso que você estuda realmente merece atenção especial” (VIEIRA, 1999, p. 16).

Se observarmos pessoas, no prisma procurado para o estudo em questão, vamos encontrar inúmeras. Com o intuito limitativo, sem perder a qualidade dos candidatos, procurei as que alcançaram sucesso profissional, ainda numa ótica subjetiva. Afinal vale perguntar, o que é sucesso profissional. A quantidade ainda ia além do lógico duas ou três.

Do elenco de pessoas, restringi ainda mais e fui buscar as duas que foram premiadas por critérios que serão descritos neste trabalho: Um agricultor, pai de família que ganhou o troféu agricultor destaque do município e um jovem que foi aquinhado com o troféu jovem agricultor revelação. Coerente com a metodologia, escolhi duas realidades relevantes, únicas e que mereceram atenção especial. Além de que elas não são corriqueiras, me forneceram um leque de avaliação e considerações múltiplas, por se tratar de um agricultor, já pai de família constituída, e de um jovem. Ainda não foi suficiente, pois ao fazer toda a coleta de dados com os dois escolhidos, gravações e digitação de todas as entrevistas, percebi que a tese ficaria extensa demais. Optei então pelo agricultor pai de família, pelo seu perfil de ter apenas um ano e meio de escola, e porque o prêmio envolvia a esposa e os filhos, o que oportunizaria um leque de análise bem mais amplo que do jovem.

#### **4. TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS: OPÇÃO POR ENTREVISTAS**

Nesta fase intermediária da pesquisa descritiva, entendo que é o caso da minha tese, a tarefa da coleta de dados foi planejada e re-planejada, mormente pela minha inexperiência como investigador.

Esta coleta de dados aconteceu após estudos, atividades, reflexões, debates com os professores e orientadores, troca de experiências com colegas de caminhada, no percurso das diversas sessões do mestrado, bem como nos períodos intersessões. Em doses homeopáticas e paulatinamente fui identificando os focos de interesse de pesquisa, delimitando assuntos, visitando bibliotecas, relendo autores conhecidos e descobrindo outros pensadores, numa

busca bibliográfica incontida, matando a sede dos novos conhecimentos e aquisição de saberes. As horas de Internet foram incontáveis. Vivi a angústia da página em branco desde a formulação do problema à escolha do tema e título. Só então apareceu a entrevista.

#### **4.1. Entrevista: Conceito e Objetivo**

A entrevista é um instrumento utilizado para obtenção de dados no terreno. Posteriormente esses dados serão analisados e servirão de base para o estudo do agricultor escolhido. “A entrevista não é simples conversa. É conversa orientada para um objetivo definido: recolher, através do interrogatório do informante, dados para a pesquisa” (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 136).

Se o objetivo da entrevista é a produção desses dados, é importante que eles tenham consistência, e possibilitem uma linha de raciocínio lógico na sua análise. Por outro lado há que se tomar tento, pois para os autores a entrevista não se presta “para a obtenção de dados de valor incerto ou para obter informações precisas, cuja validade dependeria de pesquisas ou observações controladas” (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 136).

A entrevista pode, também, complementar informações, que foram buscadas em outras fontes. Isto não desmerece nem supervaloriza esta ou aquela técnica. No entendimento dos autores acima “a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente os pesquisadores. Sendo que, os pesquisadores recorrem à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados, que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, e que podem ser fornecidos por certas pessoas” (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 136).

#### **4.2. Realização das Entrevistas**

O tema do presente trabalho propõe que a análise seja feita em cima do estudo do itinerário de um agricultor, de sucesso profissional, através de fatores-chave da formação formal ou experiencial. “Nos mais variados campos do saber sempre existem alguns casos que merecem ser melhor contados, seja pela especificidade ou, ao contrário, pelo potencial de abrangência. Tais casos... constituem valiosa fonte de informação” (VIEIRA, 1999, p. 16).

Inicialmente pensei em trabalhar com questionários, até porque estes seriam mais facilmente tabuláveis em estatísticas e gráficos, mas cedi à lógica e me decidi pelas entrevistas, e elas se tornaram a mola mestra de toda a investigação.

A palavra entrevista, sem maiores qualificativos, traduz uma conceituação vaga. Criou-se, para tanto, uma gama de palavras limitantes. Uma entrevista, pela lógica, deve oportunizar ao entrevistado uma manifestação livre, e elas deveriam ser sempre não diretivas. Segundo QUIVY e CAMPENHOUDT (1998, p. 74) “nunca podemos dizer que as entrevistas exploratórias em investigação social são rigorosamente não directivas. É por isso que se fala cada vez mais em entrevista semi diretiva ou semi-estruturada”.

Ante todas essas nuances, que não deixam de ser pertinentes, o próprio autor acaba justificando a liberdade de condução da entrevista pelo investigador. Salienta, no entanto, que se salguarde a essência dos seus objetivos, ligados à temática a explorar. Para o autor “cada entrevista não deixa por isso de ser um caso específico e, enquanto decorre, o entrevistador deve adaptar o seu comportamento com flexibilidade e pertinência” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, pp. 78-79). Garantida esta postura, ousou afirmar que minhas entrevistas situam-se na linha semidiretiva ou semi-estruturada aberta.

Diante do exposto, se por um lado os questionários tivessem o que eu chamaria ilusoriamente de praticidade, por outro as entrevistas ganharam em força, conteúdo e riqueza de informações, farto aprendizado para o pesquisador. Praticamente todos os livros de Metodologia Científica estabelecem critérios para o preparo e realização de entrevistas, mas somente passei a entendê-los, de verdade, quando as realizei. É o próprio QUIVY e CAMPENHOUDT (1998, p. 79) quem tranquiliza “só a prática pode trazer o *faro* [grifo do autor] e a sensibilidade que fazem o bom entrevistador”.

Já num ângulo mais formativo vale conferir Pedro DEMO numa lógica de teoria e prática. Ele entende que “em ciências sociais, parece-nos claro que a prática deve ser estritamente curricular, não somente a teoria. Não serve o estágio como sucedâneo... uma das coisas mais ridículas em ciências sociais é a teoria sem prática, ou a teoria como prática” (DEMO, 1996, p. 56).

Avançando o raciocínio, tornam-se necessários conhecimentos teóricos anteriores para não invalidar, por inépcia do investigador, depoimentos ou fatos, ou mesmo trincar o clima de confiança, e mesmo de certa cumplicidade, que deve se estabelecer com os entrevistados. Portanto, “uma pesquisa de campo, ou mesmo de laboratório implica necessariamente numa pesquisa bibliográfica anterior. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias” (ANDRADE, 1999, p. 37).

Esse estudo bibliográfico, visando maior clareza, no presente trabalho de campo, colocou pontos fundamentais, como a importância em planejar a entrevista, delineando o objetivo a ser alcançado. O conhecimento prévio das pessoas a serem entrevistadas, já existia, o que me obrigou a uma postura mais objetiva, para evitar a indução a respostas, bem como tolher a pessoa nas suas manifestações de conceitos, opiniões ou narrações de fatos.

Para LÜDKE (1986, p. 35) “ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente”.

O conceito da autora, acima citada, me obrigou a uma segunda entrevista, fato que abordarei adiante. No afã de aprendizado como pesquisador, não terceirizei a realização das entrevistas. Fi-las pessoalmente. Com isso, porém, foi preciso criar um espaço onde, apesar da inter-relação existente, se preservasse a oportunidade da pessoa entrevistada manifestar seu pensamento na maior liberdade e confiança possíveis.

Questões de tempo, locais, clima relacional entre os interlocutores, sua situação emotiva, tudo, em momentos determinados, mereceu atenção. Para LÜDKE (1986, p. 35) “o entrevistador precisa estar atento não apenas (e não rigidamente, sobretudo) ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito”.

Pelo fato de muitas vezes serem explorados ou usados, existe sempre um clima de precaução, para não dizer desconfiança, por parte dos agricultores do Sudoeste do Paraná, frente ao estranho ou desconhecido. Não fiquei imune a essa assertiva, o que me consumiu tempo frente à necessidade de realizar apenas visitas, sem coleta de dados. Visitas para mim formativas, onde pude exercitar a técnica da mera observação, sem apontamentos ou gravações, instrumentos usados nas entrevistas normais. Lembro-me que, numa das idas para realizar a entrevista, o agricultor abriu uma pipa de vinho. Não houve entrevista naquele dia.

#### **4.3. As Entrevistas Frente ao Tema da Pesquisa e o Próprio Agricultor**

As entrevistas foram elaboradas à luz do que me estou propondo fazer no campo investigativo frente ao tema e à pessoa-alvo da minha investigação. Para melhor visão, relembro meu objetivo que é buscar, no itinerário de vida de um agricultor, qual foi sua formação formal e experiencial, e os fatores-chave que o levaram a ter sucesso profissional. Toda a ação do trabalho de campo estará pautada por esta simbiose de elementos, que resultará em conceitos, fatos e pessoas.

Seria muito ingênuo pensar que este relacionamento acontece linearmente ou numa sucessão lógica de temporalidade. As entrevistas dirão em que perspectiva emergem estas realidades. Haverá necessidade, talvez, de pinçar idéias-cerne e em torno delas fazer a reflexão metodológica.

Outro aspecto de relevância no trabalho investigativo, e que talvez não apareça na entrevista, é o pessoal, o subjetivo, são as emoções, as manifestações subjacentes nas entrelinhas das falas. Saber ler e interpretar isso é servir-se de um riquíssimo e imprescindível conteúdo de análise, que poderá nos dar surpreendentes respostas ao que buscamos.

### **CONCLUSÃO**

Procurei aqui esboçar aspectos metodológicos, que nortearam o trabalho, dando a ele fundamentação teórica. Discorrer sobre a Metodologia e centrar meu trabalho nela, elucidaram linhas coerentes de ação para a sua execução. O respeito à individualidade dos entrevistados e à fidelidade e salvaguarda de suas informações garantiram o grau de confiança mútua. A partir disso o fornecimento de novas falas ocorreu no mesmo clima de franqueza. Isto me oportunizou novos aspectos a serem analisados, e uma visão mais ampla e coerente da proposta.

## **CAPÍTULO II - COLETA E ANÁLISE DE DADOS**

### **INTRODUÇÃO**

Este capítulo servirá para melhor explicitar as atividades realizadas na produção dos textos para a recolha de dados, e que, de relancina, apareceram no capítulo anterior. Explicitarei a operacionalização da pesquisa dentro de padrões aceitáveis. O tema, cada vez mais visualizado, deve ser socializado com os entrevistados, e sua escolha justificada. Considerações sobre a fase exploratória e as realizações das diversas entrevistas tiveram sua realidade transcrita.

Outras entrevistas complementares realizadas têm o papel comprobatório das assertivas feitas pelos entrevistados. Levantei a preocupação de como cumprir, dentro do calendário previsto, esse trabalho de campo. A elaboração das questões marca a estruturação das ações e mostram uma maneira de tratar as influências dos familiares na trajetória das duas pessoas. Relatarei, ainda, a sistemática de autorização da divulgação dos dados recolhidos, numa colocação de autoria, e conseqüente publicação dos mesmos.

A operacionalização da pesquisa seguiu um plano adrede traçado. Não intransigente em sua execução, mas rígido em manter-se fiel às propostas metodológicas. O estudo do itinerário de um agricultor integra a pesquisa descritiva, e “esta observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 49).

Na concretização deste compromisso, redigi os textos das entrevistas, guiões facilitadores da atividade investigativa.

#### **1. PRIMEIROS CONTATOS**

Pelo final do primeiro ano do mestrado em 2002, início do segundo em 2003, estabeleci o primeiro contato com as pessoas que, na época, pensei entrevistar. Conversei com um número razoavelmente grande de pessoas. Posteriormente percebi que este público poderia ser reduzido sem prejuízo para a qualidade do trabalho, até porque o próprio tema da tese sofreu substancial mudança.

Esta busca por uma melhor definição temática, caminhos a serem traçados e retraçados, idas e vindas da teoria investigativa para o terreno da pesquisa de campo, a angústia pelo encaminhamento de um esboço do trabalho a ser escrito, tudo isso foi uma grande experiência íntima na minha caminhada de investigador. Foi um processo de amadurecimento pessoal, de autodisciplina, de retomada das leituras de novos pensadores, ou de livros novos de pedagogos já conhecidos. Esses primeiros contatos hibernaram aproximadamente durante seis meses, período de muita leitura, estudo e reflexão.

Nesta fase da dissertação, o investigador não se contenta apenas com as informações bibliográficas, mas deve entrar para a recolha, salvaguardando as informações coletadas, após definir claramente seus entrevistados. Todas as ações segundo TRIVIÑOS (1987, p. 146) “são resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa, não sendo menos importantes seus contactos, inclusive, realizados na escolha das pessoas que serão entrevistadas”.

## **2. REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

A administração do tempo, e seu escalonamento em vista à execução do trabalho, previa que era hora de ir a campo. Parti para a elaboração da primeira entrevista que foi feita ainda no primeiro semestre de 2003.

Na humildade pedagógica da inexperiência, optei por elaborar um roteiro e lançar mão de um mini gravador, salvaguardando a fidelidade aos depoimentos prestados. “O entrevistador não deve confiar demasiadamente em sua memória. Deve fazer, cuidadosamente, o apontamento dos dados, registrando-os, sumariamente, durante a entrevista... Deve registrar também aqueles dados fornecidos após a entrevista, quando considerados de importância” (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 137).

Esta entrevista foi estudada, analisada, e entendi ser insuficiente. Esta experiência da fase exploratória me levou a repensar a sistemática empregada e investi mais na elaboração do roteiro e endereçamento das questões para a segunda entrevista, sanando falhas e direcionando-as de forma mais lógica para a temática da pesquisa, uma vez que naquelas

alturas o tema do trabalho já estava bem definido. É bem verdade que a relação tempo, datas e etapas avançadas, estava com cronograma em atraso, mas farto aprendizado adquirido.

No percurso das entrevistas, o agricultor, que reside no município de Mariópolis, no Estado do Paraná, citou o nome do Prefeito Municipal, senhor Neuri GEHLEN, e do Secretário de Agricultura, senhor Volnei LAVARDA, como figuras que tiveram muita influência na trajetória de sua vida. Entendi que estas pessoas trariam um contributo importante ao estudo das realidades. De posse de um roteiro escrito, entrei em contacto com essas pessoas e em data e horário marcados, no gabinete do prefeito, colhi seus depoimentos.

A ótica de um agente externo sempre é mais fria e ponderada, mas de um valor transcendente na argumentação comprobatória das hipóteses levantadas. Ouvir seus depoimentos, feitos com conhecimento de causa, com hombridade, com transparência, significará emprestar aval de peso às análises dos fatores-chave.

Nos depoimentos, o agricultor fez várias alusões a sua família, ou a membros dela. Abro aqui um comentário. Ninguém caminha isolado nesta terra, porque o viver em grupo é característica do ser humano. Ele se promove e interage no grupo. Considerando que a vida não é feita de compartimentos, de igual forma o processo formativo não pode se isolar, pois a luz só aparecerá no momento em que se estabelecer um grande processo de comunicação. Segundo FREIRE (1978, p. 79) “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Nesta perspectiva entendi realizar rápidas entrevistas com pessoas da família. Isso me permitiu avaliar até que ponto esta convivência familiar deixou marcas na trajetória das duas pessoas. Voltei, então, novamente à propriedade rural e as entrevistas foram realizadas em finais de semana, sábado e domingo, dias de maior folga dos agricultores. Cumpre destacar que, desta vez, em clima de extrema confiança e participação.

Sérgio GALIOTTO citou nas entrevistas a figura de um padre. Conheceu Padre Luiz durante uma reunião da Associação de Apicultores, convidou-o para ir visitá-lo em sua propriedade e acabaram fazendo uma grande amizade. As visitas se sucederam e ele passou a ser amigo da



família e a frequentar a casa. Neste contexto achei interessante incluí-lo no rol das pessoas a serem entrevistadas. A entrevista foi agendada e aconteceu numa segunda-feira à tarde, dia de folga do padre, na Casa Paroquial do município vizinho de Vitorino, onde Padre Luiz é vigário.

Os entrevistados nos parágrafos acima, fazem parte das testemunhas privilegiadas, categoria de interlocutores (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998).

### **3. TEMPO, RECURSOS, CONTRATOS**

Cabe explicitar aqui, ainda na visão metodológica do trabalho investigativo e no decurso do próprio mestrado, como foram geridos estes três conceitos. “Esses aspectos e a disponibilidade de tempo e de recursos devem ser levados em consideração ao ser fixado o instrumento de coleta de dados” (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 135).

Para salvaguardar a autenticidade e legalidade de uso dos depoimentos e das declarações prestadas durante as entrevistas, foi sempre solicitada de cada pessoa a autorização de divulgação dos conteúdos. Também foi vista a questão do anonimato, onde todos estão de acordo na utilização do nome, e não de pseudônimo.

Quanto à questão recursos financeiros, extrapolou a previsão feita, pois os deslocamentos exigidos foram superiores ao previsto. Aliás, as despesas do próprio curso do mestrado transcenderam o disponível, cuja diferença foi absorvida por cotização familiar.

O grande vilão, não apenas da fase exploratória, mas do mestrado inteiro, foi o fator tempo no trabalho. Como não fui liberado das responsabilidades profissionais, para me dedicar em tempo pleno ao curso, percebi estar aqui o gargalo. A distribuição equânime do tempo, e seu racional aproveitamento foi um desafio diário. Se o mestrado em curso teve arestas como a questão tempo, elas se tornaram pequenas frente à simbiose da formação formal e experiencial vividas, dia após dia, na convivência cultural de mestres e mestrands, analisando e alimentando minha prática por uma postura reflexiva. E isso só foi possível porque permaneci na ativa, vivenciando na prática o processo da ação-reflexão-ação. A questão financeira foi sendo assimilada ao natural.

Escrever sobre a metodologia da pesquisa não é apenas transitar sobre terrenos áridos, pois no âmago do conceptual, jaz o espírito do pesquisador pertinaz. Se técnicas, metodologia, métodos e dados parecem ser apenas arpejos científicos sem musicalidade, não podemos olvidar que, subjacente a tudo, há situações sócio-culturais, há seres humanos envolvidos, há vidas, há emoções, que precisei, como investigador, observar, ler e respeitar.

E esta leitura da realidade deve ser exercida de forma crítica no dia a dia, pois segundo DEMO (1996, p. 12) “como atitude cotidiana, está na vida e lhe constitui a forma de passar por ela criticamente, tanto no sentido de cultivar a consciência crítica, quanto no saber intervir na realidade de modo alternativo com base na capacidade questionadora. Trata-se de ler a realidade de modo questionador e de reconstruí-la como sujeito competente”.

#### **4. CONCEPÇÃO E BUSCA NA ANÁLISE DE DADOS**

Ao escrever este capítulo, e mesmo os próximos, levarei em conta alguns aspectos, que penso ser necessária a sua explicitação, para que a análise dos dados que ora inicio, transcorra de forma organizada e o mais coerente possível. Quando falo forma organizada e coerente uso a lógica de se ter um parâmetro comum de análise, que permita dentro de categorias mínimas, fazer e traçar reflexões sobre a temática.

##### **4.1. Concepção da Análise**

Penso, no entanto, não perder riquezas de conteúdos explicitadas pelo agricultor, sobre o seu ser e agir, sobre a sua prática e a reflexão da mesma, na busca de seus objetivos e na construção de uma vida mais feliz, seja para si ou sua família.

Urge, então, a busca de uma pista mínima de referencial teórico. “A análise das informações (obtidas pela várias entrevistas) compreende múltiplas operações, mas três delas constituem, em conjunto, uma espécie de passagem obrigatória” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 216). São elas: a descrição e preparação dos dados, a análise das relações entre as variáveis e a comparação dos resultados observados com os resultados esperados.

Na descrição e preparação dos dados tracei dois enfoques. Embora interligados, pois eles interagem entre si e são decorrentes muitas vezes um do outro, aparecem claro no agricultor:

o itinerário formativo e o sucesso profissional. Elaborei um quadro com base nas entrevistas, reunindo passagens pertinentes ao enfoque pretendido. No que tange aos critérios de indicação do profissional e sua família ao prêmio, tentei exauri-los da entrevista com o secretário municipal de agricultura, coordenador da equipe organizadora. A análise das relações entre as variáveis, eu as fundamentei em temas emergentes na leitura das entrevistas. Quanto aos resultados e sua mútua comparação busquei o fio condutor nos aspectos da fundamentação teórica da tese.

No caso em questão, cumpre ainda ressaltar, que a análise das informações, obtidas através das entrevistas deve seguir uma linha metodológica. Óbvio que não cabe aqui uma análise sob ângulos estatísticos, pois a abordagem seguiu processos qualitativos de coleta de dados. Estes, por sua vez, não se enquadram em caixotes matemáticos de percentuais.

Descartada a hipótese estatística, fica-se mais numa linha de análise de conteúdos, e neste caso há mensagens muito variadas, explícitas ou subjacentes, e por isso mesmo ricas. “A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do discurso e o seu desenvolvimento são fontes de informações a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 226).

#### **4.2. Busca Objetiva**

Esta linha de reflexão salvaguarda aspectos de objetividade, mantendo uma lógica na análise de conteúdos, seja das entrevistas centrais, bem como daquelas feitas com testemunhas privilegiadas. Pesquisador algum está imune a infiltrar, na análise de dados, aspectos pessoais seus. Logo, justifica-se a busca por critérios fundamentados. “De fato, apenas a utilização de métodos construídos e estáveis permite ao investigador elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 226).

Em todos os momentos desta dissertação, em que busquei ajustar fundamentos teorizadores, fi-lo com o intuito de estarem eles também a serviço de uma melhor análise dos dados das entrevistas, servindo eles como seus fundamentos.

No que tange ao sucesso profissional, para salvaguarda de objetividade, embasarei minha análise nas categorias explanadas pelos teóricos estudados no capítulo três. Farei isso sem

esquemas rígidos, pois, a bem da verdade ele aconteceu ao natural, resultante do comprometimento com a própria vida e a superação das dificuldades diuturnamente surgidas e enfrentadas, *ipso facto*, vencidas. Tanto é verdade, que foi grande sua surpresa ao ser ele o contemplado com o prêmio: agricultor destaque.

#### **4.3. Dificuldades e Grade de Análise**

Confesso que achei muita dificuldade em me enquadrar no espírito desta análise. Também é frágil a assertiva de que os caminhos, que vou percorrer, sejam os melhores. A certeza é de que tudo foi feito no afã do aprendizado, por um lado, com olhos voltados para o presente: a conclusão desta tese; por outro, para o futuro: a escrita de trabalhos que estão no meu projeto de vida produzir, como autor e pesquisador, talvez então mais experiente.

As grades de análise foram construídas em cima de etapas características e marcantes, acontecimentos e fatos de relevância relatados no percurso de vida do agricultor, senhor GALIOTTO. Tudo isso, bem como algumas categorias e critérios deverão emergir na leitura e análise de todos os depoimentos transcritos e constantes, em forma de Anexo , nesta tese.

Uma vez constituído o *corpus*, isto é, o conjunto de documentos, oriundos da transcrição das diversas entrevistas, a serem sujeitos a tratamento e análise de conteúdos, passo agora à exploração deste material todo, e às informações neles contidas.

### **5. O ITINERÁRIO FORMATIVO E DE SUCESSO DO AGRICULTOR**

É comum entre pessoas de mediano saber blasonar de seus conhecimentos, como forma de angariar destaque e respeito das pessoas com quem convivem, ou impor-se momentaneamente diante dos outros. Na análise do profissional reflexivo, em capítulo anterior, falei sobre a humildade pedagógica, postura de coerência de quem entende que vive em estado de formação permanente. O que leva um agricultor, de sucesso e premiado, que só frequentou um ano e meio de escola, respeitável pelo seu saber experiencial agrícola, mas desconhecedor de toda e qualquer corrente filosófica, a ter, frente aos seus conhecimentos, uma atitude socrática?

Sócrates, filósofo grego que viveu há mais de 2400 anos, ao ser declarado pelo oráculo de Delfos como o mais sábio dos gregos, apenas emitiu uma lacônica sentença, que pela riqueza

de seu conteúdo reflexivo se tornou uma máxima proverbial “só sei que nada sei”. GALIOTTO ao ser abordado na entrevista sobre a procedência de todo o seu saber, de toda sua bagagem de conhecimento, socraticamente respondeu “pois olha! Eu não me acho de ser... de saber tanto assim... se eu estou me sabendo é que não... não estou sabendo, bem dizer, quase nada. Porque eu aprendi muita coisa, mas falta muito ainda, né?” (Anexo 1, questão, 111).

Vislumbra-se já uma primeira tônica do perfil do nosso entrevistado, que é o reconhecimento de suas próprias limitações. Quando a pessoa se predispõe a admitir suas limitações, ela cria em si a ânsia da busca e de saber, mesmo que a custa de seus erros, pois ela os transforma em oportunidades de novos aprendizados.

Para efeito de melhor compreensão do processo de formação formal e experiencial do agricultor, construí, a partir das entrevistas, um quadro de análise em quatro tempos: o período da infância (até os 7 anos), o período da adolescência e juventude (englobando dos 8 aos 21), o período dos dois primeiros anos de casado, pois eles ficaram morando junto com os pais, na mesma casa e no mesmo regime familiar (aos 22 e 23 anos), e o período após o casal ter sua casa, e conseqüentemente sua vida própria e autônoma (dos 24 aos 53 anos, sua idade atual). No correr deste capítulo vou me remeter, vez que outra, a estas etapas, pois quanto mais me aprofundar na análise do seu itinerário, mais elas estão presentes.

### **5.1. A Formação Formal**

É difícil, na análise da vida do agricultor, compartimentar sua formação formal e experiencial, até porque elas acontecem entremeadas, desdobrando-se em ações e reflexões. Tentarei, contudo, depreender das entrevistas o como este processo aconteceu e quais fatores se tornaram chave nesta caminhada de formação e vida.

Até os sete anos de idade nosso agricultor levou a vida peculiar de um menino da roça, que aprendeu a trabalhar cedo, ajudando nas lides da casa e da lavoura, executando responsabilidades pertinentes a sua idade. Ajudava o pai e a mãe nas tarefas do dia-a-dia. “Eu não tive estudo, fui um ano e meio na aula, achei muita dificuldade” (Anexo 1, questão 29).

Interessante observar, que ele não fala isso com mágoa, voz embargada ou sentimento de

culpa não. Ele cita o fato como uma realidade vivida e da qual não se arrepende e nem culpa ninguém. Mais adiante na entrevista reafirma sua precariedade na vida escolar, para deixar claro, pelo tom firme da voz, que o que aconteceu foi isso mesmo: “Eu nem estudei, bem dizer em escola, estudei um ano e meio” (Anexo 1, questão 47). Informalmente me relatou que isso aconteceu aos seis anos de idade. Essa era a idade que os pais matriculavam os filhos no primeiro ano da escola para ser alfabetizado. Não existia ensino maternal ou pré-escolar, as crianças iam para a aula e a professora tinha a obrigação de ensinar-lhes a ler, escrever e contar, claro que precariamente, em um ano. Como caracterizei no primeiro capítulo deste trabalho, era uma escola nada motivadora, pelo contrário, autoritária e com profissionais não qualificados, que faziam o trabalho na medida exata de suas limitações e boa vontade.

GALIOTTO abandonou os bancos escolares por duas razões muito claras: achou muita dificuldade (*vide supra*), pois a escola não ofereceu nem envolvimento e nem atrativo, e a necessidade de ajudar em casa, conforme me falou fora do gravador.

Somente voltou a tentar o estudo, depois de casado “até que eu era solteiro não saía de casa...” (Anexo 1, questão 47), para satisfazer um programa oficial de governo, o MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização, que visava cumprir metas de redução do analfabetismo, como forma de melhorar os índices estatísticos no cenário internacional, com intuito de carrear recursos financeiros externos aplicáveis aqui: “...eu nem estudei, bem dizer, bem dizer, em escola, estudei um ano e meio só... depois comecei no MOBRAL...” (Anexo 1, questão 47).

Sua trajetória de formação formal terminou por aí. No MOBRAL permaneceu pouco tempo “estudei lá uns meses, mais para conversar com as pessoas e aprender algumas coisas”, me dizia ele depois da entrevista, fora do gravador. Arguido se o estudo não lhe fez falta, concordou laconicamente “que fez, fez, mas fazer o quê! Eram os tempos, por isso briguei que meus filhos estudassem” (Informação verbal).

Apesar de não acontecer em sua vida uma educação formal intensa e organizada, isto não significa que ele não estudou. Pelo contrário, envidou muito mais esforços para superar a deficiência formativa através da busca organizada do conhecimento, fora do ambiente escolar. Este processo formativo que analisarei ainda neste capítulo, no entanto, só aconteceu após seu

casamento. E tem mais, após ir morar sozinho com sua mulher, já na sua casa própria, pois foi só a partir daquele momento que passou a mandar em sua vida e a traçá-la junto com sua esposa. “Até depois de eu casado, quem mandava sempre... era sempre meu falecido pai. Eu gostaria muito que os meus filhos se espertassem, bem antes de casar” (Anexo 1, questão 75).

## **5.2. A Formação Experiencial**

Durante os dois períodos intermediários de sua vida, que abrange o período que classificamos de adolescência e juventude (7 aos 21 anos) e o período em que, embora casado morava com os pais (22 aos 23 anos), não aconteceram fatos marcantes no seu processo formativo, que não o experiencial. “Até que eu era solteiro, e que morava com meus pais, eu não saía de casa, só sabia trabalhar na roça” (Anexo 1, questão 47).

O trabalhar na roça, no entanto, exige que se tenha conhecimento. E se até os seus vinte e três anos, o senhor GALIOTTO apenas frequentou um ano e meio de escola, vale a pena se perguntar: Afinal de contas de onde veio o seu conhecimento, que foi depois aperfeiçoado e desenvolvido, como aparece nas entrevistas? Por dedução lógica, este preponderante papel educativo foi desempenhado pela família, que, a seu modo, e dentro da sua realidade e limitações, assumiu suas funções de primeira escola dos filhos.

Este sentimento de uma espécie de culto familiar aparece forte em todos os depoimentos, campo fértil para a instauração de um processo intenso de formação experiencial, que só mais tarde, após a proclamação de sua autonomia familiar, buscou sua fundamentação em cursos, e encontros, conforme veremos adiante.

Seus olhos brilhando no rosto queimado pelo sol e sua voz embargada ao relatar a vinda de seus avós da Itália, mostra o que afirmamos, em referência à família: “Meus avós vieram... vieram da Itália. De... como é que é... de Trento, da Itália vieram. Daí... Dizer a verdade, eu não sei. Mas meu falecido... meu falecido pai sempre contava que meus avós não são nem italianos nem brasileiros, porque quando eles casaram (os bisavós – o parênteses é meu), saíram da Itália, meus avós nasceram no mar (navio), ahahah” (anexo 1, questão 41).

Para bem entender o início de seu aprendizado, é bom que eu analise um pouco mais a sua

história familiar. “Meus pais nasceram em... Flores da Cunha, Rio Grande do Sul... é... também casaram lá” (anexo 1, questão 42).

Na seqüência ocorreu a mudança para Mariópolis. Sobre isso contou o seguinte: “Eu tinha três anos quando vim morar para cá, então faz 50 anos que tô aqui. Meus avós compraram terras aqui e daí meus pais vieram para cá, sempre moramos nesta região. Sempre foi aqui há três gerações. Aquele telhado que você vê lá (mostrou com a mão um telhado por entre as árvores) é a casa do meu pai, e sempre moramos juntos por aqui” (Anexo 1, questão 26).

Neste breve relato biográfico transparece a idéia da célula familiar, como uma forma de convivência, mas ao mesmo tempo de mútua ajuda. A primeira geração, dos seus avós veio antes. Assegurada esta realidade, seus pais, e ele com três anos de idade, vieram na seqüência, estabelecendo-se assim, na circunvizinhança, a segunda geração. Ele e sua família que completam a terceira geração moram também por perto, tanto que enxergam o telhado da casa dos pais. Mas não parou aí o processo de agrupamento familiar, pois a história se repete com seus filhos. Quando lhe perguntei sobre sua filha ele foi pronto: “Ela mora ali próxima. Próxima da agricultura, ali. Ali pertinho ela mora” (Anexo 1, questão 51). “Ela casou, ficou na agricultura, ali... já eles gostam da agricultura” (Anexo 1, questão 52). “Hoje ela tem a pequena propriedade dela. É pequena a propriedade, mas estão com a propriedade deles” (Anexo 1, questão 54). Aqui sobressai a preocupação por ter seu pedacinho de chão, como forma de autonomia e bem estar.

Em meados de novembro de 2003, casou seu filho Fernando. Estive na festa do casamento, onde pude observar a rede de relacionamentos, como também o quanto a comunidade tem estima por todos da família. O que, no entanto, ressalto é que este filho vai morar numa terra, que há três anos seu GALIOTTO tentava comprar, e que efetivamente só conseguiu fechar, recentemente, o negócio, graças a sua persistência e pela rede de influências da qual é detentor. A propósito a terra faz divisa com sua propriedade, e o núcleo familiar se amplia permanecendo a proximidade, a vizinhança.

E o segredo desta coesão familiar, que se estabelece ao natural, numa aproximação de vidas e de convivências, seu GALIOTTO revela com toda a sua simplicidade: “É tudo definido junto, senta e conversa junto” (Anexo 1, questão 05). Desta teoria dialógica freireana a família se



alimenta e se conduz. “É ali, dizer a verdade, nós somos unidos, é... assim... estamos sempre... vivem se ajudando um com outro. Quando um tem dificuldades o outro ajuda, vamos trabalhando, e vamos levando a vida” (Anexo 1, questão 53).

Em outra parte da entrevista repisa o mesmo tema da integração familiar pela auto-ajuda, como fonte de energia no enfrentamento e na superação dos problemas. O enfrentamento de realidades cruas e difíceis é forte agulhão na formação experiencial. Põe em cena o desdobrar-se em suas qualidades e competências, envidando todos os esforços, fazendo brotar forças do seu interior na solução das dificuldades e consecução de objetivos, e para esse fim a família foi sustentáculo. “Ainda bem que a gente foi sempre muito família e se ajudava. Ainda hoje nós moramos tudo meio por perto. Na época era um matão brabo” (Anexo 1, questão 44).

Além dos dois rapazes, que estudaram na Casa Familiar Rural, ele tem um terceiro filho homem que é deficiente: “Ele ajuda um pouquinho na casa, assim... mas ele é deficiente. Mas ele participa com a gente, né” (Anexo 1, questão 56). Instigado por mim na entrevista, falou um pouco mais sobre a doença do filho e como se conduziu: “Inclusive ele deu bastante trabalho, porque a gente tinha que trazer três vezes por semana no médico para fazer tratamento, e morando lá naqueles fundão. Eu trazia ele no varão da bicicleta... e sempre às volta, a gente gastou bastante, né, e isso atrapalhava o trabalho na lavoura... (com o lenço enxugou os olhos) mas a gente fez tudo, era importante atender, mas a gente lá é unido... então superou essa fase” (Anexo 1, questão 57).

Há nas entrevistas outras passagens em que ele fala da família, sempre com o mesmo carinho, no entanto, a lágrima nos olhos e a emoção com que ele concluiu o relato acima batendo na tecla da união, do apoio, da mútua ajuda, da auto-estima, elegem a família como força motriz de aprendizado experiencial de vida, e para a vida.

Estou avançando na descoberta e na análise de como se deu sua formação experiencial, levando em conta os mesmos paradigmas dos quatro períodos para termos padrões comparativos. A integração a sua família exigia dele, desde criança, a participação nos trabalhos, nem sempre leves ou adequados à idade. “Ah, os tempos da minha infância eram uns tempos pesados... nem é bom recordar... uns tempos que não eram fáceis que nem hoje” (Anexo 1, questão 44).

Conforme caracterizei no primeiro capítulo, a região estava, na época, sendo desbravada, com direito a todas as decorrências do processo. “Porque os primeiros que vieram aqui, era tudo mato” (Anexo 1, questão 17). Incluído no contexto familiar, o trabalho passou a fazer parte de sua vida desde a mais tenra idade. Talvez esta experiência o levou mais tarde, recentemente, a fazer a apologia do trabalho. “Foi muito sofrimento, porque eu pegava no pesado ainda piazote... era um matão brabo” (Anexo 1, questão 44).

Integrado ao mundo do trabalho rural, em todas as suas frentes de diversificação da propriedade, já na idade dos seus seis a oito anos, GALIOTTO abria-se sem dúvida nenhuma para experiências marcantes em sua vida profissional. A família passava a ser realmente a escola, onde os ensinamentos eram passados pelos mais velhos, e num processo de observação e repetição das atividades ia aprendendo a fazer as coisas. Os pais eram verdadeiros professores particulares dos filhos, e eles através da experiência diária iam assimilando as lições de casa, corrigidas, não no dia seguinte, mas a cada instante do aprendizado, numa constante ação, correção, ação.

Mesmo na sua fase dos sete aos vinte e um anos, no terceiro período de nossa contextualização biográfica, a aquisição de conhecimentos acontecia ao natural, sem currículos e grades oficiais. A tônica do trabalho, e do aprendizado através da experiência, na história da educação familiar, com ensinamentos passados de pai para filho, obedecia mais a um calendário da natureza, do inverno e verão, das culturas sazonais, das atividades coloniais programadas para se ter as coisas, do que um planejamento à luz da ciência e da tecnologia. Esta só chegou muito mais tarde à região.

Diante desta realidade, a sobrevivência nas propriedades, embutidas por assim dizer no meio da mata, acontecia como falei no primeiro capítulo, longe das aglomerações urbanas. Em contacto com a natureza, brigando com ela, mas também servindo-se dela. A interação homem *versus* natureza era uma questão de sobrevivência, e portanto se estabeleciam laços de aprendizado com ela. “Não havia nada. Era tudo assim... sem eletricidade, a luz era de *tchareto*... é... uma lanterna com pavio de pano e querosene... água se pegava na fonte... banho de tonel de água... (risos)... estrada, era só picão, ahahah, nós fazia picão... não sabe o que é?... carreador...”<sup>29</sup> (Anexo 1, questão 45).

---

<sup>29</sup> Carreador: trilha, vereda, picada, caminho aberto com foice na mata para passagem de carro com tração animal (Dicionário da Língua portuguesa, Aurélio, Século XXI em CD mídia).

As dificuldades eram muito grandes, como descrevi no capítulo inicial desta tese, ao contextualizar a região, mas a coragem e a ousadia do pioneiro em sua luta diária pela vida era bem maior. Luta e muito trabalho, digamos assim, artesanal, pois se engenhava equipamentos para quase todas as tarefas que hoje as máquinas executam. “Hoje tem as máquinas, é mais fácil. Naqueles tempos era tudo tração animal e... nós sempre...dizer a verdade, você... você ia dormir de arrasto, sempre oito hora, nove hora da noite... cansado (pausa ). E... era quatro hora da madrugada você levantava da cama para ir tratar os boi, para depois , antes de clarear o dia já se estava lavrando com os boi, na roça... (outra pausa, passando a impressão que o recordar dos fatos lhe pesava). Foi muito sofrimento, porque eu pegava no pesado ainda piazote... (pausa longa... não interrompi sua reflexão, deixei o tempo passar e após alguns segundos ele arrematou)... ainda bem que a gente foi sempre muito família e se ajudava” (Anexo 1, questão 44).

Sem forçar, para mim está evidente no Senhor GALIOTTO um processo de formação a partir do encontro reflexivo dele frente a si mesmo, na necessidade de adquirir um aprendizado, experiencial é bem verdade, mas que lhe garantisse a sobrevivência. Era a auto- formação. Este aprendizado, embora rudimentar para os padrões de hoje, ele o incorporou no seu relacionamento com as outras pessoas de sua convivência, com que trocou ajuda, interação, e que, embora de uma vida restrita eram detentoras de um saber, popular, porém, organizado. Foi sua hetero formação.

E, por fim, o seu embate direto com a mata, com a natureza, com seus desafios, com seus riscos e com sua fatura, o colocaram em linha direta de relação com o mundo. Aí se configura sua eco-formação. Está claro para mim o processo tripolar de formação explicitado por PINEAU, concretizado de forma experiencial na vida de um agricultor. Como ele é uma pessoa extremamente relacionada, exerce permanente interação com as pessoas e com isso gera em si mesmo um completo processo de co-formação.

GALIOTTO faz por várias vezes referência ao período de solteiro, e ao em que casaram e permaneceram por dois anos morando junto com os pais. Destaca que esta foi uma época de submissão às ordens paternas. Salienta, por outro lado, a necessidade de começar a construção do seu mundo e da sua vida a dois. Afinal eles casaram.

Vejamos as passagens. Na primeira, já me referi a ela, conta ele que, embora tendo casado, pelo fato de estarem morando na mesma casa dos pais, “quem mandava sempre era meu falecido pai” (Anexo 1, questão 75).

A segunda destaca que, ao casarem, não receberam partilha de terra como era hábito entre os imigrantes, o que os obrigou a usarem da criatividade, e é com justo orgulho que narra como agiram para dar o passo inicial rumo à construção do seu pequeno mundo familiar. Transcrevo a passagem, para fundamentar minha análise que farei em seguida: “Aqui para dizer a verdade a gente não ganhou nada, quando que casamos compramos a terra. Ela tinha uns pinheiro em cima, vendemos os pinheiros, compremos a terra com o dinheiro dos pinheiros. Depois de casados ficamos dois anos junto com a família, e nós fomos se fazendo tudo nois mesmo. Começamos do zero” (Anexo 1, questão 27).

Está transparente aqui, que o seu processo de mudança e de desenvolvimento familiar começou com sua emancipação, não pelo casamento, mas pela decisão de constituir vida própria. Saiu da casa dos pais, com sua esposa, rumo ao enfrentamento das dificuldades, agora a dois.

Este fato foi tão marcante em sua vida que, em outra altura das entrevistas, ele volta à tecla: “Bom, quando nós casamos, bem dizer, na verdade, nós não tinha nada. Daí fiquemos morando mais quase dois anos com meus pais. Daí conseguimos comprar um pedaço de terra, que compremos, bem dizer, com a madeira que tinha em cima. Nós compremos, paguemos a terra, começamos a nossa luta, de casal, ali de uns dois anos” (Anexo 1, questão 46).

Nessa luta de casal, contou sempre com a presença eficaz de sua esposa, que enfrentava o trabalho em pé de igualdade, não enfeitava serviço, e ombreava sempre junto com o marido. Essa fibra, e vontade de vencer, estão registradas neste trecho da entrevista, que ela me deu: “Direto. Na roça, ia junto com ele de manhã cedo. Vinha para casa era onze e meia, onze e quarenta, às vezes meio dia passado, vinha para casa, fazia o almoço e lavava as roupas e tudo... depois voltava na roça, acompanhando, sempre junto. De noite, às vezes até... lá... escurecer, bem de tardezinho. Vinha para casa, tirava o leite das vacas e... fazia janta” (Anexo 2, questão 3).

Esta situação aparece nas entrevistas como uma cantilena, ressaltando a importância daqueles momentos em suas vidas, e das mudanças e avanços que só puderam concretizar após o casamento, ou mais especificamente, após irem morar sozinhos, constituindo assim de fato

sua família, pois de direito já existia. Foi uma quebra paradigmática sem tamanho, frente à realidade da época, de um crasso patriarcalismo, para não dizer machismo reinante. As ordens paternas eram leis incontestáveis. GALIOTTO passou como que por uma etapa de hibernação reflexiva, de análise de vida e de realidades. Foi no bojo da vida familiar que teceu a teia de uma formação experiencial, a qual, no momento oportuno, emergiu das trevas (vida submissa familiar), para a luz (libertação rumo ao sol), na ânsia de um espírito jovem traçar seu destino.

Ouso aqui aludir ao mito da caverna referido e analisado por PINEAU (2002). Durante vinte e três anos o agricultor viveu à sombra de seu pai. Tudo era o pai que fazia ou mandava fazer. Ele apenas sabia trabalhar. Mas não regateou. Cumpriu as ordens e trabalhou muito. Na vida retirada e reclusa da sua clausura familiar, apesar de ter freqüentado a escola formal por apenas um ano e meio, teve a lucidez, no entanto, de observar as sombras na parede da caverna, soube lê-las e interpretar suas imagens. As suas mensagens formativas foram assimiladas. Não teve estudo, mas aprendeu num processo formativo experiencial, através da observação da experiência vivida por seu pai e transmitida a ele, no dia a dia do trabalho insano assumido: “só sabia trabalhar na roça” (Anexo 1, questão 47).

GALIOTTO, porém, não ficou dentro da caverna. Viu o sol da liberdade e da construção da vida, e saiu para o mundo da luz em busca da construção do seu ideal, da concretização de suas crenças, uma vida a dois, digna e feliz. Fez e continua a fazer o caminho iterativo entre o bojo da caverna e a realidade luminosa lá fora, na sua “luta de casal”. Isto é, ajudando sua esposa e se unindo a ela, mas também orientando os filhos a percorrerem o caminho das trevas à luz, e vice-versa.

### **5.3. O Projeto de Vida, a Preocupação com o Futuro dos Filhos, a Formação pelo Trabalho**

Isto transparece forte nas linhas e entrelinhas das entrevistas, onde GALIOTTO analisa os seus anseios com relação aos filhos e ao futuro: “Engraçado, ontem à noite nós tava falando disso lá em casa. Eu analiso que... os filhos... eu gostaria muito que os filhos se espertassem bem antes de casar... que daí quando eles casarem eles tem um... uma visão melhor, para ver uma vida para frente melhor” (Anexo 1, questão 75).

Permito-me fazer uma digressão e grifar dois verbos que foram usados na fala acima: eu analiso... eu gostaria. Quando o agricultor fala: eu analiso, vejo expressa nele uma postura reflexiva. Na primeira parte deste trabalho, destaquei a importância de os profissionais assumirem uma conduta reflexiva, gerando um posicionamento crítico frente aos fatos e saberes, que acontecem no percurso da vida, questionando-os, como forma de clarificar ações mais coerentes e construtivas, respeitando-se a individualidade de cada pessoa. Ao perceber melhor, que GALIOTTO tem uma atitude reflexiva, mais facilmente se entende sua ascensão ao sucesso, pois aquela é fator-chave deste.

Note-se, por outro ângulo, que o verbo gostar foi empregado no modo condicional, eu gostaria. Percebemos em suas entrevistas, eu destaquei isso, quantos esforços o agricultor envidou para assumir a autonomia de sua vida. Ao usar o condicional ele tenta salvaguardar a vontade de seus filhos, respeitando-a acima dos seus desejos. Veja-se a coerência existente entre a postura reflexiva, que exige o respeito às individualidades, e uma prática reflexiva, que de fato age assim.

Voltando ao depoimento, GALIOTTO não esconde sua preocupação com o futuro dos filhos: “É... nós se preocupamos muito com os filhos, porque se demos bem em casa com os filhos, mas se preocupamos muito... Daí eu gostaria que eles assumissem, também continuassem... para... assumir mais novos que eu, para assumir a vida deles” (Anexo 1, questão 76). Esta preocupação, inerente aos pais que almejam uma vida melhor que as suas para seus filhos, é inata no ser humano, e por si só justifica todos os esforços e trabalhos, trazendo como retorno uma certa paz e felicidade. A boa convivência com a esposa e com os filhos não deixa de ser seu ideal de vida: “Isso aí é muito importante. Porque nós se dando bem lá em casa, com o povo, com todo mundo, não temos encrenca, não temos nada com ninguém. Temos nossas coisinhas. Tudo se damos bem. Para mim está bom. Que você quer melhor” (Anexo 1, questão 78)?

Este modo prazeroso de viver, no entanto, não foi gratuito. Como vimos, e podemos depreender da fala que segue, foi resultado não apenas de muito trabalho, mas também de ter um ideal a alcançar, e da ação realizada para este fim. As dificuldades: “Dificuldade foi

bastante, porque não tinha nada, vivemos uns quantos anos comendo polenta e raditi<sup>30</sup>... (risos)”. Com esta expressão tentou traduzir o grau de dificuldade e pobreza dos primeiros anos. Um ideal a ser atingido: “Daí a gente queria fazer ter as coisas”. Veja que ele não fala apenas em ter, mas em fazer as coisas, fruto de um esforço pessoal de encorpar posturas de um ser reflexivo, que faz para ter. A ação eficaz: “Muitas vezes pegava a primeira filha que nasceu, botava dentro de um cesto, levava em baixo de uma sombra, na roça, e nós ia trabalhar” (Anexo 1, questão 28). Em entrevista com Dona NILDE perguntei-lhe sobre o cesto e veio o reforço, do cesto e da dureza da vida: “Ah. Sim... ele te contou. É primeiro a menina, né. Era pequenininha, levava ela na roça, carpindo junto... Levava comida, um cesto botava ela dentro do cesto, levava água... e ia assim, capinando e levando um pouco para a frente... e capinando e levando... é levando. Passamos muito sacrifício, mas era a luta... sofrida né” (Anexo 2, questão 6).

Enaltece a participação da esposa NILDE, ainda na mesma visão de família. “Agora que os filhos cresceram ela vai mais cuidar da casa, dentro da casa, e nós se viremos com os outros serviços. Ela mais dentro de casa. Quando não tinha a piaçada era tudo junto. Íamos pra roça da manhã à noite, e trabalhava. Nos primeiros tempos nós arrendava terra para ter mais trabalho, pegava cedo e voltava de noite, levava comida fria na roça e era sofrido” (Anexo 1, questão 33). Aliás essa participação conjunta do casal não é só relatado por ele. Aparece translúcida no depoimento da entrevista com sua esposa. Ela me falou: “Tudo junto. O que era meu era dele também e o que era dele era meu também. E a gente pegava junto... na roça, com as vaquinhas, com os porco, aqui em casa... sempre a gente trabalhou os dois... e assim também foi com os filhos ele também ajudava” (Anexo 2, questão 20). Até hoje o casal vive juntos pra cima e pra baixo, como cúmplices de um período da vida, que o tempo não apagou.

Faço aqui uma análise de dois momentos no que diz respeito à participação da esposa no processo. No primeiro momento assumia junto com o marido todas as tarefas da profissão: dedicando-se ao atendimento da casa, dos filhos, do marido, da criação e da lavoura. Hoje atua mais como prenda doméstica, onde tem papel importante, lidera o processo dentro de

---

<sup>30</sup> polenta é um mingau feito de farinha fubá de milho, alimento quase diário, porque produzido na propriedade da colonização italiana. Raditi é uma espécie de almeirão, verdura semi-amarga de fácil produção. Comer polenta e raditi é uma expressão idiomática para caracterizar o estado de pobreza e necessidades em que se vivia na época.

casa, inclusive participando de cursos. Sobre quem participa dos cursos, novamente aparece claro a planificação familiar: “A gente se reveza, dependendo do interesse, a mulher mais de culinária, e a gente mais de lavoura” (Anexo 1, questão 19).

Embora velado, mas também nem tanto, está presente um projeto de vida familiar, bem como do futuro dos filhos. Há um esforço permanente, uma preocupação constante de que os filhos liderem, na seqüência, o processo gestor da propriedade. “Que os filhos assumam, pois agora a gente já tamo numa idade, vai ensinando, ajudando e eles tem que também seguir a vida deles, fazendo tudo que é preciso na melhor qualidade, porque que eles querem viver, porque se fazem no tranco e barranco<sup>31</sup>, não vive, não tem né!” (Anexo 1, questão 40)

Seu desejo é que os filhos assumam, mas se faz parceiro deles, atribuindo-lhes as responsabilidades, sem deixar de acompanhá-los à distância: “Esses dias eu mandei que eles fossem fazer todas as contas para fazer a lavoura, tudo que eles também aprendam a fazer as coisas certas. E hoje eu já posso ficar mais tranquilo quando eles saem para fazer as negociações” (Anexo 1, questão 32). Nesta caminhada de delegação de responsabilidades os filhos, que tiveram a oportunidade de estudar, têm agora, no pai, o mestre da escola da vida. Fazer a contabilidade, o controle da propriedade, para ter os resultados da sua produtividade, esta tarefa passou a ser deles. “Para mim é meio difícil porque não tive escola, agora os filhos que tiveram mais estudo devem controlar melhor. Dou os cadernos, as notas, e eles vão anotando” (Anexo 1, questão 37). Sobressai aqui o seu planejamento, mas também a aferição de resultados em cima da viabilidade financeira através dos registros.

Contrariamente ao que seu pai fazia com ele, o agricultor busca transferir para os filhos o saber de uma vida responsável. “Eu quero que eles assumam mais responsabilidades, nesse ponto eles são muito seguros, não gastam dinheiro à toa, vão segurando as coisas, daí eu quero que eles vão fazendo e administrando a propriedade, já que eles querem ficar na roça” (Anexo 1, questão 35).

Ter preocupação com o futuro dos filhos não é apenas pensar se eles vão acertar na vida. Para ele significou sempre dar oportunidades de avançar, de correr riscos, mas calculados. Por isso,

---

<sup>31</sup>Fazer aos trancos e barrancos significa fazer de qualquer jeito, aos saltos, aos trambolhões



mesmo segurando as inovações dos filhos, valorizava suas idéias sem correr riscos incontornáveis. “Eles vinham... muitas vezes eles queriam fazer muitas ... é... coisa assim mais diferente. Como que eu fui sempre meio arisco, que não quis muito avançar sem segurança... daí eu segurava um pouco eles” (Anexo 1, questão 90). E desta maneira foi exercendo o seu papel de mestre de estágio na orientação dos filhos rumo ao futuro. Na visão dele esse modo de agir não quebrava a iniciativa dos filhos: “Porque de acordo que eu achava que eles iam... que dava certo, daí eu ia soltando. Até hoje!” (Anexo 1, questão 91) Também não se arrepende das atitudes tomadas e justifica o porquê: “Eu sempre valorizei muito as idéias deles... mas eu tinha um olho na minha experiência de vida” (Anexo 1, questão 92).

A preocupação de GALIOTTO com o futuro dos filhos passa por um testemunho permanente de trabalho, que foi em sua vida um fator-chave em sua formação e no seu sucesso como agricultor destaque. Isso aparece muito claro nas entrevistas. É a palavra que ele mais repetiu, nos mais variados contextos, sempre dando a entender que através dele ele superou suas dificuldades e foi vencedor. Houve, no entanto, uma evolução entre a frase inicial de quando vivia com seus pais e “só sabia trabalhar”, mesmo sem entender bem o que isso significasse. Percebe-se no correr das entrevistas o amadurecimento da idéia de trabalho. A educação dos filhos pelo testemunho de vida regrada e de muito trabalho incutiu neles o amor à terra e o gosto pelo trabalho. E as lições não foram impostas nos modelos de escolas autoritárias ou reprodutoras, mas vivenciadas ao natural, partindo das realidades e do momento vivido. “Olha, o meu papel é ir trocando idéias com os filhos, ir trabalhando, trocando idéias... hoje vamos fazer um serviço... amanhã vamos passar para outro” (Anexo 1, questão 58).

Este trabalho de formação dos filhos sempre foi somado com a esposa NILDE, que os encaminhava como podia: “Ah. A gente tinha a Igreja, ia... lá na comunidade. E lá tinha o ensino... era aquilo lá. Depois veio a outra escola, daí melhorou”. Mas a família não relegava a educação dos filhos apenas à escola. Os bons princípios vem de berço, e este não faltou: “Ah, sim, tava sempre acompanhando junto com eles e ensinando com a... onde que era preciso ensinar, né. Ensinava o certo, como deviam agir pra ser gente de bem... e mostrava também onde é que tava o errado e assim eles ia distinguindo. Onde que era o certo, era o certo e onde que era o errado... a gente não deixava para eles” (Anexo 2, questão 10).

A lição de vida que ele deixa para o futuro dos filhos é que o trabalho assumido torna-se fator de união familiar, e esta garante o sucesso e o bem estar. “Olha. Eu acho uma importância do

trabalho tem que sempre... na família tem que ter trabalho, tem que ter serviço. E quando tem trabalho, tem serviço, a gente parece que até se vive mais unido, se vive melhor, porque a gente está trabalhando, todos. É... sempre tem o que fazer. Um vai para o serviço dele, o outro ajuda que aquele serviço, eu acho muito bom” (Anexo 1, questão 62). Nota-se, claramente, que não é uma simples apologia do trabalho, mas a sua concretização na vida das pessoas, que buscam através dele o retorno financeiro, o reconhecimento, a construção do futuro e uma melhor qualidade de vida.

#### **5.4. Formação Através de Intervenientes Externos**

Vários aspectos importantes, depreendidos das entrevistas feitas e que corroboraram no processo formativo do agricultor, já foram abordados neste capítulo. Analisamos sua formação formal, sua formação experiencial, sua tutoria na formação dos filhos e sua preocupação com o futuro deles, e o trabalho como fator chave de formação para ele e para toda a família.

Tentarei agora, na semântica da palavra interveniente<sup>32</sup> reunir todos os fatores, pessoas ou organizações externas aos familiares do senhor GALIOTTO, que de alguma forma participaram do seu processo de formação, e que ainda não foram objeto de estudo e análise neste capítulo. Lendo e relendo os depoimentos, feitos nas entrevistas, tive oportunidade de analisar vários aspectos do seu processo educativo. Aspectos esses que não fazem parte da formação experiencial, pois não tem a experiência como seu ponto de partida. Também não fazem parte da sua formação formal, pois embora seja uma formação organizada, ela não é acadêmica e nem escolar, porque não se fundamenta ou acha guarida nos moldes dos currículos e grades curriculares oficiais.

Feita esta clarificação, seleciono os três que mais aparecem nas entrevistas como fatores que influenciaram seu itinerário educativo, de sucesso e de aquisição de conhecimentos, uma vez que seu processo de formação formal foi diminuto e a experiencial já a conhecemos. Trata-se da análise de:

---

<sup>32</sup> Intervir (do latim, *intervenire*): tomar parte voluntariamente; meter-se de permeio; ingerir-se; Interveniente (do latim, *interveniente*): pessoa que pratica intervenção, interventor; fatores que se interpõem gerando intervenção;

- a) sua participação em cursos, seminários, congressos, encontros, jornadas ou palestras;
- b) a interação com a CFR - Casa Familiar Rural, por ilação de seus monitores e de dois de seus filhos, que estudaram três anos lá;
- c) a inferência em sua formação por parte de parceiros: técnicos, prefeito, padre, cooperativa, sindicato e outros.

Pretendo analisar tudo, num contraponto ao que escrevi em capítulo anterior sobre teoria e prática. Para tanto, relembro, BOFF (2002) preconiza um novo universo, uma nova forma de interagir, e que garante a proposta formativa do ser humano na ótica do cuidado... Nele o cuidar transcende o ato para se tornar atitude, que é fonte de coexistência do saber e do agir, e como é uma fonte, gera muitos atos.

DEMO, por seu turno, defende o equilíbrio entre os conceitos, pois sem ele corre-se o risco de dar supremacia à prática. Há necessidade de não esquecer a teorização das práticas para se evitar a rotina de trabalho, ou o enfado sobre o “ambiente diário do exercício profissional”.

Já FREIRE (2000) alerta, que tanto o ensinar como o aprender exige uma reflexão crítica sobre a prática. O exercício de toda e qualquer profissão tem dentro de si um movimento dinâmico dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

Os CEFFAs estabelecem a alternância entre períodos de permanência na propriedade e os períodos de permanência no internato da escola, que não deixa de ser uma alternância entre a prática e a teoria. A alternância de reflexão sobre a formação experiencial e a formação formal ou a formação através de intervenientes externos.

E para GALIOTTO, que só frequentou a escola durante um ano e meio, isso nos idos de 1956, que é mais novo que a metodologia inovadora das Maisons Familiaes Rurales, que não é mestre nem doutor como BOFF, DEMO ou FREIRE, será que existe nele uma preocupação conceptual sobre teoria e prática? Instado a falar sobre o assunto sentenciou: “Olha! A prática, os estudos, são duas coisas, uma diferente do que a outra, para dizer a verdade até... (risos). Mas as duas são boas, quando... se o senhor tem estudo, mas não tem... não tem a prática de fazer as coisas... resolve?... (risos). Daí que nem quem trabalha na agricultura tem que saber não só no... no livro, no caderno. Quem trabalha na agricultura tem que saber também na

prática” (Anexo 1, questão 112). Quando ele iniciava suas intervenções nas entrevistas com a expressão “Olha!”, ele falava com voz calma, pausadamente, e, para ser mais exato, com atitude reflexiva. As frases que se sucediam a este verbo exprimiam sempre conceitos, tentativa de definições, uma explanação mais aprofundada, ou um ponto de vista construído na reflexão.

#### 5.4.1. Formação através de cursos, palestras, encontros e similares

Estas ações de busca formativa, só vão aparecer no quarto período do quadro de análise construído no início deste capítulo. Relembrando, é a época da vida após o casal ter sua casa e ir morar sozinho, ou seja dos 24 aos 53 anos de idade. Enquanto era solteiro, não saía de casa, e nos dois anos de casado, morando junto, quem mandava era o pai.

Assim que se viu sozinho com sua mulher, lutando pela sobrevivência, com um razoável, porém, limitado cabedal de saberes experienciais, sem maiores referenciais comparativos, seguiu o que seu tino perspicaz de agricultor vivido lhe indicava. Partiu em busca do saber que lhe faltava: “Daí comecei a ir em cursos, fazendo cursos com a EMATER, tudo, ainda fazendo curso, até que fui vendo que o caminho era bem diferente que nem... éé... Que nem nós estava” (Anexo 1, questão 47).

Iniciava uma nova etapa de vida: A busca de informações, a conquista de novos saberes, a construção de uma formação que lhe fazia falta, mas que não tivera nunca a oportunidade de construir. “aí, sempre meio desconfiado fomos fazendo coisas diferentes... mas não é fácil você mudar assim de repente...” (Anexo 1, questão 47). Percebe-se aqui a resistência à mudança, afinal de conta isto representava uma quebra de paradigmas já arraigados em seus vinte e quatro anos de agricultor.

Sua esposa dá uma dimensão do significado desses cursos todos dos quais ele participou, e ratifica a nova era em suas vidas: “Ele começou a participar dos cursos, daí que a gente foi morar sozinho. Ele fez, gostou... assim né. Ele viu que... do jeito que tava as coisa não era fácil... pouca escola, só mais a experiência que a ele tinha. Essa era grande, porque ele sempre foi muito interessado em ver e aprender como fazer. Agora... por meio dos cursos ele aprendeu muita coisa. Nossa, como aprendeu!...” (Anexo 2, questão 12).

Prevaleceu sua intuição reflexiva. Ela vem explícita, de forma plástica, num de seus depoimentos. Percebe-se uma caminhada, um itinerário traçado com os olhos voltados para o futuro, mas com os pés muito firmes no chão da realidade dos novos tempos pelos quais passa a agricultura.

Na sua simplicidade interiorana ele relata o que significou essa quebra de paradigmas, e como se operou, numa alusão socrática, a maiêutica desse processo: “Olha! Esses cursos, nos primeiros cursos que eu fazia, vinha os agrônomos e técnicos ensinavam assim. E eu era meio arisco, era... daí eu fazia um pouco do meu jeito, um pouco do jeito deles... analisando sabe?... foi até que eu achei o caminho melhor... onde que era melhor e tudo, achei muita vantagem em todos os cursos... se não tivesse esses cursos, hoje não sei o que que eu seria... hoje estou me sentindo bem” (Anexo 1, questão 88).

Na primeira parte desta fala notamos a situação de insegurança frente ao novo, demonstrada na expressão era meio arisco. Ao mesmo tempo transpira a auto confiança, que lhe transmite, paradoxalmente, a segurança de que o saber, que ele detém, não está errado. É apenas diferente, podendo ser melhorado. Diante disso mantém seu ponto de vista, mas por prudência estabelece uma adequação dele às novas informações passadas pelos técnicos, e daí fazia um pouco do meu jeito e um pouco do jeito deles. Importante notar que não ficava no “laissez faire<sup>33</sup>”, mas frente ao problema tomava uma atitude e agia com consciência e reflexão: analisando, sabe? Mudança, apenas por mudança, é atitude imatura e desnecessária num momento de aprendizado. A partir desta postura crítica frente aos novos saberes, tendo como paradigma a sua formação experiencial, partiu pra a ação e foi “até que achei o caminho melhor”, com disposição para adotar novas idéias e tecnologias. O processo de avaliação também está presente. Ela dá o aval do caminho certo em todas as atividades como forma de garantir maior número de acertos e profícuo ganho. Ao final, realizada a experiência formativa, poder dizer com ar de vitória: “hoje estou me sentindo bem”.

Descoberto e viabilizado o caminho de aprofundamento de seus conhecimentos, se auto estabeleceu um processo de formação permanente.

---

<sup>33</sup> expressão idiomática francesa que traduz uma atitude impassível diante das coisas, do mundo e da vida. No Brasil existe uma expressão similar: “deixa estar, para ver como é que fica”.

Hoje GALIOTTO é enfático ao afirmar, que a melhoria sensível de sua propriedade acontece graças ao diversos cursos, que fez com várias instituições parceiras: “Nos últimos anos principalmente por fazermos cursos, sempre fazendo cursos, e tentando melhorar a propriedade, enquanto a gente, fazia o curso, ensinava o que dava certo e aí ia para o campo aplicar o que aprendia. Esses cursos a gente faz na Cooperativa, na EMATER, e agora ultimamente a gente tem feito bastante também na Casa Familiar Rural” (Anexo 1, questão 18). É ser repetitivo reafirmar a presença forte do conceito de teoria e prática chegando aqui a se transformar numa espécie de campo de pesquisa. Há uma lógica de raciocínio embutida: Ele tem uma prática, vai ao curso, ouve, estuda, questiona, entende, volta à lavoura, refaz a prática, analisa esta nova prática, mede seus resultados e assume uma nova postura como fruto de uma caminhada reflexiva agrícola. É a construção de um processo de ação-pesquisa-ação, seguido de uma auto e hetero avaliação (porque é uma avaliação sua e ao mesmo tempo da fala dos técnicos), qualitativa (porque tem como objetivo o aprimoramento do saber) e quantitativa (pois trabalha com a medida de resultados). Para arremate tudo é feito no rigor da pesquisa, o que lhe dá valor científico. Parodiando DEMO, afirmo que é necessário que os profissionais agrícolas, aqueles que põem a mão na terra, lá no campo, e não apenas os teóricos, se dediquem à pesquisa, e que isto seja uma atitude cotidiana.

Durante a entrevista perguntei-lhe à queima roupa, de quantos cursos ele participou até hoje: “Ah! Nem idéia não tenho. Porque eu de cursos participei bastante... mas bastante mesmo. Que o que me convidam para cursos eu estava lá fazendo”... risos (Anexo 1, questão 86). Perguntei-lhe se passava mês sem curso. “É difícil! Muitas vezes mais que um por mês. Entre reuniões e cursos é toda semana... mas óia não escapa uma semana”... risos (Anexo 1, questão 87).

Esta é, sem dúvida, uma atitude cotidiana. E os frutos desta atitude quem os colhe é, sem dúvida, ele com sua família. Extrapola, porém, o ambiente familiar e atinge o meio em que vive. Estas mudanças que atingem a sua propriedade, não param por aí. Por irradiação, geram mudanças no meio social em que vive, e nas pessoas com quem se relaciona, mesmo fora de lá. Hoje a família toda, ele, a mulher, os filhos estão permanentemente participando de cursos e eventos, não apenas em Mariópolis, mas em Pato Branco (centro de referência agrícola regional), em Francisco Beltrão (centro regional de referência na produção de mel, e por proximidade com região mais quente, nos derivados de cana de açúcar, cachaça e açúcar

mascavo), Castro (sede da melhor bacia leiteira do Paraná), Vale dos Vinhedos (Região dos melhores vinhos brasileiros, no Rio Grande do Sul).

Esta postura inquieta, amiga, preocupada com as pessoas e com as coisas, reflexiva mereceu esta avaliação feita pelo prefeito do município em entrevista a mim concedida: “Eu acho que é... a falta do estudo fez com que ele buscasse outras formas de conhecimento e ele soube buscar essas formas de conhecimento, participando de tudo aquilo que eu falei que é de cursos, parti... de palestras, de encontros com pequenos agricultores, é... buscando a sua formação depois de adulto, depois já de ter uma família, de ter os filhos, ele... não ficou acomodado na sua propriedade plantando o feijão e arroz. Ele é um pesquisador inveterado” (Anexo 3, questão 7). Neste mesmo contexto o Prefeito NEURI analisa o fato de GALIOTTO ter sido premiado, e conclui que esta dimensão do seu perfil é que pesou forte na sua indicação ao prêmio Agricultor Destaque do município. “Ele foi buscar solução, foi buscar alternativas para viabilizar sua propriedade e eu acho que foi esse trabalho todo, que te falei agora, que está aí para todo mundo ver, essa dedicação do SÉRGIO que fez com que ele recebesse então esse título, esse troféu naquele dia” (Anexo 3, questão 7).

Falando assim posso estar passando a imagem de um agricultor forte, quando na verdade trata-se tão somente de um pequeno proprietário de agricultura familiar, que ama os seus, ama o que faz, e o faz bem feito, prazerosamente, e por isso mesmo é feliz.

Padre LUIS, um amigo que lhe deu um alambique para fazer destilados, reafirma essa idéia: “Bem, pelas vezes que estive na sua propriedade, eu vejo uma família religiosa, unida... muito de harmonia. Sempre aquele sorriso, é... bem estar...ele, economicamente, não é uma pessoa rica, mas eu digo que na parte principal, ele é rico, porque ele se sente bem, e se valoriza muito a família, e... se acha realizado naquilo que ele faz” (Anexo 4, questão 13).

#### 5.4.2. Interação com a Casa Familiar Rural

GALIOTTO conheceu a CFR - Casa Familiar Rural através da Prefeitura de Mariópolis. Sempre preocupado com o melhor estudo para os filhos, entendeu dar a eles a oportunidade de estudarem lá. “Um dia nós conversando lá, que os filhos queriam ficar na roça, daí eles lá disseram que tinha a CFR, que é muito boa, já estuda para eles ficarem na roça mesmo, tem o

estudo daí foi inscrito para eles ficarem lá” (Anexo 1, questão 30). Seus dois filhos estudaram na escola durante três anos. Ornella BERTUOL, monitora da escola fez o seguinte depoimento verbal sobre eles: “Tiveram excelentes resultados e profundas mudanças aconteceram a respeito do seu saber, atitudes, socialização e retorno no engajamento da propriedade. A família sentiu o reflexo positivo de sua alternância pedagógica e interação entre a propriedade e a escola. Estão entre os alunos que deram excelente retorno de aproveitamento escolar e de mudanças nas práticas familiares”.

Seu Galiotto sempre fez parte do Conselho Superior de Administração da Associação mantenedora da escola, sendo atualmente seu tesoureiro, apesar de seus filhos não estudarem mais lá, pois já concluíram o curso. “Eu participo porque meus filhos... eu gostei muito da escola lá... porque acho que foi a escola que melhor deu visão da vida pros meus filhos... através dos professores e da direção que deram... eles foram, bem dizer, os pais dos meus filhos... ficavam uma semana por mês internados lá” (Anexo 1, questão 106). Seu GALIOTTO só faltou a uma reunião do conselho até hoje (consulta ao livro de atas da Associação), pois naquele dia participava de um curso de apicultura em Francisco Beltrão. Ele faz parte dos assíduos colaboradores da Casa Familiar de Pato Branco.

O processo de mudança ocorrido na família não é apenas reconhecido pela monitora ORNELLA, ou pela direção da CFR, mas pelo próprio pai dos garotos. No (Anexo 1, questão 31) ele expressa suas opiniões. Sobre a escola ele diz: “Para nós foi ótima, foi uma grande escola, para eles também, nunca se queixaram”. Com respeito às mudanças afirma e explica: “Modificou muito na vida familiar, porque não era como nestas escolas da cidade, que quando voltavam vinham mais agressivos, mais respondão<sup>34</sup>, não eram atenciosos como quando começaram a estudar na Casa Familiar Rural. De lá vinham mais atenciosos, mais quietos”.

Estas afirmações são confirmadas pelos filhos ao responderem sobre em que as palestras e ensinamentos ajudaram. A análise deles vai nesse mesmo foco: “Bastante... porque a gente aprendeu a respeitar, a convivência nossa com os pais e os irmãos ficou muito boa... a escola deu uma formação muito boa mesmo. Até meus pais viram a mudança em nós... a comunidade também” (Anexo 5, questão 30).

---

<sup>34</sup> Atitude agressiva de falta de respeito, aprendida em ambientes de heterogeneidade escolar ou não, marcada por rebeldia.



Esses depoimentos dos filhos vão de encontro com o que o pai acrescentava na sequência ao ser solicitado a falar, sobre a educação recebida pelos filhos: “Eu achei que eles foram muito bem educados, melhor do que eu acho que fosse em casa”. Já sobre a prática agrícola ele observa que “na propriedade eles tão batalhando, aprendendo, se vê que eles tem interesse para ficar na propriedade, na lavoura”.

Por outro lado, a partir do estudo dos filhos muita coisa mudou em casa. GALIOTTO administrou os contrastes dentro da sua sabedoria da máxima proverbial: Devagar se vai ao longe. “Eu acho que sim, agora eles que poderiam responder, acho que para mim foi bom. Apareciam com idéias diferentes da escola” (Anexo 1, questão 32).

Fui, então, conversar com seus filhos. ELSO assegurou que “significou assim uma mudança, porque a gente aprendeu muitas coisas diferente... foi muita mudança” (Anexo 5, questão 5). Assegura que essas mudanças começaram neles mesmos a partir da convivência com os colegas no internato, na vivência do respeito, e das palestras e cursos na área técnica.

Diante destes saberes surgidos na escola, frutos das Discussões, da Colocação em Comum, do Plano de Estudo, dos questionamentos e discussões realizadas junto com os colegas e monitores, na análise das práticas familiares, na verdade (Anexo 1, questão 90) ele agiu sempre com muita cautela e prudência. “Eu sempre segurava um pouco eles”. E explicou porque agia assim: “Sempre segurei porque tenho medo de fazer uma dívida, fazer outras coisas, não pagar e vender o que em muitos anos a gente sofreu, eu sempre fiquei meio segurando”. Falei, atrás no texto, que ele só corria riscos bem calculados. Tanto que, ao sentir a firmeza dos filhos, abria a guarda: “Porque de acordo que eu achava, que eles iam... que dava certo, daí eu ia soltando”. Clareza de objetivos, de visão, e prudência sempre nortearam a vida dos vencedores, das pessoas de sucesso.

Já o Senhor NEURI, prefeito da cidade, e seu grande incentivador, vê os laços da família com a escola e reforça a mesma posição: “Depois em cima desse pouco conhecimento que ele tinha, vamos dizer de escola, mas que a vida lhe deu essa escola, os filhos dele buscaram o conhecimento através da Casa Familiar Rural e completaram aquilo que o pai não tinha e que na verdade hoje então, todos juntos é... um com conhecimento do ensino escolar, da tecnologia, outro com a prática, somaram e ta aí uma família que se deu bem na vida” (Anexo

3, questão 4). A família se dar bem na vida foi um dos pontos de análise na indicação dos candidatos ao prêmio.

O prefeito NEURI conhece o trabalho de GALIOTTO, pois eram amigos e participavam da diretoria da cooperativa juntos. “Então a gente até acompanhou a vida do SÉRGIO, nesse desenvolvimento da sua pequena propriedade. É um agricultor que começou... do zero, quase não tinha nada mesmo, e que hoje é um produtor que viabilizou sua pequena propriedade junto com seus filhos, então nós acreditamos que realmente, quando existe a dedicação, quando existe a busca de novas informações, o produtor pode se desenvolver. E esse caminho o SÉRGIO sempre procurou” (Anexo 3, Questão 2). Reforça aqui não apenas o intercâmbio do saber, mas a busca incansável dos seus objetivos com persistência.

#### 5.4.3. Uma palavra sobre parceiros, diversificação, meio ambiente e desenvolvimento

A análise da trajetória de um agricultor de sucesso não pode manter-se restrita ao profissional, sua vida, seu trabalho e sua família. É um mundo muito restrito para o crescimento global e para o pleno desenvolvimento da sua propriedade e das suas potencialidades. Ele é um pássaro preso quando prende suas qualidades. Retomando a comparação de BOFF, o agricultor que não romper as porteiras e cercas que o limitam, permanecerá dentro do terreiro, alimentando-se do ostracismo das limitações, e não erguerá vôos para o infinito, atitude de águias que transcendem suas limitações para construir bases sólidas de desenvolvimento e prazer pela vida.

LAVARDA, Secretário de Agricultura da Prefeitura de Mariópolis, um de seus parceiros, fala desta postura. “Eu não vejo que um produtor consiga ter sucesso vivendo como uma ilha, ou sendo como um autodidata... O produtor para ter sucesso, ele tem que ter técnicos para se amparar, e ele tem que participar de cursos... e isso o SÉRGIO faz. O que precisa é analisar esses cursos todos e nas conversas com os técnicos, aquilo que é importante para ele fazer, né, fazer na “coisa”<sup>35</sup>. E isso lá o SÉRGIO e a família fazem numa forma bastante intensa, eles nunca estão parados, estão sempre em busca de nova informação, de nova parceria” (Anexo 6, questão 29).

---

<sup>35</sup> Expressão para fazer aí de verdade, no duro, na prática.

GALIOTTO participa, ora mais ora menos ativamente, de uma série de entidades. Ele não apenas usufrui dos benefícios que estas organizações, ou pessoas, ou técnicos podem lhe oferecer, mas sabiamente dispensa seus préstimos em favor das mesmas. Este é um diferencial que o torna um agricultor comprometido, mas ao mesmo tempo respeitado pela comunidade, pois não se enquadra no grupo dos que apenas pensam em levar vantagem, mas é inteligente para intercambiar com os parceiros e técnicos.

LAVARDA explicita isso muito bem num depoimento seu: “Não é só curso... como eu disse... não é só curso, ele tem um tão bom relacionamento com os técnicos, que os técnicos dão quase que cursos particulares para ele na família devido à boa vivência que ele tem com o pessoal, o bom tratamento que ele dá na casa, né. Essas pessoas então se sentem bem de ficar lá e passam todas as informações para ele com a maior boa vontade possível. Ele tem... muitos... ele tem muitos técnicos grandes amigos dele, então, essa formação ele tem ou em cursos ou na casa dele mesmo que o pessoal vai até lá” (Anexo 6, questão 29). Este sexto sentido, presente de uma forma tão natural, além de trazer retornos tão importantes, humaniza o seu relacionamento com a área técnica.

Este sexto sentido não se explicita somente nesta percepção de tratar com as pessoas, mas também no trato com as iniciativas, com as inovações, com as mudanças programadas. É um sexto sentido presente como visão de vida. É o sexto sentido característico da visão empreendedora, tema abordado ao falar de empreendedorismo no terceiro capítulo.

“Isso é uma possibilidade, continua LAVARDA, de que... acho que ele é um dos poucos que tem... essa... essa... esse privilégio de ter os técnicos na casa dele passando horas lá... e isso... e isso é fundamental para ser bem sucedido. E não veio de graça...ele foi...ele criou essa cadeia de informações, porque mesmo um agricultor simples, ele é um homem de visão...é...isso ele é” (Anexo 6, questão 29). Criar cadeia de informantes e ser uma pessoa de visão são características fundamentais para a concretização de idéias, e fator-chave na formação e no sucesso.

Tive oportunidade, no correr deste capítulo, de avaliar seu engajamento com a Prefeitura Municipal. Mas não pára aí. Analisarei um pouco mais seu envolvimento, levantando outros órgãos e entidades das quais participa. Farei através de sua própria fala, validada pelos depoimentos das testemunhas privilegiadas, cujas entrevistas estão nos Anexos.

GALIOTTO participa do Sindicato Rural. Aliás uma das entrevistas que fiz com ele, foi realizada na sala do presidente. Cheguei ao sindicato no horário marcado, uma hora antes de uma reunião de associados, e ele já estava, na calçada, aguardando. Entramos, e ele falou para a secretária que precisava de um espaço reservado para falar comigo. “Seu GALIOTTO, o senhor é de casa, faz favor usa a sala do presidente” (informação verbal). Meio constrangidos, mais ele que eu, entramos e lá conversamos. Foi quando me disse; “É! Agora estou só como sócio do sindicato” (Anexo 1, questão 104). Veja-se alguns aspectos: pontualidade, trânsito e respeito dentro da entidade expressos nas palavras da secretária, e o seu compromisso de associado que participa da vida do sindicato, mesmo hoje apenas como simples associado, pois já foi da diretoria.

É membro da diretoria executiva da Associação da Casa Familiar Rural de Pato Branco, pertencendo ao conselho desde que a conhece: “É! Agora tenho mais um serviço lá na diretoria da Associação da Escola. Sou tesoureiro... (risos). Eu participo porque meus filhos... eu gostei muito da escola lá... porque eu acho que foi a escola que melhor deu visão da vida pros meus filhos...” (Anexo 1, questão 105). Ele não participou da associação enquanto seus filhos estudavam lá, por interesse. Não! Participa até hoje, e com certeza vai participar adiante, e não apenas das reuniões, mas das atividades todas, pois são extremamente engajados, ele e a esposa.

Não pára aí. “Nós temos uma associação de apicultores. Fica em Francisco Beltrão (cidade vizinha a setenta quilômetros de distância) essa associação da ASPAR de apicultura. Já fui da diretoria lá também...” (Anexo 1, questão 107). A propósito, foi numa destas reuniões mensais que o Padre Luiz ofereceu a ele o alambique. Três dessas reuniões se transformam em dias de mutirão em prol da entidade.

Mariópolis tem uma cooperativa agrícola, forte e financeiramente saudável. É conhecida pelas gestões sérias que a administraram. Como houve na entrevista referência a cursos que ele fizera na CAMISC - Cooperativa Agrícola Mista São Cristóvão Ltda. aprofundei a idéia de seu envolvimento: “Ah! Eu já fui muitos anos do comitê educativo da cooperativa. Agora, ultimamente me desliguei um pouco porque tenho muito serviço, é muita reunião, e muito... daí parava pouco em casa. Muitas vezes ficava... bem dizer a semana inteira quase fora de casa daí os filhos trabalhando, daí eu digo: vou me desligar um pouco para ficar mais juntos com a família” (Anexo 1, questão 109).

Analiso aqui três aspectos: O primeiro refere-se ao setor do qual ele participava, exatamente o comitê educativo. Trata-se de uma mera casualidade, ou não será por acaso a projeção de um perfil de agricultor preocupado com a formação? No meu ponto de vista não é coincidência. O segundo refere-se ao seu desligamento da diretoria, continuando, porém, seu membro fiel, no dizer de LAVARDA: “Mas eles tem uma confiança, eles são muito fiéis à cooperativa. Independente de que de vez em quando eles questionem alguma coisa da cooperativa, eles são muito fiéis à cooperativa... mas com certeza ele é o... ele é o sócio classe A... aquele sócio fiel Isso dá para sentir” (Anexo 6, questão 30). E finalmente o terceiro aspecto, que é o motivo que o levou a reduzir esta participação na vida da organização e dos cursos. Ela era tão intensa que passou a afetar o seu trabalho e a vida lá em casa... aí ele pensou, vou me desligar um pouco para ficar mais juntos com a família. Lições plásticas de profissional reflexivo, de discernimento, coragem, bom senso, amor e respeito à família.

Neste percurso de envolvimento e parcerias bem sucedidas aparece a sua adesão e o seu trabalho junto à associação dos fruticultores de Mariópolis, a FRUTIMAR - Associação de Fruticultores de Mariópolis, note-se a variante de entidades das quais GALIOTTO participa, de acordo com o foco do trabalho no seu sítio. No campo da fruticultura o destaque corre por conta do pêssego e da uva, esta última ocupando lugar de destaque, tanto que ele faz parte da comissão diretora da Cantina que estão instalando no município, cedendo inclusive seu nome para a carreação de recursos externos para a obra. “Na cantina ele é um dos grandes batalhadores desde o primeiro momento...” (Anexo 6, questão 23) assegura LAVARDA.

Finalmente cumpre destacar sua participação na comunidade local, através do Conselho da Capela São Pedro, onde sua família sempre esteve envolvida, ora fazendo parte da diretoria ora apenas como membro participante, mas sempre emprestando seu apoio: “Ah isso! Meu serviço era sempre um serviço meio pesado... isso aí, sempre foi feito eleição. Aí a maior parte das vezes sempre fui o tesoureiro lá. Serviço pesado de contar dinheiro” (Anexo 1, questão 102). A princípio não entendi bem o que ele quis dizer com serviço pesado, mas ele mesmo explicou o que significa para ele essa expressão. “... trabalhar com dinheiro alheio, eu gosto de tudo certinho. A gente tem sempre um medo de errar, daí sabe como é que é. Muita responsabilidade... mas sempre se demos bem com o padre” (Anexo 1, questão 102). Mais uma vez ressaltam-se algumas características do líder: A Ética. Essa postura correta e esmerada no controle do dinheiro alheio, ou no cumprimento da palavra empenhada, vem

referendados pelo Padre LUIS ao afirmar: “Ele é uma pessoa honesta e de muita confiança. Toda a família dele é assim” (Anexo 5, questão 10). Tanto é verdade que o padre cedeu o alambique na palavra, sem contrato algum, e o repasse do percentual do produto (pinga e graspa) não tem comprovante escrito. É trabalhar o certo.

Trabalhar o certo é sua forma de vida. Um exemplo disso está no incremento de práticas conservacionistas. Dos hábitos antigos de cultivo do solo uma delas não mais se usa lá na propriedade. Quem fala sobre isso é dona NILDE: “A gente ia derrubando o mato com machado, foice, depois queimava a roça e carpindo... direto. Hoje não se queima mais, mas aquele tempo era a forma de fazer plantio, fazer roça” (Anexo 2, questão 28). Hoje, após o curso D’Olho na qualidade rural, a família toda preserva o meio ambiente e cuida muito da natureza. “Eu tenho área definida para reserva” (Anexo 1, questão 16), garante GALIOTTO. Os dez alqueires da nova área adquirida, é praticamente uma reserva. “Só vamos mexer naquilo que foi autorizado para construir a casa nova do filho que casou e as benfeitorias, e para ampliar o parreiral, o resto ninguém mexe” (Informação verbal).

A consciência de preservação do meio ambiente veio com o processo formativo, não apenas dele, mas da família toda. Sua esposa é taxativa hoje ao falar disso: “Hoje a gente cuida, temos um pedaço de mato, que ninguém mexe, a gente preserva, não polui” (Anexo 2, questão 29).

Quando eu me referia, em capítulo anterior, ao pescador da ilha de São Francisco, e teorizava o desenvolvimento sustentável e a diversificação, não tinha conhecimento tão profundo da propriedade do senhor GALIOTTO, como detenho hoje. Agora percebo mais claramente o fio condutor que perpassa as atividades de um agricultor familiar. Fica muito claro para mim que aquelas considerações todas se enquadram aqui, como se fosse uma luva, com destaque para mais algumas.

Tentarei analisar como aconteceu este processo de diversificação na propriedade do GALIOTTO. Na primeira entrevista quando lhe perguntava da história da sua propriedade ele já deu uma primeira pista da sua reflexão sobre o problema. “Mais que eu trabalhava no início era com grão, agora que eu comecei com gado de leite. Optei pela mudança, porque a lavoura somente, pro pequeno agricultor, hoje em dia não adianta mais. Tem que diversificar” (Anexo 1, questão 08).

Na empresa rural família GALIOTTO, a opinião do filho ELSO bate com a do pai, mesmo não sendo seu forte gado de leite, pois até hoje resmunga com o pai e com as vacas, ele se manifesta favorável à diversificação: “Ela ajuda bastante, né. Bastante diversificação, mais dinheiro vem, né. Mais lucro. Mas tem de diversificar assim onde dá certo, porque só diversificar não adiante” (Anexo 5, questão 13).

Logo, a diversificação que aí se adota é planejada e fruto de estudo. Não aconteceu assim: saiu do grão e se jogou às cegas em outras atividades. Foi planejada e estudada: “eu tava conversando com o prefeito de Mariópolis, fazendo as contas, hoje em dia dá mais a uva do que todo o resto, bem mais que gado de leite e tudo” (Anexo 1, questão 10). Aparece aqui, eu não chamaria de contabilidade, mas a realização de cálculos de rentabilidade no processo de diversificação. Além do mais o agricultor foi conversar com o NEURI, que é seu velho parceiro de cooperativa e seu amigo, que é também o prefeito da cidade, e como tal está por dentro das coisas, e que a partir daquele momento ele o escolheu como seu consultor externo. E mais: toda essa estratégia, esta ação de aconselhamento foi extremamente econômica, pois não gerou despesas adicionais à propriedade, tendo em vista que ela foi gratuita.

Solicitado a falar ainda mais das mudanças ele expressa seu contentamento: “Eu gostei, porque agora que eu trabalho em associação, como a apicultura, que daí tem o SIP – Sistema Integrado do Paraná, mel, daí tenho abelha em diversas áreas da região, e aquela me tira para bem dizer o sustento da família” (Anexo 1, questão 9). Aparece novamente aqui a figura contábil do controle de gastos e lucro. Na opinião do filho ELSO, esse acompanhamento financeiro, que hoje ele sabe fazer e o pai deixa pra eles fazerem, é importante porque significa mais renda. “Porque daí a gente tem o controle da entrada e saída também. Isso ajuda a gente a planejar, o que fazer, o que deixar de fazer, né!” (Anexo 5, questão 12).

LAVARDA me relatou que ele iniciou na criação de abelhas, por influência de um agrônomo, que era seu amigo e lhe ensinou a atividade na teoria e na prática. “Do tempo que eu conheço ele para cá, das atividades alternativas – mais importante - ele tinha... ele tinha... o Edgar POTT, que é um agrônomo da EMATER, agora não está mais, não como um técnico, mas como um amigo dele, que ainda é um amigo do SÉRGIO, muito grande, e que possibilitou o SÉRGIO que... que... vamos dizer assim... na produção de mel e foi uma partida de sucesso

para o SÉRGIO ter... eu acho que assim: – a primeira atividade alternativa do SÉRGIO foi o mel, Viu que deu bem, ele fez o leite também. Viu que deu bem, ele está na uva também dessa mesma forma. Então o SÉRGIO ele não tem os técnicos como técnicos, ele tem o técnico como um amigo, e até como um sócio, podendo ser” (Anexo 6, questão 27).

Uma reflexão ainda sobre o leite e a uva, duas alternativas visualizadas por GALIOTTO como de futuro e nas quais ele investiu. Invoco novamente o testemunho de LAVARDA: “Começando pelo leite. Eu lembro bem , porque nós fizemos junto o curso em Castro. Naquela época ele não tinha o leite como coisa importante... daí em diante ele começou a desenvolver o leite. Então o SÉRGIO é um agricultor exemplo, porque é aquele que buscou o conhecimento e a partir dali, desses conhecimentos ele começou a desenvolver o leite...a partir da capacitação é que ele transformou na propriedade dele o leite como uma atividade importante” (Anexo 6, questão 23). Esta análise do Secretário de Agricultura, ratifica mais uma vez muitas afirmações que fiz a respeito da Formação Formal e Experiencial do agricultor.

Na questão da uva o processo foi similar. Se no leite tinha duas ou três vaquinhas mais para sobrevivência, na uva tinha suas parreiras, há mais de trinta anos, mais para consumo in natura e em forma de vinho. “Que eu comecei para investir mesmo faz quatro anos. Agora tô num parreral, um que começou o ano passado a produzir, outro vai começar a produzir bem esse ano, vai começar minha renda no ano que vem em diante. Minha área do parreral, hoje estou com nove mil metros quadrados, agora vamos aumentar. Já temos projetos para aumentar, dobrar a área” (Anexo 1, questão 11).

Duas diversificações que se tornaram importantes, implantadas na hora certa, gradativamente, dentro de um programa que tem incondicional apoio do poder público, e que demonstra a visão do agricultor, avaliada desta forma por LAVARDA: “Então eu vejo o SÉRGIO assim: como uma pessoa bem atenta, atenta e inteligente. Se a região toda debate e vê no leite e na uva como alternativa, porque as características de solo, de clima, de mercado... Eu digo que ele entendeu bem a idéia, ele compreendeu bem que as nossas propriedades tem aptidão para essas duas atividades, e ele transformou a propriedade dele em propriedade onde o leite e a uva tem importância fundamental na renda da família...Foi fácil?... não, exigiu muito trabalho e persistência” (Anexo 6, questão 23).



Se, no entanto, não foi fácil, encontrou no GALIOTTO e na sua família a equipe certa para este empreendimento. Não canso de afirmar que o espírito de trabalho inteligente e corajoso, unido a uma pertinácia contumaz são seus apanágios.

A diversificação da sua propriedade passa ainda pela piscicultura, que ele diz criar mais para consumo, quando quer fazer um assadinho. É a busca da qualidade de vida, no zelo por uma alimentação saudável. Mas sempre sobra e ele vende, já no gosto do freguês: “Lá em Mariópolis que eu sou conhecido o pessoal pede para comprar, acaba sempre faltando peixe, a turma quer bastante peixe mais graúdo” (Anexo 1, questão 24).

Uma atividade de diversificação surgiu na idéia de oferta do padre LUIS, mas também casando com a idéia de utilização do tempo. No período da cana de açúcar (mês de junho) diminui o serviço na propriedade, aí entra a produção da cachaça pelo alambique. Outra época de menos serviço é janeiro e fevereiro. Para reforçar a renda, em janeiro, os filhos vão ajudar seus parentes na colheita da uva na serra gaúcha<sup>36</sup>, pois ela acontece em época diversa, e em fevereiro pegam empreitadas para arrancar feijão. No período de ausência dos filhos, ele e sua esposa assumem totalmente os trabalhos na propriedade.

É a versatilidade e a sabedoria na utilização do tempo realizando atividades complementares em período de menor intensidade de trabalho. Este reforço, no orçamento da sua empresa rural, demonstra a organização e espírito empreendedor, nos dias de hoje tão necessários no campo e ao mesmo tempo de tanta carência.

E assim, a vida corre solta e com muito trabalho. Há, entretanto, um ponto que não acontece, ou pelo menos não bate com o conceito usualmente entendido pelas pessoas. E que o agricultor aborda com muita naturalidade: (Anexo 1, questão 57-59) “Olha. Lazer ali em casa, dizer a verdade, a gente tem pouco lazer, a gente fica mais por casa” E férias? Emendo eu, de inopino. “Férias? Não tem férias”. E solta a melhor risada da tarde. Insisti um pouco então se eles viajavam: “Olha, muito pouco. Viajar é difícil... Viajar... só viajamos o ano passado que a prefeitura pagou uma excursão para ir nas cantinas, ver nas festas de uva no

---

<sup>36</sup> Região típica do Rio Grande do Sul maior centro produtor de vinhos do Brasil.

Rio Grande...se não é difícil nós viajar”. Abordei se acontecem reuniões de família. “Sim em casa nós sempre se reunimos, conversamos... daí a gente planeja”. Não era isso que eu esperava e insisti perguntando se não sai aquela festinha; “Ah. De vez em quando sai, porque o... sempre quem está nos dando apoio muito é o padre de Vitorino, então às vezes ele vai lá em casa e leva uma carne. Daí fazemos uma festinha lá em casa”.

Analizando, a vida social deles se restringe aos momentos do culto e a convivência na capela, e entre os membros da família. O lazer é circunscrito a atividades caseiras. Viagens não acontecem, pois esta, na realidade, foi uma visita de estudos sobre uva e fabricação do vinho. Não há iniciativa em fazer festas ou outras atividades de confraternização familiar. As que aconteceram foram por ingerência externa do padre que levou a carne para o churrasco. Ah! Mas existem as festas da comunidade e das comunidades vizinhas. Certo. Nestas eles são escalados para trabalharem, pois são envolvidos na vida da comunidade. Se olharmos a fundo, porém, percebe-se que estas carências não tiram deles o olhar de paz, tranquilidade e alegria, e nem por isso deixam de ser pessoas felizes, pois estão de bem com a vida e com as pessoas. Fazem o que gostam, e fazem como lazer. Cultivam intensamente a hospitalidade. Visitante é nobreza em suas casas. Qualquer mudança neste campo não deixaria de ser uma quebra de paradigmas social e familiarmente aceitos e incorporados aos usos e costumes locais. Esta quebra paradigmática está mais ou menos no mesmo nível da reação a implantar mudanças em atividades e hábitos profissionais já arraigados. Mas uma coisa é certa: para tanto trabalho e fadiga deveriam acontecer compensações outras, que a satisfação de criar e dar futuro aos filhos e a si mesmos.

## CONCLUSÃO

Ao fazer a apologia do trabalho, com a conseqüente utilização racional do tempo, GALIOTTO não o faz como forma possessiva de poder. Não cabe em seu perfil, pelo que se lê no ângulo ora velado ora explícito de todas as entrevistas, uma atitude característica dos Midas<sup>37</sup>. Para um Midas o trabalho concentra tudo na canaleta de ganhar dinheiro, fama e poder, e não entende como alguém pode ser feliz sem isso.

---

<sup>37</sup> Midas era um rei apaixonado pelo dinheiro. O deus Baco atendeu seu pedido de transformar em ouro tudo que tocasse. Um instante de raro prazer, se transformou em catástrofe, pois os alimentos também viravam ouro. Voltou a Baco pediu para reverter, e mudou de vida.

Já GALIOTTO enobrece o trabalho, como forma de realização pessoal e familiar, de estar de bem consigo mesmo e de bem com a vida. Ele o entende como uma forma fantástica de amor e cumplicidade. Talvez uma das maneiras mais inteligentes de realizar os seus talentos. Enquanto alguns o encaram como um martírio, ele o assume com espírito prazeroso, porque isso faz sua vida gratificante e produtiva.

Os elementos textuais das entrevistas, bem como este capítulo sobre coleta e análise de dados, me forneceram elementos, que continuarei a analisar no capítulo que vem a seguir. Deles poderei apreender as marcas do sucesso, bem como os fatores-chave do processo formativo que estou analisando.

Os depoimentos do entrevistado, bem como das testemunhas privilegiadas, emergiram com força surpreendente. Revelaram fatos, idéias, posturas, sobretudo iniciativas e ações, que transcenderam minha imaginação, e na minha inexperiência de investigador contrariaram inclusive algumas expectativas ideadas por antecipação.

Houve um momento, na coleta de dados, que pensei estar com um material relativamente pobre, me deixando até preocupado sobre o que emergiria, disso tudo, na temática proposta para esta pesquisa. Pensei até em refazer as entrevistas. Ledo engano. Ao começar meu estudo, e penetrar no âmago de cada questionamento, descobri riquezas infindas nesse emaranhado de vida. Transpareceu o espírito criativo e arrojado de uma pessoa simples por natureza, mas especial na sua essência de ser humano excepcional, esposo e pai preocupado com a família e o futuro dela, parceiro fiel e confiável, cidadão crítico e comprometido, agricultor reflexivo.

## **CAPÍTULO III - SUCESSO E FORMAÇÃO: SÍNTESE DE FATORES-CHAVE NO ITINERÁRIO DO AGRICULTOR**

### **INTRODUÇÃO**

Neste capítulo, continuo meu processo de análise de dados, mas com uma perspectiva complementar. Buscarei entender, completar e explicitar, agora de forma mais sistematizada, os fatores-chave que levaram o agricultor à construção de sua formação, e a ser um agricultor, não materialmente rico, mas bem sucedido e, neste caso, premiado.

Praticamente esta atividade esteve implícita na análise dos dados da pesquisa, mas penso, que muitas nuances passaram despercebidas ou não foram devidamente destacadas. Cabe agora exaurir os textos, inclusive o meu, entrar em detalhes, para que possam emergir deles, mais ordenadamente, as categorias, as hipóteses, já extraídas ou não, a fim de que possamos rever ou explicitar conclusões.

Os conceitos emitidos pelos autores citados no terceiro capítulo, em que pese serem expressões do mesmo tema, tem nuances próprias. Há, no entanto, uma característica somatória entre eles, pois nenhum teve a pretensão de esgotar o assunto. Cabe, portanto, a análise dos conceitos e opiniões de cada qual, a verificação de pontos convergentes, e a construção de um quadro indicativo único para salientar a lógica dos referenciais.

Este ponto de partida estabelece maior clareza no entendimento das hipóteses e dará maior consistência a esta etapa do trabalho investigativo.

### **1. INDICAÇÃO AO PRÊMIO DE AGRICULTOR DESTAQUE**

O quadro de análise dos dados até aqui nos coloca frente a uma realidade que se tornou clara: a excelência de um processo formativo do agricultor, seu itinerário bem sucedido, e sua conseqüente premiação. Penso ser oportuno, neste momento, levantar os critérios, pelo menos alguns deles, que levaram à escolha do senhor GALIOTTO para o prêmio de Agricultor Destaque, bem como objetivos e finalidades da premiação.

Quem nos dá essas diretivas é LAVARDA, Secretário Municipal da Agricultura, e coordenador do concurso, junto com outros órgãos participantes. Tentarei, ao mesmo tempo, sentir quais os motivos que os levaram a criar a premiação, e saber como tudo foi organizado e posto em prática.

### **1.1. Idéia Inicial, Organizadores e Condução do Processo**

Mariópolis tem um programa de formação técnica periódica dos agricultores, oferecendo-lhes permanentes cursos de capacitação e atualização. Os certificados são entregues em sessão especial, no ginásio de esportes, com a presença intensa das pessoas que fazem a agricultura familiar no município. Naquele ano o evento foi maior, pois houve a entrega do PRONAF - Programa Nacional da Agricultura Familiar<sup>38</sup>. Era uma espécie de motivação. Na entrevista, porém, LAVARDA confessava não se recordar bem, mas confirmou a solenidade: “Puxa vida... eu agora não lembro direito. A escolha... a gente pensou que iria ser uma motivação para todos os agricultores a entrega deste prêmio. Então teve um evento que se não me engano, foi a entrega do PRONAF, e que reuniu no ginásio, todos os pequenos agricultores para receber aquele valor”.

Nesse vai e vem das atividades e conversas travadas entre os organizadores é que surgiu a idéia da premiação: “Então eu disse para o grupo que estava reunido e coordenando...Vamos aproveitar a ocasião e vamos premiar agricultores, que tiveram sucesso profissional e que sejam exemplos para os outros”. Era a medida exata para incentivar a participação inclusive nos programas municipais das cadeias produtivas.

A idéia caiu como uma luva entre as organizações presentes, que, sentindo a firmeza do secretário, se manifestaram favoráveis à promoção. LAVARDA tenta se recordar e relaciona os órgãos participantes e organizadores: “Vou ter que apelar para a memória... humm... deve fazer uns três anos que a gente fez aquela entrega do prêmio mas como a gente sempre teve e tem o conselho municipal de agricultura onde participa o sindicato, participa a EMATER, a prefeitura, representantes das comunidades rurais, eu tenho certeza que naquela época foi esse

---

<sup>38</sup> Programa responsável pelo subsídio financeiros de atividades ligadas à terra, produção, investimento e capacitação.

conselho quem deliberou para encontrar quem seriam os agricultores prá merecerem este prêmio”.

Como eu tive oportunidade de acompanhar a sessão solene, tomei a liberdade de lhe sugerir mais um órgão que estava presente. Trata-se do PRODER - Programa de Desenvolvimento Rural. Ao que ele de pronto confirmou: “Você me faz clarear, tinha naquela época o PRODER, verdade, que era um programa assessorado pelo SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, e que desenvolvia um trabalho no município, mas até pelo tempo eu não consigo lembrar tudo que passou, já faz uns...”.

O processo seletivo aconteceu aproveitando reuniões já programadas e com certa antecedência: “Então como tinha as reuniões do PRONAF, com alguns meses de antecedência, que a gente bolou essa entrega de premiação, então já se discutiu, e como essas reuniões dos conselhos são mensais eu acredito que numa reunião eu dei a idéia, pensamos alguns critérios, e na outra reunião foram levantados alguns nomes e foi aprovado por maioria, mas acho que foi consenso foi citado estes dois nomes, que foi consenso, porque chamavam a atenção. Quando falamos foi upa<sup>39</sup> nomes saltaram”. Devido à escassez do tempo, rapidamente e desta forma, colocou-se em prática a idéia.

## **1.2. Finalidades e Objetivos**

A idéia da premiação estava ligada a uma forma de motivação dos agricultores, tendo em vista uma grande reunião de quase cem por cento dos produtores do município, presentes na sede. A finalidade era promover os profissionais da agricultura, seu trabalho e suas famílias. Os objetivos se direcionavam tanto para o produtor contemplado como para os demais agricultores.

O agricultor contemplado, receberia um impulso muito grande pela valorização de todo o seu trabalho. Sua auto estima cresceria bastante, pois ao analisar o seu percurso perceberia que seus esforços não tinham sido em vão. Toda a sua dedicação estaria sendo reconhecida, não pelos familiares, mas pela sociedade como um todo. “Isso trabalhava o produtor, que ganhava, porque nós ia trabalhar com a auto estima dele, ele ganhando uma premiação pela dedicação que ele tava vendo”.

---

<sup>39</sup> Expressão local para traduzir a rapidez de uma ação.

Na mesma oportunidade foram premiados um agricultor-família e um jovem. Eram duas categorias distintas com premiações específicas obedecendo critérios diferenciados. “Foi escolhido dois, um agricultor destaque tradicional com a família e outro um jovem agricultor revelação. Vamos dizer: um destaque e uma revelação”.

Estão aqui presentes os objetivos da programação: motivação e reconhecimento: “Para aquele que ganhava com certeza... pooxa, uma motivação, um reconhecimento pelo que fazem”.

Os outros, os demais agricultores, que não fossem premiados, teriam no escolhido uma fonte de inspiração para a sua prática reflexiva de trabalhador da agricultura familiar. Essa foi uma das finalidades do evento: “Para os outros como exemplo até para se mirarem, para olhar, para se espelhar, para ver o que estavam fazendo, para ser também, conseguir no outro uma motivação para trabalhar melhor... essa foi a finalidade”.

Em que pese a promoção ter sido realizada em menos de 90 dias. Suas finalidades foram cumpridas e seus objetivos alcançados.

### **1.3. Processo e Critérios da Escolha**

Uma vez dada a idéia, traçados os objetivos, e pela exigüidade do tempo, aproveitaram-se momentos coletivos de reuniões para se definir o *modus agendi*<sup>40</sup> da escolha dos contemplados, como vimos há alguns parágrafos. É ainda LAVARDA quem nos testemunha a sistemática: “Se chegou à conclusão, até porque veja bem, quando você reúne os produtores das comunidades, o produtor de uma comunidade ele não conhece da outra comunidade... então ele tem uma confiança muito grande nos técnicos, os agricultores, e não se chegou a ir na propriedade, porque os técnicos, ou seja a EMATER, seja da prefeitura, o próprio presidente do sindicato, então a gente já conhece os produtores, e foi através dos depoimentos dos técnicos e os outros confirmando que a gente fez essa escolha”.

Perguntei-lhe se foram visitadas as propriedades ou foram feitos levantamentos metodológicos para se chegar aos nomes e ele esclareceu: “Não se chegou a fazer nenhuma comissão para ir lá levantar quesito por quesito, foi... a gente tinha os exemplos, a gente tinha

---

<sup>40</sup> Do latim expressão usada para traduzir a forma de realizar algo.

uma declaração, tinha um conhecimento de que assim eram esses agricultores e foi baseado nisso, observando os critérios de que falei”.

Com assentimento e aval dele, resumi assim a condução do processo. Eles tiveram uns dois encontros com a participação de todas as lideranças da área técnica ou das outras áreas que atuavam lá no interior, e este grupo de lideranças que tem o conhecimento aprofundado das comunidades e das pessoas que moram lá, das famílias e jovens, foram detalhando os critérios e ao mesmo tempo em uma segunda sessão acabaram elegendo as pessoas. Lavarda, no entanto, salvaguarda a participação dos agricultores: “... era importante a opinião dos produtores, então porque no fundo eram eles votando num representante deles”.

Indagado sobre os critérios usados na seleção dos contemplados, Lavarda fez um arrazoado que tentarei esmiuçar, para melhor entender o itinerário do agricultor e os fatores-chave de sua formação e de seu sucesso.

Na época foram escolhidas duas pessoas: um agricultor destaque e um jovem revelação. Ficarei atido ao primeiro que é o caso em foco. Cito um trecho da entrevista com o Secretário de Agricultura, coordenador do evento e que analisaremos logo de imediato. Diz ele:

“Para o agricultor destaque, seria o agricultor que tivesse uma família constituída, que tivesse filhos, e que vamos dizer assim, tava conseguindo sustentar bem a família como um pequena propriedade, que tivessem em busca daquilo que a gente via como importante que era busca de novas alternativas, porque a pequena propriedade que ficava só no grão, se via que não ia conseguir desenvolver então o produtor que tivesse diversificando a propriedade, buscando na assistência técnica para soluções dos problemas, o produtor que tivesse iniciativa nesta busca de solução, a humildade para ir em busca dessa solução, reconhecendo o que o outro podia ensinar para ele, então nós tinha que ter uma família, e vamos dizer assim, não eu to desenvolvendo e a família toda no processo envolvida, então ganhou o pai o premio mas o que a gente queria premiar era a família, então no agricultor destaque era um agricultor e uma família que estava em jogo... esses foram as coisas que a gente olhou na época de dar estes prêmios. Tinha mais mas não lembro agora”.

À luz deste depoimento do coordenador esmiuçarei agora os critérios apontados. Eles surgem ao natural no texto. O primeiro critério, que está muito claro, é a premiação não só do



agricultor destaque mas também a extensão do prêmio à sua família: “...então no agricultor destaque era um agricultor e uma família que estava em jogo”. Ou como ele afervora em outra passagem: “Para o agricultor destaque, seria o agricultor que tivesse uma família constituída, que tivesse filhos...”. Aqui está presente um processo de escolha de candidatos, onde se estabelece uma delimitação por prerrogativas. Afinal só poderia ser escolhido um agricultor, e necessário se fazia afunilar o processo.

O segundo critério que aparece no texto é a sustentabilidade familiar através de pouca terra. “Vamos dizer assim, tava conseguindo sustentar bem a família com uma pequena propriedade”. A introdução deste critério retoma e enaltece a idéia de que a pequena propriedade é viável, desde que se tomem algumas medidas, pois cultivar pequenas ou grandes áreas supõe o uso de técnicas diferentes. GALIOTTO tem consciência e experiência disso: “Hoje já faz 32 anos que estamos casados e fomos morar naqueles cinco alqueires de terra e estamos lá até hoje. Lá a gente teve a família e criamos os filhos” (Anexo 1, questão 46).

Um terceiro critério complementa o anterior e o redimensiona melhor. Trata-se da diversificação da propriedade e a busca de novas alternativas, tábua de salvação para a agricultura familiar. O agricultor a ser escolhido devia estar em “busca daquilo que a gente via como importante que era a busca de novas alternativas, porque a pequena propriedade, que ficava só no grão, se via que não ia conseguir desenvolver”. Buscava-se, então, “o produtor que tivesse diversificando a propriedade”. Note-se aqui a seriedade e a pertinência na composição do perfil do candidato ao troféu agricultor destaque.

Observe-se que os itens analisados nada mais são do que os fatores-chave, que levaram a pessoa a conquistar, tanto uma sólida formação bem como o sucesso profissional.

O quarto critério se refere ao processo de fundamentação de sua formação experiencial através da formação dos cursos, palestras ou orientações individuais, já analisados no capítulo anterior (item 5.4.1. e 5.4.3.). Chama a atenção para o agricultor que se aperfeiçoa e faz enfrentamento das dificuldades “buscando na assistência técnica para soluções dos problemas”. Não só isso, mas arrola como mais um critério a criatividade. Não vale apenas aquele que busca a assistência, mas tem que ser “produtor que tivesse iniciativa nesta busca de solução”.

LAVARDA, ao fazer este elenco, apresenta um último critério da escolha de um “produtor que tivesse a humildade para ir em busca dessa solução, reconhecendo o que o outro podia ensinar para ele”. Esta abertura ao dar e receber, como viabilização de um trânsito de informações e formações, como atitude cotidiana da busca do saber, estabelece a construção de um verdadeiro processo formativo. É um fator-chave fundamental.

Os critérios acima não serviram apenas para estabelecer a seleção do agricultor candidato ao troféu, mas se constituem em fatores-chave, não apenas para o sucesso, mas para sua busca formativa. No questionamento ao secretário durante a entrevista ele adianta que, tinha outros critérios: “... esses foram as coisas que a gente olhou na época de dar estes prêmios. Tinha mais mas não lembro agora”.

Reporto-me à análise dos dados feita no capítulo anterior, e destaco a profusão de ações e atitudes do GALIOTTO, que no fundo foram critérios de sua indicação, mas ao mesmo tempo fatores-chave no seu processo formativo e de um percurso de vida bem sucedido.

Como o prêmio visava também contemplar a família, pesquisei uma outra passagem da entrevista com LAVARDA em que ele destaca o envolvimento de todo o grupo familiar nos vários aspectos da propriedade: na vida em família no lar, nas iniciativas, no trabalho, nos cursos e reuniões, no esforço de captar a mensagem prática e aplicável que está por detrás das orientações técnicas, das informações e formações, de ver além do momento vivido, de sentir o que fazer e o que deixar de fazer, numa visão clara da rentabilidade, de se aproximar das pessoas, e exaurir delas o máximo, mas, sobretudo de ter a coragem e a força de vontade de colocar em prática, sabendo a dose certa, e nunca esquecendo que depende deles construir sua vida, escrever sua história, como família e como seres humanos ímpares. LAVARDA arremata assim:

“Eu participei com Sérgio em cursos de quarenta horas, uma semana inteira em Castro, né, eu vejo... o filho do Sérgio há poucos dias indo na formação do núcleo do pessoal fabricante de cachaça do Sudoeste e interessado em participar de todo o processo indo lá em Beltrão no SEBRAE... sempre que aparece uma oportunidade de formação ou seja o Sérgio ou seja os filhos, ou a esposa, eles não abrem mão de participar... E estão sendo inteligentes o suficiente para analisar o que é bom e o que é ruim destes cursos. O que é que eles tem que fazer para

aquilo dar resultado, eles tem a sensibilidade para fazer – porque até como técnico digo, as informações que as vezes a gente passa são muitas, são muitas, e se só se basear numa conversa de escritório o produtor não vai conseguir ter um bom resultado. Então o Sérgio ele consegue captar e ele como bem relacionado quando a gente vai na casa, as conversas dele consegue captar e ter sensibilidade para aprender exato... para ver do técnico aquilo que ele tem que tirar para transformar aquilo numa coisa que dê renda, que seja produtiva, né. Então eu vejo que ele tem uma boa formação porque ele sempre foi atrás dessa formação em cursos por fora, né, de outras formas, através desses cursos que estão disponíveis aí”.

#### **1.4. A premiação sob o olhar de testemunhas privilegiadas**

Fechando esta análise da escolha ao prêmio, gostaria de sentir o que pensam as pessoas que mais estiveram presentes em sua vida e que testemunharam esta caminhada de vida, de dificuldades, de esforço estudo e sucesso.

Pesquisando mais a entrevista de LAVARDA, na busca de critérios que levaram GALIOTTO à premiação, acabei achando uma avaliação de sua propriedade. Talvez sem muitas novidades, ela corrobora a assertiva de que ele mereceu o troféu. Mas é, sobretudo, uma síntese do processo de redenção do pequeno agricultor pela forma dinâmica, inteligente e criativa como realizou a diversificação da propriedade, talvez o único caminho para a agricultura familiar hoje no Brasil:

“Ele é um produtor caprichoso, leva bem feitinho todas as atividades, tem uma boa lavoura e ele diversificou a propriedade. Então ele, já citei e repito, ele dedicou um espaço da propriedade para produção de leite, um espaço para produção de uva, onde ele tem idéia de ampliar, e ele também tá fazendo cachaça, que também é outra fonte de renda, e ele tem no mel outra fonte importante de renda, que daí ele tem as caixa de abelha distribuídas na região, até daí eu nem sei a localização. Mas ele tem uma propriedade bem diversificada e é isso que tá fazendo ele progredir. E o importante que todas as atividades ele tem elas com rentabilidade, nenhuma atividade ele tá trocando seis por meio dúzia”. (risos)

Padre LUIS, amigo pessoal e incentivador da família, vê nele um lutador, uma pessoa com visão de futuro e um grande vencedor. “A vida dele foi uma luta sem fim. Passou muitas

dificuldades. Ele é um grande vencedor, se você quer saber. Ele e a esposa dele. Foi temperado pela vida... Ele entendeu, ele tem visão de futuro”. Se lermos o relato biográfico do Padre LUIS, no anexo, saberemos que estas palavras são ditas sem bajulação, pelo contrário, são sérias, sábias e verdadeiras.

O Prefeito do Município de Mariópolis, Senhor Neuri GEHLEN, também participou do evento da premiação, e se manifestou feliz e satisfeito com o resultado. Ao analisar a conquista do troféu Agricultor Destaque do Município pelo senhor Sérgio GALIOTTO ele deu este depoimento que transcrevo aqui e analisarei em seguida:

“Olha, eu acho que essa conquista do Sérgio foi justamente por tudo aquilo que eu falei, pela dedicação dele, pela forma como ele conduziu a propriedade dele, da forma como que ele tentou ir buscar os conhecimentos que ele não tinha para poder chegar onde chegou, viabilizando uma pequena propriedade com rendimento suficiente para sustentar uma família que nem ele tinha de quatro... e ele tem de quatro filhos. Eu acho que é... a falta do estudo fez com que ele buscasse outras formas de conhecimento e ele soube buscar essas formas de conhecimento, participando de tudo aquilo que eu falei que é de cursos, parti... de palestras, de encontros com pequenos agricultores, é... buscando a sua formação depois de adulto, depois já de ter uma família, de ter os filhos, ele... não ficou acomodado na sua propriedade plantando o feijão e arroz. Ele é um pesquisador inveterado. Ele foi buscar solução, foi buscar alternativas para viabilizar sua propriedade e eu acho que foi esse trabalho todo, que te falei agora, que está aí para todo mundo ver, essa dedicação do Sérgio que fez com que ele recebesse então esse título, esse troféu naquele dia”.

Como ponto referencial de observação, apenas vou retirar deste parágrafo palavras, idéias, fatores-chave e deixarei que falem por si só: dedicação; condução da propriedade; busca de conhecimentos; viabilização da pequena propriedade; sustento da família; falta do estudo; busca de outras formas de conhecimento; participação de cursos, palestras e encontros; busca de formação depois de adulto; não acomodação; pesquisador inveterado; busca de solução; busca de alternativas; trabalho.

Além de enumerar vários critérios de indicação ao prêmio, Neuri destaca nada menos que uma dezena de fatores-chave, que levaram o Sérgio GALIOTTO não apenas ao sucesso.

Levaram-no a ter uma formação integral sólida, participativa, baseada na experiência, aprofundada pelo itinerário de cursos, palestras e interação com pessoas, e consolidada por um processo reflexivo num itinerário integrativo entre a prática-teoria-prática, com intensa participação da esposa e dos filhos. E o resultado só poderia ser o que os depoimentos confirmaram.

## **2. A PREMIAÇÃO NA ÓTICA DO CONTEMPLADO**

A modéstia, a humildade e a hospitalidade são virtudes básicas e fundamentais na família de Sérgio GALIOTTO. Eles as cultivam de uma forma irrestrita e ao mesmo tempo cativante, o que os tornam pessoas amáveis, atenciosas, de fácil e agradável convivência. Quem chega em sua residência é extremamente bem tratado, e sente no ar esse clima de exímio anfitrião. Por outro lado, contudo, a honestidade, seja nos negócios ou no trato com as pessoas, faz parte do seu modo de ser e de agir. Necessariamente ela tem que ser recíproca, pois fazem parte dos seus princípios de vida.

Quanto à sua indicação, para o troféu agricultor destaque, até hoje ele parece não ter ainda entendido bem. Na sua cabeça passa que outros também mereciam, que eles não são tanto assim, mas se sentem bem em ter sido contemplados. Modéstia a parte nota-se nos seus semblantes a satisfação de terem recebido esta honraria, sem permitir, contudo, que isso afete o seu jeito simples e amigo de ser.

Lendo seus depoimentos percebe-se que ele foi lacônico ao abordar o assunto. Quando tentei sentir dele o que contribuiu para receber o troféu, ele opinou assim: “Pois é, nois sempre se dava bem no município, daí vinha os técnicos, ensinava, a gente ia plantando alguma coisa aqui, uma coisa lá. Principalmente depois que os filhos começaram a estudar na Casa Familiar, teve bastante participação”. A participação dos filhos com mais interesse gerou uma nova situação de mudança. Ele faz menção com destaque para sua atitude de respeito às pessoas como forma de vencer na vida: “Pois é, nois sempre se dava bem no município”. Dá destaque à participação familiar no processo e ao estudo dos filhos: “Depois que os filhos começaram a estudar... teve bastante participação”.

Ele acha que o prefeito tem boas idéias e dá muito apoio às iniciativas. Passa momentaneamente pela sua cabeça, que pode até ser uma espécie de retribuição, mas retrocede e se manifesta ainda surpreso: “Pode até que... de repente eu acho que sim. Porque

eu não até que... o prefeito, eu não sei como é que ele escolheu nós para dar aquele prêmio que deram de agricultor destaque. Eu acho que ele tem muito interesse com as famílias e tudo, quer nos ajudar bastante”. Na sua opinião não teria acontecido não fosse o espírito família.

Por outro lado atribui aos cursos e à Casa Familiar um grau de participação no seu sucesso. “É! Tem a ver bastante com os cursos, e bastante também com a Casa Familiar”. GALIOTTO passa a relacionar a sua formação e o estudo dos filhos como fatores-chave nas mudanças, e conseqüentemente no seu sucesso profissional bem como na sua premiação.

### **3. ANÁLISE DE FATORES-CHAVE À LUZ DE CATEGORIAS E AUTORES**

Entendo ser necessária aqui uma rápida análise sobre os fatores-chave, principalmente, mais ligados aos aspectos do sucesso profissional. Esses aspectos foram menos intensamente tratados no capítulo anterior, que sua formação formal e experiencial, ou mesmo a não formal. Tecerei esta abordagem tendo como base algumas categorias que construí a partir das opiniões dos autores citados no terceiro capítulo.

No correr do capítulo anterior fiz menção a vários destes aspectos, por isso também não terei a pretensão de esgotar o assunto, mas mostrar que o agricultor premiado faz parte das pessoas vitoriosas, pois envidou muito esforço pessoal para chegar onde se encontra hoje. Tudo isso não aconteceu num passe de mágica, mas foi um caminho palmilhado passo a passo com muito embate. Afinal de contas, um empreendedor de sucesso, na agricultura familiar, só aparece se o seu percurso de vida estiver recheado das características que marcam essas pessoas.

Por questão de simplificação e de síntese, enquadrei as mais de vinte e cinco variantes de sucesso e empreendedorismo, na opinião dos mais de dez autores, em cinco grupos ou categorias de fatores-chave. Os quadros detalhados estão colocados em anexo, facilitando assim uma consulta ampliada.

#### **3.1. Busca e Construção do Conhecimento**

Vimos no capítulo anterior o itinerário formativo do agricultor. O esforço pessoal, somado a uma pertinácia muito forte, marca esse percurso. Com pouca escola, baseado na sua formação

experiential, este agricultor construiu um processo de formação não formal, mas organizada, que foi sua redenção como profissional empreendedor bem sucedido na agricultura. CARNEIRO (2004) lembra a importância de gostar de aprender coisas novas, pois aprender é crescer.

NAMURA (2004) fala da transformação do conhecimento. GALIOTTO não buscou apenas os conhecimentos, mas os transformou, testando a sua viabilidade antes de dar adesão total em sua propriedade. Este é o espírito de quem sabe transformar contextos. Para saber, necessário se faz a busca incessante deste saber. MENEZES (2004) enquadra isto como a presença do conhecimento.

Há diversidade entre o pertinente a uma ou outra profissão A preservação do meio ambiente de uma forma assumida é uma marca de toda a família: “Uma vez a gente queimava, hoje não. Aquele mato ninguém mexe”. Essa postura preservacionista nas práticas é resultado da aquisição de uma ecoformação consciente.

CELLA (2003) ressalta a variável educação, como forma de destacar o agricultor. Isso acontece se existir uma constante procura por informações técnicas e econômicas, juntadas a uma competência dada pelo domínio do conhecimento sobre a tecnologia. O agricultor GALIOTTO somente atingiu esse estágio pela sua intensa participação em eventos e cursos, que ampliaram sua qualificação profissional. Ele não buscou essa situação de detentor do saber tão somente para si, mas oportunizou o estudo aos filhos e cursos de formação para sua esposa. Este fato ficou visível na análise anterior.

### **3.2. Planejamento e Soluções de Problemas**

Passou-se a época de olhar o tempo e programar a safra. Hoje a tecnologia está instalada de forma gritante, e usurpadora por vezes, no campo. E não adianta ficar com saudades das cebolas do Egito, pois para que aconteça o desenvolvimento, e ele seja sustentável se impõem medidas, que passam de frente com o que chamamos de planejamento e soluções.

Em LUZES CONSULTORIA, CARLI (2002) define planejar, na ótica de um agricultor empreendedor, como prever acontecimentos futuros, positivos ou negativos, definir alvos ou

objetivos que se queiram atingir, definir recursos e como atingir os objetivos propostos. Há vezes em que o medo e a insegurança, por exemplo, frente ao novo, tolhem a livre iniciativa. Tem lógica a atitude de GALIOTTO, que ouve as orientações dos técnicos, mas não se limita a ouvir e fazer, sem reflexão. Ele sai da teoria, volta à prática, vai mudando aos poucos, dentro da sua realidade, conforme os resultados, as disponibilidades financeiras e a capacidade de absorção da mudança. Seus filhos e a esposa planejam junto, eles fazem o controle financeiro de gastos e despesas, e investem naquilo que dá lucro.

MENEZES (2004) classifica essa atitude como a arte de transformar contextos, no que vem reforçado por SALES (2003). Este, por sua vez, destaca a importância de uma constante escolha, que exige um planejamento bem feito dos investimentos e da forma de aplicá-los, evitando assim problemas futuros. Se estes, no entanto, acontecerem, sugere a imediata busca de soluções, como forma de superação e de sucesso.

CELLA (2003), através da pesquisa investigativa de sua tese, aponta quatro vertentes, que caracterizam o agricultor bem sucedido: a habilidade em diversificar sua produção, a habilidade em organizar a produção e a propriedade rural, a existência de controle financeiro dos gastos e receitas e o planejamento da produção e das atividades da empresa rural. Todas essas variáveis de fatores-chave estão presentes na propriedade do GALIOTTO, e foram avaliadas nos depoimentos do prefeito municipal, bem como do secretário de agricultura, minhas testemunhas privilegiadas. Essas assertivas encontram-se sucintas no capítulo anterior, e explicitadas nos Anexos.

### **3.3. Trabalho e Produção**

No capítulo anterior dei destaque especial ao trabalho na vida da família Galiotto, pois perpassou todas as entrevistas, não apenas a dele. O trabalho, como fator-chave do sucesso e do aprendizado, aparece em quase todos os autores estudados aqui. Isto vem corroborar a afirmação que através dele, quase como num ritual, os avanços aconteceram. Afinal de contas eles partiram do zero, e hoje, não são ricos, mas a família toda vive e se dá bem e é feliz. Tanto que, como agricultor destaque e como família, foram premiados.

CARNEIRO (2004) afirma que trabalharam duro para chegar lá, as pessoas que se distinguiram num itinerário de vida bem sucedido. Já CELLA (2003) atribui como variável de



avancar à competência dada pelo domínio do conhecimento sobre a tecnologia, e pela habilidade de conduzir as atividades de produção e comercialização. Óbvio que só se consegue chegar a isso através de uma vida de muito trabalho.

Para SZTAMFATER (2004) o caráter inovador, que abordaremos no item a seguir, só subsiste a partir das práticas, no trabalho concreto. BASTIANI (1996) reforça a postura de GALIOTTO frente ao trabalho, afirmando que ele foi à luta através de um trabalho planejado e diuturno. E isso, no dizer de AQUINO (2004), é empreendedorismo, é o sexto sentido que faz a diferença, que compele a pessoa à realização profissional.

Se CURY (2001) afirma que o trabalho é o caminho da construção, GALIOTTO transformou o trabalho tenso e aborrecido de agricultor em um recanto de prazer. Ele não esperou a situação mudar, ele mudou a situação e hoje tem uma propriedade viável, no dizer do prefeito. É a concretização do pensamento de MENEZES (2004), para quem o empreendedor sabe gerar resultados, fazendo o que gosta.

### **3.4. Inovações, Iniciativas, Mudanças, Resultados, Criatividade**

Há muito pouco tempo se tem falado tanto em empreendedorismo. Uma das características da marca do empreendedor é o seu espírito inovador. GALIOTTO tem se mostrado um inovador, razão pela qual sua propriedade subsistiu e hoje é totalmente produtiva. No início era grão, suínos, leite, mas sem espírito arrojado. Faziam o trivial e iam se mantendo. Os tempos mudaram e através de uma formação profunda entendeu o rumo certo para encaminhar sua propriedade. Em cima de resultados foi diversificando. Suas iniciativas eram sempre bem avaliadas, pois mudança por simples mudança não leva a lugar nenhum. E ele sabe disso. Lavarda foi muito claro em sua avaliação no capítulo anterior, ao narrar o seu percurso de agricultor humilde, mas bem sucedido.

SZTAMFATER (2004) lembra que a inovação não se dá necessariamente com a criação de algo novo e impensado, e sim com a atribuição de uma nova perspectiva a algo já existente. Foi o que aconteceu com GALIOTTO. Eles se ocupavam de uva, leite, mel, vinho, frutas, peixe e outras atividades. O inovador está na nova ótica dada às mesmas atividades, hoje altamente projetadas, planejadas e rentáveis.

MENEZES (2004) afirma que a pessoa de sucesso promove o empreendimento a partir de um comportamento criativo e inovador. SANTOS (1995) reforça apenas com outras palavras, mentor de mudanças, inovações e criatividade.

Reforço com a análise feita por CELLA (2003), que registrou em sua pesquisa de campo o seguinte perfil, muito familiar ao do nosso agricultor. Destaca-se a disposição em adotar novas idéias, tecnologias e sistemas de produção, bem como a habilidade em diversificar sua produção, como estratégia para diminuição de riscos, pois assumir riscos calculados faz parte do perfil.

### 3.5. Fatores Psíquico-Sociais

Estabelecerei aqui, para uma maior compreensão, uma subdivisão em fatores-chave intra-psíquicos e inter-psíquicos. Os fatores-chave intra-psíquicos dizem mais respeito ao seu interior, ao seu eu agricultor e ser humano, fala de seus valores e posturas internas. Já os fatores-chave inter-psíquicos abrangem o agricultor nos seus aspectos sociais, no relacionar-se com os outros e com grupos.

#### 3.5.1 Fatores-chave Intra-psíquicos

A pessoa empreendedora e de sucesso tem **postura ética** e seus **valores** são coerentes. CARNEIRO (2004) lembra que pessoas bem sucedidas são honestas, ao passo que SZTAMFATER (2004) coloca o ápice nos valores pessoais. CARLI (2002) esclarece que entende por Ética, não apenas as virtudes, mas uma postura ilibada que gera a confiabilidade ou credibilidade. Ao entregar o alambique, sem documento escrito, ao produtor, o padre confiou na sua postura ética e fez questão de dizer que é pessoa séria.

A concretização dos projetos da propriedade de GALIOTTO, exigiram dele muita **perseverança, persistência, determinação e arrojo**, fatores estes explicitados nos depoimentos das testemunhas privilegiadas. Eles vem reforçados nos conceitos dos autores. CARNEIRO (2004) reforça que a pessoa bem sucedida é perseverante e tenta até conseguir. Foi o que aconteceu com a compra da nova área de terra. Esta visão encontra eco em SHINYASHIKY (1997) ao afirmar que a determinação é uma força interior capaz de levar

alguém à conquista dos seus objetivos. NAMURA (2004) salienta que o empreendedor é uma pessoa arrojada, e DOLABELA centra na persistência o seu perfil.

Analisando em outro ângulo aparece a idéia de SALES (2003), segundo a qual o **despojamento** é pista para o desenvolvimento do sucesso. Fica então por conta da afirmação de SHINYASHIKY (1997), que o **desprendimento** é a capacidade de abandonar o que não está funcionando para aprender o novo. Foi o que GALIOTTO e sua família fizeram.

O itinerário do agricultor passou por um processo de amadurecimento. Somente assim entende-se sua caminhada. Aspectos como **auto-conhecimento, auto-confiança, otimismo e realização pessoal** passaram a encarnar a personalidade do Agricultor. Esta postura abriu passagem na construção de uma vida melhor e realizadora. SALES (2003) fala do auto-conhecimento como pista, ao passo que para AQUINO (2004) a realização pessoal parte de um sexto sentido empreendedor, que torna as pessoas cientes de sonhos e realidades. O começo de um empreendimento é difícil e exige, segundo DOLABELA, muita renúncia ao conforto e prazeres, confiança e otimismo. Para a realização pessoal, uma dose de paixão e ambição se faz necessária. CARLI (2002) destaca que a livre iniciativa leva a mudar a situação através de determinada ação, partindo de dentro dela, e por isso o otimismo conduz a pessoa a pensar e a agir de maneira positiva e construtiva perante a vida.

Arrematando qualidades marcantes na personalidade de GALIOTTO, fatores-chave de seu itinerário, lembro duas idéias de SHINYASHIKY (1997). Segundo ele a **dedicação** é a capacidade de se entregar à realização de um objetivo. Para se conseguir um resultado diferente da maioria, a pessoa tem de ser especial. **Disciplina** não se entende aqui como rigidez, mas a capacidade de seguir um método. O **reconhecimento dos seus potenciais e limitações** coloca uma pessoa numa postura de organização e ao mesmo tempo de humildade. “Só sei que ainda sei muito pouco e tenho muito a aprender” arremata GALIOTTO.

### 3.5.2 Fatores-chave inter-psíquicos

GALIOTTO criou uma rede de contatos, ao natural, pela sua empatia. Isto lhe foi de extrema valia. **O seu excelente relacionamento familiar e liderança no lar, a relação com os intervenientes externos, a sua atitude de dar e receber, não apenas sugar, testemunhada**

**pela sua participação comunitária, sua integração e liderança em sindicato, cooperativa e associações diversas, marcaram o perfil do empreendedor.** É o aspecto da sua vida no seu ambiente social e sua interação no meio. Esses aspectos foram analisados no capítulo anterior e marcam fatores-chave que ascendem a pessoa ao sucesso. Lembro SALES (2003) ao afirmar que o dar e receber é pista para o desenvolvimento de uma pessoa ser bem sucedida. Já para CARLI (2002), o relacionamento inter pessoal faz parte do quociente emocional da pessoa. A construção da realização pessoal e do sucesso está intimamente vinculado à capacidade das pessoas em conviver com os outros e interagirem no grupo, seja familiar ou não. CELLA (2003) ao pesquisar agricultores e traçar seu perfil faz alusão a seis fatores-chave, todos eles já aventados como integrantes do perfil no agricultor entrevistado:

- a) disposição e habilidade em promover parcerias, associações e condomínios de produção;
- b) liberdade em fixar seus próprios horários e autonomia decisória, que permite ao produtor tirar férias;
- c) envolvimento direto da família com a empresa rural.
- d) promoção de um bom padrão de vida para a família.
- e) envolvimento com os assuntos comunitários.
- f) preservação do meio ambiente e ser exemplo para outros empresários rurais.

Com estas considerações entendo ter enriquecido a análise da caminhada de sucesso e empreendedorismo do agricultor, pois a partir delas eu vislumbro que a premiação além de servir de estímulo aos demais agricultores foi um reconhecimento comunitário ao esforço particular e familiar de vida. Aliás, este foi o objetivo número um da premiação: agricultor e família que servissem de exemplo aos demais. Os outros critérios acima também foram explicitados nesta dissertação, como presentes no itinerário de vida de GALIOTTO e sua família.

## CONCLUSÃO

Ao encerrar este capítulo, tecerei alguns comentários, que penso serem oportunos, ao fechar a análise da caminhada do agricultor. Volto a autores citados neste trabalho, e faço um contraponto com a vida de GALIOTTO.

Retomo o que disse COUCEIRO na página 57 deste trabalho. As ações experienciais, “são resultado de um quadro interpretativo pessoal, construído através de múltiplos fatores, que tem a ver com a globalidade da história de vida, e que constitui um modo próprio de ver, sentir, pensar e agir”. GALIOTTO se enquadra perfeitamente neste quadro interpretativo pessoal. Seu modo particular de sentir a vida, escrevendo sua história a partir apenas do experiencial, envolvendo-se com sua família, formando um conjunto harmônico de ações e reflexões, práticas e teorias, sem perder a noção de conjunto, o equilíbrio entre o pessoal e o coletivo, conquistando assim seu espaço ao sol.

Vejo também, traduzidos de forma esparsa na vida de GALIOTTO, os quatro elementos que compõem o modelo de aprendizagem experiencial de KOLB. Eles aparecem na mesma página citada acima, e concretizados de forma inteligente em sua vida.

Senão vejamos: **A experiência concreta** é a atitude tomada frente aos novos saberes, fazendo um pouco do seu jeito e um pouco conforme os técnicos. **A observação e a reflexão** foi uma marcante da transformação de sua propriedade. **A formação de conceitos abstratos** ele conseguiu através do acréscimo de uma formação organizada à sua prática experiencial. E, finalmente, **a experimentação em situações novas** fez a transformação de atividades comuns de subsistência em empreendimento rentável e de sucesso, viabilizando sua propriedade de forma inteligente como salientou LAVARDA, ao dizer que “ele foi inteligente o suficiente para entender isso”.

Já na página cinquenta e nove deste trabalho cito WARSCHAUER, que ao se referir a Josso, Dominicé e Nóvoa, lembra que é importante um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas, o que se dá juntamente com a reelaboração da própria identidade e não por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas. Para concretizar isso na vida GALIOTTO viveu a partilha do dar e receber desinteressado, citado, alguns parágrafos atrás, como fator-chave do empreendedor. Ele se apropriou de novos saberes, modificou sua prática pela reflexão e tornou esses saberes produtivos. É por isso que afirmei que GALIOTTO reelaborou sua identidade, e graças a isso, chegou ao sucesso e à premiação.

Nas páginas cinquenta e nove e sessenta cito PINEAU, a respeito de transições paradigmáticas. Estas foram vividas de forma conflituosa e permanente na vida de

GALIOTTO. Foi preciso passar por “choques e rupturas, por conta de diversidades sociais, profissionais e existenciais”. Graças a elas aconteceram as transformações, que lhe foram extremamente benéficas. É o encaixe da realidade de uma vida campesina, numa experiência heurística colocada na dimensão de um aprendizado tripolar, frente a si mesmo, frente aos outros e às coisas.

Concluo fazendo a ligação da fala de JOSSO, na página sessenta desta tese. Ela coloca as aprendizagens experienciais no âmago dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. No seu itinerário, GALIOTTO, sem uma formação formal adequada, sem recursos para iniciar sua vida (começamos do zero), teve visão, pertinácia e garra suficiente para resolver mesmo assim, sem ter conhecimento teórico, os problemas que surgiram no seu percurso. “Aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que têm formulação e soluções teóricas”.

## CONCLUSÃO GERAL

Ao lançar os olhos para a página inicial deste trabalho, e percorrê-lo até aqui, ou, ao relembrar o primeiro dia da primeira sessão do mestrado em janeiro de 2002, e refazer momento a momento esta caminhada diuturna de dois anos, cabe, sem dúvida nenhuma, engendrar agora um resumido balanço do significado deste tempo. Tempo pessoal e coletivo. Tempo de convivência com a natureza. Tempo de leitura e de pesquisa. Tempo de reflexão e de produção. Tempo de construção e quebra de paradigmas.

Tempo pessoal e coletivo: Tempo pessoal que foi extremamente propício para um novo encontro comigo mesmo, com meu momento de vida, um reencontro com minha profissão, no dizer de NÓVOA, “um reconciliar-se com sua profissão”. Aqui evidenciaram-se instantes fortes de auto-formação, acontecidos na clausura das celas das casas de retiro, onde as sessões, via de regra, foram realizadas. Este silêncio exterior e interior, encontrado lá, foi altamente formativo, pois pude sopesar, no mesmo instante, passado presente e futuro. Dar asas à liberdade do espírito se encontrar sem meandros, sem dobras de alma, comigo mesmo, medindo potenciais e fraquezas, mas sentindo o sopro fértil da vida, que importa vivê-la em intensidade, enquanto ela nos conforta.

Tempo coletivo que deixou profundas marcas de interação com o grupo de colegas mestrandos e mestres, num processo fantástico de hetero-formação, inicialmente difuso e heterogêneo, mas aos poucos tornando-se mais centrado e homogêneo, sem perder as particularidade de cada um, pelo contrário, vivenciando as características regionais de formação e cultura dos catorze estados de procedência, do Rio Grande do Sul ao Amapá, acrescidos das linhas filosóficas educativas dos países de origem de nossos professores, seus atores, autores e pensadores: Portugal, Espanha, França, Bélgica, Argentina!

Que fabulosa partilha humana de usos, crenças e costumes, idéias e realidades vivenciadas e comungadas na sala de aula e de estudo, nos corredores, nas caminhadas ao ar livre, nas conversas de pé de ouvido ou nas rodas de prosa, ou mesmo na visita ao botequim <sup>41</sup> em algum

---

<sup>41</sup> Bar, boteco, pequeno estabelecimento onde se servem bebidas.

fim de tarde ou noitinha, pois ninguém é de ferro. Mas todo boteco tem um balcão, altar mor<sup>42</sup>, libações, confidências, preces e troca de idéias, de comentários esclarecedores das dúvidas surgidas no processo formativo do dia. Esta fusão gratificante do pessoal e do coletivo fez renascer no interior de cada um em particular, e do grupo como um todo, idéias novas, posturas mais humanas e humanizantes, que vão repercutir de maneira fértil na nossa prática, enriquecida e modificada a partir de um novo ser e fazer reflexivo.

Tempo de convivência com a natureza. Sigo esta análise dos diversos tempos, lembrando a oportunidade de uma formação experiencial ecológica, vivenciada, por exemplo, no contacto com a natureza extasiante do morro do convento da ilha de Vitória no Espírito Santo, tendo o mar aos nossos pés, numa harmoniosa integração da suavidade verde do bosque e da montanha com o poderio das águas do mar, respirando a inebriante brisa do mar e da mata, lição impar do equilíbrio necessário e interação indispensável entre o mestre e o discípulo, ambiente indispensável para que o saber aconteça.

Cito a ilha de São Francisco do Sul, com a harmonia entre a sustentabilidade fornecida pelo mar e pela humilde propriedade rural do senhor João. Lá eu pude beber o equilíbrio de integração e convivência harmoniosa entre o ser humano e a natureza, que bem cuidada e protegida devolve-se em dádivas ao homem, gerando-lhe o sustento e o bem estar. É a prova de que, se o semeador é inteligente e criativo, qualquer terra produz, mesmo na pessoa daqueles jovens alunos que tem muitas dificuldades e percalços em sua vida escolar, e que por isso mesmo necessitam mais do reforço diferenciado do mestre, pois cada aluno é impar, e assim deve ser tratado. Meu processo de eco formação amadureceu, em profundidade durante o mestrado e no trabalho de escrita da tese. Momentos diferentes de vivência e observação, focadas no meu relacionamento com a natureza.

Lembro a paz inebriante da vila de pescadores da ilha de Itaparica em Salvador, onde aconteceu a terceira sessão do mestrado internacional. A paz profunda era como uma quietude de horas mortas, onde a vida fluía ao natural, longe do rebuliço da cidade grande, dos seus

---

<sup>42</sup> Altar principal de uma igreja, o autor faz aqui uma comparação do balcão do botequim onde os freqüentadores trocam falas com o presbitério de uma igreja, onde os fiéis, vão rezar ao santo diante do altar.



estresses e de suas violências, gerados pela inquietude e insatisfação dos humanos em terem mais, a qualquer preço, do que serem mais, a preço nenhum, senão viver, apenas viver usufruindo a vida. Lições sábias da natureza lembrando a mim professor que a faina atropelante contagia os jovens alunos em sua formação formal, e os colocam em choque consigo mesmo e com o mundo, em vez de promover a sua vivência em harmonia com eles próprios, com suas famílias e com os outros, gerando um ambiente de paz e fraternidade, tão ausentes no mundo hoje. O povo da vila dos pescadores de Itaparica não era rico, era feliz.

Por fim, não saem da minha retina as paisagens de Florianópolis, na Ilha de Santa Catarina, telas artísticas de insofismáveis bom gosto e beleza. No alto da casa de retiro dos maristas, no morro da lagoa, cercada de bosques, trilhas, cachoeira, aves e animais silvestres, inseridos em plena sintonia, vivenciamos um pedaço de paraíso na terra dos mortais. E as lições de vida pessoal e profissional foram marcantes. Mergulhados na produção escrita de conclusão do módulo de desenvolvimento, confesso, busquei forças, inspiração e equilíbrio nas veredas e trilhas, no luar das noites e no brilho das estrelas, no gorjeio dos pássaros, nos trejeitos dos sagüis e nas multicores dos tucanos, nas auroras e nos ocasos, no canto das águas da cascata, mas ao mesmo tempo no silêncio mágico e respeitoso da natureza e das águas da lagoa.

Ela me devolveu o equilíbrio momentaneamente perdido na angústia da página em branco, e das já escritas, mas perdidas nos meandros da imperícia com o computador. Nenhuma lição podia ser olvidada, e esta, embora não constante no programa oficial do mestrado, era profunda e reflexiva, questionadora do nosso papel na transformação da sociedade para parâmetros mais sustentáveis e justos. Que lição de humildade pedagógica! Que lições de superação de nossa pequenez frente à grandiosidade da alma de nossos alunos, eclodindo em vida plena e, por vezes, conflitante! E nós, professores, muitas vezes querendo nos apresentar como paradigmas otimais para suas ações, traçando seu saber, em vez de fazê-lo desabrochar ao natural, sem cortes, permitindo-lhes crescer na sua mística do ato criativo, pois a eles compete construir sua vida e escrever sua própria história, da qual nós somos meros figurantes. A nós cabe, apenas, ombreá-los, nunca conduzir seus destinos, ou, o que é pior, traçá-los através de uma educação opressora e autoritária, nada libertadora, por isso mesmo ofuscante e limitante da sua criatividade.

Lembrando Boff, temos medo de lhes dar a autonomia do vôo das águias e os prendemos aos terreiros da nossa galinhice frustrante. Este mergulho na natureza foi o *best seller* dos livros

que eu li durante o mestrado, em vários volumes. O livro “*Educando o Profissional Reflexivo*”, não escrito por Donald SHÖN, ou “*A Prática Reflexiva no Ofício de Professor*”, não escrito por Phillipe PERRENOUD, ou talvez “*Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*” também não da autoria de Antonio NÓVOA, quem sabe “*Pedagogia da Esperança*” não escrito por Paulo FREIRE, mas todos eles rascunhados e escritos pela Natureza, que apenas lhes plagiou os títulos, mas cujas lições de vida estavam disponíveis em cada canto e a todo momento, do dia e da noite, do nosso mestrado internacional.

Tempo de leitura e de pesquisa. Atividade envolvente, não apenas durante as sessões, mas nos períodos de intervalos entre elas, no retorno aos meus afazeres, buscando fundamentar o que penso e escrevo, nas idéias daqueles que já se debruçaram sobre estas reflexões, falando sobre elas. O silêncio das bibliotecas, dezenas de livros, páginas ocas e vazias, conteúdos densos a exigir da gente concentração e reflexão, a concordância e a discordância, a crise. A ida ao campo na busca incansável dos melhores dados para o trabalho: a pesquisa em forma de entrevistas. O aprendizado das pesquisas, aprendizado formal, mas também experiencial. O longo e reflexivo caminho da análise dos dados colhidos na pesquisa! Que escola.

Tempo de reflexão e produção. Não relaciono aqui tempos diferentes. Eles casam, se entrelaçam, numa forma a gerar lógica e coesão de idéias. Garantir esta coesão da produção escrita exige novas e constantes reflexões sobre conceitos, teorias, práticas, paradigmas, visitas intermitentes aos diversos autores, para garantir a fidedignidade de conceitos, afirmações ou mesmo opiniões. É um período muito fértil do processo do pensamento e escrita da tese. É a tradução, para a realidade do trabalho da dissertação, da máxima formativa da ação, reflexão, ação.

Tempo de construção e quebra de paradigmas. É a construção de uma nova ótica do processo de formação e do trabalho pedagógico a partir de mudanças paradigmáticas. Isto não é fácil, exige esforço, renúncia e construção de um novo pensamento crítico, que pode não percorrer os mesmos caminhos, e que exigirá portanto buscas, estudo e muito trabalho pessoal, onde o norte é uma séria reflexão sobre as práticas.

Diante do exposto, tentei mostrar que não se trata apenas de mais um enfoque da questão tempo, mas sim da análise da temporalidade. O essencial, portanto, não está no tempo, mas no

bom uso e versão que dele fazemos, construindo o edifício de uma formação coerente, humana, criativa, crítica, formal ou experiencial, mas sempre reflexiva, e porque reflexiva inovadora e geradora de pessoas mais equilibradas, mais centradas, mais de bem consigo mesmas, com os outros e com o mundo e, por isso mesmo, um pouco mais felizes.

Uma outra abordagem que eu gostaria de fazer é com respeito a algumas limitações, que avalio aqui. Não só o processo de escrita, mas o mestrado inteiro foi realizado em curso, isto é, continuei meu trabalho normal, acrescido de mudanças que pretendemos introduzir na Casa Familiar Rural de Pato Branco em 2004, e para as quais uma série de ações precisaram acontecer neste ano, e que me envolveram muito.

Isto me obrigou a muitas horas de final de semana, e à noite para dar conta do recado. A administração do tempo e um planejamento dele, criando outros tempos, foi extremamente formativo para mim, tanto agora como numa dimensão da seqüência de minhas atividades de produção, que pretendo mantê-las com certa intensidade. A verdade é uma só, a lição deste mestrado ultrapassa o seu tempo de dois anos, a escrita da tese e sua defesa. Há todo um projeto pessoal, de produção literária e pedagógica, sendo construído, para meu deleite pessoal e dos que entenderem ler.

Se o mestrado em curso teve o fator limitativo tempo, teve por outro turno o fator vida e reflexão, prática e teoria, num experiencial, que tão somente a academia não me teria fornecido. O resultado efetivo desta formação em curso, só foi avaliável, hoje, após vivê-lo intensamente.

Períodos longos, durante as diversas sessões de estudo, dos encontros pessoais e coletivos, de muita leitura, reflexão, troca de experiências, mais os ensinamentos, saberes puros e conhecimentos profundos transmitidos pela equipe de professores e interventores externos, transformaram-se em fonte fresca de água vitalizadora do saber formal e experiencial, os quais encarnei intensamente como que num transe mediúnico. As visitas de estudos às universidades ampliando os contactos com a academia, bem como as visitas externas, diversificadas e ricas experiências formativas com outros setores, teceram ainda mais uma densa rede de formação integral, da qual somos os beneficiários.

Destaco ainda outro aspecto. Penso ser interessante avaliar uma certa deficiência na sistemática de coleta de dados. Desconhecedor do processo, talvez mais preocupado em estudar a teoria e tentar assimilá-la, perdi alguns enfoques, que poderiam ter sido colocados nas entrevistas, onde algumas perguntas tiveram lances indutivos. Como mudei o foco do tema da tese há seis meses, busquei, nas entrelinhas e em outras questões levantadas, as respostas às hipóteses, ou os fatores-chave que procurava. Isto me obrigou a um estudo mais amiado e profundo das questões, o que não deixou de ser extremamente benéfico no desenvolvimento do espírito investigativo. É o experiencial de transformar limão em limonada. Foi no mínimo formativo.

Um outro aspecto a avaliar, diz respeito à análise feita do itinerário de formação formal e experiencial da vida do agricultor, a partir dos dados coletados, bem como os fatores que o levaram ao sucesso, e no caso em epígrafe à premiação. Não me preocupei, e agora me pergunto se teria sido melhor, em manter uma formalidade lógica, talvez didática, montando esquemas e categorias rígidas.

Optei por uma análise mais fluente e mais natural dos fatos. Estabeleci, no entanto, uma interligação entre eles. Embora livres das amarras, há entre eles um fio condutor, que tem como referencial cronológico quatro períodos de sua vida. Com isto escolhi um caminho mais na linha de análise biográfica. Agindo assim, penso não ter perdido os aspectos metodológicos, nem da coleta, nem da análise dos dados, mas salvaguardado a riqueza da vida do agricultor, os resultados surgidos nela, e a construção de uma família unida, preocupada com seu destino, trabalhadora, tranqüila e feliz.

A riqueza de detalhes fornecidos durante as entrevistas de três testemunhas privilegiadas, foram argumentos muito fortes, para reforçar e comprovar o perfil de um agricultor que, embora só freqüentando um ano e meio de escola, conseguiu um cabedal formativo invejável, uma visão de vida tão clara, que galgou, na perspectiva de vida de um pequeno produtor da agricultura familiar, degraus expressivos. E isto lhe rendeu, não apenas o troféu de “agricultor destaque”, mas também o desfrute de uma propriedade diversificada, produtiva e rentável. E isto tudo garante uma ótima qualidade de vida, para si próprio e para os seus.

A temática abordada aqui não se restringe tão somente ao que foi escrito, mas abre mais leques de análise e avaliação. Novas questões investigativas poderiam ser levantadas, no que

tange, por exemplo, ao perfil criativo do agricultor, ao seu temperamento, à sua hospitalidade de bem receber as pessoas. A sua empatia no trato com os outros, no modo de se relacionar, é uma qualidade que dá aos técnicos uma nova feição, convertendo-os em amigos ou até parceiros. Tão somente a análise deste ângulo de sua personalidade, na tese abordado de relancina, mereceria um capítulo à parte.

Outro aspecto a avaliar relaciona-se ao meu intento inicial de fazer esta abordagem biográfica também com o jovem que, escolhido pela mesma comissão, recebeu o troféu “Jovem Agricultor Revelação”. Realizei, inclusive, ampla coleta de dados, através de entrevistas com ele próprio, com o prefeito, com o secretário de agricultura do município, com seus familiares, com demais jovens da comunidade, fértil subsídio para um trabalho de análise similar à realizada aqui. Concretizar este intento seria dar a este trabalho uma dimensão que escaparia ao volume proposto, bem como ao meu fator tempo. Preferi então trabalhar em profundidade maior a vida do agricultor, por envolver uma trajetória mais rica e diversificada, e pela característica de a premiação ser extensiva à família. A leitura e estudo destas entrevistas, no entanto, me propiciaram vislumbrar ângulos, que por inferência retratavam aspectos de vida do senhor Galiotto quando jovem. Este material todo está arquivado podendo, quiçá, ser feito uso dele em trabalho posterior.

Em resumo, o estudo de fatores-chave no itinerário de vida do agricultor, no que tange à sua formação formal e experiencial, à sua escalada ao sucesso e à premiação, dá a noção clara do processo de superação do ser humano, frente a si mesmo, frente a suas limitações, frente aos obstáculos encontrados no caminho e a sua grandiosidade na superação da própria vida. Transcender a essa finitude é tarefa das pessoas, sujeitos de sua história. E só conseguirão concretizar este ideal no momento em que descobrirem latente dentro de si o potencial fabuloso que existe no âmago das pessoas, e que inúmeras vezes elas próprias desconhecem. Descobrir estas potencialidades e concentrar-se nelas, colocando-as a seu serviço, é missão de cada um, é o sumo da vida. E esta vida se tornará cada vez mais repleta, usufruída em total intensidade e vivida em plenitude, na medida em que se tiver consciência delas e as puser em prática.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. M. de C. A problemática da formação de professores e o mestrado em educação da UNIUBE. In: **Revista Profissão Docente**. v.1, Anexo 3, 1, fev./2001.
- ALTET, M. **As pedagogias da aprendizagem**. PUF, 1998.
- ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1985. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 9).
- AMBRÓSIO, T. **Educação e desenvolvimento: intervenção no debate educação e futuro**. Convento da Arralidade: António Coelho Dias, S.A, 1998.
- ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- ANTUNES, C. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998. (Coleção Papirus Educação).
- AQUINO, C. T. E. de. **Empreendedorismo: o sexto sentido**. Disponível em: <[http://www.timaster.com.br/revista/artigos/main\\_artigo.asp?codigo=629](http://www.timaster.com.br/revista/artigos/main_artigo.asp?codigo=629)> Acessado em: 09 de jan./2004.
- BASTIANI, I. C. R. O papel do estado e do cidadão empreendedor rural no desenvolvimento rural sob a ótica do agribusiness. In: **20.º ENANANPAD**. Rio de Janeiro, 1996, Anais, v. Administração Rural e Agroindustrial.
- BIANCHINI, V. Estratégias para o Desenvolvimento Rural. In: SILVA, J. G. da., VON DER WEID, J. M.; BIANCHINI, V. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: MDA - CNDRS/NEAD, 2002. (Série Textos para Discussão, 2.).
- BITTENCOURT, G; BUAINAIN, A. M; GRANZIOLI, C. (Orgs.). Perspectivas da agricultura familiar. In: ROMEIRO, A. R; SABBATO A. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano**. 1999. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BRAZEAL, D. V. **A gênese do empreendedorismo: mudanças, inovação e criatividade**. Trad. e Adap. por Jovino Moreira da Silva, fev./2000.
- BRODHAG, C. **As quatro verdades do planeta: por uma outra civilização**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Piaget, 1997. (Coleção Perspectivas Ecológicas).
- CARLI, H. A. de. **Empreendedorismo e inovação**. Pato Branco, PR: (Tese de mestrado não-publicada).
- CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARNEIRO, L. de A. **Dicas de sucesso profissional: sete características das pessoas bem-sucedidas**. Disponível em: <[http://www.anunciosbrasil.com.br/cgi-bin/webdata\\_sucesso.cgi?>](http://www.anunciosbrasil.com.br/cgi-bin/webdata_sucesso.cgi?>) Acessado em: 08 de jan./2004.

CARRIERE, J. P. **As bases teóricas das estratégias de desenvolvimento local.** Palestra proferida em abril de 2003, por ocasião da 6.<sup>a</sup> Sessão do Mestrado Internacional, realizada em Florianópolis - SC.

CELLA, D. **Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso de um empreendedor rural.** Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>> acessado em 13 de nov. de 2003.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHARTIER, D. **A l'aube des formations par alternance:** histoire d'une pédagogie associative dans le monde agricole et rural. Paris: Editions Universitaires, 1986. (Mesonance Alterologie) 189 p.

CHAVES, A. P. P. e. **Dinâmicas de grupo:** uma contribuição teórica para uma prática banalizada.

COLL, C. Fora da linha de montagem. In: **Revista educação.** Ano 7, 28. out./2003.

COUCEIRO, M. do L. P. **Autoformação e transformação das práticas profissionais dos professores.** In: Revista de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. (Tese de mestrado não-publicada)

\_\_\_\_\_. **Autoformação e co-formação no ... feminino:** abordagem existencial através de histórias de vida (Tese de doutoramento).

CURY, A. **Treinando a emoção para ser feliz.** São Paulo: Academia da Inteligência, 2001.

DEMO, P. **Conhecimento moderno:** sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Conhecer e aprender:** sabedorias dos limites e desafios. Porto Alegre? ArtMed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Desafios modernos da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa.** 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Educação Contemporânea).

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança.** 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. (Coleção Educação e Comunicação, 1).

\_\_\_\_\_. **Educação e Qualidade.** 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

\_\_\_\_\_. **Mitodologias da avaliação:** de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 68).

\_\_\_\_\_. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Biblioteca da Educação. Série Escola, 14).

\_\_\_\_\_. **Saber pensar.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. (Guia da Escola Cidadã, 6.).

\_\_\_\_\_. Qualidade docente e superação do fracasso escolar. In: SHIGUNOV NETO, A; MACIEL, S. B. (Orgs.). **Desatando os nós da formação docente**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

\_\_\_\_\_. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002. (Coleção Prospectiva, 7).

DOLABELA, F. O segredo de Luísa. In: HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. **Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas da liderança situacional**. São Paulo: EPU, 1986.

\_\_\_\_\_. DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DOMINICÉ, P. **La formation expérientielle: un concept importé pour penser la formation**. Paris: La documentation Française, 1991.

DROUIN, A. M. **A pedagogia: 50 palavras**. Trad. Maria Stela Gonçalves; Adail U. Sobral. São Paulo: Unimarco; Edições Loyola, 1995.

DUFFAURE, A. **Education milieu et alternance: textes choisis et présentés par Daniel Chartier**. Paris: Éditions Universitaires, 1985. (Mesonance Alterologie).

FAZENDA, I. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREINET, É. **O itinerário de Célestin Freinet: a expressão livre na pedagogia Freinet**. Trad. Manuel Dias Duarte. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Trad. de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Educação e Comunicação, 1.).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (O Mundo, hoje, 21).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FUCS-BAR, J. **Educação formal X não formal**. Disponível em <<http://www.eifo.com.br>> Portal da Comunidade Judaica, acessado em 15 ago./2003.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação e compromisso**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1985.

\_\_\_\_\_. **Dialética do amor paterno: do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças**. 2. ed. São Paulo: Cortes; Autores Associados, 1985. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 15).

GIMONET, J. C. A Alternância na formação método pedagógico ou novo sistema educativo? a experiência das casas familiares rurais. In: DEMOL, J.N; PILON, J. M. **Alternance, développement personnel et local**. Paris: l'Harmattan, 1998. Tradução por Thierry De Burghgrave.



\_\_\_\_\_. **Psychosociologie des équipes éducatives**. Paris: Éditions Universitaires, 1979. (Mesonance Alterologie).

JOBERT, G. A inteligência no trabalho. In: CARRÉ, P; CASPAR, P. **Tratado das ciências e das técnicas da formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. Trad. de José Claudio e Julia Ferreira. Lisboa: Educa, 2002. (Educa, Formação, 8).

JUSTINO, A. **Sucesso profissional**. Disponível em <[http://www.grandeminas.globo.com/unainet/entrevista\\_andre\\_justino.htm](http://www.grandeminas.globo.com/unainet/entrevista_andre_justino.htm)> acessado em 13 de nov. 2003.

KOLB, D. A; RUBIN, I. M; MCLNTYRE, J. M. **Psicologia organizacional**: uma abordagem vivencial. São Paulo: Atlas, 1990.

LEGROUX, J. **Outils pédagogiques et alternance**. Paris: Editions Universitaires, 1979. (Mésonance Alterologie).

LIBÂNEO, J. C. Reflexidade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In? PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 53-59.

LIMA, E. de S. O conhecimento formal. In: Revista Nova Escola, Ed. dez./2000. disponível em <<http://www.novaescola.abril.com.br>> Acessado em 10 de set. de 2003.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Temas Básicos de Educação e Ensino).

MEIRIEU, P. **A pedagogia entre o dizer e o fazer**: a coragem de começar. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MELLO, G. de. **Afinal, o que é competência?** Disponível em: <<http://www.novaescola.abril.com.br>> Acessado em: 10 de set./2003.

MENEZES, R. K. **Empreendedorismo**. Disponível em: <<http://www.paqtc.rpp.br/atualizare/noticia.jsp?canal=8&noticia=162>> Acessado em: 09 de jan./2004.

MONTEIRO, G. **Guia para a elaboração de projetos trabalhos de conclusão de curso (TCCs), dissertações e teses**: baseado nas normas de documentação da International Organization for Standardization (ISO) e da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). São Paulo: Edicon, 1998.

MONTEIRO, A. M. F. da C. Professores: entre saberes e práticas. In: **Educação e Sociedade**. CEDES, abr./2001.

MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G. de; CARVALHO, E. de A; ALMEIDA, M. da C. de; (Orgs.) **Ensaio de complexidade**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 11-20.

NAMURA, C. C. **Empreendedorismo**. Disponível em: <<http://publique.genesis.puc-rio.br/informe/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>?> Acessado em: 09 de jan./2004.

NASCIMENTO, E. P. do. Educação e desenvolvimento na contemporaneidade: dilema ou desafio. In: BURSZTYN, M. (Org.). **Ciência, ética e sustentabilidade**. Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. de Lucia Pereira de Souza. 2. ed. São Paulo: Triom, 2001.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

\_\_\_\_\_. **O passado e o presente dos professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **O lugar dos professores: terceiro excluído?** disponível em <[http://www.apm.pt/apm/revista/educ50/educ50\\_3.htm](http://www.apm.pt/apm/revista/educ50/educ50_3.htm)> acessado em 14 abr. 2003.

PEÑA, M. de L. D. J. **Práticas interdisciplinares na escola**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. In: FAZENDA, I. (Coord.). **Interdisciplinaridade: questão de atitude**. 7.ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. **Construir as competências desde a escola**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. **Construindo competências**. Entrevista a Paola Gentile; Roberta Bencini. In: Revista Nova Escola. Ed. 135. Acessado em 10 de setembro de 2003. Disponível em <[http://novaescola.abril.com.br/ed/135\\_set00/html/fala\\_mestre.htm](http://novaescola.abril.com.br/ed/135_set00/html/fala_mestre.htm)>

\_\_\_\_\_. **Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica**. Trad. de Denice Barbara Catani. In: Revista Brasileira de Educação. set. dez. 1999.

\_\_\_\_\_. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: ARTMED, 2000. p. 121.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PINEAU, G. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. In: CARRÉ, P; CASPAR, P. **Tratado das ciências e das técnicas da formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

\_\_\_\_\_. O sentido do sentido. In: **Educação e Transdisciplinaridade**. São Paulo: USP, 1998.

\_\_\_\_\_. **As relações entre a teoria e a prática no âmbito da educação permanente**. Palestra proferida na Universidade Federal do Espírito Santo em 10 de jan. 2002.

\_\_\_\_\_. **La formation expérientielle et théorie tripolaire de la formation**. Paris: La documentation Française, 1991.

QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em ciências sociais**. 2. ed. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda. 1998. (Trajectos).

SACHS, I. **Desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte no Brasil**. Brasília, DF, 2002.

SALES, M. A. do. Pistas existenciais para o desenvolvimento do sucesso. In: **Jornal Existencial On-line**. Disponível em <<http://www.existencialismo.org.br>> acessado em 13 de nov. 2003.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Trad. Cláudia Schilling. 1.<sup>a</sup> reimp. rev. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SNYDERS, G. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Trad. Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SHINYASHIKI, R. T. **O sucesso é ser feliz**. São Paulo: Gente, 1997.

SHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SILVA, J. G. da. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp. (1999).

\_\_\_\_\_. Quem precisa de uma estratégia de desenvolvimento. In: SILVA, J. G. da., VON DER WEID, J. M.; BIANCHINI, V. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: MDA - CNDRS/NEAD, 2002. (Série Textos para Discussão, 2.).

SZTAMFATER, T. **Inovação e empreendedorismo**. Disponível em: <<http://publique.genesis.puc-rio.br/informe/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=5&infoid=96>> Acessado em: 09 de jan./2004.

TEMAS TRANSVERSAIS: em busca de uma nova escola. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998).

TRIVIÑOS, A. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNEFAB. **Pedagogia da alternância: alternância e movimento**. Anais do I Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância. Salvador, Dupligráfica Editora Ltda, 1999.

VASCONCELLOS, M. J. E. De. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

VAZ, H. C. de L. **Escritos de filosofia: problemas de fronteira**. São Paulo: Loyola, 1998.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: Convênio FIPE – IICA (MDA – CNDRS/NEAD) 2001.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo Rural: uma primeira aproximação**. Disponível em: <[http://www.econ.fea.usp.br/zeeli/Textos/ultimos\\_trabalhos/\[2003%20-%2009\]%20-%20](http://www.econ.fea.usp.br/zeeli/Textos/ultimos_trabalhos/[2003%20-%2009]%20-%20)> Acessado em 09 de jan./2004.

VIEIRA, S. **Como escrever uma tese**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pioneira, 1999.

VIEIRA, P. F; WEBER, J. (Orgs.). **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Desenvolvimento, meio ambiente e sociedade).

VOLTOLINI, S. **Retorno 3:** ciclo da madeira em Pato Branco. Pato Branco: Imprepel, 2000.

\_\_\_\_\_. **Retorno 2:** revolta dos posseiros. Pato Branco: Aartepres, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem:** psicologia e pedagogia. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WACHOWICZ, R. C. **Paraná, Sudoeste:** ocupação e colonização. 2. ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

WARSCHAUER, C. **Rodas em Rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

YUS, R. **Temas transversais:** em busca de uma nova escola. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## ANEXOS

ANEXO 1 - ENTREVISTA COM SÉRGIO GALIOTO.....	158
ANEXO 2 - ENTREVISTA COM NILDE GALIOTO.....	179
ANEXO 3 - ENTREVISTA COM NEURI GHELEN - PREFEITO DO MUNICÍPIO DE MARIÓPOLIS.....	185
ANEXO 4 - ENTREVISTA COM PADRE LUIS .....	189
ANEXO 5 - ENTREVISTA REALIZADA COM ELSON GALIOTTO.....	196
ANEXO 6 - ENTREVISTA REALIZADA COM VOLNEI LUIZ LAVARDA - SECRETÁRIO MUNICIPAL DE AGRICULTURA DO MUNICÍPIO DE MARIÓPOLIS .....	200
ANEXO 7 - CATEGORIAS E SUAS SUBDIVISÕES .....	214
ANEXO 8 - AUTORES E SUAS INDIVIDUALIDADES .....	215
ANEXO 9 - FATORES-CHAVE À LUZ DE CATEGORIAS.....	219
ANEXO 10 – RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL.....	225

## ANEXO 1 - ENTREVISTA COM SÉRGIO GALIOTO

01) Qual é a área de terra?

**Resposta** - Mais de 11 hectares, tenho outra área ali em baixo que é mais de 12 hectares, mas aquela fica longe, ruim da gente manejar direito, hehehe, mais a propriedade é aqui em casa. Não tenho nada arrendado, tudo área própria. Esta área aqui nós temos pastagem para vaca de leite, parreral, milho para cilagem.

02) Como foi o teu começo aqui?

**Resposta** - Começamos com pouco, apicultura, depois fui indo com gado de leite, agora com alambique (risos), e a parreira que estamos investindo e vamos investir mais ainda.

03) E a lavoura?

**Resposta** - A lavoura é mais em baixo, fica mais difícil, longe, daí é lavoura de soja, porque é longe de casa.

04) Há quanto tempo mora aqui? quantos filhos? moram todos aqui?

**Resposta** - Há mais ou menos 50 anos, tenho 4 filhos, 3 moram aqui e uma filha que é casada, e daí já se mandou ( risos). Esses outros brigam para ficar aqui na lavoura, preferem em baixo da ponte e não na cidade, o incentivo deles é um (Elcio) mais com parreral e o Fernando com gado de leite. Agora estamos trabalhando tudo junto, eu to ajudando mais com as parreras, o Fernando aquele é com gado de leite. As responsabilidades são divididas, cada um se vira com os serviços deles.

05) A decisão de cada setor, como fica?

**Resposta** - É tudo definido junto, senta e conversa junto. Eles ajudam, mas são muito tímidos, medo de fazer negócio, eles estão fazendo e eu ensinando para eles como que se faz negócios.

06) Como é o trabalho nas terras de vocês?

**Resposta** - É nas nossas terras, apenas a família trabalha, não há ninguém de fora, independente da época. Agora no mês de janeiro eles vão tirar uva lá pro Rio Grande

do Sul, na colheita, porque tem pouco serviço aqui, e daí saem fora para trabalhar. O Fernando agora arrumou uma namorada e não quer mais ir (gargalhadas). No mês de fevereiro eles pegam por empreitadas para arrancar feijão, tipo bóia fria.

07) Então estão ocupados todos os meses do ano?

**Resposta** - Sim, agora que não tem que é uma época de pouco serviço (junho), estão cortando cana, fazendo a pinga.

08) Como é a história da sua propriedade?

**Resposta** - Mais que eu trabalhava no início era com grão, agora que eu comecei com gado de leite. Optei pela mudança porque a lavoura somente pro pequeno agricultor hoje em dia não adianta mais, tem que diversificar.

09) Gostou da mudança?

**Resposta** - Eu gostei, porque agora que eu trabalho em associação, como a apicultura, que tem o CIP do mel, daí tenho abelha em diversas áreas da região, e aquela me tira para bem dizer o sustento da família.

10) O senhor acha que a diversificação ajudou?

**Resposta** - Sim, por exemplo eu que tenho 3, 4, 5 atividades, soja, milho para silagem, uva, mel, vaca de leite, hoje em dia eu tava fazendo as contas, até tava conversando com o prefeito de Mariópolis, fazendo as contas, hoje em dia dá mais a uva do que todo o resto, bem mais que gado de leite e tudo.

11) A uva aqui em mariópolis é uma atividade que é bastante incentivada, faz tempo que o senhor tem as parreiras? vamos falar um pouco disso.

**Resposta** - Eu tenho meu parreralzinho, há 30 anos, mas era só para consumo, vinho pro consumo. Que eu comecei para investir mesmo faz 4 anos. Agora tô num parreral, um que começou o ano passado a produzir, outro vai começar a produzir bem este ano, vai começar a minha renda no ano que vem em diante. Minha área do parreral, hoje estou com 9 mil metros quadrados, agora vamos aumentar. Já temos projetos para aumentar, dobrar a área. Vendemos uva na festa da uva e vinho doce também na festa da uva. Tem bastante vinho, mas tá na pipa lacrado, não tá bem pronto ainda o vinho.

12) O senhor tem idéia dos seus rendimentos com a uva, com suas outras atividades, os números, quanto gasta, quanto ganha?

**Resposta** - A gente fez um levantamento, com a uva o gasto é mínimo, por isso que o retorno é melhor, não dá muita mão de obra para manter, só mesmo quando monta o parreral, só podar e cuidar das formigas e fazer o tratamento.

13) Quais as dificuldades que o senhor encontra dentro da propriedade?

**Resposta** - Dificuldade sempre tem bastante, mas as principais é que tem pouca área de terra, dificuldade para aumentar, por exemplo, o gado de leite, a gente encontra bastante dificuldade.

14) O senhor está tendo acompanhamento da casa familiar rural, mais alguém?

**Resposta** - Mais é a Casa Familiar Rural, para mim foi uma das melhores escolas que existiu. Depois que os filhos começaram a estudar na Casa Familiar Rural mudou bastante.

15) O que mudou?

**Resposta** - Mudou bastante, porque no início a gente estava tudo meio a tranco e barrancos, depois começamos a ver como era, fizemos o curso de olho na qualidade rural, essas coisas, daí a gente começou a ver como é que funcionava as coisas e modificou bastante a propriedade e tudo.

16) Já tem a área definida para reserva?

**Resposta** - Eu tenho área definida para reserva, mas só que hoje nós estaria querendo adquirir outra área, mas eles não querem deixar derrubar, acho se eles não querem deixar derrubar, se os filhos querem plantar parreira eu acho que vou derrubar o que tem na minha propriedade. Tenho que trabalhar, tenho que viver. Eu temo muita a fiscalização, mas é que a fiscalização tá muito errado. Eles tinha que ir castigar quem tem bastante terra, que derruba tudo, acaba com tudo, e eles devem dar mais valor para quem tem pouca terra e fica na terra. É isso que eu sinto, um erro muito grande. Falaram-me esses dias de denúncia. Tem os técnicos tudo querendo ajudar bastante, mas o que estão lá em cima, tão querendo mandar nós pequenos agricultores em baixo de lona, não deixando trabalhar. De que tipo que eles querem que o pequeno agricultor fique na lavoura se não dão incentivo.

17) Como o senhor imagina a sua propriedade daqui uns 10 anos? o que o senhor



pensa daqui para frente?

**Resposta** - Eu tava pensando hoje de manha, eu tava fazendo minhas contas, que nem, agora em diante na segunda, terceira geração que os filhos vão se adaptar melhor, vai ser melhor. Porque os primeiros que vieram aqui, era tudo mato e até que fizeram tudo, agora que tá feito é só tocar, isso eles tem cabeça para fazer, a tendência é melhor, daqui uns 2 ou 3 anos melhora bastante.

18) a que o senhor atribui essa melhoria?

**Resposta** - Os últimos anos principalmente por fazermos cursos, sempre fazendo cursos, e tentando melhorar a propriedade, enquanto a gente, fazia o curso, ensinava o que dava mais certo e aí ia para o campo aplicar o que aprendia. esses cursos a gente faz na cooperativa, EMATER, e agora ultimamente a gente tem feito bastante também na casa familiar rural.

19) Quem faz estes cursos?

**Resposta** - A gente reveza, dependendo do interesse, a mulher mais de culinária, e a gente mais curso de lavoura.

20) Como você comercializa o vinho e a graspa?

**Resposta** - Eu comercializo na minha propriedade, pois a quantidade de produção é pequena e para fazer um registro não vale a pena. o alambique foi o padre que me deu, ficando com 20% da produção (risos).

21) Os produtores de uva aqui em Mariópolis não tem um registro na saúde?

**Resposta** - Já está sendo providenciado, através da cantina, comercializar via cantina a uva.

22) Tem interesse em participar?

**Resposta** - Fui um dos primeiros sócios. fizemos um empréstimo público para terminar a cantina.

23) E o senhor cria suínos?

**Resposta** - Uma vez criava, isso há mais ou menos 10 anos. hoje só para consumo. suínos nunca mais. então prefiro investir em apicultura, colocar caixas mais longe e

ampliar a produção. a minha produção eu coloco a venda no mercado aqui em mariópolis mesmo. eu mesmo levo no mercado e coloco o cip no meu nome. e não tem mel que chega para entregar no mercado, acaba tudo logo, pois já sou conhecido e o pessoal sabe que é de qualidade, que é bom. nem eu guardo em casa, vai tudo para casa do mel para analisar, embala tudo, eu busco e levo no mercado. produzi em torno de 300 kg esse ano, mas esse ano tá mal a produção. no ano passado mais de 1000 kg de mel. eu tinha 80 caixas, agora acho que deve ter umas 60 caixas, porque morreu muito pelo clima.

24) Existe outra atividade de renda na propriedade.?

**Resposta** - Tenho uns açudes ali pra baixo, mas é mais para consumo, quando quero fazer um assadinho ou coisa assim ( risos). tenho umas carpa grande de uns 10 a 12 kg pro assadinho (risos). lá em mariópolis que eu sou conhecido o pessoal pede para comprar, acaba sempre faltando peixe, a turma quer bastante peixe mais graúdo.

25) E queijo?

**Resposta** - Paramos de fabricar, mas sai mais em conta vender o leite do que queijo. quando eu quero para consumo eu compro onde eu sei que tem qualidade. agora tá aumentando a produção do leite, eu entrego para cooperativa, o preço melhora. para ter nota de fundo rural entrego no nome dos filhos, para eles terem a nota de fundo rural, se precisa de alguma coisa eles tem nota de fundo rural. também no mel eu tiro no nome deles.

26) Como o senhor veio parar em mariopolis? e teus pais? como foi dada a sequência da propriedade?

**Resposta** - Eu tinha três anos quando vim morar para cá, então faz 50 anos que tô aqui. meus avós compraram terras aqui e daí meus pais vieram para cá, sempre moramos nesta região. sempre foi aqui há três gerações. aquele telhado que você vê lá (mostrou com a mão um telhado por entre as árvores) é a casa do meu pai, e sempre moramos juntos por aqui.

27) Como foi dada essa constituição da propriedade, como foi a divisão da propriedade?

**Resposta** - Aqui para dizer a verdade a gente não ganhou nada, quando que casamos

compramos a terra, ela tinha uns pinheiro e cima, vendemos os pinheiros, compremo a terra com o dinheiro dos pinheiros. depois de casado ficamos dois anos juntos com a família, e nós fomos se fazendo tudo nois mesmo. começamos do zero.

28) Quais as maiores dificuldades?

**Resposta** - Dificuldade foi bastante, porque não tinha nada, vivemos uns quantos anos comendo polenta e raditi (palavra para designar o almeirão, muito comum nas colônias de descendentes de italianos)... (risos), daí a gente queria fazer ter as coisas, daí era bem difícil. muitas vezes pegava a primeira filha que nasceu, botava dentro de um cesto levava em baixo de uma sombra, na roça, e nois ia trabalhar.

29) Sempre se preocupou com a educação de seus filhos, como foi isso?

**Resposta** - Eu não tive estudo, fui um ano e meio na aula, achei muita dificuldade, sempre que eles estudassem, daí eles estudaram um pouco na escola, depois descobrimos a casa familiar rural, daí achemos que lá era bem melhor, já que eles queria ficar na roça, daí eles foram e concluíram o curso lá.

30) Como conheceu a casa familiar rural?

**Resposta** - Eu conheci por intermédio pela prefeitura. um dia nós conversando lá, que os filhos queriam ficar na roça, daí eles lá (pessoas da prefeitura) disseram que tinha a casa familiar rural que é muito boa, já estuda para eles ficarem na roça mesmo, tem o estudo daí foi inscrito para eles ficarem lá.

31) E os filhos estudando lá, o que significou para família?

**Resposta** - Para nós foi ótima, foi uma grande escola, para eles também, nunca se queixaram. modificou muito na vida familiar porque não era como nestas escolas da cidade, que quando voltavam vinha mais agressivos, mais respondão, não eram atenciosos como quando começaram a estudar na casa familiar rural. de lá vinha mais atenciosos, mais quietos. eu achei que eles foram muito bem educados, melhor do que eu acho que fosse em casa. e não propriedade eles tão batalhando, aprendendo, se vê que eles tem interesse para ficar na propriedade na lavoura.

32) E o fato de eles estudarem na casa familiar rural trouxe ensinamento para ti? você mudou a partir dos estudos deles na escola?

**Resposta** - Eu acho que sim, agora eles que poderiam responder, acho que para mim foi bom. apareciam com idéias diferentes da escola, eu já não concordava muito porque eu era acostumado com outras idéias, e como eu tenho muito medo, sei que para fazer um futurinho é difícil, e jogar fora é fácil, daí fui segurando meio no cabresto. e devagarinho fui vendo que eles podiam dar boa coisa. esses dias eu mandei que eles fossem fazer todas as contas para fazer a lavoura, tudo que eles também aprendam a fazer as coisas certas. e hoje eu já posso ficar mais tranqüilo quando eles saem para fazer as negociações.

33) Qual é o papel da sua esposa na propriedade?

**Resposta** - Ultimamente agora que os filhos cresceram ela vai mais cuidar da casa, dentro da casa, e nois se viremos com os outros serviços. ela mais dentro de casa. quando não tinha a piaçada era tudo junto, ia para roça da manha à noite, e trabalhava, nos primeiros tempos nós arrendava para ter mais trabalho, pegava cedo e voltava de noite, levava comida fria na roça e era sofrido.

34) E os monitores na sua propriedade?

**Resposta** - Significaram que foi muito bom, porque primeiro era tudo uma sujeira, hoje tamo querendo controlar um pouco melhor, mais limpeza. também orientaram na parte de plantio colheita, podas, gado de leite entre outras coisas da produção.

35) Seus filhos antes e agora, em termos de participação, como você vê esta diferença?

**Resposta** - Olha, em quanto eles cada um pega o serviço deles. são quieto ainda, eu quero que eles se desenvolvam mais e comecem a tocar mais a vida deles. eu tava dizendo estes dias, eu já tô numa idade que eu fazendo o serviço mais leve e eles o serviço mais pesado, eles que se virem. eu quero que eles assumam mais responsabilidades, nesse ponto eles são muito seguros, não gastam dinheiro a toa, vão segurando as coisas, daí eu quero que eles vão fazendo e administrando a propriedade, já que eles querem ficar na roça. só eu quero passar, sempre andar firme junto com eles, para eles não fazerem burrada, algum negócio mal feito. vou entregando devagarzinho, tudo não, se entrego tudo e não dá certo eu que pago o pato.

36) Você foi escolhido em mariópolis o agricultor destaque, recebeu um troféu. o

que você acha que contribuiu para isso?

**Resposta** - Pois é, nós sempre se dava bem no município, daí vinha os técnicos, ensinava, a gente ia plantando alguma coisa aqui, uma coisa lá. principalmente depois que os filhos começaram a estudar na casa familiar, teve bastante participação, porque depois que a casa começou a vir aqui daí que os monitores vinha aqui, deu bastante participação nisso.

37) Contabilidade, como está?

**Resposta** - Começamos a fazer ultimamente, mais que antes. isso ajuda um pouco a ter uma posição, um controle. para mim é meio difícil porque não tive escola, agora os filho que tiveram mais estudo devem controlar melhor. dou os cadernos, as notas, e eles que vão anotando.

38) Qual a participação comunitária de vocês hoje?

**Resposta** - Na capela sempre tenho participação no conselho, do comitê educativo da cooperativa, do sindicato, agora da diretoria da casa familiar rural, com os apicultores eu era da diretoria. do conselho pastoral aí da capela.

39) Tem preocupação com o desenvolvimento da comunidade?

**Resposta** - A gente sempre se preocupa bastante, porque quer ver as coisas andar, ir para frente, por isso sempre dá bastante preocupação.

40) Projeto de vida?

**Resposta** - Que os filhos assumam, pois agora a gente já tá numa idade, vai ensinando, ajudando e eles tem que também seguir a vida deles, fazendo tudo que é preciso na melhor qualidade, porque que eles querem viver, porque se fazem nos trancos e barranco, não vive, não tem né.

Agostinho – Nós estamos realizando a entrevista antes de uma reunião da FRUTIMAR. Seu Sérgio já está aqui em Mariópolis, pronto para a reunião que começa daqui a uma hora e, nós estamos aproveitando esse tempo então para fazer essa entrevista. É importante isso aqui por que são detalhes. Quando estou fazendo a entrevista você está indo para um curso. Isso aí é um detalhe rico.

41) Seu Sérgio, você falou sobre a propriedade, sobre os seus avós que vieram, eh... seus pais, eh... como é que se deu? Eles vieram de onde? Os seus avós?

**Resposta** - Meus avós vieram... vieram da Itália. De... como é que é... de Trento, da Itália vieram. Daí... Dizer a verdade, eu não sei. Mas meu falecido... meu falecido pai sempre contava que meus avós não são nem italianos nem brasileiros, porque quando eles casaram, saíram da Itália (meus bisavós), meus avós nasceram no mar, ahahaha.

42) Ah! Tem história aí então. E seus pais?

**Resposta** - Os meus pais nasceram em... em Flores da Cunha, Rio Grande do Sul...é... também casaram lá

43) – Se mudaram para Mariópolis...

**Resposta** - Se mudaram... ali de três anos, eu vim para Mariópolis eu tinha três anos já. Hoje já está completando... é, esse mês de Agosto faz cinquenta anos que nós estamos morando em Mariópolis.

44) – Você me contou a história de como se estabeleceram. Bom, hoje vocês têm estradas, calçamentos quase até na casa, eletricidade, máquinas, carro; eu gostaria que você me contasse um pouco mais sobre aqueles tempos, da tua infância, dos primeiros tempos.

**Resposta** - Ah, os tempos da minha infância eram uns tempos pesados... nem é bom recordar...uns tempos que não eram fáceis que nem hoje. Hoje tem as máquinas, é mais fácil, naqueles tempos era tudo tração animal e... nós sempre – dizer a verdade, você – você ia dormir de “arrasto”, sempre oito hora, nove hora da noite, cansado. E, era quatro horas da madrugada você levantava da cama para ir tratar os boi para depois, antes de clarear o dia já se estava lavrando com os boi, na roça... foi muito sofrimento, porque eu pegava no pesado ainda piazote...ainda bem que a gente foi sempre muito família e se ajudava. Ainda hoje nós moramos tudo meio por perto. Era um matão brabo...

45) – E a parte de estradas e eletricidade, não havia nada disso?

**Resposta** - Não havia nada. Disso não havia nada. Era tudo assim... sem eletricidade, a luz era de “tchareto” ...é...uma lanterna com pavio de pano e querosene...água se

pegava na fonte...banho de tonel de água...(risos)...estrada, era só picão, ahaha, nós fazia picão...não sabe o que é?...carreador.

46) – Você me falou na outra entrevista, que vocês casaram e ficaram morando com seus pais. Como é que foi então daí para frente?

**Resposta** - Bom, quando nós casamos, bem dizer, na verdade, nós não tinha nada. Daí fiquemos morando mais quase dois anos com os meus pais. Daí conseguimos comprar um pedaço de terra, que compremos, bem dizer, com a madeira que tinha em cima. Nós compremos, paguemos a terra, começamos a nossa luta, de casal, ali de uns dois anos. Hoje já faz trinta e dois anos que estamos casados e fomos morar naqueles cinco alqueires de terra e estamos lá até hoje. Lá a gente teve a família e criamos os filhos.

47) – Como é que você foi evoluindo, digamos, nos termos da diversificação?

**Resposta** - Nos termos da diversificação, até que eu era solteiro e, que morava com meus pais eu não saía de casa, só sabia trabalhar na roça. Depois comecei a ir em curso, reuniões e, em aulas... eu nem estudei, bem dizer, em escola, estudei um ano e meio só depois comecei no Mobral e daí comecei a ir em cursos, fazendo curso, com a Emater, tudo, ainda fazendo curso, até que fui vendo que o caminho era bem diferente que nem... éé... Que nem nós estava. Aí, sempre meio desconfiado fomos fazendo coisas diferentes....mas não é fácil você mudar assim de repente...

48) – Você falou daquela vez, que estava querendo adquirir uma nova área de terra. Ela fica próxima, onde é que fica essa área?

**Resposta** – Essa nova área de terra fica próxima, ali. Essa área já, agora hoje conseguimos adquirir a área, mas só que o problema é o desmate na área. Que meus filhos querem estar ali hoje, quer..... está.... também hoje eles disse assim: “Pai, queremos ir fazer um desbaste, para fazer minha casa lá, ter meus parrerais, nossa lida ali”. Mas só que está ficando meio difícil por parte do IAP. Da fiscalização.

49) – Mas você adquiriu a terra, então?

**Resposta** – Sim! A terra conseguimos adquirir. Peguei um pouco de dinheiro emprestado, mas a terra se tornava barata, achamos viável adquirir a terra.

50) – Você falou também que na propriedade você tem divisão de tarefas. Um faz uma

coisa, outro faz outra. Está mais ou menos meio... todo mundo trabalha, mas está meio distribuído, como é que é isso?

**Resposta** - Ah, lá em casa é que nem... tem uns que nem hoje, hoje assim as piaçada podando as parreira, tão nas parreiras hoje, mas é um mais atrás de gado de leite, outro me ajudado atrás da apicultura. Cada um... vamos se dividindo, cada um ajudando... os filhos trabalhando nós unidos.

51) – Você falou que tem uma filha casada. Ela mora ali próxima ou ela saiu, está em outra atividade?

**Resposta** – Não, ela mora ali próxima. Próxima da agricultura, ali. Ali pertinho ela mora.

52) – Ela casou e permaneceu ali próximo da propriedade e trabalha junto com o marido, na agricultura?

**Resposta** – Sim, ela casou ficou na agricultura, ali... já eles gostam da agricultura, também tem pouquinho terra, tem bastante dificuldade, mas estão ali.

53) – É uma forma da família se manter unida e avançar unida; como é que é essa situação?

**Resposta** – É ali, dizer a verdade, nós somos todos unidos, é... estamos sempre... vivem se ajudando um com outro, quando um tem dificuldades o outro ajuda vamos trabalhando, e vamos levando a vida.

54) – Você me falou, e eu não lembro, a sua filha participa ainda da tua propriedade ou ela tem a propriedade dela?

**Resposta** – Não. Hoje ela tem a pequena propriedade dela. É pequena a propriedade, mas estão com a propriedade deles.

55) – Ah bom. E você falou que tem o Elcio, Fernando, a filha, você tem aquele outro filho, como é o nome dele?

**Resposta** – Ah, aquele que é deficiente, aquele é o Ademir.

56) – E qual é a participação dele?

**Resposta** – Ele ajuda um pouquinho na casa, assim... mas ele é deficiente. Depois ele



gosta muito de ir na escola, na Apae, assim, na escola ele gosta, mas agora, ajudar em casa ele ajuda pouco. Mas ele participa aí com a gente, né.

57) – É limitado pela doença? Como é que é?

**Resposta** – É isso aí. Inclusive ele deu bastante trabalho, porque a gente tinha que trazer três vez por semana sempre no médico para fazer tratamento e morando lá naqueles fundão. Eu trazia ele no varão da bicicleta... e sempre às volta, a gente gastou bastante, né, e isso atrapalhava o trabalho na lavoura. Mas a gente sempre fez tudo, era importante atender, mas a gente lá é unido então superou essa fase. As distâncias...Longe dos recursos.

58) – Bom. Você... eu gostaria de falar contigo um outro assunto, agora. Qual é o teu papel, Sérgio, na propriedade?

**Resposta** – Olha, o meu papel é ir trocando idéias com os filhos, ir trabalhando, trocando idéias: “hoje vamos fazer um serviço, amanhã vamos passar para outro”. Tem que ir... fazer a lavoura do jeito que dá, devagarzinho, mas não querendo avançar muito, porque se avançar muito rápido, você sabe como é que é (risos).

59) – E você mantém a orientação?

**Resposta** – Sim. Eu tenho orientação, tem a Emater que me ajuda bastante, tem os agrônomos, tudo... bastante gente que está... me dou bem com muita gente, todo mundo se dão bem, todo mundo consegue... me orienta como é para fazer.

60) – E em casa você é o chefe da família? Como é que é?

**Resposta** – É... por enquanto eu sou o chefe. Até que os filhos estão tudo lá, eu... mais que faz os negócios, que vai atrás dos negócios... os filhos eles não gostam de ir atrás muito de negócios. Eles gostam de ir trabalhar e eu que vá... eles mandam: “pai, você vai e faça os negócios que nós trabalhamos”. (risos)

61) – E você quer que eles aprendam isso?

**Resposta** – É, eu estou tentando, ver se... eles estão atentos, para aprender para... só que eles tem um pouco de medo ainda, de se soltar. Para sair fazer os negócios.

62) – Você falou na outra vez, que nos doze meses do ano vocês tem trabalho. Porque

você acha que é importante ter trabalho os doze meses?

**Resposta** – Olha. Eu acho uma importância do trabalho tem que sempre... na família tem que ter trabalho, tem que ter serviço. E quando tem trabalho, tem serviço, a gente parece que até se vive mais unido, se vive melhor, porque a gente está trabalhando, todos. É..... sempre tem o que fazer. Um vai para o serviço dele, o outro ajuda que aquele serviço, eu acho muito bom.

63) – Você falou que os filhos vão fazer colheita de uva no Rio Grande do Sul, colheita de feijão para os outros, tipo bóia fria, aqui na vizinhança. Isso aí não descuida da propriedade? Como é que você administra isso?

**Resposta** – No tempo da colheita, que eles vão na colheita no Rio Grande do Sul é uma época que tem pouco serviço aqui. Daí eu e a esposa ficamos trabalhando, cuidando os vários serviços que tem aqui, atrás de tudo... da vaca de leite, afinal o que tiver, e daí os filhos vão trabalhar lá. E daí nós ficamos fazendo aqui...veja...oh... é uma renda extra que entra a mais.

64) – E os rapazes fazem esse trabalhos fora de que nós falamos. Aí o dinheiro que eles recebem entra para o caixa da família, ou eles tem um caixa deles?

**Resposta** – Não. Lá em casa é um caixa só. Tudo é numa... comida é uma panela só... é tudo numa panela só. A gente trabalha tudo unido.

65) – E os filhos para suas despesas... eles são jovens, tem os amigos... assim, do mês, tal... eles recebem uma mesada ou como é que funciona o dinheiro... assim, sabe?

**Resposta** – Ali funciona assim: quando que eles precisam de uns trocadinhos sempre se dá... um dinheiro para eles ir... Mas eles não gostam muito de ir em volta, em festa, em baile. Eles gostam mais de ficar na família fazendo... querem o futuro deles. Daí eles não gostam de esbanjar. Eles ficam mais em casa, daí.... sempre eles tem os dinheirinho deles, que tiram da “bolada” tudo junto que... quando que eles precisam de ir num baile, numa festinha, coisa e tal... daí dá os trocadinhos para eles ir.

66) – Então eles dispõem de um dinheiro quando eles precisam. Porque eles trabalham.

**Resposta** – Sim. Eles trabalham... eles merecem, né. Quem trabalha merece.

67) – Bom. Agora nós falamos de muito trabalho, bastante trabalho. Vocês tem uma organização na propriedade e o trabalho realmente é a forma que vocês acharam para

que a propriedade avance e as coisas aconteçam. E eu te perguntaria assim: e o lazer... como é que fica o lazer?

**Resposta** – Olha. Lazer ali em casa, dizer a verdade, a gente tem pouco lazer, a gente fica mais por casa.

68) – E férias?

**Resposta** – Férias? Não tem férias. (risada gostosa)

69) – Não existem férias?!?! Mas, vocês viajam de vez em quando?

**Resposta** – Olha. Muito pouco. Viajar é difícil. Viajar... só viajamos o ano passado que a Prefeitura pagou uma excursão para ir nas Cantinas ver nas festas de uva no Rio Grande como é que funciona, se não, é difícil nós viajar.

70) – Mas vocês fazem lá suas reuniões de família, pelo menos?

**Resposta** – Sim. Em casa nós sempre se reunimos, conversamos, ver como é que... trocamos idéias, como que é melhor, uma coisa ou outra, daí... a gente planeja.

71) – Mas sai aquele churrasquinho, aquela bebidinha ali, numa festinha da família, sai de vez em quando?

**Resposta** – Ah... De vez em quando sai, porque o... sempre quem está nos dando apoio muito é o padre de Vitorino, então às vezes ele vai lá em casa e leva uma carne. Daí fazemos uma festinha lá em casa.

72) – Mas pelo menos vocês tiram seu momento para puxar uma prosa, tomar um chimarrão...

**Resposta** – Sim. Isso sim. Todo dia de manhã, nós levantamos cedo, de manhã cedo antes de clarear o dia, daí tomamos um chimarrão... até que clareia o dia para ir para o serviço, tomamos chimarrão. Daí ficamos proseando.

73) – Ufaa... é dura a vida hein!... (risada geral) (pausa longa) Seu Sérgio, eu gostaria que você se sentisse muito a vontade para responder. Se quiser, se quer “pular” você que sabe. Você deve estar pensando assim: “nossa! Esse Agostinho também já está chato!”. Mas vai lá. Como é o relacionamento de você em casa, lá em casa? Com os filhos, com as esposa entre vocês. Acontecem discussões, treme o telhado, coisa desse tipo?

**Resposta** – Pois olha. Em família sempre acontece alguma coisinha. Não tem que... um faz uma coisa, o outro acha que está errado e daí já... mas discussão assim de briga, assim não acontece. É só assim, um pouco de bate boca e pronto.

74) – E quando dá um bate boca, mesmo que pequeno, qual é a saída que vocês acham?

**Resposta** – Olha. A saída que nós achamos... aquele que vê que... se um fica um pouco assim: “eu estou com razão, ou tu fica quieto” e isso... e tal. Dali de um pouco passa, daí fica tudo unido mesma coisa. (risos gerais).

75) – Bom. Na entrevista passada, seu Agostinho, quando nós falamos em... em ter um projeto de vida, você disse que: “agora já estamos com uma idade, fazemos uns trabalhos e os filhos que vão assumindo para seguir a vida deles”. Lembra? Eu gostaria que você me contasse um pouquinho mais, como é que você analisa isso?

**Resposta** – Engraçado ontem à noite nos tava falando disso lá em casa. Eu analiso que... os filhos... eu já fui criado assim: Até depois de eu casado, quem mandava sempre... era sempre meu falecido pai. Eu gostaria muito que os filhos se espertassem bem antes de casar... que daí quando que eles casarem eles tem um... uma visão melhor, para ver uma vida para frente melhor.

76) – Então o futuro dos filhos é a preocupação de vocês?

**Resposta** – É... nós se preocupamos muito com os filhos, porque se demos bem em casa com os filhos, mas se preocupamos muito... Daí eu gostaria que eles assumissem, também, continuassem... para... assumir mais novos que eu, para assumir a vida deles. Aprender já, não são mais crianças... para depois, uma hora não fazer uma burrada de jogar fora o que construíram.

77) – E de concreto para ti e para tua esposa. Não só para os filhos. O que é que você quer de concreto para ti e para dona Nilde?

**Resposta** – Nós dois de concreto assim nós estamos bem, ali com os filhos eles sempre estão ajudando bem. Eles levantam de manhã cedo da cama e já sabem que eles tem que tirar o leite, eles fazem o serviço mais... e nós tomamos chimarrão. Daí tomamos café e cada um vai para lavoura, atrás do serviço. Para nós estamos muito bem assim.

78) – Se dão bem, estão em paz com Deus e com o povo, né. Então acho que isso aí que é o importante, ter a consciência tranqüila botar a cabeça no travesseiro e paz...

**Resposta** – Isso aí é muito importante. Porque nós se dando bem lá em casa, com o povo, com todo mundo, não temos encrenca, não temos nada com ninguém. Temos nossas coisinhas. Tudo se damos bem. Para mim está bom! Que você quer melhor?

79) – Você citou na entrevista passada duas vezes o Prefeito. Que conversa e troca idéias com ele, e tal, com o seu Neuri, né. Você podia falar como é esse relacionamento, vocês se conhecem assim, já há mais tempo?

**Resposta** – Ah! Nós com o prefeito se conhecemos, bem... muitos anos já, se conhecemos com ele. Eu gosto muito de conversar com ele porque é uma pessoa muito humilde, muito sábia, sempre procura ajudar a agricultura, ajudar as pessoas, assim. Eu gosto muito dele.

80) – Ele tem boas idéias?

**Resposta** – Sim. Sempre tem boas idéias. Que nem agora, que compramos essa terra lá, daí eu falei com ele a semana passada digo: “nós precisávamos mudar aquela estrada lá, seu Neuri, só tinha que falar com umas pessoas lá”. E ele já se prontificou para ir lá falar com as pessoas, para ir mudar a estrada, para que eu posso fazer a casa para os filhos, fazer terraplanagem, e tudo, ele se prontificou.

81) – Você acha que é uma espécie de retribuição ao teu trabalho pelo município. Porque você parece ser uma pessoa que se dedica, né, a comunidade.

**Resposta** – Pode até que... De repente eu acho que sim. Porque eu não até que... o prefeito, eu não sei como é que ele escolheu nós para dar aquele prêmio que deram de agricultor destaque. Eu acho que ele tem muito interesse com as famílias e tudo, quer nos ajudar bastante.

82) – Você citou também o Departamento de Agricultura do município. O Lavarda é lá do departamento, né. Ele visitou vocês, ele visitava? Como é que é?

**Resposta** – De vez em quando o Lavarda sempre estava lá em casa, visitando, dando uns apoios, sempre ajudando.

83) – A Emater também?

**Resposta** – É! Sempre está presente a Emater. É...os dois se esforçam bastante. Nós temos bastante amizade, bastante conhecimento, daí eles sempre me ajudam, procuram ajudar bastante.

84) – E a cooperativa? Você é ligado com a cooperativa, e qual é o seu relacionamento, vamos dizer, com a cooperativa?

**Resposta** – Olha! Com a cooperativa sempre tive um relacionamento bom, sempre está... estou contente com a cooperativa. Sempre estamos bem com a cooperativa.

85) – O Neuri foi presidente da cooperativa.

**Resposta** – O Neuri foi. O Neuri foi sim... já foi presidente e um grande presidente – estou torcendo para que entre de novo, quando sair de prefeito.

86) – Você saberia dizer de quantos cursos você participou até hoje?

**Resposta** – Ah! Nem idéia não tenho. Porque eu de cursos participei bastante... mas bastante mesmo. Que o que me convidavam para cursos, eu estava lá fazendo. (risos).

87) – Você não passa mês sem um curso?

**Resposta** – É difícil! Muitas vez mais que um no mês. Entre reuniões e cursos é toda semana...mas óia não escapa uma semana. (risos)

88) – Esses cursos, agora com referência aos cursos. Gostaria que você falasse um pouco da importância que tiveram esses cursos na tua formação. Você disse que tinha só um ano e meio de escola. Tudo bem! Mas você é um vencedor. Esses cursos que influência tiveram na tua formação como agricultor, como cidadão, tal?

**Resposta** – olha! Esses cursos, nos primeiros cursos que eu fazia, vinha os agrônomos e técnicos ensinavam assim. E eu era meio arisco, era... daí eu fazia um pouco do meu jeito, um pouco do jeito deles...analisando sabe?... foi até que achei o caminho melhor... onde que era melhor e tudo, achei muita vantagem em todos os cursos...se não tivesse esses cursos, hoje não sei o que que eu seria... hoje estou me sentindo bem.

89) – Então o prêmio que você ganhou de agricultor destaque, que marcou então o teu sucesso como profissional da agricultura tem a ver também com esses cursos?

**Resposta** – É! Tem a ver bastante com os cursos, e bastante também com a Casa Familiar Rural também que meus filhos estudaram lá, daí aprenderam mais, daí...

depois que meus filhos começaram a estudar na Casa Familiar Rural a minha propriedade teve outra visão.

90) – Quando os filhos voltavam da Casa Familiar, como é que era esse relacionamento, o que eles aprendiam lá, e do que eles traziam para você e a tua experiência?

**Resposta** – Pois olha! Eles vinham... muitas vezes eles queriam fazer muitas... é .... coisa assim mais diferente. Como que eu sempre fui meio arisco, que não quis muito avançar sem segurança, não quis muito ir para frente que meio com medo, daí eu segurava um pouco eles. Sempre segurei por que tenho medo de fazer uma dívida, fazer outras coisas, não pagar e vender o que em muitos anos a gente sofreu, eu sempre fiquei meio segurando.

91) – Mas e daí você não quebrava a iniciativa deles?na medida que você achava que eles estavam indo você ia soltando a.... de acordo com....

**Resposta** – Não! Porque de acordo que eu achava, que eles iam... que dava certo, daí eu ia soltando. Até hoje! De acordo com o que eu acho que está certo. Porque eu tenho medo de dívida, tenho medo de... de ir muito... querer fazer um passo um pouco maior do que a perna, de repente “cair do cavalo”, então... preferi assim.

92) – E não se arrepende?

**Resposta** – Não. Porque eu sempre valorizei muito as idéias deles... mas eu tinha um olho na minha experiência de vida.

93) – Você falou do padre que te deu o alambique. Como é o nome desse padre?

**Resposta** – Foi o padre Luis Basso que me deu o alambique.

94) – Ele é de onde?

**Resposta** – De Vitorino.

95) – Ele está em Vitorino ainda?

**Resposta** – Está em Vitorino ainda. Conheci... se conhecemos através da apicultura de...

96) – Como é que começou essa história aí?

**Resposta** – Essa história começou assim: ele veio lá em casa pegar umas mudas de parreira, viu que nós tinha pouca terra, os filhos com vontade de trabalhar, ele disse: “olha, vocês não tem.... não... peguem, eu vou dar o alambique e tudo para vocês, está aí mais uma fonte de renda que vai ter para a família de vocês”.

97) – E esse alambique você vai pagar aos poucos com a produção? Como é que você fez o acerto?

**Resposta** – O acerto com o padre é dar vinte por cento da produção. Ele deu o alambique e tudo lá, em troca de vinte por cento da produção.

98) – Isso até o fim da vida?

**Resposta** – Ah! Isso não se sabe. Mas eu acho que o que é, é! Não foi feito contrato não, só na palavra... assim... Ele também nunca veio ver quanto... quanta pinga se faz na... do que que a gente faz deu tanto, e ele “está bom, está bom, e pronto”.

99) – Como você analisa o gesto do padre?

**Resposta** – Eu penso o seguinte: porque... que nem... eu e os filhos ficamos se conhecendo com o padre através de cursos da apicultura, assim. E agora tem muito diz que... me diziam assim: “o padre é um sujeito muito bom”. Mas não é bem assim. É que com ele tem que trabalhar o certo. Eu achei que fazendo as coisas certas... eu acho que ele achou que nós estamos trabalhando certo... e foi por isso aí.

100) – Você falou bem incisivo na outra entrevista assim: “suínos, nunca mais”. Como é essa história dos suínos?

**Resposta** – A história dos suínos é que ultimamente, a gente avaliou, e eles só davam prejuízo, não tinha jeito, e daí... desistimos. Só mesmo para fazer uma banha, um salame, para ter em casa para o gasto. Agora para o comércio, dificilmente.

101) – Então o problema era de rentabilidade mesmo, né?

**Resposta** – Muito trabalho e renda pouca.

102) – Você falou também na tua participação comunitária, e tal. Eu não... eu acho que vou te chatear mais um pouco. Eu gostaria que você falasse um pouquinho mais desse assunto, por exemplo... para mim entender um pouco melhor... você participou da diretoria do conselho pastoral. Como é que foi o teu trabalho na comunidade? Você está meio ligado ali com o pessoal aí com o pessoal, equipe de festeiros, eu não sei



bem como é que funciona...

**Resposta** – Ah isso! Meu serviço era sempre um serviço meio pesado. Eles sempre me... isso aí sempre foi feito eleição. Aí a maior parte das vezes sempre fui o tesoureiro lá. Serviço pesado de contar dinheiro, essas coisas, não... trabalhar com dinheiro alheio, eu gosto de tudo certinho. A gente tem sempre um medo de errar, daí sabe como é que é. Muita responsabilidade... mas sempre se demos bem com o padre.

103) – Você sempre está ligado, mesmo não fazendo parte da diretoria, quando tem as promoções você está junto?

**Resposta** – Sim. Quando tem promoção eu estou sempre escalado para trabalhar, estou sempre ajudando, estamos sempre na comunidade todos os domingos, estamos sempre na comunidade.

104) – O sindicato, você tem alguma participação aqui no Sindicato?

**Resposta** – É! Agora estou só como sócio do sindicato.

105) – E na diretoria da Casa Familiar Rural?

**Resposta** – É! Agora tenho mais um serviço lá da diretoria da Associação da Escola. Sou tesoureiro. (risos)

106) – Por que que você participa?

**Resposta** – Eu participo porque meus filhos... eu gostei muito da escola lá... porque eu acho que foi a escola que melhor deu visão da vida pros meus filhos... através dos professores e da direção que deram... eles foram, bem dizer, os pais dos meus filhos... Ficavam uma semana por mês internados lá.

107) – E a associação de apicultores? Não sei bem... me explique um pouco como é que funciona.

**Resposta** – Nós temos uma associação de apicultores. Fica em Francisco Beltrão (cidade vizinha a setenta quilômetros de distância) essa associação da “Aspar” de apicultura. Já fui da diretoria lá também, agora... estamos indo lá sempre na Aspar, sempre tem mutirão no último sábado do mês. Agora de vez em quando, cada sócio é obrigado a ir três mutirões por ano. Daí tudo para participar para fazer a cera, para fazer o que eles precisam, tudo lá.

108) – Tanto faz em ir você, teu filho, ou como é que é?

**Resposta** – É sempre mais... é importante é ir o sócio mesmo. E depois leva os filhos junto, pode levar os filhos, trabalhar junto... pode...

109) – Ainda da Cooperativa CAMISC: Você é do comitê educativo da cooperativa, coisa assim?

**Resposta** – Ah! Eu já fui muitos anos do comitê educativo da cooperativa. Agora, ultimamente me desliguei um pouco porque tenho muito serviço, é muita reunião, e muito... daí parava pouco em casa. Muitas vezes ficava... bem dizer a semana inteira quase fora de casa daí os filhos trabalhando, daí eu digo: “vou me desligar um pouco para ficar mais juntos com família”.

110) – E qué o trabalho no comitê educativo?

**Resposta** – Ó! O trabalho no comitê educativo é que existem recursos que devem ser aplicados na educação. Então a gente discutia isso... sempre ver como é que era, ver como é que andava as coisas... e aprovar as decisões.

111) – Bom! Uma última pergunta. Na entrevista passada você por duas vezes falou que não teve estudo. Você foi só um ano e meio na escola. E como é que você explica então todo esse seu saber, todo esse seu conhecimento? Que você tem uma bagagem aí né.

**Resposta** – Pois olha! Eu não me acho de ser... de saber tanto assim... se eu estou me sabendo é que não .... não estou sabendo, bem dizer, quase nada. Porque eu aprendi muita coisa, mas falta muito ainda, né?... tem que melhorar minha experiência... coisa assim.

112) – Como é que você relaciona então aquela tua prática com o estudo nos cursos?

**Resposta** – olha! A prática, os estudos, são duas coisas, uma diferente do que a outra, para dizer a verdade até (risos). Mas as duas são boas, quando... se o eu... se o senhor tem estudo, mas não tem... não tem a prática de fazer as coisas... resolve?... (risos). Daí que nem quem trabalha na agricultura tem que saber não só no... no livro, no caderno, quem trabalha na agricultura tem que saber também na prática.

## ANEXO 2 - ENTREVISTA COM NILDE GALIOTO

01) – Você sabe que nós estamos fazendo um trabalho, com o senhor Galiotto, em cima daquela idéia de que vocês foram premiados, né? E... o tema é assim, é a formação. Que formação o seu Galiotto teve e... como é que ele chegou a um prêmio. Não é? Então a gente está estudando isso aí e fazendo... e nesse... e nesse contexto todo, aparece bastante a idéia da família, né. Então é nessa linha que eu gostaria de conversar. Porque você participou muito ele sempre... ele falou que você participou das atividades, do trabalho, etc, né? Então a primeira questão seria assim: é... depois que vocês casaram como é que vocês conduziam os trabalhos.

**Resposta** – Ah, para nós foi muito difícil, no começo. Por que a gente não tinha nada e... e... Aí ficamos morando quase dois anos lá com o sogro, e tudo que se fazia era lá pra família... foi trabalhando. Direto. Trabalhando. E...

02) – Conta um pouco mais.

**Resposta** – Sabe, de aí que a gente saiu pra nossa casinha...foi aí que a gente começou a ter um pouco as nossas coisas... A gente comprou estes cinco alqueires, tinha muito pinheiro, aí... vendeu os pinheiros, pagou o terreno... é... é, fez a casinha, mas foi sofrido.

03) – E você acompanhava o trabalho, não só aqui em casa?

**Resposta** – Direto. Na roça, ia junto com ele de manhã cedo. Vinha para casa era onze e meia, onze e quarenta, às vezes meio dia passado, vinha para casa, fazia o almoço e lavava as roupas e tudo... depois voltava na roça, acompanhando, sempre junto. De noite, às vezes até... lá... escurecer, bem de tardezinho. Vinha para casa, tirava o leite das vacas e... fazia janta.

04) – E o fato de vocês trabalharem juntos assim, lado a lado, o que isso influiu assim na vida de vocês?

**Resposta** – Foi muito importante, porque se a gente não acompanhava, a gente não... vencia o serviço... a gente não era que nem se fosse o dia de hoje, né, assim... era tudo na enxada, na foice... não tinha o que que a gente tem hoje.

05) – O trabalho todo como é que era?

**Resposta** – A gente começou sem nada... do zero, e foi tocando, trabalhando enfrentando sempre junto eu e ele. E foi tocando.

06) – Como é que é a história que vocês iam para o trabalho e tinham que levar... é... era a menina, né, que era novinha?

**Resposta** – Ah. Sim... ele te contou. É, primeiro a menina, né. Era pequenininha, levava ela na roça, carpindo junto... Levava comida, um cesto botava ela dentro do cesto, levava água... e ia assim, capinando e levando um pouco para a frente... e capinando e levando... é levando. Passamos muito sacrifício, mas era a luta... sofrida né.

07) – E a comida?

**Resposta** – E a comida a gente levava junto.

08) – Naqueles tempos difíceis, aqui era um fundão, né? Como é que você conseguiu fazer para dar uma educação para seus filhos.

**Resposta** – Ah, a gente ia direto para a Igreja, ia... lá na comunidade. E lá tinha o ensino... Era aquilo lá. Depois veio a outra escola daí melhorou pra eles. Pros dois mais novo da í veio a Casa Familiar, que foi uma bênção pra nós... porque aí valeu a pena.

09) – Como é que você orientava, como é que você falava para eles?

.....

10) – Assim é... porque veja bem, se você não ensina as boas maneira e isso e aquilo, eles... é... não tinham saído boa coisa.

**Resposta** – Ah, sim, tava sempre acompanhando junto com eles e ensinando com a... onde que era preciso ensinar, né. Ensina o certo, como deviam agir pra ser gente de bem... e mostrava também onde é que tava o errado e assim eles ia distinguindo. Onde que era o certo, era o certo e onde que era o errado... a gente não deixava para eles.

11) – No que diz respeito aos teus filhos você transmitia para eles muito carinho muito afeto?

**Resposta** – Muito carinho, e amor e tudo.

12) – Como o seu Galiotto tinha estudado pouco na escola, porque tinha que trabalhar em casa. Tinha que cair no pesado, né? Como é que... depois que vocês casaram é que ele começou a participar dos cursos?

**Resposta** – Ele começou a participar dos cursos, daí que a gente foi morar sozinho. Ele fez, gostou... assim né. Ele viu que... do jeito que tava as coisa não era fácil... pouca escola, só mais a experiência que a ele tinha. Essa era grande, porque ele sempre foi muito interessado em ver e aprender como fazer. Agora... por meio dos cursos ele aprendeu muita coisa. Nossa, como aprendeu!...

13) – E isso foi só depois do casamento?

**Resposta** – Foi depois do casamento... sim...mas daí dois anos, quando moremos sozinhos.

14) – Antes... quando vocês casaram, ficaram mais dois anos vivendo lá com o teu sogro. Como é que foram aqueles dois anos?

**Resposta** – Ah, lá trabalhavam todos juntos, lá.

15) – Mas vocês trabalhavam para a família, não era especial para vocês?

**Resposta** – Não! Era tudo junto com a família.

16) – E o que vocês fizeram depois, como é que foi então?

**Resposta** – Ah, depois a gente ia trabalhando e... conforme o que entrava era tudo para nós.

17) – E a... o que vocês foram conquistando foi através do quê?

**Resposta** – Sabe, a gente guardava tudo que podia pra ir comprando as coisas. Foi muita economia, né. Ter que... assim, não gastar aonde que não precisava, né. Acho que é por isso que a gente valoriza as coisa, porque a gente sabe de onde vem, e como é difícil ganhar.

18) – E o... você acha assim, que esse trabalho todo que saiu, foi importante trabalhar?

**Resposta** – Foi importante, porque se a gente não trabalhava também, a gente no dia de hoje não tinha nada.

19) – O que vocês fizeram naquela época foram acumulando, de pouquinho, e o que é que vocês se programaram? Comprar casa? Como é que foi?

**Resposta** – Casamos e trabalhamos um ano lá, lá com o sogro e depois fizemos a nossa casa, derrubamos o mato, e fizemos a nossa casa. E dali, começamos.

20) – Bom. Você tinha algum trabalho que era mais teu e menos do seu Galiotto ou vocês trabalhavam...

**Resposta** – Tudo junto. O que era meu era dele também e o que era dele era meu também. E a gente pegava junto... na roça, com as vaquinhas, com os porco, aqui em casa...sempre a gente trabalhou os dois... e também foi assim com os filhos ele também ajudava.

21) – Se abraçavam e iam para a luta?

**Resposta** – Ia para a luta. Ia trabalhando... direto.

22) – Quando é que você... com os filhos crescendo você soube ir dividindo um pouco as tarefas?

**Resposta** – Ah, é! Daí quando que cresceram os filhos, daí eles mais... trabalhavam mais na roça, e eu ficava um pouco mais em casa. Sempre trabalhando. Eu não paro...acho que se não tem nada pra fazer eu fico doente.

23) – Vocês trabalham com gado de leite e como é que você processa esse trabalho? Que uma vez era você, depois os filhos, agora estão tocando.

**Resposta** – Os gados de leite, a gente tirava o leite... no “muque”, não tinha equipamento... agora tem ordenhadeira, daí eles tocam, e um pouco a gente ajuda também.

24) – Queijo?

**Resposta** – É fazia queijo também, fazia muito queijo. Agora que a gente diversificou bastante vende o leite. Daí vendia o queijo no comércio.

25) – Hoje?

**Resposta** – Hoje o queijo não se faz mais. Só para o gasto... e de vez em quando, porque tem um monte de outras atividades. Daí é mais prático vender o leite.

26) – Por que gado de leite?

**Resposta** – Porque é uma das cadeias produtivas de Mariópolis. O prefeito incentiva, e não dá pra se queixar. Agora incentiva a uva também... Tem até a cantina. E a gente tem que investir naquilo que tem apoio, naquilo que dá certo,

27) – Você não se arrepende desse trabalho, assim... de ter se jogado de cabeça?

**Resposta** – Não estou arrependida, porque as dificuldades, tudo que eu passei juntos... que eu passei... eu vi o resultado agora que... que valeu a pena... e como... que a gente vendo que deu certo, fica feliz.

28) – Conta um pouquinho sobre aqueles tempos difíceis. Porque isso aqui era um “matão”, né? Como é que vocês se defendiam?

**Resposta** – Era puro mato. A gente ia derrubando o mato com machado, foice, depois queimava a roça e carpindo... direto. Hoje não se queima mais, mas aquele tempo era a forma de fazer plantio, fazer roça.

29) – Hoje vocês preservam a natureza?

**Resposta** – Hoje a gente cuida, temos um pedaço de mato, que ninguém mexe, a gente preserva, não polui.

30) – E quando tinha que ir para a cidade, ou quando tinha doença, como é que era a coisa?

**Resposta** – Ir para a cidade, era só ele (seu Galiotto) que ia para a cidade. Quando era criança que estava doente eu ia levar junto, se não a gente nunca ia para a cidade

31) – A vida ficou mais ou menos resumida por aqui?

**Resposta** – Sempre por aqui. Mais ou menos...

32) – Agora que está saindo mais e... eu vejo que você sempre acompanha.

**Resposta** – Agora estou saindo mais.

33) – E é bom?

**Resposta** – É bom. Muito bom, a gente conhece outras pessoas, vê coisas nos cursos... A gente sempre vai nas reunião lá na Casa Familiar, e assim... né.

34) – Hoje eu vi vocês num curso lá em Pato Branco, como é que foi?

**Resposta** – Foi muito bom, porque a gente aprende muita coisa ali. Sempre leva alguma coisa de “nova”. Era de leite, e a gente se distrai e aprende, né?

35) – Você vai em cursos que interessam mais o teu... teu trabalhinho aqui dentro de casa ou você vai em outros também, mais também só para acompanhara o seu Galiotto?

**Resposta** – Todos que eu posso ir, eu vou. E faço os meus cursos ali... ali onde que sai da comunidade, meus cursos de... de dentro de casa, assim, negócio de tricô, crochê e bordado, essas coisas, culinária, a gente participou bastante. E valeu a pena! Sempre o que aparece de curso a gente sempre está participando.

36) – Você acha que o fato de não ter ido a escola, mas ter feito todos esses cursos deu o necessário?

**Resposta** – Deu! Deu muita... para mim foi vantajoso, para mim. A gente aprendeu muita coisa.



### ANEXO 3 - ENTREVISTA COM NEURI GHELEN - PREFEITO DO MUNICÍPIO DE MARIÓPOLIS

01) – Senhor Neuri, você tem conversado com o Sérgio Galioto ultimamente?

**Resposta** – Olha, eu tenho conversado seguidamente com o Sérgio Galioto, é um dos pequenos agricultores do nosso município que nos visita seguidamente aqui na prefeitura municipal, que vem buscar informações, que vem dialogar com a gente tentar... é.... buscar novos caminhos para a sua propriedade. O Sérgio é uma pessoa bastante comunicativa e que nós podemos dizer que é um dos nossos agricultores que participa de quase que todos os cursos que são realizados para os pequenos agricultores em busca de alternativas de viabilização de sua propriedade.

02) – Qual é o relacionamento de vocês, digamos, em termos de... é de hoje ou faz tempo?

**Resposta** – Olha, eu na verdade conheço o Sérgio Galioto como produtor já há mais de vinte anos, né, a gente se conhece há muito tempo, e... é um dos agricultores que até posso dizer que durante esse período de... de três mandatos como prefeito na... na administração municipal, como presidente da cooperativa que eu fui durante três anos, é um dos produtores que eu de vez em quando até visito na sua propriedade, é... até por uma ligação de amizade que a gente tem. Então a gente até acompanhou a vida do Sérgio, nesse desenvolvimento de sua pequena propriedade. É um agricultor que começou, com... do zero, quase não tinha nada mesmo, e que hoje é um produtor que viabilizou a sua propriedade junto com os seus filhos, então nós acreditamos que realmente quando existe a dedicação, quando existe a busca de novas informações, o produtor pode se desenvolver e esse caminho o Sérgio sempre procurou.

03) – Quais seriam então os pontos fortes, vamos dizer assim, os pontos chave é... os fatores chave que levaram o Galioto ao seu sucesso profissional?

**Resposta** – Olha, eu acredito que os pontos chave foram: em primeiro lugar a dedicação em cima da profissão que ele tem como pequeno produtor, é... a busca de informações, de novas informações, é... a participação nos diversos cursos, que tanto, vamos dizer, a cooperativa ou o próprio departamento de agricultura da prefeitura tem realizado para os pequenos produtores, na viabilização de suas propriedade, é... eu

acho que essa persistência do pequeno produtor, que o Sérgio assim... como pequeno produtor, que o Sérgio sempre teve, de buscar novas alternativas para sua propriedade. É um produtor que, vamos dizer assim, plantava, começou plantando milho e soja, mas que hoje é... lida com abelha na produção do mel, ele lida com vitivinicultura, é trabalha com a vitivinicultura, é... é um produtor que não sossegou e que procurou colocar sempre seus filhos buscando novas informações, como vamos dizer... os filhos dele estudaram na Casa Familiar Rural, foram lá buscar novas tecnologias, buscar novas soluções para sua propriedade e que voltaram e que ajudaram o pai, e que na verdade hoje trabalham todos juntos nessa pequena propriedade e dela tornaram uma propriedade viável.

04) – Você... é... o Galioto me falou o seguinte: “eu tive só um ano e meio de escola”, até eu vou saber com ele onde é que ele estudou, em que escolinha que ele fez esse ano e meio de escola. Como é que você vê, ou como é que você entende, ou como é que você analisa o saber e o conhecimento do Galioto, que só frequentou um ano e meio de escolinha?

**Resposta** – É, eu acho que o Galioto, vamos dizer, teve só um ano e meio de escola, mas eu acho que a maior escola dele foi a vida, né. E ele lutou muito é... em cima dessa luta no decorrer desses anos e a prática é que trouxe na verdade o ponto de partida do conhecimento para o Sérgio. Depois em cima desse pouco conhecimento que ele tinha, vamos dizer, de escola, mas que a vida lhe deu essa escola, os filhos dele buscaram o conhecimento através da Casa Familiar Rural e completaram aquilo que o pai não tinha e que na verdade hoje então, todos juntos é... um com conhecimento do ensino escolar, da tecnologia, o outro com a prática, somaram e tá aí uma família que se deu bem na vida.

05) – Prosseguindo um pouco nessa idéia, eu... estou querendo entender um pouco mais o conhecimento dele, o saber dele, tu sabes que a educação ela passa pela educação formal, por uma educação da experiência, da prática... que nem você colocou. Como é que ele construiu então será esse saber, você que se relaciona com ele, você percebeu alguma coisa que você possa enriquecer aqui esta entrevista?

**Resposta** – Olha, na verdade eu acho que também o saber, como ele não teve a escola, ele foi buscar com aqueles que tinham um pouco de saber, de conhecimento, ou que podiam lhe dar algumas instruções. E o Sérgio sempre foi muito especulativo, ele

sempre foi um cara de fazer interrogações, de buscar a solução para o problema que ele tinha. Então ele... por isso que a gente, já digo até, que ele me visitava muito no gabinete e que ele vinha buscar um parecer da gente antes de tomar alguma atitude daquilo que ele pretendia fazer. E nessas buscas é... na tentativa de buscar algumas soluções com um amigo, com um companheiro, com alguém que ele se desse bem, ele foi aprendendo. Ele foi buscar o saber junto com as pessoas que tinham esse conhecimento, que tinham o saber para transmitir para ele, e ele foi tendo o conhecimento através dessa forma. Eu por diversas vezes, ele esteve no meu gabinete, antes de tomar qualquer decisão, ele esteve no meu gabinete me perguntando, me indagando, né, a respeito daquilo que ele pretendia fazer. Eu acho que dessa forma ele foi buscar o saber, foi buscar o conhecimento, é... vamos dizer, de uma forma geral, assim, no comércio, nos cursos, no mercado, sendo um cara bastante interrogativo, que sempre fazia pergunta, que sempre indagava aos outros, para que ele... daquilo que ele não sabia, ficasse sabendo.

06) – Quer dizer que, ele não fez a escola de estar lá sentado no banco escolar, mas o saber que ele teria adquirido lá ele achou uma outra forma de conseguir?

**Resposta** – É na verdade, eu acho que, é... da forma que ele se criou, com a família do pai dele, ele não teve a oportunidade de frequentar o banco da escola, mas ele teve a oportunidade da vida e que ele soube buscar, através dessa oportunidade, desta, dessa forma de ser dele, de ir buscar esse conhecimento junto com aqueles que podiam lhe dar informações. E ele foi aprendendo dessa forma, eu acredito que sim.

07) – Você estava numa sessão solene aqui no município, onde houve uma entrega de troféus. A que você atribui a conquista desse prêmio do seu Galioto. Ele foi indicado como .... agricultor destaque do município, foi premiado por isso, né, você estava na entrega desse troféu, como é que você analisa a conquista desse sucesso profissional dele?

**Resposta** – Olha, eu acho que essa conquista do Sérgio foi justamente por tudo aquilo que eu falei, pela dedicação dele, pela forma como ele conduziu a propriedade dele, da forma como que ele tentou ir buscar os conhecimentos que ele não tinha para poder chegar onde chegou, viabilizando uma pequena propriedade com rendimento suficiente para sustentar uma família que nem ele tinha de quatro... e ele tem de quatro filhos. Eu acho que é... a falta do estudo fez com que ele buscasse outras formas de

conhecimento e ele soube buscar essas formas de conhecimento, participando de tudo aquilo que eu falei que é de cursos, parti... de palestras, de encontros com pequenos agricultores, é... buscando a sua formação depois de adulto, depois já de ter uma família, de ter os filhos, ele... não ficou acomodado na sua propriedade plantando o feijão e arroz. Ele é um pesquisador inveterado. Ele foi buscar solução, foi buscar alternativas para viabilizar sua propriedade e eu acho que foi esse trabalho todo, que te falei agora, que está aí para todo mundo ver, essa dedicação do Sérgio que fez com que ele recebesse então esse título, esse troféu naquele dia.

08) – Numa entrevista com Sérgio Galioto, ele me falou que quer comprar um pouco de terra. Eu não sei o que ele tem na cabeça frente a essa realidade, mas ele está empenhado em adquirir... adquirir mais um pedaço de terra. Você tem acompanhado essa luta?

**Resposta** – Eu tenho, tenho acompanhado essa luta do Sérgio na aquisição desses dez alqueires de terra ali na... na comunidade de São Pedro, é... é uma luta que vem de anos, um pequeno produtor tentando guardar algum “recursozinho” para poder chegar nesse ponto para colocar mais filho e que foi uma luta muito grande, porque essa pro... essa terra é uma terra, é... vamos dizer... que tem bastante reservas florestais, que existe um problema com o próprio IAP na liberação, de que se possa derrubar alguma coisa ou não possa derrubar para que possa se tornar uma.... uma propriedade produtiva, e que ele correu durante muitos anos e muito tempo e que, a gente foi, até por diversas vezes acompanhando ele até o IAP, é ele teve na Prefeitura comentando e dialogando conosco na aquisição dessa terra, uma luta muito grande e que, por insistência, por tanta persistência do Sérgio, ele conseguiu. Agora há poucos dias ele conseguiu realizar esse negócio. O pessoal do IAP acabou... acaba liberando para que ele possa viabilizar a propriedade, até de derrubar algumas coisas lá, na viabilização dessa propriedade. A colocação de mais um filho. Então é um homem de uma luta incansável e de uma persistência tão grande que acaba convencendo e conquistando aquilo que ele deseja.

#### ANEXO 4 - ENTREVISTA COM PADRE LUIS

01) – Eu gostaria de iniciar esta entrevista deixando muito à vontade para que nossa conversa seja, o mais livre possível – desinibida, sincera, reflexiva. Como a gente conversou há pouco, é uma complementação de pesquisa sobre a trajetória de vida do Senhor Galiotto. Eu começaria, para que a gente possa ter alguns dados pessoais teus e de tua formação.

**Resposta** – Bom. Eu estou com quase sessenta anos, nascido no Rio Grande do Sul, nas costas do Uruguai; filho de pequenos agricultores, mas... .. de uma família que na agricultura... em casa a gente aprendeu muita coisa. Desde a lutar com animais, pequenos animais; questão do vinho... é... doces, na costa do Uruguai se lutava muito com doces, principalmente derivados de cana, de fruta: de uva, marmelo, figo. Então... eu tinha um irmão mais velho... minhas irmãs, o pai, gostavam. Então a gente foi acumulando uma série de experiências. Mais tarde então eu fiz o “segundo grau” no Seminário Salete, em Marcelino Ramos, aonde no seminário nós tínhamos mais de vinte profissões. Desde criação, plantação, fábrica de tela, bolas, vasos, curtumes, marcenaria, carpintaria, nas criações de diversos tipos, nas chocadeiras. Nós tínhamos mais de vinte atividades. Então foi um outro passo que me ajudou muito. Mas depois concluí os estudos de Filosofia e Teologia em Curitiba. Em 73, eu fiquei Padre e voltei para trabalhar novamente no seminário. Em parte, alguma coisa tinha sido desativada. Que com... diminuiu muito o número de seminaristas, mas muita coisa nós ainda conseguimos levar adiante. Em 78, fui transferido aqui para a região de Francisco Beltrão, então vindo a trabalhar mais especificamente na Paróquia. Só que na Paróquia, eu comecei ver as necessidades do agricultor.

02) – Aí vem, então, exatamente a minha pergunta. Com relação às suas atividades e a essas suas atribuições e como é que você entende o seu ministério?

**Resposta** – Bem, eu em princípio... a pregação... eu gosto de fazê-la a pessoas que... estão bem. Antes de tudo eu acredito que a pregação evangélica ela tem a sua base, quando as famílias das pessoas estão estruturadas. Principalmente no meio rural, onde quase sempre eu trabalhei. Então chegando em Beltrão, eu vi muitas necessidades... então, inclusive eu orientei as pessoas, nos primeiros cursos que eu dei foi questão de “conservação de solos” em Beltrão; lá na comunidade do... do Quinze, do rio Erval. O

peçoal não tinha a mínima noção de curva de nível, de terraçamento ainda... isso em 1978. Aí eu vi que também ninguém sabia o cultivo final... a prática com abelhas. Então eu comecei a ajudar os agricultores como criar abelhas. Eu iniciei, nós queríamos uma chácara, aonde eu comecei com algumas colméias. Ao redor da Casa Paroquial, em Beltrão, durante diversos anos, eu tive as colméias, também. E dali que surgiu a idéia da Associação dos Apicultores aqui do Sudoeste do Paraná, a AASPAR. Seis anos após, vindo para Vitorino; cheguei aqui fiz um levantamento, setor de abelhas; eu vi que tinha um agricultor que tinha algumas caixas, já dentro do sistema moderno e alguns caixotões. Eu iniciei aqui também... os primeiros cursos que eu dei foi... questão de abelhas... e... uma das coisas que me preocupou também foi ver que a nossa agricultura na região produzia muito pouco, produtividade baixa. Porque não se dava o valor à terra. Não se tinha conservação, curva de nível e adubação adequada, principalmente em questão do orgânico, matéria orgânica verde. E aí nós começamos aqui também com abelhas, com pequenas é... orientações e mais tarde, também, tendo viajado para a Europa, principalmente na França e na Itália, o que me chamou muito a atenção foi lá, a questão agrícola voltada ao leite. E eu vim é... voltei entusiasmado também com aquela idéia, de ver os pequenos agricultores ter uma vida muito boa... criando vacas de leite. Eu lembro, foi na capela São Donato, que alguém após a Santa Missa, no final da Missa é... falou assim: “Padre, o quê o senhor gostaria de dizer, de nos trazer alguma idéia que o senhor viu lá na Europa (isso foi em 86) que nós poderíamos, talvez, por em prática”. Digo “o que mais me chamou a atenção foi a produtividade o milho”... que eu já tinha falado que no Rio Grande do Sul em 77 eu já tinha conseguido 250 sacas de milho por alqueire. O que muitos ainda aqui não acreditavam que podia... se poderia ter essa produtividade. Aí eu falei, digo: “na França onde eu pude ver alguma coisa relativa à agricultura, dizem que eles estão com uma média de 300 sacas por alqueire” digo “mas o que que também me chamou atenção foi a questão do gado leiteiro. O pessoal sobrevive muito bem. Eles lá têm o hábito de consumir também, os derivados do leite. Que não é só fazer queijo, mas muitos derivados. Eu acredito que é uma idéia que nós temos que implantar aqui dentro do nosso município, porque nós temos condições”. Claro que depois da missa algumas mulheres até acusaram: “mas padre Luis, o senhor não quer vir aqui e... o senhor quer que nós ficamos fedendo merda de vaca?”; então foi uma brincadeira, “não” digo, “é o que vai nos ajudar muito”. O Picoloto foi o primeiro interessado em adquirir vacas de melhor qualidade. Então um dia de carro, levei ele a Beltrão, fomos

visitar a granja do Puls, fomos visitar também a granja do Martini... e ele se entusiasmou, já na outra semana ele já adquiriu algumas reses... umas vacas e como também depois eu indiquei aqui em Pato Branco, um senhor que tava saindo e ele começou a produzir gado leiteiro. Com Padre Dileto, na época ele era o presidente da cooperativa, também conversei bastante, foi o que “deu” até condições até de importar gado do Uruguai, que no sul nós já tínhamos a prática lá da inseminação; isso há 25 anos atrás, mais até, né, 30 anos atrás, melhorando o plantel de gado, e mesmo... eh... o primeiro touro holandês que eu vi, desde que me conheci por criança, e um vizinho nosso tinha adquirido ali na região de Porto Alegre, né. Então a gente já vinha com uma certa prática de melhoramento e no Seminário já tinha tido experiência, né, de gado leiteiro onde já tinha adquirido já as... melhores premiações em feiras em Erechim, no caso né. Então dali nós começamos, e hoje, depois de 15 anos ou mais, estamos vendo aqui em Vitorino que talvez... eh... o que mais está trazendo condições de vida para o pequeno é o gado. No caso, o Picoloto já partiu com a Indústria. Vocês sabem... vendem ali na estrada, tudo dentro da higiene, orientado né, pelos órgãos competentes e está tendo êxito. E hoje ele está produzindo mais de mil litros de leite por dia e a maioria ele já está industrializando e vendendo, né. Então isto me leva, justamente, a sempre procurar orientar o povo.

03) – Vou te fazer uma pergunta não querendo cortar. Que foi que você falou? Ahn, te cortei!(risos) Nossa, mas você falou bastante! (risos)...sim sim...você não parava mais. Tá então eu continuo. Você estudou para Padre. Eu gostaria assim bem rapidamente para nós entrarmos depois na temática que nos interessa para a Tese, para o trabalho. Como é que você... você estudou para Padre, mas você está falando... vamos dizer, é quase um linguajar de produtor. Como é que você faz isso? Porque essa conversa, quando você poderia estar puxando um versículo da Bíblia e falando comigo sobre Bíblia? Eu gostaria numas palavras rápidas, que você situasse isso. Entendeu, né?

**Resposta** – Sim! Quem fala bastante é você. Eu te conheço da Rádio. (risos) Tá. Uma das primeiras conversas quando eu entrei no Seminário, já tinha um pouco de idade, o padre que me aceitou no Seminário disse que o primeiro objetivo no Seminário era formar gente, depois formar padres. Eu nunca consegui perder a minha identidade de agricultor. Então no que é possível, eu sempre procurei ajudar os agricultores. Claro que exerço o meu trabalho de padre, de evangelizador, mas se você ver o povo passar fome, o evangelho também não faz milagres. Então eu procuro sempre dar condições

de vida em primeiro lugar, é claro, que sempre tendo como base uma espiritualidade também profunda. Mas gosto de orientar o agricultor em tudo aquilo que ele possa tirar da terra da melhor maneira possível.

04) – Você acha que isso é o Sacerdócio?

**Resposta** – Eu me identifico com essas pessoas, né. E me sinto bem com isto. Eu acredito que esteja sendo a minha missão. A minha vocação.

05) – Eu teria agora, entrando numa temática diferente, tenho uma perguntinha: o senhor conhece o senhor Sérgio Galiotto?

**Resposta** – Sim, já há diversos anos, através da Associação dos Apicultores aqui do Sudoeste, a AASPAR, então mensalmente a gente tem uma reunião em Francisco Beltrão, onde a gente faz o trabalho de... fazer a cera né para as colméias. E... conheci né, ele, e conversei muitas vezes, e a gente tem entrado em contato, já tenho instalado lá... algo, né... que até... para melhorar o trabalho dele na sua propriedade, ajudando na diversificação, para gera mais um pouco de renda, né.

06) – Você esteve então na propriedade dele, assim... te relaciona com a família dele, já.

**Resposta** – Sim, já estive diversas vezes também na casa, e eu vendo nesse agricultor uma vontade de progredir, então eu consegui adquirir um alambique, já bastante usado e... instalamos na casa dele, né. Não só com a finalidade de fazer uma “pinguinha”, natural, caseira, como também aproveitar lá que ele tem a uva, com o bagaço da uva para fazer a grspa e também junto com os derivados de cana, diversas chimias e doces, né, que ele pode desenvolver dentro da propriedade. Então eu tinha é... estas peças, né, no caso a moenda, o alambique, aquilo que era necessário, então está na casa dele, né, e ele está utilizando, né, junto com a família.

07) – Como é que você analisa este ângulo de ele ter instalado esse alambique, e como é que isso aí funciona?

**Resposta** – Bem. Em si, porque... eu há muitos anos já em Beltrão, eu... tinha lá, por esporte... eu já fabricava uma pinga. Não tanto para o comércio... não tanto para o comércio, mas mais para a gente ter, degustar... eu tinha aprendido a fazer na região do sul, na costa do Uruguai e a gente aqui não encontrava um “aperitivo” adequado, então



eu mesmo me propus a fabricar. Então através desses encontros a gente levava lá uma garrafinha de pinga para tomar um aperitivo antes do almoço, ele se interessou, quis saber quem fazia e tal, digo “não é difícil! Você também pode fazer”. Então ali, na conversa vem conversa vai, que instalamos também, uma pequena indústria caseira lá na propriedade dele, né.

08) – Ele veio buscar contigo, ou nessas conversas, nessas visitas você transferiu o saber também, o conhecimento?

**Resposta** – Ah, é evidente né, porque... ele... nunca tinha visto fazer cachaça, não tinha a mínima noção. Então instalamos, orientamos ele, e ele, na boa vontade ele... aprendeu rapidamente e eu acredito que ele está se saindo muito bem. Que é um homem que realmente... ele pesquisa e quer caminhar e... quer se promover.

09) – Você conhece a família dele toda. Como é que você vê a família Galioto como família?

**Resposta** – Bem, partindo desde que ele é pequeno proprietário, não tem muita terra. Então nessa pequena propriedade ele tem que buscar a manutenção. Claro, ele já tem, eu acho, que uma filha casada e tem mais três, em casa. Dois são estudantes, ainda e eles vivem do trabalho. Então eu acredito que... ele já tendo... trabalhando com abelha, na parte agrícola diversificada, criação de gado, de porco... a parreira. Acho que achei interessante ele partir um pouco também para os derivados da cana de açúcar, que... é algo que não exige muito terreno e... no inverno, quando se tem mão de obra disponível, então é um trabalho extra, né, que se pode fazer. Isto ajuda também, um pouco, na economia da família. Agora como família eu gosto muito deles, porque são unidos e muito trabalhadores, e são gente séria.

10) – Por isso que você deu o alambique pra ele?

**Resposta** – Não só por isso, você conhece quando uma pessoa é séria e a gente pode confiar. Ele é uma pessoa honesta e de muita confiança. Toda a família dele é assim. Ele valoriza muito as pessoas, me sinto muito bem quando vou lá, porque vejo o esforço de todos para melhorarem de vida, e são humildes e muito trabalhadores.

11) – Conhecendo o Galioto, como é que você analisa a trajetória de vida dele?

**Resposta** – Bem, eu conheci o Galioto, sei de sua origem, do Rio Grande do Sul, aonde é um povo que tem consciência, principalmente, boa vontade para o trabalho. Claro que, ele foi um pequeno agricultor sem muitas posses, mas, com vontade de progredir. E isto lá me deu também “ânimo” a ajudá-lo. E eu estou vendo que... esta prática ali já por dois anos ou mais, ele está se saindo muito bem, né. A vida dele foi uma luta sem fim. Passou muitas dificuldades. Ele é um grande vencedor se você quer saber. Ele e a esposa dele. Foi temperado pela vida

12) – Você sabe que ele tem pouco estudo, né, como é que você... como é que você analisa o avanço dele?

**Resposta** – Acho que na... né... na prática, na boa vontade. A pessoa que tem interesse, ela sempre busca coisas novas. Ele não é uma pessoa que está acomodada. Ele faz cursos, ele nunca falha na reunião mensal dos apicultores lá em Beltrão. Ele participa da comunidade... religiosa. Ele até acho que exerce alguns trabalhos lá na diretoria e ele está muito entrosado, então através da associação também, dos apicultores, outras associações dentro do próprio município. É um cara que não está acomodado lá em casa. Mas ele busca é... outras alternativas, ele diversificou bem a propriedade. Ele entendeu, ele tem visão de futuro. Hoje o agricultor familiar que não diversifica está perdido. Enfim, através da prática, ele se envolve em outros conhecimentos, e isso vai deixando ele atualizado e daí ele sabe o que quer e vai a fundo.

13) – Você como padre, observa o lado espiritual; como é que você analisa a família do Galioto, ali, na sua vivência?

**Resposta** – Bem, pelas vezes que estive na sua propriedade, eu vejo uma família religiosa, unida... muito de harmonia. Sempre aquele sorriso, é... bem estar... ele, economicamente, não é uma pessoa rica, mas eu digo que na parte principal, ele é rico, porque ele se sente bem, e se valoriza muito a família, e... se acha realizado naquilo que ele faz.

14) – Como é que você vê o Galioto cidadão?

**Resposta** – Como cidadão, eu vejo um cara realizado, como pai de família, como uma pessoa que está trabalhando, ele se sente útil em levar um produto, mesmo nas feiras, que todo ano acontece com a uva, é um prazer de ir lá... ele te ceder um copo de vinho que ele faz, outros produtos e... é um cara que pesquisa, né. Eu até este ano fiquei

bastante entusiasmado porque um dia eu cheguei lá, ele, através, da televisão, do canal rural, ele viu orientações em fazer certas misturas com a pinga e melado que eles estavam fazendo, né. E deu certo, né. Então é um cara que não está acomodado, né. Mas ele aproveita idéias, a conversa com os amigos, os próprios filhos trazendo algo importante que eles aprendem na Casa Familiar Rural e... encontro com pessoas da própria televisão... o canal rural tem ajudado muito outros... outros também... cultivos... enfim, que ele está aprendendo. E é um cara que está pondo em prática o conhecimento dos cursos e da escola da vida. Porque ele vê certas idéias, analisa e ele procura pôr em prática suas idéias. É... é um cara que pensa e... executa. E com isso, eu acho que ele traz satisfação.

15) – Ele é um teórico ou um prático?

**Resposta** – Bem... não é bem assim. Em si, depende muito de uma pessoa e outra. Porque tem certas pessoas que estudam e ficam só na teoria. Eu já sou diferente. Eu estudei, tal, talvez em muitos pontos eu não pude aprofundar certos conhecimentos. Porque no meu tempo, eu tive de enfrentar o trabalho. Durante todo o meu tempo de faculdade sempre trabalhei, mas eu aprendi muito. Mesmo em viagens, no volante de caminhão, a experiência da vida me faz com que eu entenda o povo. Não só fiquei com a teoria na cabeça, mas relacionei a teoria e a prática. E eu acredito que o Galioto também é uma dessas pessoas. Ele é as duas coisas. Ele é um prático, que depois foi estudar a teoria, e voltou pra roça refazer a prática. Por isso que ele foi como que... crescendo. Ele não se acomodou com o pouco que ele aprendeu na escola. Mas, acima de tudo, eu penso que a vida para ele foi uma escola.

## ANEXO 5 - ENTREVISTA REALIZADA COM ELSO GALIOTTO

01) – Em determinado momento os filhos passaram a estudar na Casa Familiar onde tinha o curso ligado a agricultura. Em quê que... vocês terem ido estudar na Casa Familiar ajudou, digamos, na prática de vocês.

**Resposta** – Ah, ajudou na agricultura, nas coisas assim mais da família, em geral, né. Todas as coisas que nós trabalhamos aqui, ajudou muito, né.

02) – Você já fazia. Agora você procurou... o quê que te interessava mesmo lá dentro no sentido de que... da propriedade.

**Resposta** – Acontecer...? Ajudar mais...? Bom era assim a gente estudava na outra escola, aí esta era mais agricultura, por isso me ajudava mais, eu sempre gostei.

03) – É! Qual é que eram os temas que te interessaram mais?

**Resposta** – Mais é na agricultura, né. O que ajudava mesmo era a agricultura, porque é o que gosto, mas tudo era importante, eu acho.

04) – A parte de gado de leite não era muito o teu forte?

**Resposta** – Não, não, não (risos). Não era meu forte não. Até hoje eu resmungo com o pai, com as vacas, mas, não sou muito das vacas de leite. Meu setor é mais a agricultura, as parreiras.

05) – E a parte que você recebeu esse ensinamento... isso para você significou, o quê?

**Resposta** – É! Significou... assim uma mudança, porque a gente aprendeu muitas coisas diferentes... foi muita mudança.

06) – Me diz uma coisa. Você aprendeu as disciplinas?

**Resposta** – Ah, tinha português, tinha sobre agricultura, matemática, inglês, física, química, e tudo... mas o que eu mais gostava era os temas de agricultura.

07) – Vocês fizeram o curso “De Olho”.

**Resposta** – S... não, não. Esse eu não fiz. O Fernando fez.

08) – Daí aqui na propriedade vocês fizeram as atividades propostas?

**Resposta** – sim daí aqui foi feito, que daí foi o pai e a mãe que fizeram, eu não fiz, tava noutro trabalho.

09) – Tá, mas você acha que... como é um curso da família, você acha que ajudou?

**Resposta** – É... participei. Desde a organização das coisas, das ferramentas e... a organizaçãoda casa do galpão.Bem dizer, né. Tudo, né. Ficou melhor.

10) – Tá. Você está aqui na propriedade, você... você, vamos dizer assim, sobre... sobre o acompanhamento financeiro, você tem idéias hoje de... se você tivesse que fazer... calcular os gastos, você tem conhecimento, com é que você faria?

**Resposta** – Ah, tinha que fazer no papel, né, bem detalhado. Ah, bem organizado também... mas hoje eu sei fazer. É importante. A gente faz. O pai deixa mais pra gente isso.

11) – E você acha que isso te dá uma visão de quê?

**Resposta** – Ah, do futuro, né...

12) – E sobre a propriedade, você tem... fazendo esses cálculos você pode perceber oquê?

**Resposta** – Mais renda. Porque daí a gente tem o controle da entrada e saída também. Isso ajuda a gente a planejar, o que fazer e o que deixar de fazer, né?  
E a gente ajuda mais a família também.

13) – E a idéia de diversificação, como é que você vê esta idéia?

**Resposta** – Ela ajuda bastante, né. Bastante diversificação, mais dinheiro vem, né. Mais lucro. Mas tem que diversificar assim onde dá certo, porque só diversificar não adianta.

14) – Quais são as atividades que vocês tem aqui?

**Resposta** – Tem vaca de leite, na apicultura, piscicultura, frutas...

15) – A criação de abelhas, como é que está?

**Resposta** – Está tudo bem! É, porque eu olhei nessa semana (risos), não deu tempo.

16) – Peixes e o que mais?

**Resposta** – Tem uva, ahn...a lavoura.

17) – Parte dos parrerais você gosta. Tem a lavoura, o que mais?

**Resposta** – Tem o alambique.

18) – Como é que funciona esse alambique aí?

**Resposta** – Funciona... como é que eu posso te explicar...tem época. Foi uma boa.

19) – Dá resultado?

**Resposta** – Dá resultado. É o mais quase que dá.

20) – Se você tivesse que tocar aí o parreral e o alambique, sem a presença do pai e a mãe... “eles vão viajar agora e vão ficar fora um ano”, te vira?

**Resposta** – Não (risos).

21) – O quê que faltaria?

**Resposta** – Faltaria mão de obra, né, eu...

22) – Mas se tiver que fazer o vinho, você sabe fazer?

**Resposta** – Bem certo ainda não, né. Mas, tem uns segredinhos do ponto, mas já sei bem.

23) – Mas já está quase... quase pronto.

**Resposta** – É.

24) – E na convivência familiar com os irmãos, com tua irmã, com os pais, você se dá bem?

**Resposta** – Sim. Bem. Aqui a gente se gosta muito. A gente é unha e carne.

25) – Você gosta desse clima?

**Resposta** – Sim.

26) – Na comunidade, você participa de alguma atividade lá?

**Resposta** – Participo, desde ajudar com as coisas que precisa... de ajudar a comunidade, né, trabalho, no esporte também.

27) – Ah, você ajuda lá no esporte também?

**Resposta** – Sim, tem os outros jovens e daí a gente está lá e participa.

28) – E como é lá?

**Resposta** – A gente se reúne e participa.

29) – Qual é um ponto forte que você gostou lá na escola?

**Resposta** – Ah, a convivência com os alunos, né, ajudando um ao outro, dentro da agricultura também, né, nas palestras que tive... a orientação que nós recebemos... o respeito.

30) – Essas palestras, esses ensinamentos que você recebeu, te ajudaram em quê?

**Resposta** – Ah, bastante, né. Ajuda bastante... porque a gente aprendeu a respeitar, a convivência nossa com os pais e os irmãos ficou muito boa... A escola deu uma formação muito boa mesmo. Até meus pais viram a mudança em nós... a comunidade também.

## ANEXO 6 - ENTREVISTA REALIZADA COM VOLNEI LUIZ LAVARDA - SECRETÁRIO MUNICIPAL DE AGRICULTURA DO MUNICÍPIO DE MARIÓPOLIS

01) – Lavarda, que trabalho você desenvolve no município?

**Resposta** – Bom, eu sou engenheiro agrônomo, mas na verdade a gente tem uma função quase de desenvolver uma política municipal de desenvolvimento mais voltada ao pessoal da agricultura. Né? Então a nossa função é trabalhar com as famílias de porte médio para pequeno, que tem mais dificuldade de se desenvolver pelas próprias pernas, e de ajudar eles sendo mais um mecanismo de apoio a eles, para eles verem na agricultura uma forma de viver com dignidade e conseguindo render. Essa é a nossa função. Achar solução para a agricultura se desenvolver e para as famílias viver bem da agricultura com qualidade.

02) – Vocês realizam no departamento cursos de formação para agricultores. Em que áreas ou temáticas vocês ministram esses cursos?

**Resposta** – Bom, a gente tem um plano já desde 94. A gente elaborou um plano de desenvolvimento agrícola do município, e definimos prioridades. Então o município... ele além da atividade de soja, milho, agricultura das culturas anuais, que essas são tradicionais, e é claro os nossos solos tem aptidão para isso... eh... se achou desde aquela época, que já são quase 10 anos, que aqui nós teríamos que trabalhar com leite, por ser uma região apta para a produção de leite, e com a uva. Então eh... a maioria dos cursos são voltados para a isto... ou é na parte administrativa eh... de custos, de receita e despesa eh... com relação a qualquer uma das atividades, né, daí pode ser soja, pode ser leite, pode ser uva. E se for técnica é mais voltada então a essas duas: ou produção de leite, ou a vitivinicultura.

03) – Os agricultores, a nível do município tem apoios. Eu perguntaria que apoio esses agricultores tem no campo da formação?

**Resposta** - Na formação como pessoa,né. A gente até não tem uma atuação muito grande nessa área, não... Acho que... eh... aí vai bem até a parceria com a Casa Familiar mesmo. Mas eu entendo essa formação que você coloca na pergunta como uma formação – esquece a parte da uva – é a formação de princípios e de valor da



pessoa, esse tipo de coisa, né? Então nós mesmos não temos atividade e cursos para este fim, ali na nossa divisão, no nosso departamento.

04) – Então fala do ângulo financeiro?

**Resposta** - Daí no ângulo financeiro, a parte econômica da propriedade, aí sim. Mas é ali que a gente busca as soluções, né. Mais para as pessoas.... O desenvolvimento mais visando esse lado econômico, né. Daí nós temos cursos através do SENAR eh... através do SEBRAE... através da EMATER, nós mesmos eh... fizemos visitas diversas aos produtores passando conhecimento técnico. Mas a grande maioria dos cursos que a gente fez nos últimos anos, depois de definir as prioridades, foram através de parcerias do SENAR, através do sindicato esses cursos acabam chegando para o produtor.

05) – Qual é a participação da Prefeitura através, por exemplo, de insumos, ou mudas, ou coisas semelhantes com a propriedade?

**Resposta** – Daí como a gente viu então a bovinocultura de leite e a uva como alternativas viáveis, de serem desenvolvidas, a gente fez dois programas. Então um para o leite, e um para a uva.

06) – Quais são essas duas cadeias produtivas, assim de uma forma geral?

**Resposta** – Então, as cadeias alternativas (eu prefiro chamar assim, pois significam outras opções, que a gente achou para trabalhar. – Por que a gente não trabalha com soja? A gente não trabalha soja porque tem aí a Cooperativa, aí tem os comerciantes trabalhando. Então a Prefeitura adota a seguinte máxima: “ nós vamos fazer aquilo que os outros não fazem, e que a gente acredita que seja necessário para desenvolver”. Se o comércio, pela iniciativa privada já está fazendo, então não há o porquê da prefeitura fazer. Então as cadeias que nós estamos trabalhando para desenvolver é a cadeia do leite e a cadeia da uva. Essas duas.

07) – Na cadeia do leite...

**Resposta** – Na cadeia do leite, o que que a gente tem então. O que que a gente criou, no nosso programa. Na cadeia do leite a gente trabalha através de um apoio a uma associação. Tanto a cadeia do leite quanto a da uva a gente sempre liga o apoio com a existência de uma associação. Na do leite existe a Associação dos Bovinocultores do leite que é a CBLM de Mariópolis, então a gente repassa, através de um convênio, a

gente tem um apoio mensal para eles que viabiliza para essa associação um técnico. Um técnico que faz inseminação. E durante esses anos nós fizemos diversas coisas. Eles têm ensiladeiras então... Bom tem duas áreas: uma é de alimentação (no leite a gente se preocupa na questão da alimentação do gado), e a outra de melhoramento genético. Na questão alimentação a gente viabilizou para a associação... acredito que são oito ensiladeiras. Então há oito anos atrás, 95/ 96, tinha uma ou duas ensiladeiras com alguns fazendeiros maiores. Hoje existe em todas as comunidades ensiladeiras e todo produtor, por menor que seja tem a condição de ter silagem. Porque a gente não vê uma bovinocultura de leite viável sem silagem, né, para enfrentar os períodos adversos, né, que vem sempre. Tem todo ano. E no melhoramento genético eh... daí a inseminação eh.. a prefeitura ajuda então o valor que permite ter um inseminador, dois inseminadores, dois veículos, em qualquer lugar do município em que o produtor esteja, ele solicita através de telefone. Esse telefone, a associação ela é sediada na prefeitura também, né, e o telefone é da prefeitura, toda a infraestrutura a prefeitura cede para associação, o que permite então o programa de inseminação. A própria Secretaria Estadual da Agricultura, tem o nosso como um dos melhores da região, porque a gente consegue fazer duas mil inseminações por ano, o que passa de 50% do nosso rebanho, né, de bovino de leite. Então é um número expressivo de inseminações que se faz. Então são essas duas linhas alimentação e melhoramento genético.

08) – Foi promovido aqui no município uma premiação de agricultores. Que organizações promoveram e participaram desse processo.

**Resposta** – Vou ter que apelar para a memória... humm... deve fazer uns 3 anos que a gente fez aquela entrega do prêmio mas como a gente sempre teve e tem o conselho municipal de agricultura onde participa o sindicato, participa a emater, a prefeitura, representantes das comunidades rurais, eu tenho certeza que naquela época foi esse conselho quem deliberou para encontrar quem seriam os agricultores prá merecerem este prêmio

09) – Como foi planejado este processo?

**Resposta** – Puxa vida... eu agora não lembro direito. A escolha... a gente pensou que iria ser uma motivação para todos os agriculturas a entrega deste prêmio. Então teve um evento que se não me engano, foi a entrega do primeiro PRONAF, e que reuniu no ginásio, todos os pequenos agricultores para receber aquele valor. E então eu disse para o grupo que estava reunido e coordenando... “vamos aproveitar a ocasião e vamos

premiar agricultores, que tiveram sucesso profissional e que sejam exemplos para os outros”. Então como tinha as reuniões do PRONAF, com alguns meses de antecedência, que a gente bolou essa entrega de premiação, então já se discutiu, e como essas reuniões dos conselhos são mensais eu acredito que numa reunião eu dei a idéia, pensamos alguns critérios, e na outra reunião foram levantados alguns nomes e foi aprovado por maioria, mas acho que foi consenso foi citado estes dois nomes, que foi consenso, porque chamavam a atenção. Quando falamos foi upa e os nomes saltaram.

10) – Então a idéia mesmo da premiação estava ligada a uma forma de motivação dos agricultores, tendo em vista uma reunião de quase 100% dos produtores do município, uma grande reunião aqui na sede do município e o fato de vocês escolherem dois agricultores iria servir como motivação. Vocês usaram esse processo da premiação como um processo de motivação?

**Resposta** – Isso, trabalhava o produtor que ganhava porque que nois ia trabalhar com a auto estima dele, ele ganhando uma premiação pela dedicação que ele tava vendo, portanto foi escolhido dois, um agricultor destaque tradicional com a família e outro um jovem agricultor revelação, vamos dizer um destaque e uma revelação, então para aquele que ganhava com certeza... pooxa uma motivação, um reconhecimento que ele ta tendo que eu acho que todo mundo quer ter reconhecimento pelo que fazem, e pro outros como exemplo até para se mirarem, para olhar, para se espelhar, para ver o que estavam fazendo, para ser também, conseguir no outro uma motivação para trabalhar melhor...essa foi a finalidade.

11) – E os critérios que vocês usaram para seleção dos contemplados, quais foram esses critérios, deveria ter algum critério?

**Resposta** – Então... como eram duas categorias diferentes, para o agricultor destaque, seria o agricultor que tivesse uma família constituída, que tivesse filhos, e que vamos dizer assim, tava conseguindo sustentar bem a família como um pequena propriedade, que tivessem em busca daquilo que a gente via como importante que era busca de novas alternativas, porque a pequena propriedade que ficava só no grão, se via que não ia conseguir desenvolver então o produtor que tivesse diversificando a propriedade, buscando na assistência técnica para soluções dos problemas, o produtor que tivesse iniciativa nesta busca de solução, a humildade para ir em busca dessa solução,

reconhecendo o que o outro podia ensinar para ele, então nós tinha que ter uma família, e vamos dizer assim, não eu to desenvolvendo e a família toda no processo envolvida, então ganhou o pai o prêmio mas o que a gente queria premiar era a família, então no agricultor destaque era um agricultor e um família que estava em jogo. No agricultor revelação já se pensava no jovem, então o jovem com todas aquelas características que falei acima da família, mas também um jovem com iniciativa, buscando se profissionalizar, se formar, estudar, e tivesse também na propriedade levado aquele conhecimento e a propriedade tivesse sendo modificada e a gente vendo nele uma liderança, uma futura liderança e já uma liderança nascendo ali, que pudesse trabalhar com os outros, bem relacionado, apoiador da família...eh...esses foram as coisas que a gente olhou na época de dar estes prêmios. Tinha mais mas não lembro agora.

12) – Ocorre mais alguma idéia dentro destes critérios... tinha o pessoal do PRODER etc etc etc, tinha mais um outro pessoal junto ligado, eles tinham alguma idéia a mais, se tiveram.

**Resposta** – Você me faz clarear, tinha naquela época o PRODER, verdade, que era um programa assessorado pelo SEBRAE, e que desenvolvia um trabalho no município, mas até pelo tempo eu não consigo lembrar tudo que passou, já faz uns....

13) – Foram visitadas as propriedades? Ou foi feito levantamento assim metodológico e aí em cima disso se chegou a uma conclusão.

**Resposta** – Se chegou a conclusão, até porque veja bem, quando você reúne os produtores das comunidades o produtor de uma comunidade ele não conhece da outra comunidade, aqui em Mariópolis, acho que em todos os municípios por aqui, os daqui conhecem melhor Pato Branco do que ele conhece a comunidade vizinha, eles não se conhecem, a não ser quando são parentes ou muito chegados. O da Nossa Senhora Aparecida não conhece o do São Pedro, e às vezes nunca foi lá, e o contrário também não acontece, então ele tem uma confiança muito grande nos técnicos, os agricultores, e não se chegou a ir na propriedade porque os técnicos, ou seja da Emater, seja da prefeitura, o próprio presidente do sindicato, então a gente já conhece os produtores, e foi através dos depoimentos dos técnicos e os outros confirmando que a gente fez essa escolha. Não se chegou a fazer nenhuma comissão para ir lá levantar quesito por

quesito, foi ... a gente tinha os exemplos, a gente tinha uma declaração, tinha um conhecimento de que assim eram esses agricultores e foi baseado nisso, observando os critérios de que falei.

14) – Então na verdade, deixa-me ver se entendi, vocês tiveram uns dois encontros com a participação de todas as lideranças da área técnica ou das outras áreas que atuavam lá no interior, e este grupo de lideranças que tem o conhecimento aprofundado das comunidades e das pessoas que moram lá, das famílias e jovens, foram detalhando os critérios e ao mesmo tempo em uma segunda sessão acabaram elegendo as pessoas, mais ou menos nessa linha?

**Resposta** - Isso, nessa linha, e todos... e era importante a opinião dos produtores, então porque no fundo eram eles votando num representante deles, para ser o agricultor destaque, então eles entenderam, que se fosse tanto o Sergio quanto o Celomar, eram bons exemplos para representá-los, pelos motivos que eu citei antes, pelos critérios, ambos tavam dando conta da família ou tava indo atrás do desenvolvimento no destaque como a gente queria.

15) – Então esta premiação tem a ver com o sucesso profissional, como você analisa isso?

**Resposta** – Tem, tem a ver com o sucesso profissional, o Sérgio já era um sucesso na época, vamos dizer assim, tanto que é um agricultor destaque porque já tem o sucesso, o Celomar era promessa do sucesso, né, como agricultor, apesar que ele já era um estudante, que já mostrava toda as características, já era um sucesso como estudante, ele já tava com a liderança dele, já tava liderando outros jovens na época, então já foi o sucesso deles o motivo deles serem escolhidos.

16) – O que mais chamou atenção no Celomar? Poderia falar sobre isso?

**Resposta** – O Celomar, é a facilidade do relacionamento inter-pessoal que ele tem, né! Isso é o que chama atenção no Celomar, essa convivência, essa boa relação que ele tem com as pessoas e por isso eu acredito que ele ta certo em desenvolver essa questão na área de venda de produtos, em ter isso como importante na vida.

17) – Você citaria uns fatores forçando um pouco a tua memória, alguns fatores, alguns pontos fortes, que você pudesse arrolar do Celomar?

**Resposta** – Bom eu acho assim, que a comunicabilidade que ele tem, a boa educação que ele tem, né... ahhh , a apresentação do Celomar, o Celomar ele é preocupado com a apresentação dele, ele é muito bem educado, extremamente bem educado, empático, né, se preocupa com o outro, e muito comunicativo, tem iniciativa, é trabalhador, é esforçado... eu acredito que estas são característica de relacionamento inter-pessoal, esses são pontos fortes do Celomar, com mais outros que não citei aqui.

18) - E na parte profissional agrícola?

**Resposta** – Eu não acompanho muito a parte do Celomar na questão da família e da agricultura, sabe éh, a própria comunidade do santo Eduardo, onde eles moram, até por uma característica da comunidade, onde ali já tem, eles tem como vizinho já diversos produtores de médios para grandes, é uma comunidade onde a nossa divisão da prefeitura não atuou muito, então eu não sei dizer, acredito que pela inteligência que ele tem e pela comunicabilidade que ele tem ele deva estar aproveitando isso também para melhorar essa parte técnica na propriedade.

19) – Você fez uma visita na propriedade dele?

**Resposta** – Recentemente não, já faz dois anos quando a gente implantou uma pastagem, que... daí a eu estive lá, e inclusive acho que a gente ajudou, porque havia dificuldades...Eles tem as coisas mas com muito sacrifício. Acho que isso faz deles pessoas fortes e batalhadoras, e aí está o mérito.

20) – Como surgiu a idéia da cantina de vinho?

**Resposta** – Bom isso aí, a história é mais ou menos assim. Em 91 o frei Romildo viu um levantamento, tomou conhecimento de um levantamento que a Emater fez da uva e chamou atenção da quantidade de uva que tinha Mariópolis. O frei Romildo é um padre que tava aqui naquela época 90/91 era o responsável da paróquia. Isso daí chamou atenção e pensaram de colocar venda de uva na festa do padroeiro, e colocaram, acho que foi no ano de 90, fizeram venda de uva, não seria nem a primeira festa, aproveitaram a festa do padroeiro para vender uva. O padroeiro era no dia 24 de janeiro, inclusive as épocas davam certo, padroeiro com a vindima, aproveitava que coincidia, aproveitaram então para vender uva. Vendeu, foi um sucesso, no outro ano resolveram fazer a festa da uva, onde o Neuri já era prefeito também. Então idéia do padre com o prefeito, tudo começaram a fazer a festa da uva. Daí eu digo assim, de 91

até 98 era só mais uma festa que se vendia uva e não se desenvolveu a questão viticultura. Se aproveitou a festa e fez um canal de comercialização. De 98 em diante na verdade foi na verdade um insucesso em parte um sucesso, uma mistura de sucesso com insucesso.

21) – Explica melhor isso: uma mistura de sucesso com insucesso.

**Resposta** – É isso aí e foi o que alavancou, o que fez a diferença na uva. A gente fez uma festa da uva um pouco maior, pensando em fazer em dois finais de semana, e acabou a uva. E aí gente... era complicado falar pros visitantes... dar uma explicação para eles e eles perdendo a viagem, então aquilo ficou ruim para todo mundo, mas foi o que fez o poder público ver que esse era o caminho. Que aquilo que é mais difícil no desenvolver de uma alternativa de produção, que é o comércio, ele estava ali. Tava ali e nós não estávamos aproveitando o mercado que tinha na região. Então a prefeitura implantou a programa de apoio com material aos produtores de frutas, que eram ligados a FRUTIMAR, que é a associação deles. Daí em diante começou a construção de parreirais de uma forma mais intensa. E daí chegou num ponto, que nós vamos ter a partir do ano 2004, necessidade de uma fábrica de vinho. Isto porque a quantidade de uva não tem o mercado só para consumo in natura, para mesa, devido ao aumento de produção verificada a cada ano desde 1999.

22) – E onde buscaram os recursos para essa fábrica de vinho?

**Resposta** – Bom, a cantina, o programa todo, desde 99 que começou com a ampliação de parreirais, ele teve um ano de recurso do caixa da prefeitura. No segundo ano foi conseguido verba do governo federal e no terceiro e quarto ano, recursos da prefeitura de novo, para ampliação de parreirais. O que a prefeitura repassa de recursos não dá para terminar o parreiral, dá para construir conforme o tanto de parreral que o agricultor quer fazer, dá para construir de 30% até 70% do parreiral, Uns pegam aquilo que a gente dá, que é basicamente um módulo de apoio. Todos ganham meio padronizado... e uns ampliam aquilo 4 vezes, e fazem com recursos próprios, outros usam aquilo e fazem só um parreiral menor mesmo, e então aproveitam só aquilo. Para a vinícola, o valor maior que foi conseguido foi através do programa Paraná 12 meses, através do grupo dos produtores que são associados a FRUTIMAR que aportou 212 mil para vinícola... eles fizeram mais um financiamento, que é um Pronaf agregar no banco do Brasil de mais 100 mil, somando 312 mil. A prefeitura agora tem uma contra

partida que tá na hora de fazer, para deixar em condição de funcionamento. Vai colocar mais 80 mil, que é para fazer os acabamentos da obra. Então tem participação do produtor, do governo federal, do governo estadual e da prefeitura.

23) – Qual foi e é a participação do Sr. Sergio Galioto nesse contexto todo da vitivinicultura ou do gado de leite. Você conhece o Sergio Galioto?

**Resposta** – Conheço o Sergio. Na cantina ele é um dos grandes batalhadores desde o primeiro momento... Bom ele participou, ele viu no leite e na uva duas alternativas. Começando pelo leite: Eu lembro bem, porque nós fizemos junto o curso em Castro, onde tem uma unidade de treinamento da cooperativa lá, que o estado aluga e é a melhor unidade para treinamento do estado do Paraná em questão de leite. Então anos atrás eu também fui fazer este treinamento como técnico, e o Sergio foi junto com a gente. Naquela época ele não tinha o leite como uma coisa importante, mas ele como sempre está em busca de conhecimento, e muito curioso e querendo evoluir ele foi fazer o curso também lá em Castro, junto com a gente. Daí em diante ele começou a desenvolver o leite, já através da... aproveitando com certeza boa parte do conhecimento que ele tinha lá. Então o Sergio foi... é um produtor exemplo, porque é aquele que buscou conhecimento e a partir dali, desses conhecimentos que ele começou a desenvolver o leite. Ele não foi transformar a produção de leite... ele tinha uma ou duas vaquinhas de leite realmente para sobrevivência, e a partir da capacitação é que ele transformou na propriedade dele o leite como uma atividade importante. Até inclusive eu sei que ele faz acompanhamento de leite... assim ele tá na rede de referência da Emater, nas coisas que ele e os filhos dele tão fazendo junto no leite. E na questão da uva também. Apesar de ele já ter parreiral, mas ele aproveitou... então eu vejo o Sergio... aproveitou, entrou no programa do governo federal naquele ano, e ele tá com um dos filhos, eu não sei se é o Fernando ou o Elcio, que tá decidido a livrar um vitivinicultor. É um agricultor que vai viver da uva, um dos dois que tem na uva como alternativa, já decidido para fazer da uva o negócio dele na nova propriedade, que eles tão comprando adquirindo agora. Então eu vejo o Sergio assim: como uma pessoa bem atenta, atenta e inteligente. Se a região toda debate e vê no leite e na uva como alternativa, porque as características de solo, de clima, de mercado... Eu digo que ele entendeu bem a idéia, ele compreendeu bem que as nossas propriedades tem aptidão para essas duas atividades, e ele transformou a propriedade dele em



propriedade onde o leite e a uva tem importância fundamental na renda da família...Foi fácil...não. Exigiu muito trabalho e persistência.

24) – Durante quanto tempo você conhece e acompanha, se é que acompanha, a propriedade do seu Galioto?

**Resposta** – Bom eu tô desde 93 na prefeitura e a do Sergio, todos os anos e tive na propriedade dele. Então eu acompanho desde aquela época, já são 10 anos de acompanhamento.

25) – Como você analisa a propriedade dele?

**Resposta** – Ele é um produtor caprichoso, leva bem feitinho todas as atividades, tem uma boa lavoura e ele diversificou a propriedade. Então ele, já citei e repito, ele dedicou um espaço da propriedade para produção de leite, um espaço para produção de uva, onde ele tem idéia de ampliar, e ele também tá fazendo cachaça, que também é outra fonte de renda, e ele tem no mel outra fonte importante de renda, que daí ele tem as caixa de abelha distribuídas na região, até daí eu nem sei a localização. Mas ele tem uma propriedade bem diversificada e é isso que tá fazendo ele progredir. E o importante que todas as atividades ele tem elas com rentabilidade, nenhuma atividade ele tá trocando seis por meio dúzia.(risos)

26) – Quer dizer que, talvez nessa linha foi o que vocês viram de diferente que levou a premiação para ele?

**Resposta** – Isso, porque existe muitos casos de produtores que até tentam uma diversificação, mas daí não vão a fundo, ééé, e não chegam ao ponto de ter rentabilidade. Ele não, o Sergio decidiu fazer as atividades alternativas que estavam sendo propostas, estudou, analisou, viu que era bom para ele, e em todas elas ele se aprofunda de tal forma, vai atrás das informações necessárias para produzir com rentabilidade, e rentabilidade que ele consegue, que ele tem conseguido nestes últimos tempos.

27) – Como você analisa então, assim, de um modo geral, o itinerário do Sergio o percurso da vida do Sergio, entre o que você observou nestes 10 anos, e o que nas conversas informais que vocês tiveram ele contou para você do passado, como é que você analisa esse itinerário do Sergio Galioto.

**Resposta** – Bom, eu vejo bem como um percurso bem sucedido, uma caminhada de sucesso. Então ele tinha essa propriedade... é... criou seus filhos, com toda a dificuldade, mas passou para eles o valor de que é possível viver disso ali. Ele sempre foi muito bem relacionado também. Aproveitou o bom relacionamento dele com diversas pessoas e técnicos, para se desenvolver. Do tempo que eu conheço ele para cá, das atividades alternativas – mais importante foi o mel. E ele tinha... ele tinha... o Edgar Pott, que é um agrônomo da Emater, agora não está mais, não como um técnico, mas como um amigo dele, que ainda é um amigo do Sérgio, muito grande, e que possibilitou o Sérgio que... que.... vamos dizer assim... acredito que até se associou com o Sérgio na produção de mel e foi uma partida de sucesso para o Sérgio ter... eu acho que assim: – a primeira atividade alternativa do Sérgio foi o mel. Viu que deu bem, ele fez o leite também. Viu que deu bem, ele está na uva também dessa mesma forma. Então o Sérgio ele não tem os técnicos como técnicos, ele tem o técnico como um amigo, e até como um sócio, podendo ser. Então... e ele está chegando no que ele está chegando, inclusive comprando mais áreas para possibilitar um filho... para possibilitar que o filho agora tenha uma propriedade produtiva para ele, né, mas sem perder a ligação de família, com certeza.

28) – Ele me contou que tem um ano e meio de escola. Agora diante do que você falou, como é que você sintetiza e analisa a formação dele, a formação – vamos dizer assim – ele não teve escola, mas é como se ele tivesse. Como é que você analisa isso?

**Resposta** – Eu coloco o Sérgio assim, ele... ele não teve a escola formal... primeira, segunda, terceira série... foi até a segunda série me parece... mas ele fez e participa de todos os cursos, inclusive, eu digo, isso é uma característica da comunidade de São Pedro (*co-formação – o grifo é do autor*). A minha experiência já diz assim, quando a gente queria, precisava, tinha um curso em determinado lugar e a gente tinha disponível um ônibus e essa coisa toda, a gente sabia que facilmente ia conseguir clientela para encher o ônibus e para ir no curso, a gente fosse lá no São Pedro colocar a disposição, que é a comunidade do Sérgio. Então ele também é o meio que ele vive que também deu essa visão. Realmente a comunidade de São Pedro é diferenciada, o Sérgio é um produtor diferenciado também porque com certeza porque vive no São Pedro e a comunidade toda é uma comunidade que aceita novas tecnologias e se desenvolve, né, mais do que as outras. Então o Sérgio, ele está num meio que os produtores se interessam muito por buscar novas informações (*influência do meio – o*

*grifo é do autor*). Como eu disse eu participei com Sérgio em cursos de quarenta horas, uma semana inteira em Castro, né, eu vejo... o filho do Sérgio há poucos dias indo na formação do núcleo do pessoal fabricante de cachaça do Sudoeste e interessado em participar de todo o processo indo lá em Beltrão no SEBRAE... sempre que aparece uma oportunidade de formação ou seja o Sérgio ou seja os filhos, ou a esposa, eles não abrem mão de participar... E estão sendo inteligentes o suficiente para analisar o que é bom e o que é ruim destes cursos. O que é que eles tem que fazer para aquilo dar resultado, eles tem a sensibilidade para fazer – porque até como técnico digo, as informações que as vezes a gente passa são muitas, são muitas, e se só se basear numa conversa de escritório o produtor não vai conseguir ter um bom resultado. Então o Sérgio ele consegue captar e ele como bem relacionado quando a gente vai na casa, as conversas dele consegue captar e ter sensibilidade para aprender exato... para ver do técnico aquilo que ele tem que tirar para transformar aquilo numa coisa que dê renda, que seja produtiva, né. Então eu vejo que ele tem uma boa formação porque ele sempre foi atrás dessa formação em cursos por fora, né, de outras formas, através desses cursos que estão disponíveis aí.

29) – Você coloca isso como pontos fortes para o sucesso profissional dele. E até... é... em decorrência de tudo isso, veio assim, na vida dele a premiação.

**Resposta** – sim, eu não vejo que um produtor consiga ter sucesso vivendo como uma ilha, ou sendo como um autodidata comprando livros. Não vejo essa forma de sucesso. O produtor para ter sucesso, ele tem que ter técnicos para se amparar, e ele tem que participar de cursos, ele tem que participar cursos... e isso o Sérgio faz. O que ele precisa é analisar esses cursos todos e nas conversas com os técnicos, aquilo que é importante para ele fazer, né, fazer na “coisa”. E isso lá o Sérgio e a família fazem numa forma bastante intensa, eles nunca estão parados, estão sempre em busca de nova informação, de nova parceria. Não é só... como eu disse... não é só curso, ele tem um tão bom relacionamento com os técnicos que os técnicos dão quase que cursos particulares para ele lá na família devido a boa vivência que ele tem com o pessoal, o bom tratamento que ele dá na casa, né. Essas pessoas então se sentem bem de ficar lá e passam todas as informações para ele com a maior boa vontade possível. Ele tem... muitos... ele tem muitos técnicos grandes amigos dele, então, essa formação ele tem ou em cursos ou na casa dele mesmo que o pessoal vai até lá. Isso é uma possibilidade de que... acho que ele é um dos poucos que tem... essa... essa... esse privilégio de ter os

técnicos na casa dele passando horas lá...e isso...e isso é fundamental para ser bem sucedido. E não veio de graça...ele foi...ele criou essa cadeia de informações, porque mesmo um agricultor simples, ele é um homem de visão...é...isso ele é.

30) – Qual é a relação do Galioto em termos da cooperativa?

**Resposta** – Ele e todos estes produtores eles tem uma confiança muito grande na cooperativa, né. A nossa cooperativa é muito séria, é uma cooperativa que sobreviveu as crises das cooperativas e continua num passo firme, está firme. Nada que não... é... é difícil de interpretar essa “coisa” sabe. De vez em quando, até pelo fato do produtor estar lá e ver, há uma certa desconfiança da cooperativa, eu não sei até aonde isso vai servir nesse raciocínio, mas é... conversas que a gente já teve... durante esses cursos que a gente fica de noite, depois da janta, sem nada para fazer, né, - de novo conversando – como todo produtor ele de vez em quando ele é desconfiado, de vez em quando assim, a própria FRUTIMAR que é a associação que eles são sócios, no início eles... eles querem fazer a cooperativa deles. É que a cooperativa CAMISC também por já ter mil e poucos associados, as vezes você não consegue mais ter um grupo é... com uma identidade... de um conhece o outro, então eu acho que de forma natural existe uma certa desconfiança, porque ele tem, nesse mesmo grupo gente que ele nem sabe quem é, né. Mas eles tem uma confiança, eles são muito fiéis a cooperativa. Independente de que de vez em quando eles questionem alguma coisa da cooperativa, eles são muito fiéis à cooperativa.

31) – E o Sérgio questiona?

**Resposta** - Eu acredito que... já comigo em algumas conversas ele questionou a cooperativa, assim, mas longe de ele não ser um cooperativista atuante. Acho que questionar faz parte, né. Questionar faz parte. Na verdade foi fruto de diálogo que a gente teve, né... eu como não sou da cooperativa não sei dizer direito qual é o relacionamento que ele tem lá, mas com certeza ele é o... ele é o sócio classe A. aquele sócio fiel. Isso dá para sentir.

32) – Como é que você vê o Sérgio questionador? Toda a simpatia dele, o sorriso fácil e... levaria a dizer que ele não seria. Como é que você diz que ele questiona, como é que você vê o Sérgio questionador?

**Resposta** – Olha, acho que ele tem uma forma simpática de questionar. Ele não é um cara que vem discutir ou conflitar, sabe... ele consegue levar de forma que ele não.... não... não vai antipatizar com ninguém. Um exemplo é a forma que ele está conseguindo a liberação junto ao IAP, de um desmatamento para ele comprar uma área para ele colocar o filho dele. Qualquer outro produtor tinha desistido no meio do caminho...é sim tinha desistido no meio do caminho. O Sérgio ele tem uma persistência muito grande. Ele... acho que ele é questionador por persistência. Ele teve comigo acho que uma dezena de vezes e eu mesmo me mostrei assim de mãos amarradas, não consegui ajudar ele. Mas ele achou outros caminhos. Ele achou outros caminhos, continuou no banco do IAP, continuou indo lá, acredito que ele teve a participação da Casa Familiar, do prefeito, do Benigno, que é o gerente da WEIS (Empresa de destaque em Mariópolis) muito importante. Dum modo que... ele acabou envolvendo uma dezena de pessoas, e... e... então é essa forma de questionar, sem brigar com ninguém, é mostrando a necessidade dele de querer fazer isso, o sonho dele, ele tinha um sonho, ele tinha que conseguir aquilo lá e ele conseguiu. Ele está conseguindo a liberação, então ele vai adquirir uma área ali na comunidade onde ele vai colocar o filho dele e ele sabe o que ele tem que respeitar e o que não tem que respeitar, então é uma forma diferente... é uma forma de conseguir as “coisas”, então é assim que eu digo, que é um questionamento, ele não aceitou a primeira vez que disseram não para ele, né. Ele teve, eu acho, que umas cinco ou seis visitas do pessoal do IAP e sempre dizendo que “era difícil... que iam ver”, não sei o quê. Então essa forma de questionar não... é ir lá dizendo que ele tem, e tudo... não! É a persistência, batendo lá. “Não deu com esse, agora eu vou no braço de um outro”, ele acha um jeito.

## ANEXO 7 - CATEGORIAS E SUAS SUBDIVISÕES

A). BUSCA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:

B). PLANEJAMENTO E SOLUÇÕES DE PROBLEMAS

C). TRABALHO – PRODUÇÃO

D). INOVAÇÕES, INICIATIVAS, MUDANÇAS, RESULTADOS, CRIATIVIDADE

E). FATORES PSÍQUICO-SOCIAIS

I. Fatores-chave Intra psíquicos:

1. Postura Ética, Valores

2. Perseverança, Persistência, Determinação, Arrojo.

3. Despojamento, Desprendimento.

4. Auto-conhecimento, Auto-confiança, Otimismo, Realização pessoal.

5. Disciplina, Reconhecimento das Limitações e Dedicção

II. Fatores-chave Inter psíquicos:

A família, os intervenientes externos, o poder de decisão, dar e receber, o relacionamento com os outros e com os grupos.

## ANEXO 8 - AUTORES E SUAS INDIVIDUALIDADES

**SANTOS** desafiados a assumir uma nova realidade, “A globalização da economia e a abertura dos mercados aumentam a concorrência, ampliando os desafios e perspectivas para novos empreendimentos”.

a palavra que dá uma nova ótica à profissão e um mundo novo de responsabilidades na busca do sucesso, que joga o agricultor, como seu mentor, ante desafios de mudanças, inovações e criatividade: empreendedorismo.

**BASTIANI** “Sem a menor sombra de dúvida o agente de transformação da realidade sócio-econômica no campo é o produtor rural. Entretanto, pouco tem sido estudada a questão do agricultor empreendedor levando em conta as suas características”.

Deve ir à luta com disposição, arregaçar as mangas e ocupar seu lugar ao sol, através de um **trabalho planejado e diuturno**. Esta visão harmônica e integradora faz com que ele, trabalhador rural, assuma uma nova condição, a de empreendedor rural. Acrescenta a isso, que “o agricultor, **enquanto cidadão e empreendedor rural, é um agente econômico** que assume ao mesmo tempo compromissos de ordem econômica, social, política e ambiental”.

**NAMURA** “empreendedor é antes de tudo aquele que se dedica à geração de riquezas em diferentes níveis de conhecimento, **inovando e transformando conhecimento em produtos ou serviços em diferentes áreas**”. O que nos dicionários empreendedor encontramos sinônimos como arrojado, realizador, ativo...

**AQUINO** nos lembra que empreendedorismo é um tema cativante, que está tomando conta da sociedade brasileira “Ser empreendedor é antes de tudo ser diferente em um sentido positivo e apaixonante”. E... chama a atenção o que é ser empreendedor e o que é ser empresário.. O empreendedor é muito mais do que isso, mas, muitas vezes, nem precisa ser isso.

**O empreendedorismo está intimamente ligado a uma realização pessoal e profissional”.**

Todos os seres humanos fazem uso dos cinco sentidos. Aliado a esses cinco sentidos, existe muitas vezes adormecido dentro de nós um sexto sentido, que “quando despertado faz com

que nos tornemos cientes dos nossos sonhos e das oportunidades à nossa volta, e que nos compele à realização pessoal e profissional. Esse sexto sentido tem um nome: Empreendedorismo”.

**SZTAMFATER** acrescenta um novo ingrediente ao empreendedorismo: o seu caráter inovador. “a inovação não se dá necessariamente com a criação de algo novo e impensado, e sim com a **atribuição de uma nova perspectiva a algo já existente**”. Vimos acima que o sucesso profissional está no acalanto dos sonhos, para transformá-los em realidades. Já o empreendedor dá um passo a mais e transforma sonhos em resultados. Surge o *empreendedorismo* como fator de transformação. O caráter inovador não subsiste no abstrato e sim com práticas e valores pessoais, que redundam em resultados. E resultados são mensuráveis.

**DOLABELA** Melanie B. Cotichini desenvolveu uma resenha universitária de estudo e crítica da obra O Segredo de Luísa e o autor lembra que “o começo de qualquer empresa é muito difícil, e são necessários a renúncia ao conforto e prazeres, persistência, confiança e otimismo”. Salienta, por outro lado, que Dolabela “desafia o mito de que o empreendedor já nasce feito, e demonstra que paixão, ambição e persistência compõem o perfil do empreendedor, Aliás, sonho, prazer de trabalho e realização pessoal são os valores que marcam o caminho do empreendedor

## **MENEZES**

Define o empreendedor como o “**indivíduo de iniciativa que promove o empreendimento a partir de um comportamento criativo e inovador, que sabe transformar contextos, estimular a colaboração, criar relacionamentos pessoais, gerar resultados, fazendo o que gosta de fazer, com entusiasmo, dedicação, autoconfiança, otimismo e necessidade de realização**”.

Esta definição sintetiza as diversas abordagens feitas acima sobre o tema, destacando as suas nuances em fatores-chave traduzidos por

**Verbos:** promover, transformar, estimular, criar, gerar, fazer.

**Substantivos:** iniciativa, empreendimento, comportamento, contexto, colaboração, relacionamentos, resultados, entusiasmo, dedicação, autoconfiança, otimismo e necessidade de realização.



**CURY** coloca o embrião realizador destas idéias na linha criativa de um saber personalizado, **pois o conhecimento sem rosto não educa a emoção e nem estimula a arte de pensar. O Trabalho** é o caminho desta construção. **CURY aconselha** “transforme o trabalho tenso e aborrecido em um recanto de prazer. Não espere que a situação mude, mude a situação. Aprenda a extrair muito do pouco, aprenda a contemplar o belo lentamente”

### **LUZES CONSULTORIA - CARLI**

Aborda conceitos de empreendedorismo e empreendedores, bem como várias características que os marcam, e sintetiza suas **competências e habilidades** empreendedoras, os fatores-chave escolhidos, “formando em anagrama a palavra PÉROLA, metáfora do perfil da pessoa capaz de fazer da sua própria vida o seu maior empreendimento: **PÉROLA** – *Planejamento, Ética, Relacionamento, Otimismo, Livre Iniciativa, Autoconfiança*”.

1. Planejamento
2. Ética
3. Relacionamento
4. Otimismo
5. Livre Iniciativa
6. Autoconfiança

### **CARNEIRO**

Características e Variáveis

Pessoas bem Sucedidas:

1. Trabalham duro para chegar lá
2. São honestas
3. São perseverantes. Tentam até conseguir.
4. Gostam das pessoas. Amigabilidade e hospitalidade.
5. Gostam de aprender coisas novas. Aprender é crescer.
6. Entregam mais do que prometem
7. Procuram soluções quando encontram um problema

### **SALES**

Pistas para o Desenvolvimento do Sucesso

1. Auto-conhecimento
2. Dar e receber
3. Constante escolha
4. Despojamento
5. Visão de futuro

## **SHINYASHIKY**

Posturas para concretizar sonhos

1. Determinação
2. Dedicção
3. Disciplina
4. Despreendimento

## **CELLA**

- a) “Competência dada pelo domínio do conhecimento sobre a tecnologia, pela habilidade de conduzir as atividades de produção e comercialização e por ter atitudes em conformidade com os valores do grupo social de cooperados;
- b) constante procura por informações técnicas e econômicas;
- c) participação em eventos ou cursos que ampliem sua qualificação profissional;
- d) disposição e habilidade em promover parcerias, associações ou condomínios de produção;
- e) habilidade em diversificar sua produção, como estratégia para diminuição de riscos;
- f) disposição em adotar novas idéias, tecnologias ou sistemas de produção;
- g) habilidade em organizar a produção e a propriedade rural;
- h) existência de controle financeiro dos gastos e receitas;
- i) planejamento da produção e das atividades da empresa;
- j) liberdade em fixar seus próprios horários e autonomia decisória, que permite ao produtor tirar férias;
- k) envolvimento direto da família com a empresa rural;
- l) promoção de um bom padrão de vida para a família, inclusive oferecendo oportunidades de educação formal aos filhos;
- m) envolvimento com os assuntos comunitários;
- n) preservação do meio ambiente e ser exemplo para outros empresários rurais”.

## ANEXO 9 - FATORES-CHAVE À LUZ DE

- CATEGORIAS

- MINHA ANÁLISE

- AUTORES

### A). BUSCA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:

#### CARNEIRO:

- Gostam de aprender coisas novas. Aprender é crescer.

#### CELLA

- Competência dada pelo domínio do conhecimento sobre a tecnologia, pela habilidade de conduzir as atividades de produção e comercialização e por ter atitudes em conformidade com os valores do grupo social de cooperados.

- Constante procura por informações técnicas e econômicas.

- Participação em eventos ou cursos que ampliem sua qualificação profissional. -

Oferecendo oportunidades de educação formal aos filhos.

- Preservação consciente do meio ambiente.

#### NAMURA

- Transformação de conhecimento.

#### MENEZES

- Sabe transformar contextos (saber - presença do conhecimento)

### B). PLANEJAMENTO E SOLUÇÕES DE PROBLEMAS

#### CARNEIRO

- Entregam mais do que prometem (só com planejamento).

- Procuram soluções quando encontram um problema.

## SALES

- Constante escolha – busca de soluções.
- Visão de futuro.

## CELLA

- Habilidade em diversificar sua produção.
- Habilidade em organizar a produção e a propriedade rural.
- Existência de controle financeiro dos gastos e receitas.
- Planejamento da produção e das atividades da empresa rural.

## MENEZES

- Transformar contextos.

## LUZES CONSULTORIA – CARLI

- Planejamento.
- Livre Iniciativa.

## C). TRABALHO – PRODUÇÃO

## CARNEIRO

- Trabalham duro para chegar lá.

## CELLA

- Atividades de produção.

## SZTAMFATER

- Caráter inovador subsiste nas práticas, no trabalho concreto.

## BASTIANI

- Ir à luta através de um trabalho planejado e diuturno.

## AQUINO

- O empreendedorismo (sexto sentido) nos compele à realização profissional.

MENEZES

- O empreendedor sabe gerar resultados, fazendo o que gosta.

CURY

- O trabalho é o caminho da construção. Transforme o trabalho tenso e aborrecido em um recanto de prazer. Não espere que a situação mude, mude a situação.

#### D). INOVAÇÕES, INICIATIVAS, MUDANÇAS, RESULTADOS, CRIATIVIDADE

CELLA

- Disposição em adotar novas idéias, tecnologias os sistemas de produção.
- Habilidade em diversificar sua produção, como estratégia para diminuição de riscos.

SANTOS

- Mentor de mudanças, inovações e criatividade.

SZTAMFATER

- Caráter inovador. A inovação não se dá necessariamente com a criação de algo novo e impensado, e sim com a atribuição de uma nova perspectiva a algo já existente.

MENEZES

- Promove o empreendimento a partir de um comportamento criativo e inovador.

#### E). FATORES PSÍQUICO-SOCIAIS

##### I. Fatores-chave Intra psíquicos:

##### 1. Postura Ética, Valores

CARNEIRO

- Pessoas bem sucedidas são honestas

**SZTAMFATER**

- O inovador subsiste com valores pessoais.

**LUZES CONSULTORIA – CARLI**

- Ética: não apenas como virtude, mas postura ilibada que gera a confiabilidade ou credibilidade.

**2. Perseverança, Persistência, Determinação, Arrojo.****CARNEIRO**

- Pessoas bem sucedidas são perseverantes. Tentam até conseguir.

**SHINYASHIKY**

- A determinação é uma força interior capaz de levar alguém à conquista dos seus objetivos.

**DOLABELA**

- A persistência compõe o perfil do empreendedor.

**NAMAURA**

- O empreendedor é uma pessoa arrojada.

**3. Despojamento, Desprendimento.****SALES**

- O despojamento é pista para o desenvolvimento do sucesso.

**SHINYASHIKY**

- O desprendimento é a capacidade de abandonar o que não está funcionando para aprender o novo.

#### 4. Auto-conhecimento, Auto-confiança, Otimismo, Realização pessoal.

##### SALES

- O auto-conhecimento é uma pista para o desenvolvimento do sucesso.

##### LUZES CONSULTORIA - CARLI

- A livre iniciativa leva a mudar a situação através de determinada ação partindo de dentro da pessoa.
- O otimismo leva a pessoa a pensar e a agir de maneira positiva e construtiva perante a vida.

##### AQUINO

- A realização pessoal parte de um sexto sentido empreendedor que torna as pessoas cientes de sonhos e realidades.

##### DOLABELA

- O começo de um empreendimento é difícil e exige muita renúncia ao conforto e prazeres, confiança e otimismo. Para a realização pessoal, uma dose de paixão e ambição se faz necessária.

#### 5. Disciplina, Reconhecimento das Limitações e Dedicção

##### SHINYASHIKY

- A dedicação é a capacidade de se entregar à realização de um objetivo. Para se conseguir um resultado diferente da maioria a pessoa tem de ser especial.
- Disciplina não se entende aqui como rigidez, mas a capacidade de seguir um método. O reconhecimento dos seus potenciais e limitações coloca uma pessoa numa postura de organização e ao mesmo tempo de humildade.

#### III. Fatores-chave Inter psíquicos:

A família, os intervenientes externos, o poder de decisão, dar e receber, o relacionamento com os outros e com os grupos.

## SALES

- O Dar e Receber é pista para o desenvolvimento de uma pessoa ser bem sucedida.

## LUZES CONSULTORIA – CARLI

- O relacionamento inter-pessoal faz parte do quociente emocional da pessoa. A construção da realização pessoal e do sucesso está intimamente vinculado à capacidade das pessoas em conviver com os outros e interagirem no grupo, seja familiar ou não.

## SHINYASHIKY

- A partilha é o caminho do mútuo conhecimento e produtivo relacionamento, que por sua vez é passo para o crescimento e realização dos sonhos.

## CELLA

Faz alusão a seis fatores-chave:

- Disposição e habilidade em promover parcerias, associações e condomínios de produção.
- Liberdade em fixar seus próprios horários e autonomia decisória, que permite ao produtor tirar férias.
- Envolvimento direto da família com a empresa rural.
- Promoção de um bom padrão de vida para a família.
- Envolvimento com os assuntos comunitários.
- Preservação do meio ambiente e ser exemplo para outros empresários rurais.



# ANEXO 10 – RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO FORMAL E EXPERIENCIAL

Etapa da Vida	Tipo de Formação	Apêndice	Questão	Formação Formal	Apêndice	Questão	Formação Experiencial
Infância (0 a 7 anos)		Ap. 1 Q. 29		“Eu não tive estudo, fui um ano e meio na aula, achei muita dificuldade”.	Ap. 1 Q. 42		“Meus bisavós saíram da Itália... vieram de Trento... meus falecido pais sempre contava que meus avós não são nem italianos, nem brasileiros, meus avós nasceram no mar”.
		Ap. 1 Q. 48		“Eu nem estudei, bem dizer em escola, estudei um ano e meio”.	Ap. 1 Q. 43		“Meus pais nasceram em... Flores da Cunha, Rio Grande do Sul... é... também casaram lá”
					Ap. 1 Q. 26		“Eu tinha três anos quando vim morar para cá...”
					Ap. 1. Q. 44		“Se mudaram... ali de..., é esse mês de agosto, faz cinquenta anos que nós estamos morando em Mariópolis”.
					Ap. 1 Q. 17		“Porque os primeiros que vieram aqui, era tudo mato”.
					Ap. 1 Q. 45		“Ah, os tempos da minha infância eram uns tempos pesados... nem é bom recordar...”
					Ap. 1 Q. 45		Foi muito sofrimento, porque eu pegava no pesado ainda piazote... era um matão brabo”
					Ap. 1 Q. 17		“Porque os primeiros que vieram aqui, era tudo mato”.

SÉRGIO GALIOTTO						
Etapa da Vida	Tipo de Formação	Apêndice	Questão	Formação Formal	Apêndice	Formação Experiencial
Adolescência e juventude (7 aos 21 anos)					Ap. 1 Q. 48	“Até que eu era solteiro e, que morava com meus pais eu não saía de casa, só sabia trabalhar na roça”.
					Ap. 1 Q. 45	“Naqueles tempos era tudo tração animal e... nós sempre...dizer a verdade, você... você ia dormir de arrasto, sempre oito hora, nove hora da noite... cansado (pausa ). E... era quatro hora da madrugada você levantava da cama para ir tratar os boi, para depois , antes de clarear o dia já se estava lavrando com os boi, na roça...”
					Ap. 1 Q. 46	“Não havia nada. Era tudo assim... sem eletricidade, a luz era de “tchareto” ...é...uma lanterna com pavio de pano e querosene...água se pegava na fonte...banho de tonel de água...(risos)...estrada, era só picão, ahaha, nós fazia picão...não sabe o que é?...carreador”.

SÉRGIO GALIOTTO						
Etapa da Vida	Tipo de Formação	Apêndice	Questão	Formação Formal	Apêndice	Questão
Dois anos de casados (morando com os pais) (22 aos 23 anos)		Ap. 1 Q. 54		Formação Familiar Unida	Ap. 1 Q. 27	“Aqui para dizer a verdade a gente não ganhou nada, quando que casamos compramos a terra. Ela tinha uns pinheiro em cima, vendemos os pinheiros, compremos a terra com o dinheiro dos pinheiros. Depois de casados ficamos dois anos junto com a família, e nós fomos se fazendo tudo nois mesmo. Começamos do zero”.
					Ap. 1 Q. 47	“Bom, quando nós casemos, bem dizer, na verdade, nós não tinha nada... Começamos a nossa luta de casal, ali de uns dois anos”.
					Ap. 1 Q. 27	“Até depois de eu casado, quem mandava sempre... era sempre meu falecido pai.”.

SÉRGIO GALIOTTO							
Etapa da Vida	Tipo de Formação	Apêndice	Questão	Formação Formal	Apêndice	Questão	Formação Experiencial
Após o casal ter sua casa e ir morar sozinho (24 a 53 anos)		Ap. 1 Q. 48		“Até que eu era solteiro não saía de casa... Depois comecei a ir em curso, reuniões e, em aulas... eu nem estudei, bem dizer, em escola, estudei um ano e meio só depois comecei no Mobral e daí comecei a ir em cursos, fazendo curso, com a Emater, tudo, ainda fazendo curso...”	Ap. 1 Q. 28		“Dificuldade foi bastante”.
		Ap. 1 Q. 90		“Ah! Nem idéia não tenho. Porque eu de cursos participei bastante... mas bastante mesmo. Que o que me convidavam para cursos, eu estava lá fazendo”.			
		Ap. 1 Q. 91		Muitas vez mais que um no mês. Entre reuniões e cursos é toda semana...mas óia não escapa uma semana. (risos)	Ap. 1 Q. 116		Teoria e Prática
		Ap. 1 Q. 92		“Olha! Esses cursos, nos primeiros cursos que eu fazia... hoje estou me sentindo bem”.			
		Ap. 1 Q. 93		“O sucesso profissional tem a ver bastante com os cursos, e bastante também com a casa Familiar Rural, também que meus filhos estudaram lá”.			
		Ap. 1 Q. 115		Pergunta: como é que você explica então todo esse seu saber, todo esse seu conhecimento? “Pois olha! Eu não me acho de ser... de saber tanto assim... se eu estou me sabendo é que não .... não estou sabendo, bem dizer, quase nada. Porque eu aprendi muita coisa, mas falta muito ainda, né?... tem que melhorar minha experiência... coisa assim”.			

SÉRGIO GALIOTTO							
Etapas da Vida	Tipo de Formação	Apêndice	Questão	Formação Formal	Apêndice	Questão	Formação Experiencial
Após o casal ter sua casa e ir morar sozinho (24 a 53 anos)		Ap. 1 Q. 116		Pergunta: como é que você relaciona então aquela tua prática com o estudo nos cursos? olha! A prática, os estudos, são duas coisas, uma diferente do que a outra, para dizer a verdade até (risos). Mas as duas são boas, quando... se o eu... se o senhor tem estudo, mas não tem... não tem a prática de fazer as coisas... resolve?... (risos). Daí que nem quem trabalha na agricultura tem que saber não só no... no livro, no caderno, quem trabalha na agricultura tem que saber também na prática.			
		Ap. 1 Q. 18		“Nos últimos anos principalmente por fazermos cursos, sempre fazendo cursos, e tentando melhorar a propriedade, enquanto a gente, fazia o curso, ensinava o que dava certo e aí ia para o campo aplicar o que aprendia”. Não aceitava as informações simplesmente: “ia para o campo aplicar”.			
		Ap. 1 Q. 19		Pergunta: quem faz estes cursos? “A gente reveza, dependendo do interesse, a mulher mais de culinária, e a gente mais curso de lavoura”. A escolha de quem fazia dependia da experiência.	Para frente 10 anos (2003 a 2013)		Prefeito
		* * * *		O estudo dos filhos - Questões: 31, 35, 37, 40 Casa Familiar Rural - Questões: 29, 30, 31, 32 Monitores - Questão: 24 Filhos X Pais - Questões: 94, 95, 96			Lavarda  Esposa  Ap. 1 Q. 17
							pai x mãe

